

REVISTA DOS CRIADORES

54 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Maio de 1985 - ano LIV - N.º 664 - Cr\$ 25.000

Órgão oficial da ABC



HASUR-MJ

Amor

Grande Campeão
Uberaba - 1985



CANTANDO NA CHUVA.



4x4 E FORD

USE CINTO DE SEGURANÇA

BELINA 85, TAMBÉM COM TRACÇÃO NAS 4 RODAS.

O QUE A BELINA 85 COM TRACÇÃO NAS 4 RODAS FAZ CANTANDO, OS OUTROS NÃO FAZEM CHORANDO. É O CARRO QUE VOCÊ PRECISA PARA IR AO SÍTIO NOS DIAS DE CHUVA, PARA CONHECER AQUELA PRAIA DESERTA, PARA ENFRENTAR SEM MEDO O AREÃO, O BARRO E AS LADEIRAS.

TUDO COM A MARCA REGISTRADA DA BELINA: MUITO CONFORTO, SEGURANÇA, ECONOMIA E ROBUSTEZ. E VOCÊ NÃO FICA PRESO À TRACÇÃO 4X4, PORQUE SÓ USA QUANDO PRECISA, PASSANDO A DIFICULDADE, VOCÊ MUDA A ALAVANCA DE ACOPLAMENTO

MAS, SE PARA VOCÊ É UMA SIMPLES QUESTÃO DE ACIONAR UMA ALAVANCA, SAIBA QUE PARA A FORD A BELINA 4X4 É O RESULTADO DE UM PROJETO LONGO E CUIDADOSAMENTE ESTUDADO, QUE RESULTOU EM MUDANÇAS FUNCIONAIS E ESTRUTURAIS PROFUNDAS.

VEJA SÓ O QUE FOI ALTERADO NA BELINA PARA RECEBER A TRACÇÃO 4X4: NOVA TRAVESSA, REFORÇO DE SUSPENSÃO TRASEIRA COM MOLAS ESPIRAIS DE CARGA VARIÁVEL, AMORTECEDORES TELESCÓPICOS DE DUPLA AÇÃO, BARRA ESTABILIZADORA REDIMENSIONADA E NOVO EIXO TRASEIRO COM TRACÇÃO, INCORPORANDO O SISTEMA DE RODA LIVRE. ASSOALHO DIANTEIRO REDESENHADO PARA SUPORTAR MAIORES

ESFORÇOS, FILTRO DE AR PARA SERVIÇOS PESADOS.

E, COMO NÃO PODERIA DEIXAR DE SER, A ELEGÂNCIA DO NOVO ESTILO COM A NOVA FRENTE COM MELHOR DESEMPENHO AERODINÂMICO E A BELEZA DOS NOVOS FARÓIS BI-JOIO E DAS LANTERNAS.

INTERNAMENTE, UM NOVO E MODERNO PAINEL DE INSTRUMENTOS, RELÓGIO DIGITAL NO TETO, TECIDOS DOS BANCOS COM PADRÃO CORES EXCLUSIVAS, BAGAÇO NO TETO, PNEU LAMEADO PARA QUALQUER TERRENO.

E, MANTENDO AS SUAS CARACTERÍSTICAS, A BELINA RODA MACIO E SILENCIOSO.

TUDO ISSO, COM O MOTOR CHT AGORA COM MAIS DESEMPENHO E ECONOMIA GRACAS AS MUDANÇAS NO SISTEMA DE CARBURAÇÃO E NO COMANDO DE VÁLVULAS.

COMO VOCÊ PODE VER, A BELINA 4X4 É ÚNICA EM SUA CATEGORIA.

CAPAZ DE OFERECER O CONFORTO JÁ CONHECIDO E MAIS LIBERDADE QUE SÓ UMA 4X4 PODE OFERECER.

VENHA CONHECÊ-LA NO SEU DISTRIBUIDOR FORD.



FORD CORCEL



E PASSA A TER AS RODAS TRASEIRAS LIVRES DE TRACÇÃO.

NEGÓCIOS RURAIS

Carta mensal da Editora dos Criadores

que será um instrumento de administração rural, especial para os leitores da **REVISTA DOS CRIADORES**, trabalho exclusivo para Revista que será realizado por um grupo de abalizados economistas. Terá de 6 a 8 páginas. A partir da Edição de junho, próximo. **A GUARDEM.**

ESTRUTURA:

1) Política Agrícola

Análise do momento agrícola. Abordagem de fatos relevantes sobre crédito, comercialização, tendências, exportações etc.

2) Mercado de Produtos

Análise da conjuntura atual de curto e médio prazos dos mercados de 13 principais produtos agropecuários do país: algodão, amendoim, arroz, café, feijão, laranja, mandioca, milho, soja, aves de corte, bovinos de corte, leite e suínos.

3) Mercado de Insumos

Análise e registro da situação de fertilizantes, defensivos, ração, máquinas e equipamentos, sementes e mão-de-obra, publicados em época oportuna para cada insumo.

4) Preços importantes

Informação estatística da evolução dos preços de: fertilizantes, calcário, ração, tratores e implementos, mão-de-obra e índices financeiros (ORTN, MVR, Salário-Mínimo etc.).

Análises Setoriais

Desenvolvimento de estudos eventuais de maior profundidade e abrangência sobre o desempenho, evolução e tendências dos diversos setores da agropecuária, escolhidos de acordo com o interesse editorial da Revista dos Criadores, principalmente no ramo da produção animal.

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna
Redator: Fernando Naboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barriasson Villares, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, P. Testini, N. Brotto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcântara, Dácio de Moraes Júnior.

Departamento de Publicidade da Editora:
Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Contatos: Lascio Noronha, Jacqueline N. Borfin e Claudia P. Moura.

Fotografias: Francisco Sciacca

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP.

Anuidade básica: Cr\$ 6,626 ORTN. Com direito a um exemplar mensal da Revista dos Criadores; um exemplar da Agenda dos Criadores e Agricultores e, mais o título de sócio contribuinte da ABC.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nezaeth de Castro Penna
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8685
CEP: 05024 — São Paulo — SP

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agro-pecuárias, Rua Caralbas, 434 — CEP: 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo — SP.

Venda avulsa:

Interior e Capital (SP) — Livraria La Solva, Seguido Aeroporto Congonhas (SP), Aeroporto de Santos Dumont e Galeão (RJ), Brasília (DF), Distribuidora no Rio: Distribuidora Guanabara, Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribes, 72, Inhauma, Rio de Janeiro, RJ.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP — CEP: 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Estados

Bahia: J. S. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 — Pituba — Salvador. Ceará: Distribuidora Alcor de Publicações — R. Floriano Peixoto, 1293 — Fortaleza. Brasília: Sô de Lar — Aeroporto e Conjunto Nacional — Brasília. Paraíba: Edicamp — Editora Campeiana Ltda. — R. Duque de Caxias, 591 — 2.º and. — Cx. 209 — Tel. 222-0950 — João Pessoa. Pernambuco: Casa das Revistas e Figuras — R. 9, esquina de Pedro Ivo — Recife. Sô de Lar — Aeroporto — Recife. Rio de Janeiro: Sô de Lar — Rua São José, 35 — Centro — Rio de Janeiro.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscuem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

REVISTA DOS CRIADORES



NOSSA CAPA

Häsur M.J. — 31 meses —
Grande Campeão da raça Nelore
na Exposição de Uberaba 1985.
Propriedade de Alberto Laborne
Valle Mendes.
Fazenda Sabiá — Capitólio - MG.

SUMÁRIO

Maio de 1985 — Ano LIV — N.º 664

6

Alimentação dos Ruminantes — Subprodutos de origem do beneficiamento de cereais

13

Produção de leite no inverno com menos ração

18

Pecuária de corte — Recuar não dá mais. Avançar é preciso

21

Noticiário da Associação de Criadores de Búfalo

30

Uma ameaça à pecuária

32

Muitas dificuldades, mas a Expoinel foi um sucesso

40

O Nelorista do mês — "Os leilões avaliam a qualidade da seleção"

52

Quando inseminar as novilhas?

54

Métodos para evitar perdas na colheita de soja

91

RRZ — A importância das linhagens na criação de suínos — Inseminação Artificial em suínos — Fraqueza das pernas em suínos — Combate a peste suína africana no Haiti — Brasil livre da peste suína africana

107

Suinocultura: Em tempo de mudança II

108

Imposto de renda das empresas rurais

117

Cafeicultura: Da secagem e da colheita do café

125

Como participar do Serviço de Controle Leiteiro

129

Serviço de Controle Leiteiro — Entrega de troféus e medalhas

SEÇÕES

- 3 .. Ponto de Vista
- 34 Crônica
- 36 Mercado
- 37 Revista do Nelore
- 38 Gente
- 44 ... Mecanização
- 50 .. Das Empresas
- 81 Mangalargan...do Brasa
- 118 Leilões
- 120 Serviço
- 122 Registro
- 124 Gertrudista

Novo Governo dá mostra de que a agricultura merecerá prioridade

Colhido pela fatalidade, que ceifou a vida do presidente eleito Tancredo Neves, o Brasil, que esteve paralisado com sua doença, volta a andar. Amadurecido politicamente, o país absorveu o trauma sem sobressaltos de golpismo e, sob orientação da Nova República, já traz os primeiros resultados econômicos. Embora ainda tímido, o resultado mais visível do novo governo é ter conseguido, no primeiro mês, fazer baixar a inflação, que caiu do patamar de 13% para 7,8%, o mais baixo dos últimos 23 meses. No segundo, a taxa caiu ainda mais, situando em torno de 5%.

Mesmo que tenha sido obtido mediante algum artificialismo, como por exemplo o controle de preços, o resultado da queda da inflação, quando todos apostavam em sua escalada, infunde um rude golpe na especulação, fonte principal da disparada dos preços e sobretudo pelo que os economistas chamam de "inflação psicológica". Pode ser um resultado artificial, porém, traz, em seu bojo, precisamente o dom de conter uma das vertentes principais que poderiam nos conduzir a uma hiperinflação, cuja evolução é de combustão espontânea e que para ser contida exige um tratamento de choque, penalizando a todos indistintamente.

Outra medida acertada do novo Governo, cujo resultado sólido só aparecerá a médio prazo, foi a decisão de excluir do pacote de arrocho o setor da agricultura e da exportação, dois pilares que, nos últimos anos, impediram que a economia do país ruísse. Assim, sem malos de influir no aumento da produção, já que pegou a safra na boca da colheita, o novo governo decidiu, mesmo que a custa de sacrí-

fícios de outros setores econômicos, garantir recursos suficientes para a comercialização da safra, através da operação de AGF e EGF.

Só a notícia de que o governo não tinha recursos para a comercialização da safra foi suficiente para fazer os preços despencarem, a níveis bastantes inferiores aos estabelecidos pela política de preços mínimos. Porém, o novo governo, logo após a posse, agiu rápido, garantindo, no final de março, Cr\$ 2,7 trilhões, mais Cr\$ 3,3 milhões para maio e Cr\$ 3,3 para junho. Embora os recursos não tenham sido o que os lavradores esperavam e sim o que o governo poderia dar. A medida deu resultados concretos: os preços se estabilizaram próximos aos fixados pela política de preços mínimos.

Os preços mínimos estabelecidos pelo governo anterior no início da safra foram bons, mas seriam insustentáveis se não houvesse recursos para a operação de AGF e EGF. Como a safra é apertada, era provável que os especuladores, após adquirirem a safra a preços baixos, reteriam a mercadoria, forçando artificialmente o aumento de preços. Com isso, a inflação voltaria a disparar antes mesmo do final do ano. Porém, isso não provocaria danos apenas no esforço do governo de conter a inflação a curto prazo. Comprometeria a longo prazo, na medida que, destimulados e sobretudo, descapitalizados, os agricultores não teriam ânimo para semear a próxima safra. E o resultado: a inflação dispararia no próximo ano.

Assim, com a garantia de recursos, o governo contém a médio e longo prazo um dos focos de inflação, na medida que terá, em sua

mão, um estoque, que pode usar a qualquer momento, e manter os agricultores animados e dispostos a semear a próxima safra. Com a garantia de compra, o setor agrícola já dá mostra de que o plantio da próxima safra poderá ter área ampliada. Essa primeira medida já dá sinal visível de que a prioridade à agricultura não figurará apenas no discurso.

De qualquer forma, a garantia de compra da safra é uma medida de emergência e foi tomada no afogadilho. Assim, é necessário que, já a partir da próxima safra, o novo Governo estabeleça uma política para o setor, que seja duradoura, clara e que, da sua formulação, participem as lideranças rurais. Essa política terá que ser de longo prazo, sofrendo, no percurso, as correções necessárias, não com casuismo e sim para aperfeiçoá-la, tornando próxima do ideal.

Da mesma forma que a agricultura necessita de uma nova política, ela deve ser estendida à pecuária de corte e de leite, igualmente importantes para a estabilização de preços e oferta de alimentos à população. Nesses primeiros meses, o Governo tem dado mostra de que é sensível ao setor primário. Não se trata apenas de privilegiar o setor. O próprio governo tem sentido que é desse setor que pode tirar a força necessária para desenvolver o país, produzir excedentes exportáveis, oferecer empregos e sobretudo conter a inflação. E, estamos certos de que dando-lhe condições, o setor oferecerá a sua contribuição para a normalização da economia do país. O agricultor não pede privilégio e nem quer paternalismo. Pede apenas que lhe dê condições para trabalhar e que não o atrapalhe.



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Ruy Calazans de Araújo

Vice-presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Caselaro Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira
Manoel José da Alcântara
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Henrique de Souza Dias
Fábio Garcez Mairalles Júnior
Alberto Paula Leite de Moraes
Fernando Euler Bueno
Rubens Franco de Mello
Arnaldo Carraro
Alberto Chapechape
Lélio Toledo Piza Almeida Filho
Vicente Martins Júnior

Antonio Tadeu Jallad
Edwin Benedito Montenegro
Geraldino Natal Madureira
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Acácio dos Santos
Gilberto Carlos Arruda Sampaio
Levil Velga de Oliveira
Renato Napolitano
Franklin Rodrigues Siqueira
Arion Bueno de Oliveira

Suplentes

Roberto Felipe Cantuário
Honorato Rodrigues da Cunha
James Calvão Bressiani
Antonio Coelho Guimarães
Radyr de Queiroz
João Luiz Freitas Brito
Carlos Ramos Stroppa
Vicente Paulo Miller Pericelli

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayme Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Mairalles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

58 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



São Paulo: Rua Jaguaribá, 634 - fone: 826-3033. Caixa Postal 9194.
Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas. S. J. Boa Vista: Rua Gabriel Ferreira, 83 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro, R.J.: Rua Monsenhor Manuel Gomes, 3, São Cristóvão. Fones: (021) 264-7150, 264-7155 e 800-2307.

Em junho, a entrega de troféus e medalhas de ouro

No dia 19 de junho, próximo, a diretoria da Associação Brasileira de Criadores promoverá uma festiva reunião de criadores que participam do Controle Leiteiro para a entrega de Prêmios e dos Troféus "Vaca de Ouro" e "Balde de Ouro".

O Troféu "Vaca de Ouro", tem duas versões: uma com pedestal preto e outra com pedestal branco e são adjudicados às vacas que alcançarem a maior produção vitalícia em leite ou gordura, ou seja a soma das lactações produzidas durante a vida.

Esse troféu é de posse transitória. Assim, o criador que alcançar a maior produção em longevidade em leite ou gordura receberá o troféu com a inscrição de seu nome, o nome da vaca e sua produção, recebendo o seu antecessor uma miniatura de troféu com a respectiva inscrição. A mesma coisa vale para o "Balde de Ouro" só que agora trata-se da produção em leite e em uma lactação, havendo também a miniatura. Temos, também, o "Balde de Ouro", versão dois, para a recordista de cada raça. Serão entregues, também, as "Medalhas de Ouro" para as vacas que na categoria da raça Holandesa e Pardo Suíça alcançarem a produção mínima de 50 toneladas de leite ou 1.860 quilos de gordura. Para as raças Jersey, Pitangueiras ou Zebuínas os mínimos exigidos para alcançarem a "Medalha de Ouro", são: 36.000 kg de leite e 1.860 kg de gordura. Deverão ser entregues cerca de 120 Medalhas de Ouro.

Serão entregues também, perto de 400 títulos de Reprodutoras Eméritas, que são as vacas, que em três lactações consecutivas ou cinco alternadas receberam e tiveram seus nomes inscritos no livro de Escol.

Para se chegar a esse resultado é preciso primeiramente que a vaca esteja inscrita no Livro de Mérito e para fazer jús a essa designação a vaca precisa preencher as seguintes condições:

— Alcançar ou superar, em uma lactação, o mínimo de produção de leite, e gordura prevista para a raça e variedade a que pertença, em período de até



365 dias ou menos na idade que iniciou a lactação, de acordo com o número de ordenhas diárias em que a lactação foi classificada.

Como já escrevemos anteriormente a vaca para ter o seu nome inscrito no Livro de Escol precisará ter três Livros de Méritos seguidos ou cinco alternados, e ter uma parição em cada uma das lactações. Ela terá, também, o direito à Medalha de Prata de Produção e Reprodução. Todas as citações que partirem do Serviço de Controle Leiteiro, referente as vacas que alcançarem Livro de Escol, levarão as iniciais LE após o nome. As portadoras do título de Reprodutora Emérita levarão as iniciais RE.

Acreditamos que esta será uma grande festa de confraternização não só dos criadores que participam do Controle Leiteiro, mas de todos aqueles que têm seus interesses ligados a esse importantíssimo setor da pecuária.

Antes da reunião, o responsável pelo Laboratório de Análises da ABC, Dr. Paulo Athaydes, fará uma palestra sobre as novas conquistas no tratamento de mastites através de auto vacinas.

Subprodutos de origem do beneficiamento de cereais

Lício Velloso 1/

INTRODUÇÃO

Cereal é a denominação genérica de várias espécies de plantas da família Gramineae, as quais são cultivadas para a produção de grãos. A origem do nome vem do latim Cerealis e identifica-se com Ceres, a deusa da agricultura, na antiga mitologia romana.

Os grãos dos cereais são usados como alimentos para o homem e também para os animais; porém, estes têm ainda nos subprodutos do beneficiamento dos grãos, assim como nos resíduos das culturas, boas fontes de alimentos, conforme será mostrado neste artigo. No Brasil, os principais representantes dos cereais que compõem as dietas do homem e dos animais domésticos são: milho, trigo, arroz, sorgo, aveia e cevada. No que concerne ao valor nutritivo, os cereais são essencialmente energéticos graças aos elevados teores de carboidratos, com destaque para o amido. Para aves e suínos, os cereais são considerados como alimentos básicos, porquanto nas rações concentradas, a eles destinadas, os grãos moídos e seus subprodutos perfazem a maior parte dos ingredientes.

As dietas dos ruminantes, mesmo quando deles são esperadas elevadas produções de leite ou de carne, devem conter alimentos volumosos, que representem, em termos de matéria seca (a 100°C), cerca de 50% do total consumido. Porém, as rações concentradas, fornecidas junto aos volumosos, quase sempre contêm elevadas quantidades de cereais e seus subprodutos.

CARACTERÍSTICAS QUÍMICAS DOS CEREAIS

A fração de proteína bruta dos cereais é bastante variável, considerando as

diferentes espécies, assim como para os subprodutos resultantes da extração de amido ou do óleo. A rigor oscila de 8 a 15% de PB (na matéria seca a 100°C), havendo casos em que atinge nível superior a 18% PB. A qualidade da proteína é de baixo valor biológico, principal-

mente em decorrência das deficiências em metionina e em lisina, o que para os ruminantes deixa de ser fator de maior importância, em função da síntese de aminoácidos que ocorre no rúmen, pelos microorganismos ali existentes.

Quanto ao extrato etéreo (óleo), há variação de 2% até 5%, sendo que a maior concentração ocorre no germen ou embrião, enquanto no endosperma pouquíssimo óleo é encontrado (cerca de 1 a 2%). Como os ácidos graxos dos cereais são do tipo insaturado, principalmente o oléico e o linoléico, a rancidez oxidativa pode ocorrer com facilidade, quando os grãos são triturados (moídos) e armazenados por longo período ou mesmo por curto espaço de tempo, mas em ambiente fechado e úmido.

O teor em fibra bruta dos cereais é também bastante variável de espécie para espécie e depende basicamente da presença ou não de cascas. Assim, o milho e o centeio contêm cerca de 2% de FB, enquanto a aveia chega aos 12% de FB. Nos subprodutos, como o farelo fino de trigo ou o farelo de arroz, o teor de fibra bruta atinge níveis de 10 a 13%.

A composição dos grãos de cereais em matéria mineral oscila entre 2 e 4%,

sendo que duas características importantes neste particular são: o baixo teor de cálcio ($\pm 0,04\%$) e os teores razoáveis em fósforo ($\pm 0,30\%$).

Como fonte energética que são, os cereais contêm, em média, 74% de NDT (Nutrientes Digestíveis Totais) e cerca de 3.300 kcal/kg de energia digestível.

Finalmente, com relação às vitaminas encontradas nos cereais, sabe-se que são ricos em tiamina e vitamina E e pobres em niacina, riboflavina, vitamina D e pró-vitamina A (exceto o milho, que contém níveis consideráveis de caroteno).

SUBPRODUTOS DO MILHO

CASCAS DOS GRÃOS DE MILHO

As cascas dos grãos de milho constituem subproduto do seu beneficiamento para a obtenção do óleo e do amido. Normalmente, as cascas fazem parte do farelo protéico do milho. A proteína das cascas é de baixo valor biológico para animais não ruminantes e seu teor protéico varia de 10 a 12% (na MS a 100°C). Recentemente, Boin et al (1984) realizaram trabalhos de engorda de bovinos em confinamento incluindo cascas úmidas de milho em substituição ao concentrado protéico-energético da ração (27 e 54 g de MS das cascas/kg de peso metabólico, diariamente), com resultados altamente satisfatórios (ganhos em peso, ao redor de 1 kg/cab/dia).

Como esse subproduto só poderá ser obtido diretamente da indústria produtora de amido, sua utilização na forma úmida torna-se restrita à área onde se localiza o complexo industrial.

FARELO DE MILHO

É obtido da moagem a seco dos grãos e compõe-se de germen, pelúcias e cascas e partes do endosperma. A composição química assemelha-se à do fubá, porém é resultante da extração do amido. Pode ser encontrado com ou sem o óleo. Seu teor protéico é ligeiramente superior ao da quireira. Bom para a alimentação dos bovinos.

FARINHA DESENGORDURADA DO GERMEN

Na primeira moagem dos grãos, logo após sua infusão em água e a retirada desta, faz-se a separação do germen, que contém cerca de 11% de proteína bruta e 5 a 6% de óleo. Extraído o óleo, sobra um resíduo que recebe a denominação de farinha desengordurada de germen que contém 20% de proteína bruta e 1% de óleo. Este subproduto poderá ser usado diretamente nas rações ou poderá ser juntado às cascas, pelúcias e glúten para formar os subprodutos denominados farinha de glúten e farelo de glúten.

FARELO PROTÉICO DE GLÚTEN

O farelo de glúten ou farelo protéico de glúten do milho contém cerca de 23% de proteína bruta de baixo valor biológico, sendo, portanto mais indicado para rações de ruminantes, notadamente vacas leiteiras.

FARINHA DE GLÚTEN OU FARINHA PROTÉICA DE MILHO

Consiste principalmente de glúten sem a presença das cutículas normalmente presentes no farelo protéico de glúten. O teor de proteína bruta deste subproduto atinge os 40% e, pelo fato de não conter cascas dos grãos, o teor em fibra bruta é bastante baixo. Em razão do baixo valor biológico da proteína, há também na farinha de glúten, deficiência de alguns aminoácidos essenciais, o que a torna limitada nas dietas para não ruminantes. Contudo, para vacas em lactação ou bois em processo de engorda, poderá ser usada em até 25% do total da mistura de concentrados.

A farinha protéica do glúten de milho, quando obtida de milho amarelo, contém elevados teores de caroteno e de xantofila. O teor em NDT (Nutrientes Digestíveis Totais) deste subproduto é da ordem de 80%, o que lhe confere também características de boa fonte de energia, além do elevado teor protéico já mencionado.

SUBPRODUTOS DO TRIGO

FARELO DE TRIGO

É o subproduto resultante da extração da farinha de trigo para o consumo humano; portanto, é de certa forma considerado um alimento grosseiro, em virtude de sua constituição predominantemente de tegumentos que recobrem os grãos. Produz, quando presente em altas porcentagens nas rações, ação laxativa.

O farelo de trigo contém cerca de 14 a 15% de proteína bruta, 10% de fibra bruta e 65 a 67% de NDT. É uma boa fonte de energia para bovinos e, tradicionalmente no Brasil, tem sido usado como substituto parcial do milho nas rações concentradas para vacas leiteiras.

Avaliando o efeito direto da suplementação alimentar de vacas mestiças holandês-zebu, com farelo de trigo, sobre a produção de leite e o crescimento dos bezerros, Moraes et al (1982) forneceram 0, 1, 2, 3 e 4 kg de farelo de trigo a cinco grupos de vacas mantidas durante o dia em pastagem cultivada de *Brachiaria humidicola* e durante a noite em piquetes de leguminosa *Pueraria phaseoloides*. A ordenha foi feita manualmente uma vez ao dia, quando então o farelo era fornecido. O experimento estendeu-se de fevereiro a julho de 1981 na UEPAE de Manaus (EMBRAPA). Os resultados, após 150 dias de controle, foram 483, 587, 622, 709 e 616 kg de leite/vaca. Quanto aos ganhos em peso das vacas, observaram-se 21, 43, 37, 53 e 49 kg durante o período experimental e mais 75, 96, 91, 84 e 112 kg de ganho em peso vivo/bezerro, respectivamente para os consumos de 0, 1, 2, 3 e 4 kg do farelo de trigo/vaca/dia. Pela análise de regressão simples, notou-se que, para cada 1 kg de farelo de trigo, houve correspondente incremento de 324 g de leite/dia; 56 g de ganho em peso/vacas/dia e 53 g de ganho em peso/bezerro/dia.

TRIGUILHO

Na industrialização dos grãos de trigo há uma etapa de eliminação de impurezas, quando ocorre a separação de meio-grãos, chochos ou pequenos, além de sementes de outras espécies que con-

taminam as de trigo, constituindo o tri-gúilho, cuja composição média é de 13% de PB; 3% de FB e 65% de NDT. Porém, devido às contaminações de sementes tóxicas, a que está sujeita, seu uso fica limitado (Andriguetto et al 1982).

PALHA DE TRIGO

As palhadas das culturas de trigo são muitas vezes usadas como alimento

volumoso para animais de baixa produção ou mesmo para todo o rebanho, em época de prolongada seca, principalmente na região Sul do Brasil. Visando estimar o valor da palhada das culturas de trigo remanescente após a colheita dos grãos, Prates & Lebouté (1980) realizaram ensaio de digestibilidade com carneiros quando também anotaram o consumo voluntário (Quadro 1).



Palhas de
trigo após
colheita

QUADRO 1 — Palhada de Trigo — Composição Bromatológica, Coeficientes de Digestibilidade e Consumo Voluntário (Novilhos de 300 kg)

Variável	Matéria Seca (%)	Matéria Orgânica (%)	Proteína Bruta (%)	Energia Bruta Kcal/g	Paredes Celulosas (%)
Composição bromatológica	88,54	82,11	3,93	4,37	84,57
Coeficientes de digestibilidade (%)	43,1 ± 3,2	43,0 ± 4,9	13,9 ± 3,4	42,8 ± 2,7	—
Consumo Voluntário	Matéria Seca g/kg ^{0,75}	Matéria Seca kg/dia		Matéria Seca % das Exigências de Manutenção	
	42,5 ± 4,8	3,06		68,09	

Fonte: Prates & Lebouté (1980).

SUBPRODUTOS DO ARROZ

FARELO DE ARROZ

O farelo de arroz é sem dúvida o subproduto mais usado deste cereal, na alimentação animal. É constituído principalmente dos tegumentos que envolvem os grãos, cuja composição química média é de 11 a 13% de PB; 13% de óleo ou extrato etéreo e cerca de 11% de fibra bruta.

No Brasil, o estudo mais profundo sobre o valor nutritivo do arroz para ruminantes foi realizado por Rodriguez (1984), na Escola de Veterinária da UFMG, o qual define o farelo de arroz como o principal subproduto do beneficiamento dos grãos, constituindo-se principalmente do pericarpo, do germen e de algum resíduo de cascas. Contém alto teor de gordura sendo, portanto, facilmente rancificável, e por isso, seu uso é restrito às áreas próximas dos moinhos. O mesmo autor cita o Brasil como o quarto produtor mundial de arroz, com 9,7 milhões de t, na safra 1981/82, com potencial de produção de farelo de 1,5 milhão de t/ano. As conclusões do trabalho de Rodriguez (1984) foram em síntese as seguintes: 1) o óleo do farelo de arroz não está "naturalmente protegido" de ataque microbiano no rúmen; 2) o nível, entre 12 e 20% de farelo de arroz numa ração para ruminante, permite melhor aproveitamento da fração de proteína e de energia dele; em razão da maior taxa de reciclagem e mais eficiente síntese de proteína microbiana no rúmen. Contudo, o teor de óleo na ração não deverá exceder a 4,5%; 3) a energia metabolizável do farelo de arroz pode ser calculada em 3,4 Mcal/kg de farelo, quando não ultrapassar 20% do total da ração.

No Rio Grande do Sul, Pimentel & Peixoto (1981) estudaram o valor do farelo de arroz no desaleitamento precoce de bezerros, cujas rações, com respectivos resultados, constam do Quadro 2.

As conclusões tiradas do trabalho foram que, até no nível de 25%, o farelo de arroz, compondo ração farelada, pode ser usado com resultados satisfatórios. Entretanto, ração contendo 50%

QUADRO 2 — Rações Experimentais com Farelo de Arroz para Desaleitamento Precoce de Bezerros

Variáveis	Ração 1	Ração 2	Ração 3
Fubá de milho	60%	39%	18%
Farelo de soja	37%	25%	29%
Farelo de arroz	—	23%	50%
Fosfato bi-cálcio	2%	2%	2%
Sal	1%	1%	1%
(Período 1 a 16 semanas)			
Consumo de ração — kg	138	136	100
Consumo de feno — kg	20	20	22
Consumo de dieta líquida — kg	124	128	126
Ganho em peso/bezerro — kg	60	55	41

Fonte: Pimentel & Peixoto (1981).

do farelo de arroz deixa a desejar quanto ao crescimento e ao ganho em peso dos bezerros.

FARELO DESENGORDURADO DE ARROZ

O farelo desengordurado resulta da extração do óleo de arroz para o consumo humano. É um subproduto com teor de proteína bruta superior a 17%; teor de fósforo próximo de 1,5% e de matéria graxa entre 1 e 2%. Esta composição torna-o mais apropriado para utilização em rações que o farelo integral, cujo conteúdo em óleo atinge 12%, dificultando assim sua estocagem, devido à facilidade de rancidez oxidativa dos ácidos graxos.

No Quadro 3, são apresentadas as composições dos farelos integral e desengordurado de arroz para efeito de comparação.

Como o farelo desengordurado apresenta-se como ingrediente de baixa densidade e muito pulverulento, torna-se difícil sua mistura com outros componentes de uma ração concentrada, razão pela qual sua inclusão na dieta dos ruminantes fica limitada a 1,5 kg para vacas leiteiras/dia; a 20% nas misturas fareladas de bezerros e até 40% para bois em engorda.

CASCAS DE ARROZ

As cascas que envolvem os grãos do arroz constituem-se em resíduo de bai-

xo valor como alimento para os bovinos em razão dos elevados teores de sílica e lignina, o que lhes confere a dureza e a aspereza que lhes são inerentes. Infelizmente as cascas têm sido usadas mais como meio de burla e adulteração de outros componentes naturais das rações, após sua moagem com uso de peneira fina. Também, em camas de frangos são bastante usadas as cascas integrais, as quais são posteriormente usadas na dieta dos ruminantes.

PALHAS DE ARROZ

As palhas de arroz são as sobras das culturas, após a colheita dos grãos. Geralmente apresentam-se na forma de forragem seca (fenada) e são bem aceitas pelos ruminantes, como volumoso, em

Palhas de
arroz após
colheita e
trilhamento



QUADRO 3 — Composições Bromatológicas dos Farelos Integral e Desengordurado de Arroz

Variáveis	Farelo Integral de Arroz (%)	Farelo Desengordurado de Arroz (%)
Matéria seca	90,00	92,00
Proteína bruta	12,00	18,00
Fibra bruta	8,00	12,00
Extrato etéreo	12,00	1,80
Extrativos não nitrogenados	41,00	48,00
Matéria Mineral	12,00	11,00
Cálcio	0,08	0,11
Fósforo	1,36	1,48
Nutrientes digestíveis totais	62,00	55,00

Fonte: Jardim (1976).

época de pouca disponibilidade forrageira nos pastos, principalmente, quando trituradas em moinho e fornecidas com rações concentradas. Já White et al (1963), alimentando bovinos de corte com palha de arroz suplementada com farelo de algodão ou farelo de arroz com ou sem uréia, encontraram resultados satisfatórios para todos os tratamentos, quanto ao desempenho dos animais. Porém, a ração mais econômica foi aquela em que a palha de arroz recebeu suplementação de 0,500 kg de farelo de algodão. Em Nova Odessa (SP), Roverso et al (1967) incluíram 15% de palha de arroz em ração que continha ainda 30% de feno de alfafa, 35% de fubá de milho e 20% de farelo de algodão, fornecida a zebuínos inteiros da raça Nelore, durante 112 dias. A média diária de ganho em peso foi de 1.300 kg. Contudo, quando a ração foi composta de 75% de palha de arroz e 25% de farelo de algodão, o ganho médio diário em peso foi de 0,740 kg, provavelmente pela insuficiência de energia expressa como nutrientes digestíveis totais (NDT).

A adição de concentrados energéticos e protéicos aos volumosos de baixa qualidade, como os resíduos das culturas de cereais, melhora sensivelmente sua digestibilidade e poderá contribuir para a redução dos custos na produção de carne e leite. Zeoula et al (1983) estudaram o valor nutritivo de dietas contendo palha de arroz em diferentes proporções, num ensaio de digestibilidade com ovinos, e concluíram que é viável a inclusão da palha de arroz em até 45% na dieta, sem alterar sua digestibilidade, desde que corrigidos os nutrientes da ração. No Rio Grande do Sul, Prates & Leboute (1976) estudaram o valor da palha de arroz em ensaios de digestibilidade com ovinos, tendo concluído que a digestibilidade da matéria orgânica de 56,9% e o consumo de matéria seca de 43,1 g por kg de peso metabólico foram bastante satisfatórios.

No Quadro 5 são apresentados os resultados da digestibilidade da palha de arroz.

Os tratamentos de palha de arroz com álcali (NaOH), na base de solução aquosa a 5% por irrigação (1 l de solução/kg de palha picada) ou por imersão (9 l de solução/kg de palha picada), comparados à palha picada não tratada e

QUADRO 4 — Composição Bromatológica, Coeficientes de Digestibilidade e Consumo Voluntário de Palha de Arroz

Variáveis	Matéria Seca (%)	Matéria Orgânica (%)	Proteína Bruta (%)	Energia Bruta kcal/g	Paredes Celulares (%)
Palha de arroz	86,39	80,09	5,03	3,77	83,38
Coeficientes de digestibilidade (%)	47,2 ± 3,6	56,9 ± 1,1	39,6 ± 4,1	54,1 ± 2,8	—
Consumo Voluntário Máximo	g MS/kg ^{0,75}		g PD/kg ^{0,75}		Kcal ED/kg ^{0,75}
	43,1 ± 5,6		0,9 ± 0,1		87,8 ± 10,9

Fonte: Prates & Leboute (1980).

fornecida a novilhos mestiços, foram estudados por Bodens et al (1979). Nas dietas, além das palhas, os animais tiveram acesso ainda à mistura melaço:uréia (9:1), à mistura mineral completa e água, além de suplemento energético de 1 kg de fubá de milho/cab./dia. Os ganhos médios diários foram de 0,687 kg, 0,450 kg e 0,502 kg, respectivamente, para os tratamentos de NaOH por irrigação, por imersão e apenas palha picada sem adição de NaOH. Porém, as digestibilidades da matéria orgânica foram 41,09%, 78,35% e 30,44% para a mesma ordem dos tratamentos, mostrando a eficiência da ação do NaOH sobre a palha de arroz.

Como os resíduos da agricultura de cereais são pobres em proteína e em carboidratos de fácil fermentação, torna-se necessário seu enriquecimento com os concentrados protéicos e energéticos para seu melhor aproveitamento, principalmente quando se deseja a obtenção de produções de leite e de carne. Também, para vacas em lactação ou novilhos em fase de crescimento e engorda, não se recomenda a inclusão de palha de arroz em níveis superiores a 45% da dieta, sob pena de redução considerável da produção.

Por outro lado, animais em descanso ou manutenção poderão receber níveis acima de 50% de palha de arroz nas dietas, apenas com ligeira suplementação protéica, que poderá ser a mistura de sal + uréia + minerais. O Brasil, sendo grande produtor de arroz e tendo esta produção espalhada por todo o território nacional, apresenta condições altamente favoráveis para o aproveitamento

das palhas de arroz na alimentação de ruminantes (Rondon et al 1974).

SORGO

PALHADA DE SORGO

A palhada de sorgo ou restolho é o que sobra da cultura após a colheita dos grãos. Trata-se de resíduo que pode ser utilizado como alimento para a manutenção de ruminantes em épocas de secas prolongadas. Assim, em Pernambuco, Lima et al (1984) realizaram experimento sobre a melhor combinação da palma forrageira, para ovinos e caprinos. Foram usadas as seguintes rações: A) 20% de palma e 80% de palhada de sorgo; B) 40% de palma e 60% de palhada de sorgo; C) 60% de palma e 40% de palhada de sorgo e D) 80% de palma e 20% de palhada de sorgo. Além desses volumosos, foi ainda fornecida para cada animal (24 ovinos e 24 caprinos) a quantidade de 0,400 kg de cama de galinheiro. O experimento estendeu-se por 91 dias, sendo 14 de adaptação e 77 experimentais. Os resultados permitiram concluir que níveis de até 60% de palhada de sorgo poderão ser utilizados para a manutenção de ovinos e caprinos, em associação com a palma forrageira.

Por extensão, pode-se afirmar que a palhada de sorgo, cuja produção média por hectare deve situar-se entre 3 e 8 t, uma vez associada a um volumoso suculento, como a cana-de-açúcar ou as silagens, constitui-se em valioso recurso forrageiro para os ruminantes em períodos de escassez de forragem nos pastos.

RESÍDUO DE DESTILARIA
DE SORGO SACARINO

O resíduo resultante da fermentação da massa verde do sorgo sacarino para a produção de álcool, em destilaria, foi analisado bromatologicamente por Brisolara & Peixoto (1984) e revelou os seguintes resultados: antes da moenda: matéria seca (MS) 30,08%; proteína bruta (PB) 3,01%; extrato etéreo (EE) 1,21%; fibra bruta (FB) 25,83%; extrativos não nitrogenados (ENN) 66,25%; matéria mineral (MM) 3,68%; fibra em detergente ácido (FDA) 34,94% e fibra em detergente neutro (FDN) 52,26%. Após a moenda: MS 41,23%; PB 3,50%; EE 1,16%; FB 30,04%; ENN 61,23%; MM 4,07%; FDA 40,33% e FDN 62,69%.

As digestibilidades da matéria seca e também da energia bruta do resíduo de destilaria foram determinadas por Pimentel & Peixoto (1984 a) em ensaio com novilhos da raça Jersey. Para o material que continha 36,82% de MS e 4,73 Mcal/kg de energia bruta, os coeficientes de digestibilidade foram de 54,33% e 59,52%, respectivamente. Os autores consideraram que, em função do consumo voluntário de 3,0 kg/animal/dia do resíduo ou 1,36 kg de MS/100 kg de peso vivo e considerando o teor de energia digestível no material, a ingestão desta foi suficiente para a manutenção dos novilhos.

Quando o resíduo de destilaria do sorgo sacarino foi transformado em silagem e avaliado num teste de digestibilidade com quatro novilhos Jersey, os resultados foram MS 32,98%; PB 6,81%; EE 4,43 Mcal/kg, e os coeficientes de digestibilidade foram MS 51,84%; PB 34,62%; energia 54,18% (Pimentel & Peixoto 1984 b). Estes autores concluíram ainda que, em razão do consumo voluntário de 4 kg/cab./dia do resíduo ou 1,16 kg/100 kg de peso vivo de matéria seca, observou-se que não foi possível atender às exigências dos animais para manutenção, em energia digestível e proteína.

SUBPRODUTOS DA AVEIA

Na preparação industrial da aveia para consumo do homem, alguns resíduos ficam disponíveis para a alimenta-

ção animal, sendo os principais as cascas, os pelos que fazem parte dos grãos, mas que se desprendem no processamento e as pontas dos grãos juntamente com parte do endosperma. Estes subprodutos são combinados entre si de diferentes maneiras e dão origem ao farelo de aveia com 27% de fibra bruta e que consiste de quatro partes de cascas para uma parte de pelos.

As pontas de grãos são misturadas com qualquer outro subproduto, dando origem à farinha de aveia que é muito rica em razão de conter os germens dos grãos. No Brasil, contudo, estes resíduos quase não existem no mercado.

SUBPRODUTOS DA CEVADA
NA CERVEJARIA

Os resíduos da cevada na cervejaria são o resultado de quatro fases do processamento dos grãos. Na primeira, a cevada é maltada, isto é, os grãos são imersos em água morna por algum tempo, sendo escorrida a água em excesso e dando continuidade à germinação por seis dias, até que a raiz alcance o tamanho do grão, ocorrendo então o desenvolvimento de um completo sistema enzimático para a hidrólise do amido em dextrina e maltose. Os grãos assim germinados são a seguir desidratados em temperatura variando de 50 a 80°C e

separados em três partes: malte, germen e raiz de malte.

Na fase seguinte, o grão maltado é esmagado e embebido em água, para dar origem ao mosto de cerveja, do qual os componentes sólidos são separados, constituindo a polpa úmida de cervejaria, que pode ser desidratada completamente para formar a polpa seca de cervejaria.

Na terceira fase, ao mosto adiciona-se o lúpulo (*Humulus lupulus*) que é um condimento amargo que dá o gosto da cerveja e que é secretado pela erva (lúpulo). Os resíduos desta fase são o lúpulo esgotado e o fundo de mosto.

Finalmente, na quarta fase, após a fermentação do mosto filtrado, semeia-se o fermento (*Saccharomyces cerevisiae*) e depois separa-se a levedura da cerveja, que pode ser desidratada antes da comercialização.

O malte seco contém cerca de 12% de PB; 78% de NDT e 5,0% de FB, podendo ser fornecido em até 3 kg/cab./dia para bovinos adultos. O germen seco contém 25% de PB; 68% de NDT e 13,5% de FB; sua coloração é amarela e o aroma é agradável; porém, seu sabor é amargo, razão pela qual deve ser introduzido na dieta paulatinamente e até o limite de 3 kg para bovinos adultos, e até 2 kg para bezerros. Geralmente a raiz de malte é comercializada em mistura com o germen seco, porém seu

QUADRO 5 - Rações Experimentais e Produções de Leite com Uso da Polpa Úmida de Cevada

Variáveis	Rações Experimentais				
	A	B	C	D	E
Silagem de sorgo	à vontade	à vontade	à vontade	à vontade	à vontade
Concentrados (%):					
Farelo de algodão	50,0	68,6	43,6	87,3	-
Cama de frango	50,0	25,0	-	-	-
Milho desintegrado (GPS)	-	6,4	6,4	12,7	-
Polpa úmida de cevada	-	-	42,9	-	85,8
Raspa de mandioca	-	-	7,1	-	14,2
Consumos (kg/vaca/dia)					
Matéria seca	13,4 ^b	13,0 ^b	16,5 ^a	13,0 ^b	13,2 ^b
Proteína bruta	1,49 ^b	1,47 ^b	2,32 ^a	1,52 ^b	1,45 ^b
NDT	7,71 ^{ab}	7,57 ^{ab}	9,90 ^a	7,60 ^{ab}	8,15 ^a
Produção de leite (4% G) (kg/vaca/dia)	11,3 ^b	11,2 ^b	11,8 ^{ab}	11,1 ^b	12,4 ^a

Médias seguidas de letras diferentes diferem a 5% de probabilidade pelo teste de Tukey.

teor em fibra é mais elevado.

A polpa de cervejaria ou borra de cervejaria ou bagaço de cevada pode ser encontrada nas formas úmida e seca. Quando úmida, contém 75% de água, 5,5% de PB, 16,0% de NDT e 3,5% de FB. A polpa seca contém 23,3% de PB, 62,0% de NDT e 15,2% de FB.

Em Minas Gerais, Cardoso et al (1982) testaram a polpa úmida de cevada, como suplemento à silagem de sorgo, na produção de leite. A polpa utilizada apresentou 23,5% de MS; 32,3% de PB (na MS a 100°C) e 68,4% de NDT (calculado na MS a 100°C). As rações utilizadas e as produções de leite constam no Quadro 5.

Os resultados deste experimento revelaram que a polpa úmida de cevada proporcionou produções maiores de leite, conforme pode ser notado nos dados das rações C e E.

O lúpulo esgotado e o fundo de mosto são resíduos, cuja aplicação como alimento animal sofre restrições quantitativas sérias, pois podem provocar distúrbios digestivos e até intoxicação.

A levedura seca de cerveja é de grande valor como alimento graças aos elevados teores de proteína 38,5% até 52,5% (PB); também de NDT 72,8% e vitaminas do complexo B (exceto a B₁₂). Este resíduo seco pode constituir até 10% das rações concentradas dos bovinos, desde que introduzido gradativamente na dieta, pois seu sabor é amargo.

REFERÊNCIAS

ANDRIGUETTO, J.M.; PERLI, L.; MINARDI, I.; GEMAL, A.; FLEMING, J.S.; SOUZA, G.A. & BONA FILHO, A. Nutrição animal. São Paulo, Nobel, 1982. v.1.

BODENS, G.; ARDEIRA, L. & SANTANA, J. Resposta de bovinos mestiços a diferentes tratamentos de palha de arroz. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 16., Curitiba, 1979. Anais. Curitiba, SBZ,

1979.

BOINC, C.; ALLEONI, G.F. & BEISMAN, D. Casca de milho úmida na alimentação de bovinos machos em confinamento. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 21, Belo Horizonte, 1984. Anais. Belo Horizonte, SBZ, 1984. p. 333.

BRISOLARA, N.F. & PEIXOTO, R.R. Avaliação de alimentos. VI Composição bromatológica do resíduo de destilaria de sorgo sacarino. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 21, Belo Horizonte, 1984. Anais. Belo Horizonte, SBZ, 1984. p.290.

CARDOSO, M.R.; COELHO DA SILVA, J.F.; PEREIRA DE MELLO, R. & MOTTA, V.A.F. Produção de leite de vacas alimentadas com silagem de sorgo suplementada com polpa úmida de cevada. Rev. Soc. Bras. Zoot. 2 (1): 38-45 1982.

CARDOSO, R.M.; RIBEIRO, H.U.; COELHO DA SILVA, J.F.; SILVA, M.A.; CASTRO, A.C.G. & SILVA, D.J. Influência de formas físicas e do umedecimento do milho desintegrado com palha e sabugo, sobre a ingestão de matéria seca digestibilidade dos nutrientes, produção e composição do leite. Rev. Soc. Bras. Zoot., 9(3):441-52, 1980.

JARDIM, W.R. Alimentos e alimentação de gado bovino. São Paulo, Agronômica Ceres, 1976.

LIMA, M.A.; PRIMO, G.B.; AZEVEDO, N.V. & ORTEGA, T.R.R. Emprego da associação palma forrageira e restolho da cultura de sorgo na alimentação de ovinos e caprinos no semi-árido de Pernambuco. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 21, Belo Horizonte, 1984. Anais. Belo Horizonte, SBZ, 1984. p. 291.

MORAES, E.; PIENIZ, L.C. & ITALIANO, E. C. Efeito da suplementação de farelo de trigo na produção de vacas mestiças holandês/zebu. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 19, Piracicaba, 1982. Anais. Piracicaba, SBZ, 1982. p. 120.

PIMENTEL, M.A. & PEIXOTO, R.R. Desaleitamento precoce de terneiros x valor do farelo de arroz bruto. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 18, Goiânia, 1981. Anais. Goiânia, SBZ, 1981. p.352.

PIMENTEL, M.A. & PEIXOTO, R.R. Avaliação

de alimentos. VII—Digestibilidade da MS e da energia do resíduo de destilaria do sorgo sacarino. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 21, Belo Horizonte, 1984. Anais. Belo Horizonte, SBZ, 1984. p.305.

PIMENTEL, M.A. & PEIXOTO, R.R. Avaliação de alimentos VIII — Digestibilidade da MS e En. e balanço de N em novilhos alimentados com silagem de resíduo de destilaria de sorgo sacarino. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 21, Belo Horizonte, 1984. Anais. Belo Horizonte, SBZ, 1984b. p. 306.

PRATES, E.R. & LEBOUTE, E.M. Avaliação do valor nutritivo dos resíduos de cultura. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 12, Salvador, 1976. Anais. Salvador, SBZ, 1976. p.66.

PRATES, E.R. & LEBOUTE, E.M. Avaliação do valor nutritivo de resíduos de cultivos e de indústria. Rev. Soc. Bras. Zoot., 9 (2): 248-59, 1980.

RODRIGUEZ, N.M. Valor nutritivo do farelo de arroz para ruminantes — Belo Horizonte, EV/UFGM, 1984. (Tese).

RONDON, J.F.L.; LEBOUTE, E.M.; ROFFLER, R. & PEREIRA, W.M. Níveis de uréia em rações de ovinos utilizando-se a palha de arroz como volumoso. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 11, Fortaleza, 1974. Anais. Fortaleza, SBZ, 1974. p.20.

ROVERSO, E.A.; VELLOSO, L.; TUNDISI, A.G.A.; BECKER, M.; CAIELLI, E.L. & SILVEIRA, J. Cana-de-açúcar, palha de arroz e sabugo de milho na engorda de bovinos da raça Nelore. Boletim Indústria Animal, 24(único): 7-15, 1967.

WHITE, W.T.; GOODWIN, E.E. & DAVIS, J.N. Beef cattle feeding. In: LIVESTOCK PRODUCERS DAY, 3., Baton Rouge, 1963. Proceedings. Baton Rouge, Louisiana State University/Animal Science Dept., 1963. p. 41-5.

ZEOULA, L.M.; EZEQUIEL, J.M.B.; ARAUJO, W.A. Valor nutritivo de dietas contendo palha de arroz e cascas de amendoim, em diferentes proporções. 2. Coeficiente de digestibilidade aparente e nutrientes digestíveis totais. Rev. Soc. Bras. Zoot. 12 (2): 309-12, 1983.

Informe
Agropecuário.

Uma revista
feita com amor
à terra.

Produção de leite no inverno com menos ração

A quantidade e a qualidade das forragens nas pastagens tropicais da região Sudeste diminuem consideravelmente durante o período compreendido entre os meses de abril e setembro. É justamente nesse período que os produtores de leite têm que estabelecer suas cotas de fornecimento para o próximo período das águas. Para conseguir que essas cotas sejam aumentadas ou mantidas, os animais passam a ser alimentados através de feno ou silagem + concentrados, o que eleva bastante o custo de produção de leite nessa época do ano.

Por outro lado, a região Sudeste possui um grande número de baixadas irrigáveis, que permanecem ociosas nesse período, embora uma pequena parte seja utilizada para cultivo de aveia forrageira para corte durante a seca. Essa prática, mesmo levando-se em conta o valor dessa forrageira, não tem se expandido principalmente pelo fato de ser trabalhosa, exigindo um volume de mão-de-obra que muito a onera.

Desde 1980 o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite (CNPGL), da EMBRAPA, vem pesquisando a utilização de algumas forrageiras de inverno sob pastejo. Os resultados alcançados indicam a aveia amarela e o azevém anual como as espécies mais promissoras. Entretanto, o azevém, por permitir mais tempo de pastejo do que a aveia e possibilitar o plantio manual, é a espécie que tem sido sugerida ao produtor como alternativa para produção de leite durante o período da seca.

O teor protéico dessas gramíneas, quando utilizadas sob corte, é de 18 a 20% na matéria seca. Sob pastejo contínuo, o animal tem condições de selecionar e com isso ingerir forragem com teor de proteína ainda mais elevado. O azevém, utilizado dessa maneira, apresentou 31% de proteína bruta, também na matéria seca. Isto pôde ser constatado coletando-se e analisando-se amostras de aveia e azevém semelhantes ao material ingerido pelos animais.

A utilização de azevém sob pastejo, recomendada pelo CNPGL, apresenta as seguintes vantagens:

- Aproveitamento das baixadas irrigáveis durante a entressafra;
- Eliminação da mão-de-obra para corte, ajustamento, transporte e distribuição nos cochos;
- Redução do uso de concentrados;
- Aumento relativo da produção de leite, propiciando aumento de cota para o próximo período;
- A adubação orgânica natural, através das dejeções dos animais, e os resíduos da adubação química melhoram as condições do solo, o que irá refletir positivamente na próxima cultura de verão;
- Redução da carga animal nas densas pastagens da propriedade, o que permite aumentar a disponibilidade de forragem para as outras categorias animal e consequentemente proporcionar, na época crítica do ano, um manejo mais adequado às pastagens situadas em áreas de verão.

O azevém sob pastejo pode ser utilizado pelos animais de maio a outubro e a quantidade de leite conseguida por hectare vai depender da carga animal, o que, por sua vez, irá variar com o tempo de permanência nos piquetes, conforme mostra a Tabela 1.

TABELA 1 — Efeito da restrição do tempo de pastejo em azevém sobre a carga animal, produção de leite e consumo de silagem e concentrado. Resultados do CNP-Gado de Leite, referentes ao período de 04/07 a 21/10/1983.

	Período de pastejo (horas)			
	0	2	6	21
Número de vacas/ha	—	6,3	3,8	2,3
Kg de leite*/vaca	7,1	7,4	9,5	11,1
Kg de leite*/ha (110 dias)	—	5465	4300	2780
Silagem (kg/vaca/dia)	21,2	22,8	21,4	—
Farelinho de trigo (kg/vaca/dia)	5,5	—	—	—

* Corrigido para 4% de gordura.

A TECNOLOGIA

Baseando-se em princípios de manejo animal, e utilizando-se resultados de pesquisas realizadas no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite (CNPGL) e em fazendas particulares, pode-se fazer algumas recomendações referentes ao pastejo em aveia e azevém no Sudeste do Brasil.

ESTABELECIMENTO DA PASTAGEM

a) Preparo do solo

O solo precisa ser bem preparado, especialmente para o azevém que possui sementes muito pequenas. Normalmente uma aração seguida de duas gradagens bem feitas são suficientes.

b) Época de plantio

O plantio deve ser realizado a partir de meados de março. Entretanto, o que normalmente determina a época é a desocupação da área pelo cultivo anterior (milho, arroz, feijão, etc.) e o início da estiagem para permitir o preparo do solo.

c) Densidade de semeadura

A densidade de semeadura depende da qualidade das sementes. Se estas possuírem alto valor cultural (acima de 80%),

são necessários, respectivamente, 25 e 80 kg e sementes de aveia e aveia por hectare, quando em cultivos exclusivos.

Para pastejo, recomenda-se o azevém anual cv. comum, do Rio Grande do Sul (Comercial), e a aveia amarela. A aveia preta, por ter ciclo vegetativo mais curto do que a amarela, é mais indicada para utilização sob corte.

Como a forma de utilização aqui recomendada é sob pastejo e não corte, é desejável uma boa cobertura do solo. Dessa maneira, o aparecimento de plantas invasoras na área e o efeito do pisoteio serão minimizados.

d) Métodos de semeadura

O plantio deve ser feito através de plantadeira. Para a aveia, o espaçamento entre fileiras deve ser de 20 cm. Para o azevém, as sementes devem cair livremente na superfície do solo. O plantio a lâncô também é possível, principalmente para o azevém, desde que haja cuidado na uniformização da distribuição. As sementes de azevém não precisam ser incorporadas ao solo, enquanto que as de aveia necessitam ter uma incorporação não muito profunda, o que pode ser feito através de uma gradagem leve após o semeadura.

e) Irrigação

Para garantir a germinação e o crescimento das plantas, é preciso irrigar a área, desde o plantio até o final do pastejo. A irrigação por aspersão, apesar de onerosa, é mais eficiente do que qualquer outra forma, devido à melhor distribuição da água. Todavia, é possível fazer irrigação por infiltração, desde que a área seja sistematizada ou que seja evitado o empacotamento. O excesso de umidade no solo é prejudicial. Outra forma possível de irrigação é a elevação do lençol freático. Normalmente, a cada sete dias, deve-se irrigar. Logicamente, essa frequência pode ser modificada em função da ocorrência de chuvas.

f) Adubação

Antes do plantio deve-se proceder à análise do solo para correção de deficiências nutricionais, se for o caso. Como se sabe, níveis insuficientes de fósforo limitam o crescimento das plantas. Esse tipo de correção é de suma importância e pode ser feito utilizando-se uma fonte rapidamente solúvel, como o super-fosfato. Neste caso, são suficientes de 80 a 100 kg de P_2O_5 /ha. Quando os plantios são sucessivos numa mesma área, essa dosagem pode ser reduzida para 40 a 50 kg de P_2O_5 /ha, anualmente.

Quando outros elementos não são limitantes, as gramíneas respondem linearmente ao nitrogênio (N), até a dosagem de 400 kg/ha, o que corresponde aproximadamente a 880 kg de uréia ou 1.900

kg de sulfato de amônio. Entretanto, com um nível de 150 a 200 kg/ha desse indispensável elemento (metade da dosagem máxima), pode-se obter respostas satisfatórias com pastagens de aveia e azevém.

A adubação nitrogenada precisa ser fracionada em partes iguais e distribuída, pelo menos, em três aplicações. A primeira deve ser efetuada após a germinação, o que ocorre, geralmente, 20 dias após o plantio. As demais aos 30 e 60 dias após o início do pastejo. O sulfato de amônio (ou o nitrocálcio) pode ser aplicado logo após a irrigação, enquanto que a uréia precisa ser aplicada imediatamente antes da irrigação para que a perda de nitrogênio por volatilização possa ser reduzida.

Adotando a tecnologia correta na formação de pastagens com espécies forrageiras de inverno, o crescimento das plantas será rápido. O pastejo poderá ser iniciado quando as plantas atingirem cerca de 25 a 15 cm de altura para aveia e azevém, respectivamente. Isso vai acontecer aos 45-50 dias pós-plantio, aproximadamente, o que permite uma disponibilidade de cerca de 1.500 kg de MS/ha.

MANEJO E UTILIZAÇÃO DAS PASTAGENS

O início do pastejo deve ser gradativo, começando com uma hora/dia até atingir o tempo de pastejo desejado. Durante es-

te período de adaptação das vacas em lactação à nova dieta, deve-se eliminar gradativamente o fornecimento de concentrados. Se o pastejo for durante cerca de 21 horas/dia, o fornecimento de qualquer outro alimento para o animal torna-se desnecessário.

A duração do pastejo pode ser de duas, seis (intervalo entre ordenhas) e 21 horas/dia, dependendo da área disponível, do número de animais e da política do produtor relacionada com a alimentação do seu rebanho.

Os resultados parciais do experimento com azevém, em andamento no CNPGL, mostraram que duas ou seis horas de pastejo/dia proporcionaram maior produção de leite/ha do que o pastejo de 21 horas/dia. Esse fato se deve à utilização do maior número de animais por unidade de área nesses menores períodos. Entretanto, o aumento na duração diária do pastejo aumentou a produção de leite/animal (Tabela 1). A redução na duração diária de pastejo implicou na necessidade de outras fontes de alimento para o animal.

Através de pastejo contínuo e irrigação por aspersão, estão sendo mantidas em pastos com azevém, no CNPGL, as seguintes cargas animais: 2 — 3 UA/ha, 4 — 6 UA/ha e 6 — 8 UA/ha para, respectivamente, 21, seis e duas horas de pastejo/dia (Tabela 1). Estas cargas, en-

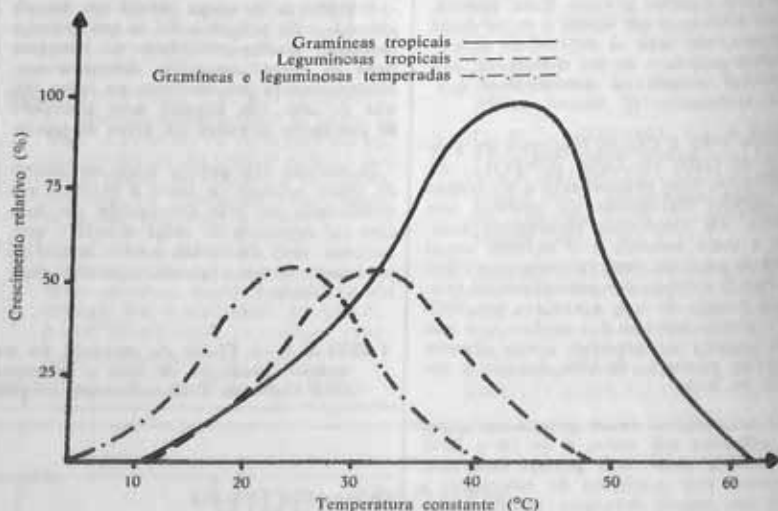


FIGURA 1 — Efeito da temperatura na produção de matéria seca de forrageiras tropicais e temperadas.

trilhando, são relativas, uma vez que em outros locais dependerão principalmente da fertilidade do solo.

Quando a irrigação for por infiltração, o pastejo necessita ser rotacionado, independente da duração do pastejo/dia. Neste caso, três piquetes parecem ser suficientes. Para determinar o momento de trocar os animais de piquetes e assegurar uma alta produção por animal, deve-se considerar a altura mínima para pastejo, que é de 15 cm para a aveia e 10 cm para o azevém. A irrigação por infiltração deve ser feita também em rotação e sempre naquele piquete imediatamente desocupado. O objetivo de se fazer rotação, quando o sistema de irrigação for infiltração, é evitar que os animais pisoteiem a pastagem muito úmida, o que irá comprometer a disponibilidade de MS da mesma.

Embora o azevém seja uma forrageira de inverno, isso não significa, como muitos acreditam, que ele precise de frio para produzir forragem. A temperatura ideal para o crescimento do azevém é de 22°C, aproximadamente. Muito fora deste limite, a taxa de crescimento do azevém diminui durante o período de sua utilização (Figura 1). Se houver uma queda e temperatura por um período longo (média de 13°C durante quatro dias, por exemplo), o crescimento das plantas diminui e é necessário reduzir o número de vacas/ha ou o período de pastejo.

A seleção dos animais que terão acesso aos pastos de aveia e azevém deve ser cuidadosa. Como a aveia e o azevém fornecem forragens de excelente qualidade (18 — 20% de PB e 80 — 85% de digestibilidade), os animais, para responderem a essa dieta, precisam ter potencial produtivo. Estas forrageiras, quando pastejadas pelos mesmos animais durante 21 horas/dia, podem manter um rendimento

TABELA 3 — Dados econômicos referentes aos campos de aveia + azevém, montados em fazendas particulares pelo CNPGL.

Despesas	Unid.	Preço ¹ (Cr\$ 1,00)	Fazenda Vargem Alegre (3,0 ha)		Sítio Barreiro (5,5 ha)	
			Quant.	Custo	Quant.	Custo
Aração, gradagem, plantio e adubação:						
• Trator próprio	h	1.800	53,5	96.300	—	—
• Trator alugado	h	3.800	—	—	37,5	141.500
Sementes:						
• Aveia	kg	330	240	79.200	280	92.400
• Azevém	kg	500	48	2.400	56	28.000
Fertilizantes:						
• Uréia	kg	65	900	58.500	1.050	68.250
• Super simples	kg	46	1.140	52.440	1.350	61.800
Adubação manual:	h/d	1.000	3,9	3.900	4,6	4.600
Irrigação:	h/d	1.000	3,0	3.000	3,5	3.500
Total das despesas				315.740		400.430
Receita	Unid.	Preço (Cr\$ 1,00)	Quant.	Renda	Quant.	Renda
Leite vendido	l	98 ²	4.085	320.350	4.448	435.904
Leite vendido	l	129 ³	1.547	199.563	2.976	383.904
Leite vendido	l	137 ⁴	2.363	323.731	2.485	340.445
Total da receita			7.995	843.624	9.909	1.160.253
Receita — despesas				527.884		759.823

¹ Junho de 1983

² De 01/06 a 15/09

³ De 16/09 a 15/10

⁴ De 16/10 em diante.

aproximado de 28 kg de leite/vaca/dia, sem necessidade de outra fonte de alimento. A suplementação desses animais não beneficiará a sua produtividade, pois

simplesmente ocorrerá a substituição da forragem de alto valor nutritivo pelo concentrado. Entretanto, esta prática permitiria reduzir o consumo de forragem no pasto pelos animais e, consequentemente, aumentar a carga e a produção de leite por unidade de área, mantendo a produção por animal.

TABELA 2 — Sistemas de utilização de pastagens constituídas de aveia + azevém e resultados alcançados.

	Fazenda Vargem Alegre	Sítio Barreiro
Área utilizada (ha)	3,0	5,5
Número de piquetes	3	3
Rotação dos piquetes (dias)	7	7
Tipo de irrigação	por gravidade	por gravidade
Data de plantio	17 de maio	24 de junho
Início do pastejo	11 de julho	11 de agosto
Dias de utilização	90	86
Animais utilizados	10 (64 dias)	12,5
Tempo de pastejo por dia (horas):		
• na aveia + azevém	6	6
• entre ordenhas		
• na braquiária (à noite)	13	13
Suplementação com concentrado	0	0
Suplementação com volumoso no cocho	0	0
Leite vendido (litros)	7907	9909
Produção média/vaca/dia (kg):		
• com a nova tecnologia	7,6	9,6
• com a tecnologia antiga	5,5	9,1

TESTANDO A NOVA TECNOLOGIA

Com o objetivo de verificar os resultados dessa nova técnica, quando utilizada sob condições reais, o CNPGL realizou, em 1983, em dois testes em fazendas particulares.

FAZENDA VARGEM ALEGRE

Localiza-se no município de Três Corações, Sul de Minas Gerais, e é de propriedade do Sr. Oswaldo Alves Pereira. O teste lá realizado contou com o apoio de técnicos da EMATER-MG e da Assistência Nestlé aos Produtores de Leite (ANPL).

Em 1982, o Sr. Oswaldo recuperou 22,5 ha de baixadas, através do PROVAR-ZEAS, com o objetivo de utilizar essa área para produção de arroz, durante a época

das águas. Embora preocupado com a melhor forma de utilizar a área, durante a época da seca, esse produtor ainda não havia optado por nenhum tipo de ocupação da mesma nesse período. A proposta de testar a tecnologia gerada pelo CNPGL foi aceita, sendo essa a primeira forma de utilização daquela área após a recuperação pelo PROVARZEAS.

SÍTIO BARREIRO

É de propriedade do Sr. Mauro Pulling e está situado no município de Santo Antonio do Aventureiro, Zona da Mata de Minas Gerais, mais precisamente no Distrito de São Domingos. Essa região é grande produtora de arroz e as áreas utilizadas na época das águas, embora tenham condições de serem irrigadas, permanecem secas de abril a outubro.

O teste realizado no Sítio Barreiro teve também a colaboração de técnicos da EMATER-MG e da RURALMINAS, sediados em Além Paraíba-MG.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os dois proprietários, seguindo as orientações técnicas dos extensionistas colaboradores, adotaram a tecnologia proposta pelo CNPGL. A Tabela a seguir resume os sistemas utilizados e as produções alcançadas nas duas propriedades.

É importante lembrar que o atraso verificado no plantio, na Fazenda Vargem Alegre, foi devido à chegada tardia das sementes. Além disso, o excesso de chuvas ocorrido após o plantio (choveu 226 mm entre 28 de maio a 9 de junho) prejudicou o estabelecimento, atrasando a entrada dos animais em 10 dias, aproximadamente.

No caso do Sítio Barreiro, além do atraso das sementes, as chuvas persistentes não permitiram a entrada das máquinas para o preparo da área.

Embora o plantio tardio tenha reduzido o período de utilização, o leite vendido

justificou plenamente a utilização da técnica, conforme mostra a Tabela a seguir.

Das 53,5 horas de trator empregadas na Fazenda Vargem Alegre, 80% aproximadamente foram utilizadas nos processos de aração e gradagem. Isso se deve ao fato de ser uma área recém-preparada pelo PROVARZEAS. Como a área não havia sido utilizada anteriormente, foi necessário, além de fazer duas arações, movimentar o trator a uma velocidade abaixo da normal durante o preparo do terreno. Nos próximos plantios, porém, o tempo de utilização do trator possivelmente será menor, reduzindo, assim, as despesas.

Materiais extraídos do manual "Produção de Leite: aumente seus lucros comprando menos ração", elaborado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite — CNPGL, de Brasília.

IV

SEMANA NACIONAL DO CAVALO ÁRABE

de 01 a 09 de junho de 1985.

Grande Leilão Anglo-Árabe N.A.

Dia 01 de junho (sábado) 20:00 horas

XXV Leilão do Cavalo Puro Sangue Árabe

Dia 06 de junho (feriado) 14:00 horas

XXVI Leilão do Mestiço de Sangue Árabe e Anglo-Árabe

Dia 09 de junho (domingo) 14:00 horas

Local: Parque da Água Funda - São Paulo - SP



Organização e Informações:

REMATE

Rua Miello Palheta, 301, Tel. (011) 872-1722, Telex: (011) 23216, São Paulo, SP.

Ou você dá ou você mata o seu lucro.

A subnutrição ataca o rebanho de forma lenta e gradual. Até que um dia ela liquida com o seu lucro.

A causa você já sabe: as pastagens estão carentes de quase todos os nutrientes básicos. E só um suplemento mineral cientificamente balanceado pode compensar essa deficiência.

Sal Mineral Purina oferece a dose certa de macro e microelementos vitais para garantir: **reprodução de alto nível, maior ganho de peso, mais produtividade e menor tempo para o abate.**

É um produto testado e aprovado para a sua



Purina

**Sal Mineral
Purina
Bovinos**



MODO DE USO

SAL MINERAL PURINA OS deve ser administrado a livre acesso em cocho próprio, separado dos outros alimentos.

Dispensa a mistura com sal comum e a adição de qualquer outro mineral.

pastagem, com uma fórmula ideal para resolver cada problema. Quem garante é a maior experiência mundial em nutrição animal. Dê Sal Mineral Purina. Com ele o seu lucro cresce e se multiplica.

Consulte o seu Revendedor Purina ou entre em contato diretamente com o nosso escritório central.



Purina
Alimentos Ltda.

Av. Nações Unidas, 13.797
Bloco III - 18.º andar - Morumbi
Tel.: (PABX) 531-7755
CEP 04794 - São Paulo - SP

RECUAR NÃO DÁ MAIS — AVANÇAR É PRECISO

O que foi o primeiro Simpósio sobre gado de corte. Velocidade x inflação. Produtividade e Qualidade. Alimentação protegida. Confinamento. Utilização de volumoso. Eficiência alimentar. Novos Produtos.

O Brasil tem boas raças, bom clima e até razoáveis condições de saúde e higiene e um manejo satisfatório. Mesmo assim, nossa pecuária de corte só agora começa a dar os primeiros passos na escalada de uma atividade verdadeiramente desenvolvida, quando debate seriamente um dos seus aspectos mais fundamentais: a nutrição animal. No 1.º Simpósio de Gado de Corte, realizado em abril em São Paulo, ficou evidente que uma boa nutrição e técnicas modernas podem apagar marcas desabonadoras da nossa pecuária de corte, como por exemplo, a injustificável e cíclica performance da produção de carne na entressafra.

Pode o confinamento do gado representar o fim da entressafra na pecuária de corte? Tem fundamento a opinião de que "o boi para engordar só precisa de pasto"? Como desenvolver um bom programa de alimentação no confinamento?

Quais os efeitos de aditivos na ração para a produção de carne?

Mais do que simples questões, esses são alguns dos mais comuns e mais preocupantes problemas que enfrenta o pecuarista brasileiro, premido entre duas forças antagônicas e igualmente fustigantes: de um lado, os altos custos da atividade pecuária, com toda a carga de falta de uma política eficiente, sólida e duradoura de estímulos; do outro, o pobre consumidor brasileiro, de renda achatada e que nos últimos anos diminuiu sua ingestão de carne bovina de 22 para apenas 13 kg por pessoa por ano.

O que fazer? Esperar que as soluções caiam do céu azul da Nova República? Entre esperar e lamentar, o melhor é procurar soluções, através do debate e da discussão de novas idéias. E foi exatamente com esse objetivo que nos últimos dias do mês de abril passado mais de trezentos técnicos e pecuaristas de todo o Brasil reuniram-se no Hilton Hotel, em São Paulo, no 1.º Simpósio de Gado de Corte.

A patrocinadora do evento foi a Purina Alimentos Ltda., a maior fabricante brasileira e mundial de rações, com uma experiência de mais de 90 anos no setor, além de um currículo de praticamente ter iniciado no Brasil a moderna produção de rações, no fim da década de 60. Certamente interessada no assunto. Mas mais que interessada em vender ração, uma empresa preocupada efetivamente com a melhoria da produtividade brasileira, a pecuária, uma das mais baixas do mundo, apesar das nossas excelentes condições de terra e clima. E a causa principal é: baixa eficiência na nutrição animal.

Algumas das teses apresentadas no 1.º Simpósio de Gado de Corte não são novas: Confinamento, Suplementação de Pastagens, Mineralização — são assuntos que a cada dia ganham espaço na imprensa especializada, na própria televisão e, enfim, na consciência de boa parte dos criadores brasileiros. Novo, certamente, é essa verdadeira ânsia de participação, que

fez acorrer a São Paulo, no exato e ingrato dia do sepultamento do presidente eleito Tancredo Neves. E nova é essa atitude, essa curiosidade e essa esperança de novos tempos, de que dá mostras de querer definitivamente ingressar a pecuária brasileira. E que talvez resgate para sempre de seu obscuro desempenho um setor tão fundamental para o setor agrícola, a economia da nação e a própria população brasileira, hoje num incômodo patamar de ser uma das mais mal servidas no mundo inteiro em termos de proteína vermelha, a carne de boi.

VELOCIDADE X INFLAÇÃO

Um aspecto discutido e defendido pelos conferencistas do Simpósio patrocinado pela Purina Alimentos foi a redução do tempo de engorda dos rebanhos para combater o elevado nível da inflação brasileira e, assim, evitar a desvalorização do capital aplicado. Apesar da difícil situação atravessada pelos criadores, com a carne bovina sendo comercializada, para abate, a preços reais inferiores aos de seis meses atrás, a pecuária de corte apresenta boas perspectivas de desenvolvimento no Brasil, que segundo Flávio Teles de Menezes, Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), se caracteriza pela "vocalização pecuarista do país, a diversidade de produção decorrente da organização fundiária e a longa maturação da carne bovina, como investimento".

Com um crescimento geométrico da ordem de 3,43% ao ano e com grandes alterações na distribuição espacial dos efetivos bovinos, pode-se notar marcantes diferenças regionais de produtividade, produção e índices zootécnicos da nossa pecuária.

Para Flávio Teles, na região Sul, com o aumento do cultivo de soja, a população bovina passou a ser concentrada em espaços menores, o que resultou na elevação da produtividade. Com um menor espaço, o gado consome menos energia e o seu rendimento efetivo melhora. En-



quanto isso, a região Centro-Oeste, reunindo extensas áreas e preços acessíveis, passou na expressão de Teles a ser "o polo dinâmico da pecuária brasileira".

No que concerne à maior produtividade o presidente da SRB acredita que poderá ser obtida a curto prazo, por meio da adoção de técnicas mais avançadas de manejo e nutrição — onde se incluiriam a melhoria genética, o confinamento do gado, a suplementação de pastagens e a mineralização.

PRODUTIVIDADE E QUALIDADE

A partir da década de 70, com a criação de vários estímulos positivos para aporte de recursos creditícios e fiscais, algumas mudanças estruturais ocorreram, destacando-se entre elas o início de uma pecuária semiintensiva, a generalização na utilização de touros ou sêmen de qualidade superior. Entretanto, a questão sanitária ainda não mereceu a devida atenção por parte do governo e os pecuaristas vêm enfrentando dois grandes problemas: a febre aftosa e a brucelose — que prejudicam sobremaneira o desempenho dos animais.

Segundo o Dr. Edgar Leoni Caielli, Chefe da Seção de Avaliação de Plantas Forrageiras do Instituto de Zootecnia de São Paulo, e convidado da Purina para falar no 1.º Simpósio, a prática do confinamento "ainda não se reflete significativamente na produção brasileira de carne, cuja quase totalidade advém do gado a pasto". Devido ao "baixo valor nutritivo das forrageiras brasileiras", assinala o Prof. Caielli, "é preciso suplementar a alimentação através da mineralização das pastagens, a fim de que haja um balançamento das vitaminas necessárias ao animal".

Outro ponto abordado pelo pesquisador foi a análise do pasto. A diversidade de solo, obriga à realização de um grande

número de amostras, o que torna o seu custo bastante elevado, segundo Caielli. Isso desestimula o produtor devido aos mecanismos utilizados. "Recomendo, portanto, a mineralização como alternativa", conclui o Professor Caielli.

ALIMENTAÇÃO PROTEGIDA

A medida que o bezerro vai crescendo, a quantidade de leite fornecida pela vaca vai diminuindo e torna-se necessário suplementar sua alimentação. Com essa observação, Dean Hodge — uma das maiores autoridades mundiais em nutrição animal, diretor do Dept.º de Pesquisa da Purina nos EUA (40 mil animais/ano) —, inicia sua palestra. "Para suplementar a alimentação dos bezerros", diz o pesquisador norte-americano, "utiliza-se um sistema de comedouros, protegido das intempéries e com acesso vedado às vacas. O objetivo é levar os bezerros a um peso bem maior por ocasião do desmame. O comedouro deve ser colocado em boa altura e localização, assim como deve-se fazer inspeção e manutenção regularmente, evitando que fique vazio. A alimentação deve ser mantida fresca e palatável", diz Dean Hodge.

A alimentação protegida traz algumas vantagens: desmame precoce, bezerros com mais peso, rebanho mais uniforme, maior resistência às doenças, melhoria do índice de concepção da vaca e maior desenvolvimento dos bezerros em menor tempo, permite a comercialização mais rápida. E, portanto, um giro de capital mais lucrativo para o criador.

A média de idade dos bovinos que vão para abate, no Brasil, é muito elevada: 4 anos. Diante da necessidade do giro de capital mais rápido a adoção do desmame precoce, assim como a técnica do confinamento, representam alternativas que podem gerar uma rentabilidade extraordinária.



Simpósio de Gado de Corte

Confinamento - Mineralização
Suplementação - Forragens

CONFINAMENTO

Com a tendência de o custo da terra valorizar-se ano após ano, é necessário explorar ao máximo as áreas existentes. Nesse sentido, o confinamento é uma das práticas mais indicadas. Para confinar o gado, basta construir um piquete ou curral com cobertura ou alguma sombra, sem esquecer os cochos.

Os pontos mais importantes são: pré-condicionamento, piquetes e manejo. Mas, antes disso, lembra Dean Hodge, "é necessário uma boa administração, para que os resultados sejam os esperados".

Isso pode ser implantado quase que totalmente com recursos da própria fazenda, sem a necessidade de construções caras, nem equipamentos sofisticados".



Dr. Sergio Marcondes Cesar, gerente técnico de gado de corte da Purina.

Pré-condicionamento — a série de medidas que formam o pré-condicionamento tem como objetivo específico diminuir ao máximo as tensões, minimizando as perdas do criador na fase de desmame. Devem ser tomadas algumas providências como: manejar os bezerros com cuidado; castrar e descornar antes dos dois meses; desmamá-los 30 dias antes de serem confinados; iniciar a vacinação; verificar a existência de parasitas e tratá-los e reduzir as tensões.

Piquetes — para que os animais tenham um bom rendimento é necessário que a drenagem seja perfeita, com um declive de 3%. A capacidade ideal é para cem cabeças, e o alojamento deve ter os cochos instalados ao longo do corredor, para permitir o abastecimento do alimento por fora, com bebedouros com constante suprimento de água limpa e fresca.

Manejo — o pecuarista deverá se preocupar sempre em criar animais de qualidade, com bom potencial genético, evitar que a alimentação no cocho fique umedecida e remover periodicamente os excrementos de lama, poeira e esterco.

A duração do confinamento é variável, pois depende da idade dos animais, da raça, da região, etc., variando entre 90 e 120 dias.



Aspecto do simpósio.

1

Confinamento - Mineralização
Suplementação - Forragens

Simpósio de Gado de Corte



General Diego Branco Ribeiro representante da ABC toma café com convidados.

UTILIZAÇÃO DE VOLUMOSO

Um dos pontos importantes na alimentação do gado confinado é o cuidado com o volumoso, sua produção para épocas secas e, principalmente, a escolha daqueles que possuam maior valor nutritivo, conservação de energia e nutrientes.

Entre os volumosos mais aconselháveis podem-se citar a silagem de milho ou feno, silagem de sorgo, silagem de gramíneas tropicais e ponta de cana.

Para o Dr. Celso Boin, Professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, "é aconselhável a utilização de volumosos de maior valor nutritivo e não se deve misturar muitos produtos no volumoso".

Entretanto, continua o Prof. Boin, "no Brasil, devido à diversidade de pastagens e de volumosos, o mais indicado é o uso da silagem de milho, sem nenhum outro ingrediente, já que esse grão é o que apresenta valor nutritivo constante ao longo do período de armazenagem".

Segundo o Dr. Dean Hodge, "com a silagem de milho podemos produzir ração de excelente qualidade, entretanto, o milho deve ser colhido na fase inicial de secagem e não pode ser fibroso". Em relação à discutida utilização da uréia Dean Hodge recomenda ao pecuarista, cautela e prudência, pois o excesso pode interferir no desenvolvimento do bezerro.

EFICIÊNCIA ALIMENTAR

Segundo Sérgio Marcondes Cesar, Gerente de Desenvolvimento de Produtos para Gado de Corte, da Purina Alimentos, "a importância da utilização de aditivos na alimentação do gado a pasto é indiscutível, porque há um maior aproveitamento da forragem. Além de ser econômico, o aditivo proporciona ao animal uma melhoria da eficiência alimentar em torno de 11%, em período de tempo reduzido". Por outro lado, para o gado con-

finado, que já recebe uma alimentação balanceada, o efeito do aditivo **rumensin** — a base dos novos produtos que a Purina Alimentos está lançando no mercado para a linha de gado de corte — melhora a eficiência alimentar em 10%. Ou seja, "ingerindo menor volume de alimento, o rebanho obtém maior ganho de peso, proporcionando substancial economia ao criador em função do retorno mais rápido do capital investido", diz Marcondes.

NOVOS PRODUTOS

Por ocasião do Simpósio, do qual participaram cerca de trezentos pecuaristas e técnicos de todo o Brasil, a Purina Alimentos Ltda., apresentou sua nova linha de produtos para gado de corte.

Esses produtos, que utilizam o aditivo **rumensin**, são os concentrados **Confinamento 40 RM** e **Fatima 32 RM** para gado confinado; e as rações completas **Suplementina 20 RM** e **Suplementina 12 RM**, para gado a pasto. "Ao contrário de outros aditivos, o **rumensin** não oferece riscos à saúde humana", conforme explica o Dr. Rolo Sabino Osório Bryson, Gerente de Produtos da Purina Alimentos, acrescentando que seu efeito residual na carne do boi "é nulo".

O **Confinamento 40 RM** concentrado altamente protéico para alimentação de gado em confinamento, excelente fonte de proteína, minerais e vitaminas, deve ser utilizado na mistura de ingredientes energéticos, fibrosos e com boa fonte de volumoso. Possibilita melhora de 10% na eficiência alimentar.

A **Fatima 32 RM** é um nutrimento concentrado protéico com vitaminas e minerais para ser utilizado como fonte energética, não necessitando de outra fonte protéica quando utilizado na quantidade adequada. A eficiência alimentar dos animais confinados também melhora 10%.

Suplementina 20 RM — Este nutrimento protéico é recomendado para suplementação de gado de corte durante a seca. É necessário que haja disponibilidade de matéria seca para preencher as necessidades nutricionais do animal, aumentando o ganho de peso de um boi em pastejo em torno de 16%.

Suplementina 12 RM — Nutriente energético para uso em confinamento como fonte de energia, vitaminas e minerais, deve ser utilizado com volumoso de boa qualidade, contendo **rumensin** que poderá aumentar em 10% a conversão alimentar dos bovinos confinados, tornando-se assim mais econômico por kg de ganho de peso.

Além destes novos produtos, a Purina Alimentos apresentou também, nos salões do Hilton Hotel em São Paulo, "Sup-R-Block" um produto de altíssimo desempenho — em forma de bloco —, que tem como vantagens a economia de tempo e de distribuição, pois pode ficar exposto às intempéries sem o risco de deterioração,

conforme declarações de Dean Hodge. Mas este produto só está sendo lançado por enquanto, nos EUA.

BOAS PERSPECTIVAS

A melhoria genética e nutricional, o aumento dos investimentos na pecuária de corte, a expansão na área dos cerrados, a modernização das fazendas, tudo isso — conforme ficou evidenciado nos debates do Simpósio — já levou o Brasil à condição de segundo maior exportador mundial de carne bovina.

"A permanência do país na exportação de carne", defende Flávio Teles "é uma verdadeira necessidade, e esse volume pode ser mantido ou até ampliado. Entretanto, enfrentamos o problema da importação subsidiada, que poderá destruir a pecuária brasileira se algumas medidas não forem adotadas urgentemente".

Mas se problemas conjunturais como esse certamente deram a tônica emocional do 1.º Simpósio de Gado de Corte, os aspectos mais técnicos da pecuária de corte nacional atraíram e envolveram a maioria dos criadores e zootecnistas que compareceram ao evento patrocinado pela Purina Alimentos. Entre essas medidas, que podem alavancar a pecuária brasileira definitivamente para o alto, está a sugerida pelo pesquisador Dean Hodge (que veio dos EUA especialmente para o conclave), que prevê a introdução de parâmetros de qualidade na comercialização da carcaça. A base da sugestão do técnico é que se pague o boi não apenas pelo peso total, mas avaliando-se o animal com base na proporção efetiva de carne, excluindo-se, por exemplo, os ossos, o sebo, a gordura.

Como sugere Sérgio Marcondes, "em vez de se abater o boi com 500 kg de peso, aos quatro anos, dever-se-ia procurar o abate aos 24 meses, com cerca de 450 kg. O animal fica dois anos a menos "comendo" os lucros do criador, e o consumidor final teria carne muito mais macia, saborosa, nutritiva e... a um custo menor, porque produzida com muito maior eficiência econômica".





BÚFALOS

RAÇAS

— As mais difundidas no Brasil são: Jafarabadi, Murrah, Carabao e Mediterrâneo.

OS JAFARABADI

Os Jafarabadi da floresta de Gir ou de aldeias da Palitana são menores e compactos, enquanto os criados pelos antigos Marajás são enormes e exigentes em alimentação. Percebe-se pelos búfalos brasileiros que a primeira importação, de Antenor Machado de Azevedo e outro (1918/1920), era de búfalos Jafarabadi relativamente pequenos, comparados com os gigantes importados por Torres Homem Rodrigues da Cunha (1962). Os Jafarabadi trazidos nessa mesma época pelos pecuaristas Rubico de Carvalho e Nenê Costa, por sua vez, têm características distintas dos dois tipos referidos e é o búfalo predominante na região de Tietê, SP.

Na raça Jafarabadi ocorre o gigantismo da mesma forma como poderia haver ocorrência de indivíduos anões. O objetivo é a criação do animal Jafarabadi nas suas características normais, melhorando-os se possível com os caracteres genótipos dos gigantes, que poderiam ser denominados de "hiper-búfalos", assim como têm denominação própria na Índia. O tipo Jafarabadi existente nas aldeias, chamado de "Gir-búfalo". Deve-se, portanto, ficar alerta para não se confundir o padrão que deve ser normal nessa raça com as características dos indivíduos gigantes. Eles provêm da mesma região do gado Gir da Índia.

Os Jafarabadi, enquadrados nos padrões médios e normais da espécie, são os maiores ganhadores de peso entre os bubalinos, com excepcional velocidade.

OS MURRAH

Também com os Murrah aconteceu a importação de animais diferenciados, não quanto ao tamanho, mas em relação a determinadas características. Em 1962, os pecuaristas Celso Garcia Cid e Torres Homem Rodrigues da Cunha importaram Murrah, datando daí sua introdução no Brasil. Verifica-se, pelas características do atual rebanho brasileiro dessa espécie, que vieram alguns animais de sangue Nili-Ravi pois, na sua descendência, ocorrem animais com pequenas manchas brancas, típicas dessa variedade, enquanto os Murrah propriamente ditos são inteiramente pretos. Na Índia é chamada também de DELHI.

O Murrah é raça de grande produtividade, apresentando também grande velocidade em ganho de peso e excelente produção de leite. Há, atualmente, evidente tendência para introdução do seu sangue nos rebanhos Mediterrâneo e Carabao. Embora menos numerosos que as demais raças, estão, neste momento, liderando o número de novas inscrições no Registro Genealógico da ABCB, seguidos de perto pelos Jafarabadi. Tal fato pode indicar que a tendência dos criadores é introduzir esses dois tipos de sangue nas demais raças de búfalos existentes no Brasil. Esta raça é a melhor produtora de leite e manteiga.

OS CARABAO E MEDITERRÂNEOS

Os Carabao foram os primeiros búfalos introduzidos no Brasil, na região Norte, formando com os Mediterrâneos, por enquanto, as raças mais numerosas no nosso País. A maioria, entretanto, está em processo de miscigenação com as outras raças, visando o desejado aprimoramento econômico, do que vai decorrer, certamente, um produto melhor e de características próprias.

Hoje existem poucos exemplares Carabao puros na região Norte, pois a raça já foi praticamente absorvida pelos animais pretos (Jafarabadi, Murrah e Mediterrâneo).

Esses animais devem ser considerados de acordo com suas características próprias, genótipos e fenótipos, dentro da realidade brasileira. Não podem ser confundidos com mestiços, principalmente os decorrentes do cruzamento de Jafarabadi com Murrah (1/2 sangue).

O Mediterrâneo, como raça fixada e definida, é procedente da Itália e também encontrado em outros países que margeiam o Mar Mediterrâneo, o que lhe valeu a denominação dada pelo zootecnista Alberto Alves Santiago e adotada pela própria FAO.

Existem no mundo pouco mais de uma dezena de raças de búfalos ou bubalinos (*Bubalus bubalis*), mas as quatro raças citadas são as existentes no Brasil.

Os búfalos são de origem asiática e africana, mas são conhecidos e utilizados em muitos países.





BUFALOS BRASILEIROS, COM CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS

Os pecuaristas criam búfalos Jafarabadi, Murrah, Mediterrâneo e mestiços, com excelentes índices de carne, leite e preço. O tipo Jafarabadi se caracteriza pela cabeça menor que o Jafarabadi da Índia (mais leve e pernas mais curtas).

Da mesma forma são ótimos os rendimentos do tipo Murrah. Os Mediterrâneos são rústicos e precoces.

Os búfalos do Brasil, de todas as raças já começaram a obter características próprias que os diferenciam dos tipos indianos, como ocorre com alguns zebuínos, que já são bem diferenciados dos seus ancestrais indianos. Já existem búfalos Murrah que, pelo porte, se assemelham a algumas linhagens de Jafarabadi, assim como Jafarabadi que se igualam ao Murrah na produção de leite. Há quem os denomine pitorescamente de "Murrah com chifres para baixo", assim como muitos Murrah brasileiros podem ser considerados como "Jafarabadi com chifres para cima".

Estamos em um processo benéfico de mutação, para melhor, do rebanho brasileiro, no qual, há muito, ocorre miscigenação das várias raças importadas, em muitos casos de linhagens diferentes de uma mesma espécie.

A grande maioria dos búfalos brasileiros tidos como puros, estão na faixa de 3/4 e 7/8 de sangue. São poucos os plantéis puros, principalmente se se considerar os da mesma espécie. É que no grupo dos Murrah existem várias linhagens, assim como os Jafarabadi apresentam, na Índia, grandes variações no porte, ossatura, cabeça, etc., diferenciações que também ocorrem no Brasil.

BUFALOS NACIONAIS

Os tipos de Jafarabadi PGI de grande porte, embora não sejam precoces para o abate, têm dado, nos últimos 16 anos, inestimável contribuição no aumento do porte dos búfalos nacionais, permitindo às denominadas vacas nacionais o aumento da carcaça. Estas são originárias de importação de matrizes Jafarabadi, Mediterrâneo e uma Murrah, efetuada a partir de 1918/1920 que proliferaram no País sem maiores cuidados genéticos ou interesse econômico dos pecuaristas. Só tal circunstância permite ao búfalo demonstrar, ao longo de todos esses anos, suas reais características de rusticidade, resistência, longevidade, fertilidade e precocidade.

BOM RENDIMENTO ECONÔMICO DE TODAS AS RAÇAS

Qualquer que seja o tipo de búfalo, ou mesmo o mestiço, há possibilidade de bom rendimento econômico e de perspectivas de aprimoramento. Os búfalos vêm sendo estudados de 25 anos para cá, segundo dados da FAO. No Brasil a pesquisa é muito mais recente. Não se pode nem se deve estabelecer prevalência de qualquer raça, principalmente quando possa ela ser a menos numerosa. O mais importante é utilizar todas as matrizes para permitir o rápido desenvolvimento da bubalinocultura.

A I Exposição Especializada em Búfalos, de Esteio, RS, realizada em março do ano passado, mostrou número reduzido de Jafarabadi, número menor ainda de Murrah e uma grande maioria de Mediterrâneo e mestiço, animais saudáveis, de bom porte e capazes de bons rendimentos econômicos. Os mestiços têm elevada participação de sangue Jafarabadi, bem como os Mediterrâneo, e foram lá indevidamente considerados como Murrah. Segundo noticiário da imprensa local, houve alguns equívocos provenientes em razão das saídas dos chifres dos animais. Muitos búfalos aparentemente serem Murrah tinham participação de sangue Jafarabadi já que seus chifres saíam para baixo ao invés de se recurvarem para cima. O mesmo ocorreu com vários animais Mediterrâneo.

Na Exposição de Araçatuba, SP (Expobúfalo — Nacional 79), foram leiloados como Murrah alguns espécimes com predominância de características do Mediterrâneo. O certo é que nenhum búfalo precisa mudar de raça para ser valioso e de interesse para a bubalinocultura. Os Mediterrâneo e os mestiços são precoces e excelentes produtores de carne e leite. Os Jafarabadi, além de excepcionais produtores de carne, apresentam bom rendimento leiteiro e os Murrah, quando sejam excelentes produtores de leite, ainda podem apresentar bom rendimento de carne. O principal fator para se chegar à aptidão desejada é a seleção que se faça. "Parece ser melhor a obtenção de carne e leite simultaneamente" diz um grande criador nacional de búfalos.

BOA QUALIDADE É IMPORTANTE

Na opinião de Nelson Baeta Neves, seria desejável que todos os criadores prestigiassem a ABCB que vem, em convênio com o Ministério da Agricultura e em âmbito nacional, divulgando a espécie e fomentando seu aprimoramento genético. "É preciso que se deixe de considerar todos os búfalos como uma coisa só, diz o pecuarista. Assim como há diversas raças e tipos, há indivíduos de ótimos a maus dentro da escala de qualidade, quer quanto ao valor econômico dos animais, quer quanto ao seu comportamento, levando-se em conta as tendências hereditárias.

Os novos criadores poderiam partir de animais selecionados, ganhando, assim, um tempo inestimável na conceituação da criação e na rápida obtenção dos resultados desejados. Ainda há quem adquira quaisquer búfalos, desde que o preço seja conveniente. Isto seria válido quando se objetiva apenas preparo do gado para abate, mas não para reprodução.

Quanto ao valor das diversas raças bubalinas, deve-se considerá-las face à realidade brasileira. Para nossa pecuária todas são boas,



ressalvando-se, os animais de baixo rendimento.

A pecuária bubalina não se fará apenas de animais de elite. Estes serão sempre necessários, mas em número reduzido, já que o objetivo maior é o bom rendimento econômico. Só compete ao criador a opção pelo tipo que mais lhe agrade. Não há tipo superior a outro. Se o é em alguns aspectos, não o é em outro. Os mestiços, beneficiados pelo choque de sangue, apresentam bom rendimento em carne e leite e grande velocidade de crescimento. Igual velocidade de crescimento tem os Murrah, os Jafarabadi e os Mediterrâneo.

Na Europa, os búfalos estão consumindo alfafa, trevo, grãos e demais alimentações próprias dos taurinos e, portanto, perdendo sua principal característica, a rusticidade. A esse respeito é conveniente registrar relato de Pablo Moser Guerra, presidente da Criadora de Búfalos — CA, da Venezuela, que importou animais da Bulgária em 1978. Estes ainda não se adaptaram às condições daquele País. Deve-se ter cuidado, pois, em adotar padrões alienígenas para a pecuária brasileira.

Na realidade indiana, onde os animais mais produtivos em leite, menores e menos exigentes em alimentação são os mais reputados, é desenvolvida, com preferência, a raça bubalina Surti, leiteira e menor.

BOA E PROMISSORA OPÇÃO PARA O BRASIL

Face a sua grande adaptabilidade, o búfalo se desenvolve bem nas mais variadas condições de clima, solo e alimentação. Estes animais utilizam satisfatoriamente áreas secas como o planalto central da Índia ou alagadiças como a Ilha de Marajó. Apresenta boa produtividade em zonas férteis ou não, vivendo igualmente bem no clima tórrido como o da Malásia, ou nos temperados, como na Europa, em altitudes que vão do nível do mar até mais de 2.500 m, como Cashmir e Nepal. O búfalo vive e produz bem em terras baixas e ou em várzeas compostas de terras fracas, ácidas e com baixo teor de fósforo. Áreas estas que compõem grande parte do território do Brasil. Assim, o búfalo surge como nova e promissora opção, por ser um extraordinário conversor de alimentação pobre em carne e leite. Evidentemente, como qualquer outro animal, tem melhor desempenho em terras boas, quando recebe alimentação farta e rica em nutrientes. Entretanto, ele é insuperável ao enfrentar situações adversas.

Em confinamento ou semiconfinamento, os búfalos apresentam ótimos rendimentos com alimentação até mesmo imprópria para bovinos, como pimenta de cana após a queima, tala e folha de bananeira, taboa, piri, etc. após passarem por uma picadeira.

CRIAÇÃO DE BÚFALOS

Características — Os búfalos vivem bem em pastos providos de cursos d'água ou de tanque; este não é essencial, pois basta um beirão ou banhado onde os animais apreciam se banhar, mesmo porque é um meio de combater naturalmente os seus pulhais.

O processo criatório é o extensivo, em regime de campo e os cuidados dispensados são bastante restritos.

O reprodutor permanece solto com o rebanho o ano todo.

O búfalo tem excepcional capacidade para aproveitar alimentos grosseiros, desenvolvendo-se bem em regiões impróprias para bovinos. Sua produtividade, porém, está correlacionada com quantidade e qualidade dos alimentos que lhes são supridos.

Adotam-se regimes intensivos de criação nas explorações leiteiras, com cobertura controlada (Itália).

O comportamento dos bubalinos difere daquele dos bovinos. À medida em que os criadores se tornam capazes de compreendê-los e respeitá-los, mais sucesso terão no empreendimento. Assim é que, por exemplo, se uma búfala enjota sua cria após o parto, se invés de se insistir exageradamente com a búfala mãe, mais indicado é envolver rapidamente o bezerro em outra búfala do plantel. Esta tarefa é facilitada pelo fato de existirem muitas búfalas que se prestam pacificamente para isso. A ocorrência desses fatos — não muito raros — pode ser evitada deixando-se a cria solta com a mãe no pasto, durante os primeiros 6 ou 8 dias de vida, antes que iniciemos o período de ordenha diária. Logicamente, deve-se eliminar as mães más criadeiras do rebanho.

A agressividade não é característica da espécie. O animal predador ou fujão é exceção e antes que sirva de monitor para o rebanho, deve ser controlado ou eliminado.

Também deve ser destacado que as búfalas são animais que se habituam rapidamente com um manejo, tornando-se mansas e dóceis, além de fiéis ao sistema. Se uma delas, por exemplo, vem sendo ordenhada há meses num determinado lugar do estábulo, recusa-se a dar leite em outro local. Embora quando características e tendências do seu antepassado selvagem, a búfala fica extremamente mansa quando adequadamente manejada. Não são varadores de corra.

REPRODUÇÃO

Os búfalos são longevos e é comum encontrarem-se animais em produção com idade superior a 20 anos.

Os bubalinos atingem a maturidade sexual mais tarde que os zebrinos.

As fêmeas iniciam-se na produção com 24/26 meses de idade e os machos com 2,5 anos.

Nas fazendas citadas as novilhas permanecem separadas dos machos até 2 anos e dão cria ao completarem 3 anos aproximadamente.

As búfalas permanecem com seus bezerrinhos no pasto até o final de novembro, quando

são então desmamados, a fim de propiciar um descanso às mães antes do próximo parto.

Poucas horas após o nascimento os bezerrinhos já estão em condições de acompanhar o deslocamento do rebanho no pastoreio, aprendendo cedo a fazer o aproveitamento das forrageiras no pasto.

O período de gestação da búfala é de cerca de 10 meses a meio, praticamente um mês mais longo que o dos bovinos. Normalmente produz uma cria por ano. É frequente búfalas que tenham gerado 16 ou mais crias durante sua vida.

Deve-se também considerar a possibilidade de as búfalas darem cria dentro d'água, ocasionando a morte por afogamento do recém-nascido. Para evitar este mal, as búfalas moendo devem ficar em um pasto onde não exista tanque ou represa profunda, ou serem levadas para próximas de seus currais, não só para evitar o afogamento dos recém-nascidos como para melhor observação.

Os bezerrinhos, quando novos, também têm necessidade de administração de vermífugos e pulverizações sistêmicas, bem como de outros cuidados sanitários.

PARIÇÃO

Uma das principais características positivas das búfalas é sua extraordinária regularidade nas parições. Comparando-se todos os intervalos interpartos encontram-se 376 dias para um período de 7 anos e 101 parições numa determinada fazenda do município de Tietê e de 387 dias sobre 155 parições, com um coeficiente de variação de 22 dias para outra criação no município de Flórida Paulista.

A idade das primíparas situou-se entre 2 e 4 anos com predominância de 3 anos em ambas as fazendas.

A porcentagem de nascimento, em 7 anos, foi de 101 para 103 fêmeas, ou seja, 98% no caso de Tietê, com predominância de machos (60) sobre as fêmeas (41).

Na fazenda de Flórida Paulista, segundo Tundisi que analisou a questão de fertilidade durante um período de 6 anos, as taxas de parição variaram de um mínimo de 76,1% em 1967 para um máximo de 100% em 1965. A média para os 6 anos analisados foi de 85,5%, abrangendo um rebanho de 111 búfalas. De 1964 a 1969, constatou-se que 249 ventres produziram 213 bezerrinhos, evidenciando a alta fertilidade e a regularidade das parições.

O peso dos bezerrinhos ao nascer é de 35 a 40 kg (média de 38,03 kg), sendo que as fêmeas apresentam peso ligeiramente superior ao dos machos: 38,9 contra 38,2 kg.

Aos trinta dias pesam 50 kg e aos 60 dias 70 a 80 kg.

Distribuição dos Nascimento — A búfala é um animal poliestríco sazonal, querendo, como tal, apresentar o cio em determinada época do ano, acumulando as parições em um curto espaço de ano. Numa das fazendas observou-se que os nascimentos se iniciavam no final de dezembro, prolongando-se até maio (Tietê). Em Flórida Paulista 63,4% dos nascimentos manifestaram-se no 1.º trimestre do ano, enquanto 28,1% se deram no 2.º trimestre. Constatou-se, pois, que 91,5% dos nascimentos ocorrem no 1.º semestre e apenas 8,5% no segundo.

DIRETRIZES BÁSICAS DA REPRODUÇÃO NA FAZENDA CAPINZAL

Com relação às coberturas, normalmente há um lote de reprodutoras criadas juntas, que podem ser colocadas para cobertura das fêmeas também juntas. Tal providência permite manter diversos lotes de 150 fêmeas, cada uma delas acompanhadas de, em média, 5 reprodutores. Estas vão coexistir, sem ocorrência de lutas, até completarem 4 anos aproximadamente, quando então poderão ocorrer as primeiras brigas, retirando-se do grupo o macho que quer assumir a liderança. A separação deve ocorrer até os 5 anos aproximadamente. Este é o modo de se criar vários reprodutores juntos para o seu manejo de forma racionalizada, pois seria difícil separar todo o gado em lotes de 40 ou 50 fêmeas e um reprodutor, o que exigiria sua colocação em piquetes bastante distanciados, desde que apenas e cerca não resolveria o problema, salvo quando houvesse separação visual.

Além de alguns grupos de búfalas, mantidas apartadas com reprodutor, em regime de pasto, deixam-se alguns machos presos nos currais, recebendo as fêmeas que possuem fechorias para cobertura noturna. Tudo é feito visando a obtenção do máximo de fecundação.

Para melhor rendimento dos reprodutores, eles não devem ser molestados nem perturbados uns pelos outros.

A gestação ocorre em 10 meses e 15 dias e os eventos incluem-se, na maioria dos casos, 45 dias após a parição, o que permite nascimentos no prazo de até 12 meses, ou seja, a fêmea parir no mesmo dia e mês do ano anterior. O intervalo entre partos é, em média, de 13 meses e 15 dias. Entretanto, há várias ocorrências de coberturas efetuadas no primeiro mês após a parição, que pode ocorrer aos 30 dias e, muitas vezes, silenciosamente, dando como consequência alguns nascimentos com intervalos inferiores a 12 meses.

Quando as parições ocorrem no 2.º semestre do ano, entre julho e novembro, tendem a propiciar intervalos maiores, devendo, portanto, serem manejadas as fêmeas e os reprodutores, de forma a antecipar, ao máximo, a época das parições, podendo iniciar-se, anualmente, a partir de dezembro.

O CONTROLE DAS MATRIZES E CRIAS

O controle de nascimento é mantido com todo o rigor pela Fazenda Barra do Capinzal.

As fêmeas são fichadas, identificadas com brinços e com números na perna e, quando necessário, também no chifre.

Além, todo o rebanho é mantido sob controle, através de fichas individuais, quer sejam animais registrados ou não.

Quando do nascimento, as crias recebem brinços menores com o mesmo número da mãe e tatuagem na orelha esquerda quando são controlados no HERD-BOOK da ABCB, deixando o lado direito para uso da própria Associação.

Os animais de alto têm seu peso controlado ao nascer e aos 30, 60, 90 e 180 dias, aos desmamar e com 12 meses. Lú em diário se controle de 6 em 6 meses.

CUIDADOS COM AS CRIAS

Antes de parir as fêmeas são colocadas próximas aos seus currais ou em piquetes sem tanques. Após a parição é recomendável aplicar vacina antipneumônica e desinfetar o umbigo. É essencial proceder a vermifugação que deve ser iniciada aos 30 dias. Esta deve ser via oral com um vermífugo à base de piperazina (por ser mais branda). A segunda dose, com o mesmo medicamento, é feita no segundo mês. No terceiro mês já se pode fazer a vermifugação via injetável (tetramisol ou levamisole) sub cutânea. É recomendável continuar a vermifugação, com intervalo, de 30 dias, até o desmame (8 a 10 meses). Daí para frente cada 6 meses.

Assim procedendo os bezerros se desenvolvem bem mais rapidamente e reduz-se a mortalidade e praticamente zero. Ainda que seja rara a mortalidade após o desmame, ela pode ocorrer a taxas elevadas se esses cuidados não forem dispensados aos animais jovens, recém-nascidos, apesar da sua grande rusticidade. Nos jovens os principais problemas são: as verminoses, a rejeição da mãe e o nascimento dentro da água. Isolando-se as búfalas mojando em pastos sem tanques ou represas e deixando-se o recém-nascido com a mãe no pasto por uma semana, eliminam-se as duas últimas causas de perdas. A administração de vermífugos controla o primeiro problema citado. Assim as perdas ficam quase nulas.

MANEJO DOS BEZERROS

A tatuagem do bezerro na orelha com o número da mãe permite a sua identificação aos 2 anos de idade. Ao atingir esta idade os animais recebem a numeração, a fogo, no chifre. A numeração deve ser em ordem crescente. Ambos os números, na orelha e no chifre, auxiliam o tratador no momento da ordenha, em caso de dúvida. Este sistema de marcação — orelha e chifre — tem se mostrado eficiente e apresenta vantagens sobre a marcação a fogo sobre a pele do animal, ou pelo uso de brinços.

Os bezerros permanecem com a mãe os primeiros 6 dias. Em seguida a búfala é levada diariamente para a ordenha, e a separação dos bezerros ocorre às 15 horas, no caso da produção de leite.

Como os pastos se concentram no 1.º trimestre, os bezerros são desmamados, na maioria, em fins de novembro.

A mortalidade dos bezerros até a desmama, inclusive por acidente, é de 2 a 3%, quando se toma as precauções e medidas acima recomendadas.

SANIDADE E MORTALIDADE

Os bubalinos são bastante sadios. As fêmeas dificilmente sofrem de mastite. A aftosa se manifesta de forma branda, sem maiores consequências, notando-se que, com a idade, se tornam praticamente imunes a essa virose. São bastante resistentes a males de ordem genética. Para as mesmas áreas e em semelhantes condições de criação, as perdas entre os bubalinos é inferior à aquelas ocorridas com os zebuínos.

Brucelose — As fêmeas devem ser vacinadas de 4 a 6 meses de idade.

Raiva — Nas regiões onde existem os morcegos hematófagos como no Vale do Ribeira, deve-se vacinar anualmente os animais.

Cerato conjuntivite infecciosa — Produzida pelo germe *Moraxella* pode ocorrer. Neste caso recorrer a Seção de Bacteriologia do Instituto Biológico para controlar a mesma no rebanho.

Quanto às doenças, grande parte mencionadas por W. Ross Cockrill no livro publicado pela FAO, têm no Brasil, apenas interesse científico, já que são irrelevantes em nosso meio, pois não foram "importadas" das regiões de origem.

As doenças incidentes ou que, eventualmente, possam vir a acometer os animais, são em número reduzido entre nós, quer pela excepcional resistência dos búfalos, quer pelas medidas profiláticas adotadas rotineiramente.

Há, no entanto, a maior atenção com os cuidados sanitários.

Cuidados sanitários — Observa-se que os carrapatos praticamente não atacam búfalos e que os bernes são de ínfima ocorrência, atacando-os raramente em partes mais vulneráveis, como pálpebras e interior das orelhas.

Os piolhos são de ocorrência normal, fazendo-se sistematicamente o combate, através de pulverização.

INFRA-ESTRUTURA PARA CRIAÇÃO

O manejo além de levar em conta as características do búfalo, deve ser planejado em função do meio ambiente. O ciclo do manejo compreende: monta, gestação, parição, cuidados com a cria e a criação.

Considerando que cerca de 40% da alimentação dos búfalos é constituída de folhas, ramos e várias vegetações naturais não aceitas pelos bovinos, é recomendável manter os pastos relativamente sujos para que os animais encontrem nessa vegetação parte da sua alimentação natural. É evidente que esses animais não podem se nutrir somente de capoeiras. Portanto é necessário oferecer aos mesmos forrageiras: pastos de gramíneas ou gramíneas e leguminosas, além de suprir, havendo deficiências, sais minerais. Apesar da sua rusticidade, ocorrendo carências nutricionais seu ganho de peso decresce e a fertilidade reduz-se bastante e as fêmeas podem abortar.

Agudes, tanques e alegados são necessários nos pastos, para permitir aos búfalos a necessária hidratação, além de proteção contra raios solares e equilíbrio térmico. As cercas normais da divisa são de 4 fios e as internas, de divisa de pastos, de 3 fios. Mas usam apenas 2 fios quando aproveitam valas para melhor separação dos pastos, cercando-as dos dois lados e deixando a vegetação crescer entre as cercas para evitar o encontro dos mechos.

De forma geral, a divisão dos pastos é feita de molde a estabelecer, quando possível, divisas naturais entre os piquetes e vedação visual, para que os reprodutores não tenham possibilidade de se defrontar junto à cerca e promover disputa pelas fêmeas. Pode-se implantar "piquetes-escola" eletrificados, próximos aos currais, para a educação dos búfalos no respeito às cercas. Nesse caso poucos animais precisam de ser reeducados. Basta Neves relata que em sua fazenda todas as várzeas foram valadas e, surpreendentemente, os búfalos passaram a respeitar as valas, não ocorrendo caso de serem elas transformadas em barreiros ou de sua destruição. Sobre elas foram feitas pastagens com madeira para a circulação de animais, que delas se uti-

lizam já há alguns anos, obedecendo esses os minhos. Assim sendo, foi drenada a maioria das várzeas. Enquanto os búfalos de planície (Carabao), normalmente ficam nos alagados, os búfalos de rio só por falta de comida vão buscá-la nessas locais, chegando, entretanto, quando há falta de alimentação, a pastar a vegetação que se encontra sob as águas.

CURRAIS E PASTOS — Na fazenda Barra do Capinzal (Vale do Ribeira), para fazer um manejo mais conveniente foram construídos currais de manejo completo, com troncos cuja largura no solo é de 60 cm e 1,30 m da parte superior. Considerando que os búfalos não saltam, a altura dos currais, bem como das cercas, não necessita ser elevada, podendo-se adotar a altura usual para bovinos ou até mais baixa. Construiu-se também "bezerreiros" elevados, com chão ripado de madeira para evitar o contato das crias com o solo. Como já se falou, foi estabelecido rodízio alternado do gado nas terras altas e baixas (várzeas). No período de enchentes, época favorável ao pasto das terras altas, o gado é alternado nos piquetes. Após as chuvas, quando as várzeas apresentam segurança, o gado desce.

Constatou-se que, para cada hectare de várzea, há necessidade de, no mínimo, 2 ha de terras mais altas, menos férteis na região, para alimentar o rebanho no momento mais favorável para seu aproveitamento, que é o da verão, com precipitações pluviométricas mais intensas, ensolação maior e calor mais adequado para o desenvolvimento das pastagens. Nos demais períodos, o gado é deslocado para as várzeas, de fertilidade maior, dando margem à recuperação das partes mais elevadas.

Nessa fazenda, cuidou-se inicialmente, de formar os pastos, partindo-se de capins nativos: o angola (denominado na região como "capim nobre") e o angolinha, nas várzeas. O cetary Kazungula, que tem no Vale o nome vulgar de "rabo de cachorro", foi colocado também nas várzeas, apresentando rendimento muito superior às espécies nativas. Em pequenos locais de maior umidade, plantou-se a *brachiaria tanner grass* e alguma *canarana erecta lisa*.

A Barra do Capinzal é atravessada por 2 rios, o Jacupiranga e o Capinzal. As várzeas margeiam cerca de 15 km o lado esquerdo do rio Jacupiranga e cerca de 5 km em ambos os lados do rio Capinzal. As margens do rio Jacupiranga foram fechadas em toda sua extensão, para evitar que os búfalos as atravessassem ou pudessem, eventualmente, acompanhar o seu leito.

Nas áreas mais altas, foram plantadas através de mudas, as *brachiarias decumbens* e *humidicola*, sendo que esta última está sendo plantada também em várzeas secas.

No Brasil são vários os confinamentos existentes que apresentam excepcionais rendimentos. A hidratação do couro é feita, também através de chuveiros instalados nos próprios locais ou em açudes ou lagoas, localizadas nos piquetes existentes nas proximidades dos currais, para onde os búfalos são levados uma vez ao dia.

Eduardo Aziz Haik, em Andradina, SP, mantém em confinamento 380 reses em propriedade de 36 alqueires. A instalação dispõe de 336 m de cochos para alimentação, cobertos com uma única água por telha de cimento-amianto com 4,20 m de largura, compreendendo 1.411 m² de área coberta em 6.720 m² de área total do confinamento, onde se inclui

a divisão de 12 currais de 28 m x 20 m. Para alimentação, foram plantados 20 alqueires de napier. Os 5 empregados existentes participam da ordenha matinal. Após isso, o trabalho é subdividido: 2 empregados trabalham com trator, Tarup e carrete descarregadeira, 2 juntam esterco; e um fica encarregado de transportar o leite e levar os animais ao banho nos agudes.

Wagner e Wilson Marquesi, de Sertãozinho, SP, já estão com 700 matrizes, contando apenas com a cana, depois que essa é queimada para ir à usina. Até hoje não se registrou caso de empenzimento ou intoxicação pelas cinzas das plantas queimadas. O mesmo não acontece com gado bovino. Em experiência realizada no mesmo local, houve grandes baixas, por causa da toxicidade verificada após a queima da cana.

Francisco Sylvio Matzoni mantém há alguns anos seus búfalos em confinamento, no mesmo sistema, em Moisés e Lins, SP, próximo às suas Usinas de Açúcar e Alcool. São de sua propriedade os 10 murras que participaram das provas de ganho de peso em Botucatu, SP, com excelente desempenho.

O mesmo está fazendo Maria Vieira junto à sua Usina de Açúcar, em Alfenas, MG. Além de engordar os búfalos, está colhendo todo o chorume para aplicá-lo em suas lavouras de café, que apresenta excepcional produção.

Na Fazenda Barra do Capinzal, já se experimentou alimentação usando taboa e piri, bem como talo e folha de bananeira, tudo passado no picadeira.

PRODUÇÃO DE LEITE — Na fazenda Barra do Capinzal a meta é conseguir das fêmeas, da segunda parição em diante, uma produção média de 4 a 5 litros/dia de leite em uma ordenha diária, no regime de pasto normal, reservando duas tetas para as crias.

O período de lactação é de cerca de 300 dias, ocorrendo a maior produção exatamente no período de entressafra da produção leiteira do bovino, pois a parição da búfala se verifica predominantemente até abril de cada ano e a desmama de cada cria, ocorre, na maior parte, de outubro à dezembro.

Um criador de búfalos em Tietê obteve em 2 anos e para um rebanho de 22 búfalos em lactação a produção de 35.600 kg de leite. Elas não receberam suplementação alimentar e permaneceram em pasto de jaraguá e pangola.

A média diária, durante o ano, variou de um mínimo de 3,11 kg/cabeça/dia a 5,26 kg; a média foi de 3,60 kg.

Para uma criação na região de S. Miguel Arcanjo, em terreno irregular e pobre com pastagem deficiente, encontraram-se búfalos com produção diária de 5,5 litros de leite, com 7,9 a 12% de gordura, sem receber nenhum trato suplementar.

Na Itália, onde se cria búfalos em regime intensivo, encontram-se ótimas produtoras com 13 a 14 kg de leite/dia. Na Hungria esses animais fornecem 1.200 a 1.300 kg de leite durante 300 dias de lactação, com média diária de 4 kg/dia.

— Leite de búfala — apresenta-se sempre muito branco devido à presença de vitamina A. É mais rico em matéria gorda, lactose e sólidos, sendo sempre mais denso que o leite de bovinos.

Com 8 litros se produz 1 kg de queijo. No caso dos bovinos precisa-se 12 litros. Um quilo do manteiga é feito com 14/15 litros, enquanto são necessários 20 litros de

leite de vaca. Com 100 litros de leite de búfala se produz 22 kg de muzzarella e 1 kg de ricota.

Quando ao leite, segundo trabalho do prof. Márcio Mansur Furtado, pesquisador da EPAMIG — Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, normalmente o leite de búfala fresco apresenta pH próximo ao do leite de vaca, porém acidez titulável, (em graus Dornic) ligeiramente superior; isto se deve, essencialmente, ao fato do leite de búfala ter maior quantidade de caseína que o leite de vaca e esta proteína ser titulada com ácido no processo de acidimetria Dornic.

Exemplo:

Leite	Caseína (%)	Acidez °D	pH
Vaca	2,9	17	6,65
Búfala	3,8	19	6,65

A caseína do leite de búfala se apresenta em micelas cujo diâmetro varia de 110 a 160 nanômetros e a de vaca, bem menor, de 70 a 110 nanômetros. Além disso, o teor de nitrogênio da caseína do leite de búfala é bem menor do que o da vaca. O leite de búfala é de sabor acustadamente doce e sempre muito branco, ainda mesmo quando a fêmea seja alimentada com ração contendo elevados teores de caroteno e, conseqüentemente, é também muito branca a sua manteiga. No leite de búfala está presente a vitamina A, que é incolor; no de vaca, constata-se a presença de pró-vitaminas (caroteno), responsável pela tonalidade amarela da gordura.

Devido ao seu elevado teor de matéria gorda, 1 litro de leite de búfala fornece de 30 a 40% a mais de calorias do que o de vaca.

Ainda com respeito à produção de leite podemos mencionar citação de Villares, em trabalho referente a uma viagem de estudos à Índia: "A maior granja leiteira do mundo, perto da Bombaim (Aarey Milk Colony), perfeita e moderna, possui 15.000 animais, sendo 14.900 búfalos e apenas 100 vacas zebradas".

Em 1960 o rebanho leiteiro da Índia era estimado em setenta milhões de cabeças (70.000.000), assim representadas:

21.000.000 (30%) =	búfalos	produzindo 54% do leite
49.000.000 (70%) =	vacas	produzindo 46% do leite
70.000.000 100%		100%

Não somente destinado ao consumo em natureza, o leite de búfala é aproveitado ainda para a elaboração de khawa (leite dessado) e de ghee, espécie de manteiga, branca e semilíquida.

Em Nova Delhi funciona um Herd Book Control, onde somente são registradas fêmeas da raça Murrah, com produção superior a 1.350 quilos de leite, em 300 dias de lactação (4,5 litros por dia).

Segundo Oriol, Avila e Avila Montenegro, existe na localidade de Bantim, no Egito, em pleno funcionamento a Real Granja Experimental, onde somente são admitidas fêmeas búfalas com produção individual de 20 litros diários.

Apesar da literatura especializada indicar que as fêmeas da raça Murrah apresentam úberes bem desenvolvidos e com veia leiteira saliente e sinuosa, não conseguimos constatar com absoluta exatidão a existência desses detalhes em cerca de 200 fêmeas que examinamos.

As fêmeas que tivemos ocasião de ver, selecionando ou não, apresentavam úberes relativamente pequenos, de conformações irregulares, com tetos bem dispostos simetricamente e quase sem a chamada "veia de leite".

Mesmo assim, mantinham a média diária individual de produção de leite em torno de 5,5 litros, com o seu característico e elevado teor de matéria gordurosa.

Em rebanhos de búfalos não selecionados e em regime de campo, a média da produção de leite é de 4 litros diários, em uma só ordenha, com 7% de matéria gorda. Não são raras as fêmeas que dão de 6 até 10 litros diários.

CONTROLE LEITEIRO DE INSTALAÇÕES AGRÍCOLAS REALIZADO PELA S.E. DA ASSOCIAÇÃO PARAGUAIENSE DE CRIADORES (A.P.C.) (1971-1972)						
N.º CRIAÇÃO	NOME	Dias de Lactação	Matéria Gorda Litros	Quantidade %	Região	
17.000	Elizabete	228	1.075	5,86	Campes	
21.000	Elizabete	228	1.023	5,14		
23.000	Elizabete	254	9.660	5,51		
31.000	Elizabete	250	9.075	5,62		
33.000	Elizabete	250	8.110	5,13		
35.000	Elizabete	250	8.780	5,25		
37.000	Elizabete	250	7.714	5,08		
39.000	Elizabete	250	8.323	5,25		
41.000	Elizabete	250	8.375	5,28		
43.000	Elizabete	250	7.995	5,17		
45.000	Elizabete	250	7.058	5,13		
47.000	Elizabete	250	8.075	5,13		
49.000	Elizabete	250	8.800	5,28		
51.000	Elizabete	250	11.025	5,43		
53.000	Elizabete	250	8.907	5,16		
55.000	Elizabete	250	7.352	5,16		
57.000	Elizabete	250	8.348	5,17		
59.000	Elizabete	250	8.814	5,14		
61.000	Elizabete	250	10.660	5,25		
63.000	Elizabete	250	8.255	5,15		
65.000	Elizabete	250	8.255	5,15		

Segundo notícia publicada pela revista "O Mundo Ilustrado", em sua edição de 25-6-1960, na Estação Experimental de Belém-PA, da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), verificaram-se em 1958 as seguintes médias, em um lote de 10 búfalas:

Dias de lactação	311
Produção de leite	4,36 kg
Matéria Gorda	10,114%

De acordo com os dados que nos foram gentilmente cedidos pelo Sr. João Pedro dos Santos Oliveira Filho, em 1960, o Instituto Agrônomo do Norte, num lote de 26 búfalas Jalarabadi, chegou a obter a média de 10,214% de matéria gorda.

Enquanto búfalas em regime de campo e sem trabalho da seleção atingem a média de 4 litros diários, Alvaro Nóbis, estudando o custo de produção leiteira no Estado de São Paulo, chegou à conclusão de que a média-vaca, diária, é apenas de 2,081 litros.

PRODUÇÃO DE CARNE

Quanto à carne, tanto no gado como no valor nutritivo, é semelhante à do bovino, sendo mais macia, pois não é abatido normalmente com idade inferior a 24 meses. Na carne natural (crue), a carne do búfalo pouco difere na aparência, tendo tonalidade ligeiramente mais escura, com fibras um pouco mais gros-

145. A gordura é absolutamente branca. O rendimento, em geral é em torno de 50% (peso da carcaça).

Obtém-se atualmente no abate entre 15 arrobas de carne por animal na faixa de 23-28 meses de idade, embora os machos criados para reprodução atinjam peso superior a 20 arrobas aos 2,5 anos.

Sendo o búfalo um animal precoce (com 30 meses fornece 740 kg de carcaça), o peculiarista se transforma em criador de "novilhos precoces", sem a necessidade de fornecer alimentação adicional e, portanto, a custo muito mais baixo.

Em prova de capa efetuada no matadouro da Belém (Pará), com 433 búfalos obtiveram-se o seguinte rendimento: peso vivo total = 2.264 kg; média individual: 523 kg; peso médio da carcaça: 225 kg; carne: 110,68 kg; rendimento de carne: 48,71%.

Ainda no Estado do Pará, sob o controle da ONPA, abateu-se um novilho bubalino com idade de 3 anos e cinco meses, o qual apresentou o seguinte rendimento: quartos dianteiros: 120 kg; quartos traseiros: 100 kg; cabeça com miolos: 22 kg; coração e pulmão: 9 kg; fígado: 6 kg; rins: 3 kg; barrigada: 119 kg; moçoide: 18 kg; couro: 40 kg; sangue recolhido: 10 kg. Total: 447 kg. Rendimento: 48,71%.

Em Botucatu, sob a direção da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, realizou-se em 1973 uma prova de ganho de peso para bubalinos (10 búfalos mestiços) mantidos em confinamento durante 140 dias. Durante o período das provas esses animais receberam: sal, mistura mineral e água à vontade. Não receberam nenhum verde mas tiveram à sua disposição, dia e noite, a seguinte ração: 35% de feno de gramineas, 5% de feno de alfafa, 25% de milho (grãos) triturados e 15% de farelo de algodão. Os dados

da prova conduzida pelo Departamento de Zootecnia daquela Faculdade são mostrados no quadro 1.

O professor Mascheroni (In Santojanni), no Matadouro de Turim, na Itália, fez as seguintes

observações de pesos, com um lote de 10 búfalos de 3 a 7 anos de idade (veja quadro 2):

Outros dados coletados em locais diferentes e com critérios que desconhecemos são apresentados no quadro 3.

QUADRO 2

Número	Sexo	Idade Anos	P/vivo	P/morto	% líquida
1	M	6	676	402	59,17
2	M	7	555	318	57,29
3	F	5	390	220	56,41
4	M	4	574	306	53,31
5	M	3	358	188	52,51
6	F	5	388	200	51,54
7	M	7	336	170	50,89
8	F	4	369	186	50,40
9	F	6	428	210	49,06
10	M	5	445	210	47,18

QUADRO 3

Fonte de observação	Idade	P/Vivo	P/Morto	% líquida
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36
Prova de 10 búfalos de 3 a 7 anos - Itaúna	3 a 7	550 kg	310 kg	56,36

No quadro 4 estão os resultados do Concurso Anual de Bois Gordos e Búfalos em Presidente Prudente.

Os dados apresentados permitiria concluir que os búfalos são mais precoces que os bovinos das raças zebuínas.

QUADRO 4

Quadro Geral dos Resultados do Concurso Anual de Bois Gordos da Região de Presidente Prudente, no ano de 1958. Trabalho realizado pelo então Departamento da Produção Animal da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

N.º dos animais	Participantes	Dentes	Peso vivo no concurso kg	Peso vivo no frígido kg	Peso Morto Quente			Rendimento quente %	Cabeça kg	Couro kg	Moçoide kg	Classificação Comercial
					Carcaça kg	Carc. lado direito kg	Carc. lado esquerdo kg					
31	N	G	2	473,0	430,0	269,0	134,0	135,0	62,5	14,0	44,0	Boa
32	E	U	2	444,0	400,0	244,0	122,0	122,0	61,0	13,7	47,0	Boa
33	L	Z	2	427,0	390,0	247,0	125,0	122,0	63,3	14,7	35,0	Média/Boa
34	O	E	2	465,0	430,0	254,0	127,0	127,0	59,0	13,6	41,0	Excelente
35	R	R	2	500,0	440,0	270,0	135,0	135,0	61,4	15,0	40,0	Média
MÉDIA	E	A	2	461,8	418,0	256,8	128,8	128,2	61,4	14,2	41,4	—
21	H	U	0	465,0	420,0	270,0	136,0	134,0	64,3	17,0	48,0	Excelente
22	F	U	0	489,0	430,0	270,0	135,0	135,0	62,8	17,0	52,0	Excelente
23	F	U	0	420,0	360,0	229,0	115,0	114,0	63,6	17,0	45,0	Boa
24	A	U	0	490,0	430,0	278,0	138,0	138,0	64,2	17,0	49,0	Boa
25	L	U	0	445,0	400,0	237,0	118,0	119,0	59,2	17,0	48,0	Média
MÉDIA	O	U	0	465,8	408,0	256,4	128,4	128,0	62,8	17,0	48,4	—

Dados da Seção de Zootecnia dos Bovinos das Raças de Corte e Zebuínas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Os dados constantes do quadro seguinte representam a soma dos que constam do trabalho intitulado *The Husbandry and Health of the Domestic Buffalo*, editado pela FAO em 1974 e de informações oriundas de fontes as mais diversas.

População Mundial de Búfalos (em cabeças)			Soma
Oceania	Austrália (Território do Norte)	150.000	151.050
	Guam	50	
	Nova Guiné	1.000	
Ásia	Afganistão	35.000	1.732.000
	Irão	280.000	
	Irãque	300.000	
	Turquia	1.117.000	
Extremo Oriente	Bangladesh (ex-Paquistão Oriental)	500.000	93.668.150
	Brunei	19.000	
	Burma (Birmânia)	1.600.000	
	Hong Kong	1.350.000	
	Índia	54.500.000	
	Indonésia	2.700.000	
	Khmer (república)	910.000	
	Laos	940.000	
	Malásia	223.000	
	Borneo (Sabah)	78.000	
	Sarawak (deserto)	9.000	
	Nepal	3.480.000	
	Okinawa	1.150	
	Paquistão	11.500.000	
	Filipinas	4.500.000	
	Timor (português)	124.000	
	Cingapura	3.000.000	
	Sri Lanka (ex-Ceilão)	720.000	
	Tailândia	6.950.000	
	Vietnam	565.000	
Orientes Próximos	Egito	2.100.000	2.100.000
América Latina	Bolívia	150	308.350
	Brasil	300.000	
	Colômbia	150	
	Guiana Francesa	50	
	Guiana Inglesa	100	
	Peru	100	
	Trinidade e Tobago	7.000	
	Venezuela	800	
Europa	Albânia	4.000	281.000
	Bulgária	74.000	
	Grecia	16.000	
	Hungria	1.000	
	Itália	55.000	
	România	75.000	
	Iugoslávia	54.000	
Total do Rebanho Mundial Estimado (em cabeças)			98.240.550

Nordeste	Maranhão	15.000	23.444
	Piauí		
	Ceará	50	
	Rio Grande do Norte		
	Paraíba		
	Pernambuco	100	
	Alagoas	284	
Sudeste	Sergipe		30.250
	Bahia	8.000	
	Minas Gerais	11.000	
	Espírito Santo	1.800	
Sul	Rio de Janeiro	708	14.640
	São Paulo	17.550	
	Paraná	10.437	
Centro-Oeste	Santa Catarina	1.500	16.906
	Rio Grande do Sul	2.626	
	Mato Grosso	6.947	
	Goiás	10.084	217.386
	Distrito Federal		
TOTALS		217.386	217.386

Os dados constantes deste quadro foram extraídos de documentos e informes existentes na Associação Brasileira de Criadores de Búfalos. Estimamos em números muito superiores os efetivos de búfalos dos Estados do Amazonas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O rebanho brasileiro deve ultrapassar 300.000 búfalos.

REFORCE E APRIMORE O SEU PLANTEL

Búfalos

EM LEILÃO 13 de Julho
QUARTO DE 1979 SP




MACHOS E FÊMEAS REGISTRADOS

PGTO.: 5 VEZES

10M. 85 - ROD. MAL. RONDON

INÍCIO: 12 HORAS

INFORMAÇÕES:
 (011) 255-2214
 (011) 259-6404

PARTICIPANTES: Alberto P. L. Moraes • Carvalho Vidigal & Cia
 • Elio Micheloni • Humus Pecuaría • João Bosco C. Jacintho
 • Joaquim V. Prata Cunha • Jonas Camargo Assumpção • José Carlos Prata Cunha • José R. Ribeiro • Luiz Cleudio S. Guimarães
 • Orlando Marfuti • Thales G. Fagundes

APOIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BÚFALOS

Tanto quanto possível o quadro procura aproximar-se da realidade estatística.

Efetivo do Rebanho Brasileiro de Búfalos (em 03-10-75)			
Região Fisiográfica	Unidades da Federação	Efetivo estimado (em cabeças)	Soma
Norte	Roraima	1.000	132.143
	Acre	15	
	Amazonas	1.000	
	Roraima	85	
	Pará	120.000	
	Amapá	10.043	

Noticiário da Associação dos Criadores de Búfalos

No dia 25 de março, a Assembléia Geral Ordinária da Associação Brasileira dos Criadores de Búfalos aprovou a prestação de contas da diretoria referente ao exercício de 1984, e renovou 1/3 do Conselho de Administração para o triênio 85/88. O cargo vago no Conselho Fiscal e no Conselho Administrativo foram preenchidos pelos srs. Lúcio Seabra e Casemiro de Bourbon. Por indicação do presidente Nelson Bacta Neves foi escolhido o sr. Elio Micheloni para o cargo de Diretor-Executivo. O sr. Micheloni também está ocupando o cargo de representante dos criadores no Conselho Deliberativo Técnico.

REGISTRO GENEALÓGICO

O Serviço de Registro Genealógico durante o ano de 1984 efetuou 1.471 registros provisórios (613 machos e 858 fêmeas) e 2.693 definitivos (326 machos e 2.367 fêmeas). Entre as raças, foram registrados provisoriamente 699 Murrah (342 machos e 377 fêmeas), 643 Jafarabadi (251 machos e 392 fêmeas), 49 Mediterrâneo (20 e 29) e 80 fêmeas mestiças. Definitivos, foram registrados 946 Murrah (190 e 756), 827 Jafarabadi (117 e 710), 188 Mediterrâneo (19 e 169) e 732 fêmeas mestiças. De acordo com o relatório, os registros colocam o Estado de São Paulo em 1.º lugar com 1.692 registros, seguido do Rio de Janeiro (526), Paraná (485) e Bahia (376) e Rio Grande do Sul (210).

BÚFALOS NO PERU

Em 1984, o Brasil entregou 2.000 búfalos ao Governo do Peru, que os distribuiu para 37 criadores da região da Província de Loreto. É a segunda importação de búfalos pelo país vizinho. A importação do ano passado foi realizada pela Organização Mário de Almeida Franco. Os animais já pastam nesta região Amazônica, onde a exploração pecuária só foi possível através dos búfalos. O Brasil, através do Serviço de Registro Genealógico da ABCB, está dando o assessoramento técnico aos projetos de bubalinocultura.

Os peruanos estão entusiasmados com a adaptação e o desempenho dos búfalos brasileiros. O último convênio prevê o assessoramento do SRG para a instituição no Peru do Serviço de Registro Genealógico Peruano para Bubalino.

BÚFALOS NA ARGENTINA

Donos de tecnologias avançadas na exploração da pecuária, o que lhes garante um elevado índice de desfrute dos seus rebanhos bovinos, os argentinos, agora, estão de olho nos búfalos, cuja exploração já iniciou. A Sociedade Rural Argentina já nomeou a Comissão Especial para estudar o regulamento e a Abertura do Registro Genealógico para a raça bubalina. A exemplo do que fazem com os bovinos, e os criadores argentinos querem infundir na exploração da bubalinocultura técnicas avançadas de criação. Assim, a Argentina deve adquirir reprodutores brasileiros. Porém, fazem uma exigência: os búfalos têm que ser registrados e apresentem uma genealogia de pelo menos duas gerações. Integra a comissão, o engenheiro Marco Zava, um grande conhecedor da bubalinocultura brasileira.

BUBALINOCULTURA DO SUL

A Associação Sulina de Criadores de Búfalos promoveu, em General Câmara, uma Feira e Exposição de Búfalos. No evento, foram negociadas mais de 100 fêmeas. No Sul ainda, a Faculdade de Zootecnia, Agronomia e Veterinária da PUC de Uruguaiana realizou o 1.º curso de Bubalinocultura, ministrado pelo médico veterinário Caio Poester, técnico da ABCB e criador. Esta é a primeira escola de Zootecnia a incluir a cadeira de bubalinocultura no currículo.

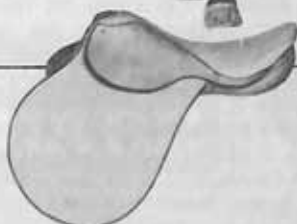
VALE DO RIBEIRA

Considerada uma das regiões mais pobres do Estado de São Paulo, o Vale do Ribeira está encontrando meios de viabilizar a pecuária em suas terras irregulares, que dificultam a formação de pastagens, introduzindo búfalos. Assim, além de chá e da banana, o Vale do Ribeira já conta com um expressivo rebanho de búfalos. Ali, 81 propriedades já criam búfalos. Até novembro passado, havia 6.880 cabeças. As três raças são criadas na região.



Búfalos Jafarabadi na Fazenda Santa Rosa, em Corrientes, Argentina.

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas tipo americano, para cintos.

Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.



Uma ameaça à pecuária

Os pecuaristas brasileiros estão extremamente preocupados com a infestação da mosca *Haematobia irritans* na região Norte do país. O temor é de que ela migre para a região Sul, sobretudo o Mato Grosso do Sul e Goiás e Norte do Estado de São Paulo. "Essa mosca é uma séria ameaça à pecuária nacional", alerta o pecuarista José Luiz Cotrim.

No dia 15 de abril, o Sindicato Nacional da Pecuária de Corte promoveu uma reunião no Instituto Biológico, em São Paulo, para discutir estratégia preventiva para evitar o alastramento da infestação, que, no momento, está confinado nos Estados do Pará, Amazonas, Rio Grande do Norte e Território de Roraima.

A preocupação maior, no momento, é evitar o alastramento. Posteriormente, os produtores procuram um meio de fazer o combate. De acordo com o que foi proposto na reunião no Instituto Biológico, na qual estiveram presentes pecuaristas, representantes do Ministério da Agricultura e da Secretaria da Agricultura de São Paulo, do órgão de pesquisa e médicos-veterinários, o Governo deve lançar, já, uma campanha a nível nacional, alertando sobre o perigo dessa praga.

A campanha, segundo se discutiu, seria em duas frentes: uma de alerta e conscientização dos pecuaristas, no sentido de evitar o trânsito de animais do Norte para o Sul ou verificar, com auxílio de técnicos, os animais provenientes da região Norte, para prevenir que a mosca seja transportada junto aos bovinos (não se acredita que a mosca possa migrar por outros meios, como vôos a longa distância ou através das aves migratórias). Em segundo, seria montada barreiras

sanitárias nas rodovias que ligam o Norte com o Sul, onde os técnicos fariam inspeção dos animais transportados.

De acordo com José Luiz Cotrim, o controle da mosca deve ser preventivo. Isto porque, após o alojamento da praga num rebanho, o custo da erradicação é muito elevado. Cotrim enfrentou esse problema em sua fazenda de Manaus, onde tem 3.500 bovinos Nelore em 3.500 alqueires de pasto formado e 36 mil alqueires de terra. Para combater, o pecuarista teve que importar 7 mil brincos-inseticidas dos Estados Unidos (cada um custou US\$ 2,5) e usar banhos de inseticidas nos animais. "O custo foi muito elevado", lastima. "E se for computado, nesses custos, a perda de ganho de peso, provocada pela infestação, o prejuízo é incalculável. Então, é preciso evitar que a mosca atinja a pecuária do Centro Oeste e do Centro-Sul. E se isso ocorrer será o caos. Essa mosca é uma ameaça séria à pecuária do país. Temos que combater", alerta Cotrim.

Não se sabe, ainda, como as moscas apareceram. Suspeita-se que elas vieram junto com os animais provenientes da Venezuela. Até há pouco tempo, sua presença no Brasil era desconhecida, mas já se registrava a infestação na Venezuela, Chile e Colômbia, de acordo com o pesquisador do Museu de Zoologia da USP, J. Henrique Guimarães.

Os primeiros registros no Brasil foram feitos em Boa Vista, capital do Território de Roraima, em 1980. Em 1984, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia (Inpa) enviou ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq) amostras da mosca, coletadas em Manaus em rebanhos provenientes da Roraima, que se destinavam ao abastecimento da capital da Amazonia.

De acordo com o pesquisador J. Henrique Guimarães, os efeitos maléficos causados por essa mosca é muito semelhante aos produzidos pela mosca dos estábulos. Ela é hematófaga e pica o animal, provocando dor e interfere no descanso dos animais e na alimentação. Com isso, prejudica, sensivelmente, o ganho de peso e produção de leite, além de acarretar outros problemas. "Os animais atacados por essas moscas não param o dia todo. Ficam tentando se livrar das moscas e nem se preocupam em descansar, alimentar ou beber água", testemunha Cotrim.

Essa mosca, de acordo com o pesquisador, é responsável, também, pela transmissão do nematóide *Stenofilaria stilesi*, que reduz o valor do couro. Nos Estados Unidos, onde se constitui uma séria ameaça à pecuária, provocou perdas, em 1965, de US\$ 179 milhões — US\$ 115 milhões com a redução de ganho de peso e US\$ 64 milhões na redução da produção de leite, de acordo com o Departamento da Agricultura dos Estados Unidos.

Segundo o pesquisador, a *Haematobia* é facilmente reconhecida pelo tamanho pequeno, metade da mosca doméstica. Elas formam bandos, sobrepõem e pousam no dorso, barriga e outras regiões do corpo do animal. O animal, atacado, fica irritado, sacode a cabeça e a cauda com violência e procura refúgios no mato. Além dos bovinos, o inseto ataca, também, os caprinos e em

alguns casos também eqüinos, ovinos e os caninos.

Elas desenvolvem-se, provavelmente, em fezes frescas do gado. Na postura, segundo o pesquisador, as moscas abandonam o gado e depositam rapidamente os ovos na superfície das fezes frescas, uma vez que elas perdem a atratividade para oviposição em poucos minutos. Os ovos, de coloração castanho-avermelhado, eclodem em um período de 16 a 24 horas.

O estágio larval dura de três a cinco dias e as larvas alimentam-se de excrementos, passando, então, para o estágio pupal. A pupa é encontrada na parte inferior dos excrementos e após, quatro a cinco dias, emergem em forma adulta, quando se alimentam do sangue dos animais. Dentro de poucos dias, já estão prontas para se iniciar o ciclo de reprodução, que demora de 10 a 15 dias. Ela é extremamente

prolífica nas estações quentes. Nesse período é tão abundante que cada animal chega a atrair de 3 a 4 mil moscas. Embora ela se alimente uma vez ao dia, a mosca permanece nos animais durante o dia e a noite, acabando com o sossego dos bovinos.

No controle, foram empregadas pulverizações, no dorso e na barriga dos animais, com DDT, TDE, Metoxicloro e Toxafeno. Porém, esses produtos, que davam proteção de três a quatro semanas, têm recomendação restrita em função de resíduos que deixam na carne e no leite dos animais tratados. O tratamento atual é baseado em pulverizações com organofosforados ou piretróides, que, em doses muito baixas, são pouco tóxicos e apresentam ação residual maior. São esses produtos que são impregnados nos brinços de PVC, importados dos Estados Unidos, que colocados nas orelhas

dos bovinos chegam a oferecer até seis meses de proteção contra a mosca do chifre.

O Difluzenzurom e seus derivados também têm sido empregados, de acordo com Guimarães, por via oral ou em aplicação de superfície. Esses produtos impedem a metamorfose, interferindo na formação da cutícula dos estágios imaturos em uma grande variedade de insetos. A cyromazine, administrada por via oral, na dosagem de 1,5 a 5 ppm na ração, tem sido recomendada no controle deste díptero. Ela tem a vantagem de, não sendo inseticida, não apresentar efeito colateral, atuando apenas contra as larvas de dípteros que se desenvolvem nas fezes dos animais tratados, poupando outras espécies de insetos predadores de larvas de moscas. Outra medida, para evitar a proliferação, é profilática: por exemplo, a eliminação das fezes frescas.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega facilmente à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até às 22 horas.

**Agora mais perto
da sua fazenda.**

**ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES**

São Paulo: Rua Jaguaré, 634 - fone: 836-3033. Av. José
César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 831-7966 - Ja-
guaré - São Paulo. S. J. Boa Vista: Rua Benjamin
Constant, 23 - fone: (016) 23-3746. Rio de Ja-
neiro: R. Monsenhor Manoel Gomes, 3 -
São Cristóvão - fone:
(021) 264-7150, 264-7155
e 800-2307



Muitas dificuldades, mas a Expoinel foi um sucesso

Apesar das dificuldades, a 14.ª Expoinel conseguiu vencer os obstáculos e realizar o evento dentro da normalidade. Com grandeza e brilho, empenho das autoridades e dos criadores baianos, a Expoinel foi um sucesso. Houve, é verdade, alguns acidentes de percurso, porém insuficientes para turvar o brilho da exposição, uma das mais importantes do calendário pecuário brasileiro. Pela sua importância, ela, por si só, se impôs. No discurso de encerramento da Exposição, o presidente da Associação Baiana de Criadores de Nelore, dr. Gileno Calheira, fez um desabafo, lamentou os problemas enfrentados, mas, ao mesmo tempo, clamou todos à união para o fortalecimento da pecuária baiana. Esta é a íntegra do discurso de Calheira:

As dúvidas, a insegurança, a expectativa, as decepções, os conflitos, a ansiedade, as surpresas agradáveis, o cansaço, tudo isto ficou para trás.

Está aí a 14.ª Expoinel.

Não guardamos ressentimentos contra ninguém, mesmo contra aqueles que durante a semana tentaram, mas não conseguiram, empanar o brilho da nossa exposição.

Falhas tivemos muitas, sabemos. Entretanto, deixamos o exemplo para aqueles que tiverem maiores e melhores condições de realizar outra exposição com maior sucesso em benefício da nossa pecuária.

Desculpem-nos se invadimos algum domínio ou se atropelamos alguns assuntos. Não tivemos a intenção de concorrer ou confrontar. Apenas fazer o melhor.

Desculpe-nos os companheiros de Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Sergipe, Espírito Santo, Paraná, Mato Grosso, outros estados e Argentina se não pudemos recebê-los à altura dos seus merecimentos.

Desculpe-nos as omissões involuntárias.

As dificuldades foram muitas mas em momento algum encontramos em nós a covardia da omissão.

Apesar da Bahia ser o berço do gado Nelore no Brasil, não havia se credenciado para ser um evento de tão grande importância. Vivía esquecida e desacreditada no cenário da pecuária nacional.

O nosso trabalho foi duro para mudar essa imagem. Mas, felizmente, conseguimos e foi possível trazer a Expoinel.

Enfrentamos tudo para nos dar o direito de ser e de fazer de integrar os nossos companheiros com outros de vários estados e países.

Na fase inicial de entendimentos agradecemos a participação do companheiro José Luiz Niemeyer dos Santos e do presidente da Brasileira de Nelore Dr. José Mário Junqueira de Azevedo, ao digníssimo secretário da Agricultura da Bahia, dr. Fernando Cincurá de Andrade, que com o seu desprendimento e com a participação do diretor do Sepe Dr. Simeão Machado Neto, compareceu a 50.ª Exposição de Gado Zebu em Uberaba lutando lado a lado para a realização da Expoinel na Bahia.

Os nossos agradecimentos complementares ao prefeito da capital, dr. Manoel Castro; ao Chefe da Casa Civil, dr. Jairo Carneiro; ao secretário da Fazenda, dr. Benito Gama, ao presidente do Desembargo, dr. Raimundo Moreira; ao secretário de Minas e Energia, dr. Paulo Gamem Scuto; ao secretário de Saneamento, dr. Antonio José Imbassahy; secretário de Saúde, dr. Nelson de Carvalho Assis Barros; ao chefe da Asplan, dr. Francisco Antonio Santos Monteiro, os nossos reiterados agradecimentos ao dr. Fernando Cincurá, secretário da Agricultura e o dr.

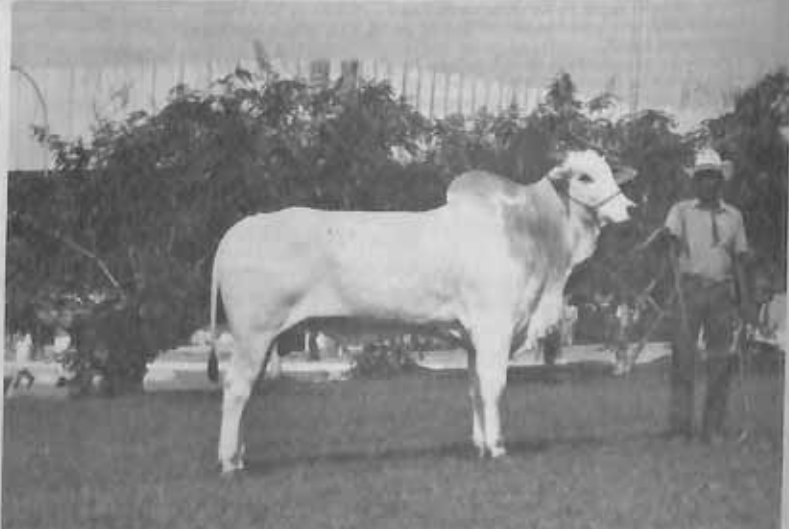
Antonio Sérgio Carneiro pelo decisivo apoio para a realização desta exposição.

Senhor governador,

Nosso estado realiza hoje a maior exposição especializada da história deste país. A sua materialização foi possível graças ao descortínio e apoio do seu governo. Destacamos a participação decisiva deste jovem e promissor líder, dr. Antônio Sérgio Carneiro, que, juntamente com a Secretaria da Agricultura promoveram os meios para realização desse evento. Agradecemos também, a importante participação do dr. Alverval Figueiredo, que com sua competência à frente da Secretaria de Comunicação Social, promoveu e divulgou para todo o Brasil a grandeza desta exposição.

Ao companheiro pecuarista, grande homenageado e razão desta festa, a nossa gratidão e reconhecimento.

Sabemos avaliar o quanto é difícil, penoso e caro a sua participação. Entretanto, é essa demonstração de renúncia e sacrifícios que fortalece, mantém de pé e unida a nossa classe. Uma classe sofrida e cansada de ouvir promessas que não são cumpridas. Esperamos que os ventos da Nova República sepultem definitivamente a mentira de que a agropecuária teve prioridade. É preciso resta-



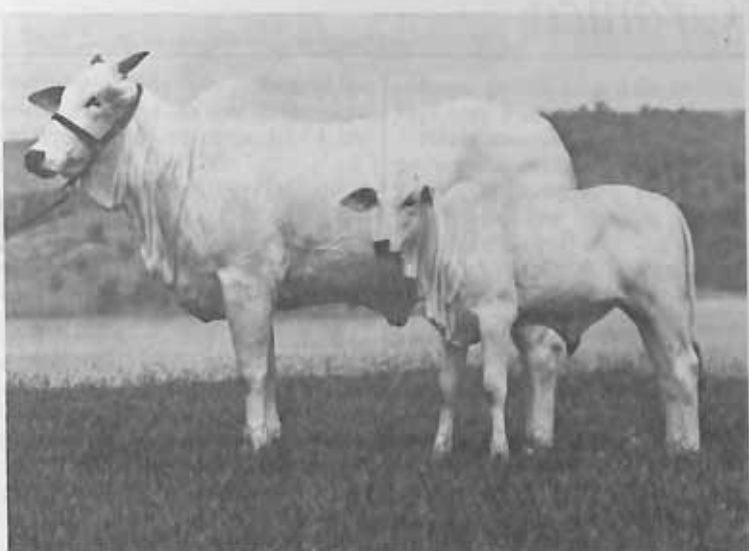
Agasalho da Zebulândia, Touro campeão da XIV Expoinel, realizado em Salvador, BA.

belecer a prioridade para a agropecuária, decididamente, mais rápido e conveniente caminho para solução dos problemas brasileiros. De nada adiantam as Itaipus, Angra, Tucuruí, etc., se aqui mesmo no Nordeste assistimos surgir uma sub-raça marcada pela fome.

É preciso estabelecer condições mais justas para financiamentos à agropecuária. Como pagar uma dívida que em determinado período sofre correção monetária e juros aos níveis de 250% e o produto, objeto daquele financiamento involuiu no preço? O flagelo da correção monetária pune o produtor, o consumidor, fere de morte a economia deste país.

Meus amigos, não foi fácil e não seria possível realizar a 14.ª Expoinel se não tivéssemos contado com a colaboração de muito gente. Gente como Ângelo Calmon de Sá, que desde o início acreditou e apoiou a nossa iniciativa; aos companheiros de diretoria da ABCN, solicitei os pareceres do nosso trabalho; ao dr. Sérgio Nobre e ao dr. José Trindade da Costa, pelo incansável trabalho de apoio; a todos os órgãos do governo que deram sua colaboração; ao dr. Miguel Abrão, Walter Batista, dr. Ailton Couto; dr. Joaquim Oliveira, aos funcionários de todos os escalões e ao particular amigo Fernando Barros pelo apoio que nos deu, aos companheiros incansáveis de equipe.

As lembranças materiais podem ser destruídas pelo tempo. Mas, a gratidão e o reconhecimento jamais será apagado de nossa memória e dos nossos corações pelo apoio que nos deu, vossa excelência foi



GENTILEZA DO SABIÁ-746 BJ-2009 — Grande Campeã na 14.ª Expoinel — Salvador (BA) — 1985. Proprietário: Alberto Laborne Valle Mendes — Fazenda do Sabiá — Capitólio — MG.

o grande comandante do sucesso desta exposição.

Deixamos a cancela aberta, quem vier atrás que feche...

Dr. João Durval,

A marca do seu governo já está na história pelo muito que tem realizado em

benefício do nosso povo. O senhor com simplicidade de escrtaço soube conquistar a confiança e o coração de todos os Baianos. Por tudo isto, não chega a ser irreverente dizer:

"O senhor é um governador, porreta!!!"

Nosso Tabapuã tem Peso e Sucesso nas Pistas

Seis anos consecutivos a fazenda Morada da Prata, tornou-se vencedora do concurso de ganho de peso em Sertãozinho — SP.

Venda permanente de novilhas e reprodutores



Campeãs em Rio Preto 84

Orfenica da Prata — campeã novilha e grande campeã — Oposição da Prata, reservada campeã novilha, e reservada grande campeã — Academia da Prata, campeã vaca jovem.



**fazenda
morada
da
prata**

Prop.: Maria Helena
Dumont Adams

Via Altino Arantes — Km 47

Fones: (016) 761-2026

Batatais — SP

São Paulo 212-1750

Porque o Girolando

FRANCISCO TEATINI

O girolando existe — não é sem razão que o girolando domina cada vez mais no criatório das bacias leiteiras de Minas, São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro.

No princípio — há uns 20 anos atrás — alguns técnicos recomendavam até que se cruzasse preferivelmente guzerá com o holandês, com o objetivo de se obter o meio sangue. Diziam o seguinte: "O holandês entra com o leite e o zebu com rusticidade. É preferível o Guzerá, porque os bezerras saem grandes".

Com o tempo, os produtores de leite foram mudando. O ideal acabou sendo o gir, porque demonstrou nos cruzamentos que as lactações eram mais longas e as vacas meio sangue com o gir, eram leiteiras e mais dóceis. Era o gir que dava as fêmeas "Angolinhas" e a barbeta chuvicada que os criadores queriam.

Quem cruzou o gir com o holandês, obteve mais leite do que quem cruzou o guzerá com o holandês ou mesmo o indubrasil com o holandês. O tempo interferiu e mostrou.

O gir leiteiro não é grande, é médio. Os criadores do gir leiteiro, às vezes querem obter um animal grande mas, que sejam leiteiros. Automaticamente, eles se prendem ao leite do gir e conseqüentemente ao tamanho médio. Gir grande e leiteiro não existe. Porque o gir leiteiro foi selecionado para leite e não para corte.

No Brasil, existem 11 criadores — selecionadores — de gir leiteiro inscritos e classificados, porque uma das condições para se criar o

gir leiteiro, é que se faça o controle leiteiro oficial na Associação Brasileira de Criadores, e que seus animais sejam enquadrados dentro das normas da Associação.

Algumas pessoas me perguntam se existe guzerá leiteiro, e eu digo que não existe, como também não existe indubrasil leiteiro. Infelizmente, os selecionadores de guzerá desanimaram e os de indubrasil não se entusiasmaram com o controle leiteiro, porque ficaram "amarrados" à raça. Não tiveram o mesmo despreendimento dos criadores de gir leiteiro. Somente a EMBRAPA tem um pequenino plantel de guzerá em seleção, mas seleção com plantel pequeno não é aconselhável, pois não se chega a lugar algum. Os criadores de guzerá deveriam começar novamente.

Se você acompanhar a Revista dos Criadores — que é a revista ligada ao leite aqui no Brasil — você verá que de 1969 a 1972, se tentou ainda obter vacas guzerá leiteiras, através do controle leiteiro, depois desistiram do programa. Pararam o controle leiteiro. Venderam o guzerá para o Nordeste. Faltou continuidade. Tentou-se também obter bons controles leiteiros na raça tabapuá, também desistiram. Só ficou o Gir leiteiro.

Vejam: Nós estamos pelejando com o nelore na Colonial desde 1970. Conseguimos algumas vacas que produzem 14 kg de leite por dia. Várias com 12 kg e muitas com 10 kg. Agora a tecnologia vai nos ajudar com a transferência de embrião, que poderá jogar a nossa seleção de nelore pra frente.

O Gir leiteiro, sempre é levado em Exposições no Oeste de Minas e na região de Belo Horizonte, e até mesmo em São Paulo. Nessas Exposições, você vê muitas vacas gir produzindo 20-22 até 25 kg de leite por dia, embora isto não seja comprovante do gir leiteiro. O mais importante, é o controle oficial, feito e encerrado pelos controladores da ABC nas fazendas. Infelizmente não se vê guzerá ou indubrasil ou do gir tipo corte. Elas são boas, mas não são leiteiras.

O TOURO MESTIÇO

Alguns técnicos orientam para a utilização de touros meio sangue, para cobrirem as vacas cruzadas. Essa é uma orientação, que causa muitas discussões. A primeira e mais importante é a seguinte:

Se você cruzar um touro meio sangue girolando com fêmeas meio sangue, você obterá um produto muito mesclado, de coloração muito variada e isto prejudica muito a comercialização, além disto, haverá também grande variação nos tamanhos, na conformação e na produção. Essas variações irão dificultar a venda de fêmeas por falta de uniformidade. É preferível chegar ao 3/4 holandês, do que trabalhar com este meio sangue, que dá prejuízo.

Você pode perguntar: Posso chegar a 3/4 gir? Eu te respondo que pode e deve, mas neste caso, você tem que seguir algumas regras simples de seleção, ou seja:

a) Se as fêmeas forem realmente filhas de touro gir leiteiro com ho-

Crônica

landês, você conseguirá um bom número de 3/4 gir boas de leite. Faça o controle leiteiro e descarte as piores. As 3/4 Gir devem ser cobertas por touros holandeses.

b) Você terá que partir do meio sangue com touros gir leiteiro, quer dizer, gir cujos touros tenham pais, avós e bisavós altamente leiteiros, isto é, cujas lactações das ancestrais, tenham sido superior a 2.500 kg. Seguindo estas orientações, você terá fêmeas 3/4 boas de leite. Conversando com você eu explicarei melhor este assunto.

COMPRANDO BEZERROS

É lógico que você não conseguirá um bezerro gir leiteiro bom, por menos de Cr\$ 2 milhões de cruzeiros.

Você deve comprar bezerros gir leiteiro do Rubens Peres, Lúcio Costa, do Kênia, do Costa Noronha, do José Eduardo Mancini, do Arthur Souto, do Manuel e José João Reis, do Lúcio Rezende, Tasso Assunção, Luiz Alberto Cruvinel Aclende, de Gabriel Andrade, que fazem o controle leiteiro oficial e que se comprove isto, com documentos oficiais da ABC, de que a mãe e o pai do

tourinho e avós, são realmente leiteiros. Não vá na conversa, exija os documentos corretos. Isto é importante.

Na compra, você deve assistir a ordenha. Isto ajudará na escolha do bezerro, mas não basta que a mãe produza 15 kg de leite no dia. O importante é que esta vaca dê uma média de 8 kg aproximadamente em uma lactação de 305 dias. Isto sim, é importante e que a vaca seja filha de touro, cuja mãe também produziu 2.500 kg de leite numa lactação, de pelo menos 305 dias. Você tem o privilégio e deve conservá-lo por toda vida. Este bezerro irá levantar o leite da sua fazenda.

Com tourinhos gir leiteiro, você poderá obter 3/4 gir mais robusto e resistentes, com boa produção de leite. Assim, você conseguirá as fêmeas que chamamos de "VOLTADAS" e leiteiras.

COMO SÃO AS VOLTADAS

Voltadas boas de leite (produção acima de 10 kg em 305 dias) custam muito caro e voltadas que você não vê o leite — vale o quanto pesa — não compre...

Você mesmo tem que fazer as suas

voltadas, porque exige o Gir leiteiro. Faça você mesmo a sua seleção.

Preste atenção: Muitos criadores preferem as cruzadas, que eles chamam de "Angolinhas". Para se obter as angolinhas, você terá que cruzar tourinho gir chita claro, ou touro gir branco de fundo preto e orelhas capeadas, com holandesas. É a primeira cruz. Assim você obterá angolinha.

Pelo que sei, ou pelo menos em Calciolândia, as angolinhas não produzem mais leite que as demais. Cor não representa leite em cruzamentos do Girolando.

Touro gir vermelho ou vermelho retinto, com holandesas, ou vice-versa, dá as pretas ou as castanhas bonitas.

Se você cruzar touro holandês com fêmeas indubrasil ou vice-versa, você irá obter a cor preta (praticamente toda preta), às vezes com o rabo branco. São lindas, grandes, com menos leite e lactação mais curtas que o gir.

Cruzamento do guzerá com holandesas, dá a cor rapé (ou cor macaco) desenvolvidas e de pelo liso e fino, muito bonitas, porém, com lactações mais curtas que o gir leiteiro. É isso aí...

FAZENDA PROGRESSO - Andradina - SP

OSWALDO MITSUO FUJIWARA E OUTROS

End.: Caixa Postal 145 - Fone (0187) 22-1329 - CEP 16900 - ANDRADINA - SP

CF
MARCA

criação e seleção de TABAPUÃ e NELORE

SÊMEN A CARGO
DA LAGOA DA SERRA



VINCULO DA PROGRESSO
Reg. 2064 - Peso: 1.080 kg

Declaração à praça

SERQUEI SILVA NUNES

CPF 323 418 307/49

RG. 81240010/1

RES.: Rua Duque de Caxias, 291

79.900 — PONTA PORÃ-MT

Com a presente comunicamos que a pessoa acima não faz e nunca fez parte do quadro de funcionários da EDITORA DOS CRIADORES LTDA., com redação e oficinas à rua Venâncio Ayres, 31 — SÃO PAULO - SP, portanto não está autorizada, a trabalhar em nosso nome ou fazer qualquer recebimento. Aproveitamos a oportunidade para solicitar a qualquer pessoa que tenha sido procurada por este indivíduo, dizendo trabalhar para a Editora dos Criadores Ltda., que nos comunique imediatamente para que possamos tomar as devidas providências legais.

Nossos telefones: DDD-011 — 263-8400 e 263-8685.

LUIZ DE ALMEIDA PENNA
Diretor

OBS.: A este respeito a Editora dos Criadores Ltda., já apresentou queixa crime no 23.º Distrito Policial de São Paulo (Pardalona) e todos aqueles que se sentirem lesados solicitamos que nos avisem o nos enviem cópias autenticadas do recibos ou qualquer outro documento para juntarmos ao processo.

O mercado continua calmo e sem tendência de mudança brusca

CORTE

O Governo, que no início de maio havia decidido formar estoques a partir de licitações e acabar paulatinamente com o sistema de cotas, pela qual iria comprar apenas 15 das 50 mil toneladas, cedeu à pressão dos frigoríficos. Os frigoríficos alegaram que já haviam iniciado a formação de estoques por conta própria e a concorrência afetaria a eficiência de suas operações já realizadas. Embora não seja definitivo, o governo optou, por ora, pelo sistema de cotas por empresa. Porém, ainda sem acordo de preços. De qualquer forma, a expectativa do setor é de que a entrada do governo no mercado, formando estoques, amenize a atual situação, que persiste desde o final do ano passado, com os preços estabilizados em torno de Cr\$ 50/55 mil a arroba. Porém, o fôlego de mudança efetiva é também curto. Isto porque a chegada do inverno deve precipitar o abate, aumentando a oferta a curto prazo, fazendo adiar a recomposição de preços a médio prazo.

LEITE

Apesar da aproximação de inverno, a oferta de leite, em razão da normalidade das chuvas, garantindo boas pastagens, é normal, deixando antever que a entressafra seja tranquila. Desde o início do ano até o final de maio, a oferta de leite tem sido tranquila, levando as próprias indústrias a não reivindicarem recursos para a estocagem, que consideram, nas atuais circunstâncias, incompatíveis. Porém, a essa oferta abundante não tem correspondido a absorção no consumo, tanto do leite como dos derivados. O aumento do consumo só viria no bojo de uma melhora no nível de renda do consumidor. E a recuperação da renda só virá a longo prazo. Assim, a única solução para o setor é de que o governo adote uma política de subsídio. O subsídio, por sinal, é a principal proposta dos participantes do II Congresso Panamericano do Leite, realizado em São Paulo, de 13 a 17 de maio. Ela será entregue ao ministro da agricultura. Essa é, a curto prazo, a única esperança no aumento do consumo em níveis compatíveis com a oferta.

SOJA

Embora ocorra algumas oscilações de alta na Bolsa de Chicago durante meados

de maio, o mercado de soja continuava, no mês, como um dos piores de toda a safra. O motivo é a retração da demanda do setor avícola e da indústria de rapões. E, assim, o mercado estava em torno de Cr\$ 48/48,5 mil a saca de 60 kg, preço FOB. Porém, a expectativa é de melhora logo. Isto porque, deve sair brevemente o resultado do levantamento da área plantada nos Estados Unidos e a notícia é de que houve redução de 526,1 mil/ha sobre a estimativa do Departamento da Agricultura desse país feita no início da safra norte-americana. Se confirmada, a redução atingiria 1,9 milhão de ha a menos do que a safra passada. Só o boato da redução foi suficiente para a pequena alteração na Bolsa de Chicago, que estava paralisada há tempos. Porém, mesmo com a divulgação da redução da área e com a provável reação do mercado externo, a oferta no mercado interno, segundo garantem os corretores, será tranquila.

MILHO

O mercado continua retraído. Acreditam os corretores que essa tendência deverá persistir até junho. Isso porque as grandes fábricas de rapões não estão fazendo estoques, preferindo trabalhar comprando apenas as suas necessidades momentâneas. O mercado, assim, tem relutado em pagar os Cr\$ 38 mil estabelecidos pela política de preços mínimos. Os produtores, com isso, têm preferido entregar ao governo. Porém, há um problema: os armazéns estão lotados. Embora esperem que o milho alcance Cr\$ 50 mil a saca em agosto, poucos acreditam que isso ocorra. De qualquer forma, é provável que os preços de mercado acompanhem os do mínimo, já que o Governo tem canalizado recursos suficientes para ACF e ECF. Porém, a expectativa é de que, finda a colheita da soja, os atacistas iniciem a compra de milho, provocando a reação de preços.

SUÍNOS

O mercado permanece estável e a cotação tem-se situado em torno de Cr\$ 60 mil a arroba. As entradas têm sido reduzidas e as comercializações têm-se fixado no escoamento de estoques. Os frigoríficos têm trabalhado com grande capacidade ociosa. Essa paralisação do mercado tem-se estendido a nível de produtor. O retrato mais fiel dessa paralisação e estabilização do mercado tem-se repro-

duzido na venda de reprodutores. De acordo com o secretário executivo da Associação Paulista de Criadores de Suínos, Luis Cláudio Marques, que, em entrevista ao Suplemento Agrícola, disse que a tabela de preços de reprodutores não é reajustada desde março. Ocorreu uma ligeira alta, porém anulada com os descontos oferecidos pelos criadores. Em maio, uma fêmea estava sendo vendida a Cr\$ 648 mil, com alguns negócios a Cr\$ 700 mil. Porém, a expectativa é de que com o novo salário mínimo, que recompõe o poder de compra do consumidor, o mercado melhore. Porém isto, de momento, também não ocorreu. Isso porque, com a estabilização dos preços da carne bovina, os dois produtores estão competindo em condições de igualdade. De qualquer forma, o consolo é, também, a estabilização do preço do milho e soja e por conseguinte da região.

AVES E OVOS

O mercado vem reagindo, o suficiente para que houvesse o reajustamento da tabela mantida pela Associação Paulista de Avicultores, que, há pouco tempo, teve que reduzir os preços para escoar a produção estocada e reduzir plantéis alojados. Assim, no mercado oficial o frango, em maio, foi cotado a Cr\$ 2 mil o quilo de peso vivo. No paralelo, em consequência da redução da oferta pelos produtores e sobretudo do preço, que forçou o aumento da demanda, a cotação no mercado paralelo chegou, na primeira quinzena de maio, a Cr\$ 2,4 mil — Cr\$ 400 a mais do que o oficial. Com o início da estocagem da carne bovina, que deve provocar uma reativação de preço dessa carne, a expectativa é de que o mercado para o frango continue firme até o mês de junho. E a esperança é de que o preço se firme no patamar alcançado em junho no paralelo e com isso neutralize o prejuízo que os avicultores vêm sofrendo, que é de Cr\$ 400 o quilo. Os avicultores mostram-se otimistas. O mercado externo continua inalterado e é de pessimismo o quadro de negócios, diante da concorrência de frangos franceses, que chegam ao mercado fortemente subsidiados e a preços que o Brasil, sem subsídios, não tem condições de concorrer. O mercado de ovos mostrou em maio uma ligeira melhora, porém insignificante. De qualquer forma, a expectativa é de melhora: nos meses de frio o consumo de ovos aumenta.



Um veterano das Exposições

O criador João Vieira de Medeiros, de 78 anos, montou, no recinto de exposições de Feira de Santana, o cavalo Pingo de Ouro, campeão de marcha na Exposição de Presidente Prudente em 1984.

Família Junqueira reúne-se em Cruzília

No dia 8 de setembro, a família Junqueira reúne-se na Fazenda Traftuba, em Cruzília, MG, para comemorar o sesquicentenário da construção da casa-sede da Fazenda. Os descendentes do casal Maria Francisca da Encarnação Junqueira e Gabriel de Souza Diniz e amigos-convidados participarão da reunião. O objetivo da reunião é o congratamento da família na histórica fazenda, de grande significado para os descendentes do casal. A festa está sendo organizada pelo desembargador Humberto de Andrade Junqueira, Geraldo Junqueira de Andrade, José Junqueira Meirelles, José Olyntho Andrade Junqueira, Marta Junqueira Rosa Prata, Marilda Junqueira Maciel, Rubens Dalia Meirelles, José Mário Junqueira de Azevedo e Vera Junqueira Lobato.

Ex-ministro Simonsen diz que reforma agrária não resolve problema agrícola brasileiro

O ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, em recente pronunciamento, afirmou que é ilusão pensar que vamos resolver os problemas agrícolas do Brasil com novas idéias de reforma agrária. "O grande problema da agricultura brasileira é muito mais de tecnologia, crédito e de preços mínimos do que de distribuição de terra", explicou. "Existem alguns pontos no País, bem localizados, onde há realmente um problema de distribuição de terra, mas, num país de extensão territorial do Brasil, esse não é, de maneira alguma, o principal problema da agricultura brasileira".

De acordo com ele, no Nordeste há vários casos, que podem ser resolvidos com a aplicação simples do Estatuto da Terra e não de forma generalizada, como se apregoa hoje. O Estatuto da Terra contém elementos necessários para resolver os problemas fundiários que existem", finaliza.

Chuahy substitui Prátola no Árabe

Luciano Jacyr Chuahy é o novo presidente da Associação dos Criadores de Cavalos Árabe, substituindo Célio Prátola. Chuahy foi eleito por uma assembléia do dia 15 de março, que também elegeu os membros do Conselho Deliberativo para o biênio 85/86. Outros membros da diretoria executiva: Paulo Roberto Ferreira Levy, Paulo Machado de

Carvalho Filho, Anésio Urbano Jr., Rubens Francino Jordão, Newton Archilla Guerra, Paulo Siciliano Neto, Cid Guardia, Jacinto Tognato, Walter Pinto Alves Jr.

Seleção de Gir da Estância São José impressiona suíços

O selecionador goiano, Alberto Pereira Nunes Filho, recebeu, recentemente, a visita, em sua Estância São José, de um grupo de 60 fazendeiros e autoridades ligadas ao setor agropecuário da Suíça. O fazendeiro fez desfilar para os

visitantes cerca de 400 matrizes Gir, registradas, PO, e aproximadamente 60 espécimes, fruto do cruzamento de animais Holandeses e Gir, o já tradicional e consagrado Girolanda.

Os visitantes ficaram impressionados com a excelente qualidade do rebanho, não só pelo porte dos animais, mas, também, pela rusticidade da raça Gir, que proporciona ao fazendeiro um alto desfrute na produção de carne e leite. Ficaram impressionados, sobretudo, com o plantel de elite, animais que vêm obtendo prêmios nas principais exposições de Goiás.



Os animais Gir, do criador Alberto Alves Pereira Nunes Filho, reunidos na sede da Estância São José, são expostos à examinação dos fazendeiros e autoridades agropecuárias suíços.



Outro aspecto da visita à Estância São José, no município de Trindade, GO, do criador Alberto Pereira Nunes Filho.

ivomec* Faz a grande diferença no seu gado e no seu lucro



A Grande Diferença que você vê

A Grande Diferença no controle de parasitas

A Grande Diferença no tratamento e manejo

A Grande Diferença em produtividade e lucro

A Grande Diferença em conveniência



USE **ivomec***
(ivermectina, MSD)
Injetável



O endectocida da "Grande Diferença"

para bovinos mais saudáveis, mais produtivos e mais rentáveis.

MSD-AGVET
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Química e Farmacêutica Ltda.
GRANDE ALAMEDA - SÃO PAULO - SP - BRASIL

O NELORISTA DO MÊS

Os leilões avaliam a qualidade da seleção...

... diz RUBICO DE CARVALHO, que já conta com 50 anos de trabalho de criador e selecionador de Nelore e 10 anos como participante dos leilões.

Com apenas seis animais expostos, o criador Rubens de Andrade Carvalho, Rubico de Carvalho, da Fazenda Brumado, de Barretos, SP, foi destaque, novamente, em mais uma exposição: em Uberaba, realizada em maio e considerada a vitrine do Zebu, onde obteve o maior número de pontos, alcançando 353.

É um feito expressivo, sobretudo porque levou apenas seis animais e enfrentou uma concorrência forte como ocorre sempre em Uberaba. O mais notável ainda é que Rubico nunca se preocupou exclusivamente com a exposição e por essa razão não prepara os animais apenas para a mostra, já que dá maior valor aos leilões. Porém, o criador não despreza as exposições, apenas, lembra, não faz nenhuma "maquiagem" nos animais que leva nas mostras.

Ou seja, não usa nenhum artificialismo. "As aparências dos animais são iguais e quem compra um dos animais nosso sabe que eles são iguais no leilão, na fazenda e na exposição", diz ele.

Os animais responsáveis por Rubico ter sido considerado o melhor expositor em Uberaba são cinco touros excepcionais, criados na Fazenda Brumado. Dos seis, cinco são filhos do touro Lagori, considerado fora de série e com certeza uma das estrelas mais brilhante na raça. Es-

tá hoje na central de Inseminação da CIANB, de Uberaba, onde já se tornou o maior vendedor de sêmen. Os criadores que já têm produtos de Lagori, por exemplo, estão satisfeitos. Um dos filhos desse touro, o Ducal, foi reservado de Grande Campeão.

Ao dar maior ênfase ao leilão, embora reconheça a importância da exposição para promover os animais e o rebanho, Rubico segue uma filosofia dos criadores americanos, ingleses e argentinos, onde, nos anúncios, eles destacam, sempre, os preços mais elevados e não os pontos

dos campeonatos. "O campeonato é consequência de um trabalho bem feito que você desenvolve. Agora, no leilão, onde você oferece a mercadoria para 400, 500 pessoas ao mesmo tempo, os animais têm que ser bons mesmo. É óbvio, assim, que o criador que alcança por um animal, os melhores preços é, no momento, o melhor do mercado, argumenta. "Quem determina é a própria freguesia. Através de preços é que você pode ver quem é o melhor criador, a mercadoria que é mais bem aceita e é mais disputada no mercado. Então, é, para mim, o melhor", acrescenta.



Coreto onde Rubico, durante o ano todo, mostra aos criadores os produtos que irão a leilão.

É, por essa razão, que ele, terminado um leilão, uma semana depois, já tem separado quase todo o gado para o leilão seguinte. E também por essa razão que não vende, fora do leilão, os produtos de cabeceiras. Assim, quando leva os animais ao leilão ele quer que o comprador que participa tenha a garantia de que está comprando o melhor do seu plantel. Praticamente o ano inteiro, criadores de todo Brasil visitam a Fazenda Brumado. E Rubico, pacientemente, reúne os animais, mostra a vacada, as bezerradas, mostra o trabalho, dá informações de touro por touro. "Não escondo nada", orgulha-se. Mais é nas vésperas da Exposição de Uberaba e de Barretos é que a frequência aumenta muito. E ele mostra tudo. Recebe oferta, mas recusa-se a vender.

O Leilão Brumado, realizado no 1.º sábado de julho, é pioneiro no Nelo e, este ano, já é o 10.º ano consecutivo que realiza em Barretos. A idéia desse leilão surgiu em Londrina, quando essa forma de venda era ainda embrionária no país. No início, o leilão reunia Orestes Prata Cunha, Rubico de Carvalho e o comandante Carneiro de Mendonça.

Posteriormente, ingressou o criador Nenê Costa. Porém, Nenê Costa saiu do grupo e Rubico lamenta. "Perdemos um excelente companheiro. Infelizmente, após o 8.º Leilão Brumado, ele saiu. Lamento porque ele tem um excelente plantel que somava muito no leilão", diz.

Desde que foi iniciado, esse leilão sempre estabeleceu récores de preços, em faturamento, em média na categoria POI e PO. Mas, como esclarece Rubico, os criadores sempre aceitaram a lei da oferta e nunca faz defesa. Só para exemplificar em 1983, o total vendido alcançou 270 mil dólares e em 1984 alcançou 970 mil dólares. Mas houve um ano que alcançou 1.324 mil dólares e no ano seguinte caiu para 500.

Em julho próximo, o Leilão Brumado completa 10 anos ininterruptos e a Fazenda Brumado 50 anos de seleção de Nelo. E embora Ru-



Rubico de Carvalho, ao lado do filho José Eduardo, mostra reprodutores a criadores de Pernambuco.

bico mantenha silêncio, pode ocorrer alguma surpresa agradável no leilão.

Apesar da fama do plantel e qualidade dos animais, o criador sempre está procurando melhorar o seu rebanho. E, assim, tem utilizado novas linhagens nos cruzamentos e também tem empregado sêmen de outros touros. A razão da introdução das novas linhagens era para refrescar o sangue e desse trabalho emergiram animais excepcionais. Surgiram, por exemplo, três touros — Himalaia, Calcutá e Ganghaia — to-

dos da mesma geração, nascido em um ano só. Esses touros, que foram feitos em 1962 e 1963, quando trouxe diversas vezes campeões, hoje estão nas centrais de inseminação. E as vendas dos sêmens tem sido tal que os estoques estão esgotados.

Como o governo brasileiro não permite importação de gado da Índia, Rubico, para fazer os cruzamentos, tem que procurar os animais no Brasil mesmo para melhorar cada vez mais o rebanho. O critério é sempre o mesmo: o animal tem que melhorar o rebanho na parte econômica, ve-



Rubico em companhia do nosso representante, Milton Cândido da Silva.

O NELORISTA DO MÊS

localidade de ganho de peso, melhor conformação da carcaça e também racial. Esse critério ele acha fundamental. Lembra da importação que os reprodutores Tirano, Egito e Garrido, os primeiros touros Nelore que atingiram, no Brasil, 1.000 kg de peso. "Nossa filosofia é nunca esquecer o aspecto racial, mas dando ênfase à parte econômica. O animal para entrar no plantel tem que trazer melhoria na carcaça, precocidade no ganho de peso", diz.

A vida de Rubico de Carvalho como criador começou cedo. Moço ainda, teve que, em 1935, assumir a seleção, em razão da doença do pai, que ficou paralisado. Associado ao pai, iniciou, já, a seleção de Nelore, na época sem muita fama e inclusive olhado com desprezo pelos pecuaristas. Rubico lembra das compras feitas no rebanho de Jerônimo de Paula, de Campina Verde, MG, um dos poucos fazendeiros a criar, na época, o Nelore puro, formado a partir do plantel vindo do Estado do Rio. Recorda também do touro Ogan, adquirido do criador Rodolfo Borges, único, na época, a criar Nelore em Uberaba.

De Prata, MG, onde começou com o pai, Rubico chegou em 1938 a Uberaba, hoje considerada a capital do Zebu. Ali permaneceu por 10 anos. E em 1948 chegava a Barretos, iniciando a criação na Fazenda Limoeiro, em sociedade com o irmão João Humberto. Chegaram a possuir 600 vacas registradas. O rebanho foi enriquecido em qualidade. Rubico lembra de um dos touros que melhorou muito o seu rebanho: o Tirano da Índia, comprado, em 1951, de Durval Garcia Menezes, de Campo Grande, RJ, uma criação renomada e que continua o trabalho de seleção, feita agora pelo filho Pedro Ernesto. Ele lembra também das compras feitas do tio Nenê Costa, Otávio Machado e Torres Homem. Essa sociedade durou até 1962.

Foi, porém, em 1962, numa importação feita com o seu tio Nenê Costa, que houve salto no aprimoramento racial do Nelore da Fazenda Brumado. Na divisão dos animais, Rubico ficou com 21 fêmeas e 4 reprodutores. Com isso, impôs aos animais de sua seleção características próprias e facilmente reconhecidos em qualquer plantel em

que o sangue Brumado esteja presente. Na leva da importação, vieram os grandes reprodutores Godhavari, Gonthur, Pandhiá e Mavi e e mais Kurupathy, este nascido no quarentenário de Fernando de Noronha. Outros touros que injetaram qualidade no rebanho da Brumado foram Amedabad, Anandi, Gonthur IV e Rajasthan e mais recentemente Calcutá, Ganghaiá e Himalaia, Chakorapur e Gurupur, todos hoje nas centrais de inseminação artificial.

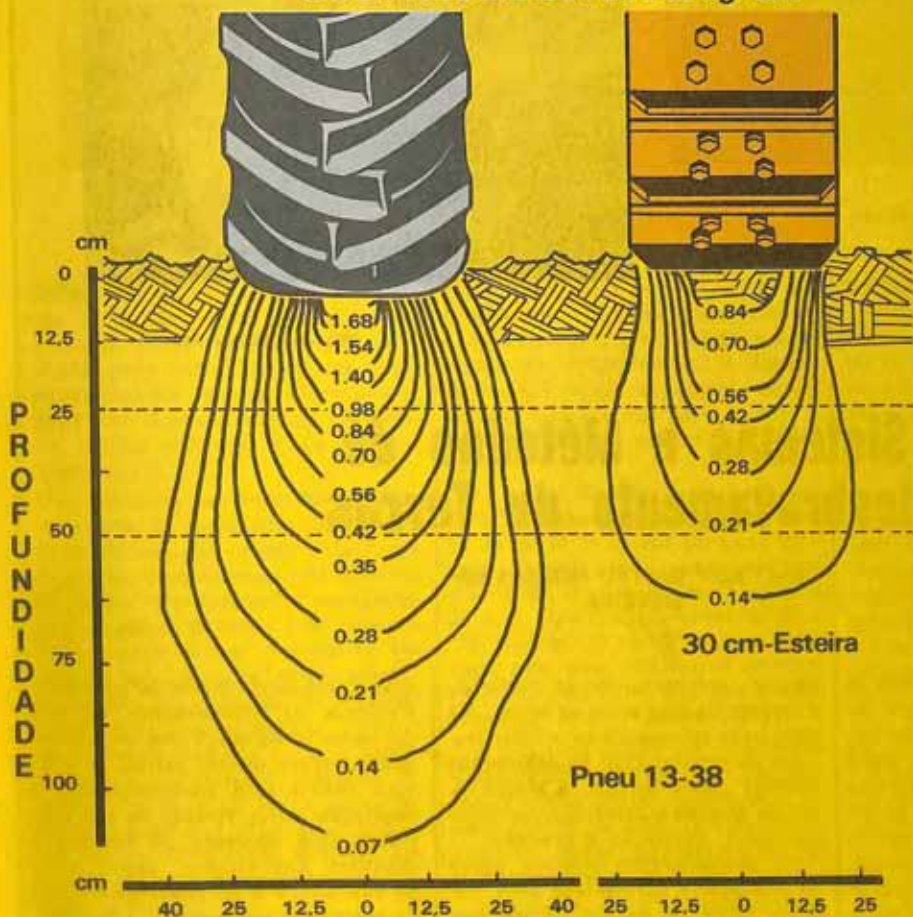
Todos os acasalamentos feitos na Fazenda Brumado são decididos por ele e o filho Antônio José. Juntos, escolhem os touros que melhorarão ainda mais o rebanho. É, aí, em sua opinião, que reside a fama, hoje, do prefixo Brumado. Embora esteja satisfeito com o desempenho do gado brasileiro, cuja média de peso saltou, nos últimos 20 anos, de 15 para 18 arrobas, com economia de um ano no abate, Rubico continua insistindo: o governo deve liberar a importação de animais da Índia, trazendo o que há de bom do berço do Zebu. "Temos ainda muito caminho a percorrer e melhorar ainda mais o Nelore", diz.



Este lote de matrizes atesta a grande qualidade do gado de marca BRUMADO.

Alguns tratores pisam no solo. O D6D SA flutua.

PRESSÃO VERTICAL NO SOLO SOB PNEUS E ESTEIRAS kg/cm²



DISTÂNCIA DA LINHA CENTRAL DA CARGA
Carga Dinâmica 1630 kg/Tração na Barra 680 kg

A ilustração mostra o resultado da pesquisa realizada pelo National Tillage Machinery Laboratory.

A atividade agrícola é extremamente lucrativa, desde que o solo, onde as diversas culturas irão germinar, esteja devidamente preparado.

A compactação do solo, provocada pelos pneus de tratores e caminhões, é extremamente prejudicial.

O trator de esteiras D6D SA (para aplicação agrícola) distribui o seu peso por uma área de contato com o solo muito maior, o que faz com que a compactação seja muito menor.

E aí, qual a vantagem?

Maior infiltração da água, melhor desenvolvimento das raízes e, conseqüentemente, melhor germinação das culturas.

E claro, menores possibilidades de erosão.

A força de tração do D6D SA, por se movimentar sobre esteiras, permite uma melhor qualidade do serviço, com menor consumo de combustível por hectare preparado.

Uma completa linha de implementos, projetados especificamente para o D6D SA, inclusive uma lâmina agrícola, encontra-se disponível.

Por estas e outras, quem pensa um pouco mais na hora da compra, lucra muito mais na colheita.

Consulte o seu Revendedor Caterpillar.



CATERPILLAR



D6D

APLICAÇÃO
ESPECIAL

A FORÇA DA TRACÇÃO





D6D com lâmina KG

Sistemas e Métodos de Desbravamento de Terras

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA
SILVEIRA

Basicamente, o desbravamento de terras pode ser parcial, integral ou seletivo. No desmatamento parcial, as vias de acesso e parte da gleba são abertas por meio de máquinas especializadas que derrubam as árvores e retiram os tocos. O restante da área é derrubado com machado ou moto-serra, conduzindo-se culturas e pastagens entre os tocos e troncos. A curto prazo não permite o uso de equipamentos tratorizados, sendo difícil implantar nestes locais uma agricultura empresarial.

No desmatamento integral, as árvores são retiradas em toda a extensão da área, deixando o terreno em condições de ser trabalhado com qualquer tipo de máquina. O custo inicial é mais elevado, porém o capital investido retorna a curto prazo. As fases no desmatamento integral são: derrubada da vegetação

natural, enleiramento do material, e limpeza da área entre as leiras. Na derrubada recomenda-se utilizar tratores de esteiras com equipamentos frontais como lâminas e empurrador de árvores ou tracionados como rolo-facas, correntão e grades.

No desmatamento seletivo, parte da vegetação é aproveitada para madeira, lenha ou carvão. Exige um bom planejamento, mais oneroso, e é precedido de um estudo de viabilidade econômica.

Os fatores que afetam a capacidade de trabalho das máquinas de desmatamento são: topografia, tipo de solo, condições climáticas e vegetação existente. Em locais de topografia acidentada, por exemplo, não se aconselha o uso do correntão, somente lâminas. O tipo de solo influi diretamente na estabilidade dos tratores, e fixação da vegetação ao

solo, oferecendo maior ou menor resistência ao tombamento. No que diz respeito às condições climáticas, quanto mais úmido estiver o solo, mais difícil será movimentá-lo. A vegetação influi através de sua densidade que depende do número e diâmetro das árvores, assim como de sua altura e da presença ou não de vegetação intermediária (cipós), que dificultam os trabalhos.

O sistema a ser utilizado vai depender do uso final da área, onde se pode ou não ter a presença de raízes e tocos. O desbravamento sem raízes fica mais caro do que deixando tocos no terreno.

Equipamentos

Os principais equipamentos empregados são: lâminas frontais, correntão, rolo-faca, grade pesada, an-



D4E com ancinho



D6D com lâmina angulável

cinchos, etc. Quanto às lâminas frontais temos dois tipos: as empurradoras, Bulldozer ou angulável, projetadas para corte, transporte e nivelamento de terras (terraplenagem) e as lâminas frontais cortadoras, lâmina angulável Rome KG e a lâmina em V.

As lâminas empurradoras têm uma série de limitações: aplicação direta do empuxo criado pela força de tração desenvolvida nas esteiras do trator; isto acarreta a necessidade de tratores pesados e de alta potência, para vencer o empuxo requerido por árvores relativamente pequenas; necessidade de escavar em volta da árvore; aplicar o empuxo de forma variável, o que sobrecarrega a transmissão; elevado revolvimento do solo; baixa capacidade de trabalho, comparada com as lâminas cortadoras de árvores, em termos de área desmatada por unidade de tempo.

Quanto às lâminas cortadoras de árvores temos no mercado internacional dois tipos: lâmina V e lâmina cortadora em ângulo ou lâmina KG. A segunda é mais usada entre nós, sendo composta por: esporão, gume de faca e defletor. O esporão localiza-se no canto esquerdo produzindo um fendilhamento na base do tronco ou toco. A faca de gume corta as fibras das árvores e deve ser afiada com esmeril portátil. O defletor fica na parte superior da lâ-

mina, aplica um empuxo acima e à direita da máquina ordenando o tombamento, o que facilita a operação de enleiramento. A lâmina Rome KG utiliza a potência desenvolvida nas esteiras para romper o tronco e cizalhar suas fibras lenhosas.

O correntão não é mais do que uma corrente de amarra ou de âncora de navio, adaptada para uso agrícola. Os elos são barras de aço com diâmetros variáveis de 1" 3/4 a 2" 1/2, com comprimentos de 90 a 150 metros. O correntão é especificado pelo peso por metro de comprimento, diâmetro dos elos e comprimento total. (Tabelas 1 e 2).

A potência exigida pelo correntão depende das características da vegetação, como porte, densidade e espécies; tipo de solo, se arenoso ou argiloso, topografia, largura das sapatas da esteira do trator.

Normalmente, o correntão é traçado por dois tratores com lâmina; pode-se usar também um terceiro trator para derrubar as árvores mais resistentes, que impedem a passagem do correntão. Este trator também pode substituir qualquer um dos dois tratores que estiverem traçando o correntão, se sofrerem avarias.

Cada extremidade do correntão é acoplada à barra de tração oscilante dos tratores formando uma curva parabólica. A distância entre os

tratores não deve ser maior que 1/3 do comprimento total da corrente ou duas vezes a distância relativa à altura da maior árvore, para efeito de segurança, evitando assim que possam cair sobre o operador.

O correntão pode ser utilizado duas vezes em sentidos opostos desde que necessário. A primeira passada de ida e a segunda de volta é chamada de "arrepio". Em trabalho, a posição ideal do correntão é atingir o fuste da árvore e arbustos numa certa altura do solo, o suficiente para formar um "braço de alavanca". Deve-se procurar a relação ideal entre o peso por metro do correntão e as condições da vegetação.

Os giradores são usados para evitar o rompimento do correntão por torção, sendo recomendado dois, um em cada extremidade do correntão. Em áreas com muito cipó, deixar somente um girador na parte central evitando o enrolamento do cipó na corrente.

Outros Equipamentos

O rolo-faca é indicado para áreas com vegetação densa mas de pequeno diâmetro, para ser quebrada e destruída. O equipamento é constituído de um cilindro com várias lâminas na superfície, que ao girarem vão tombando e cortando a vegetação, causando um mínimo de

mobilização do solo. A área deve ser livre de tocos e pedras, que podem diminuir a eficiência da ação das lâminas sobre a vegetação.

A grade pesada é usada para vegetação leve e deve ser incorporada ao solo. O equipamento deve possuir acima de 200 kg de peso por disco, sendo além de 45 cm a distância entre eles. Com estas características faz um trabalho eficiente e econômico. Estas grades têm discos acima de 32" de diâmetro, sendo que o número vai depender da potência do trator, variando de 10 a 20.

No caso de um D4E DD Caterpillar indica-se uma grade de 10 discos de 32". Já para um trator D6D-SA Caterpillar o ideal é uma grade de 20 discos com 32" de diâmetro..

Na operação de enleiramento, apesar de parecer mais leve, o tempo gasto é quase igual ao da derrubada. Indica-se o emprego de lâminas dentadas ou ancinhos, que deslocam a vegetação, sem levar o solo superficial para as leiras, evitando o problema da erosão e distúrbios ao solo.

Nas áreas de cerrado, onde a vegetação é mais leve, esta operação pode ser feita com carregadeiras de rodas, também equipadas com lâminas dentadas ou ancinhos.

O desmatamento é uma operação muito perigosa para o tratorista chegando a causar acidentes fatais, se o trator não estiver devidamente

protegido. Indica-se neste tipo de trabalho o uso de cabines de segurança para proteção do operador. Quanto ao trator, deve estar equipado com proteções laterais do motor, radiador, linha de cilindros hidráulicos, tanques de combustível e tomadas de ar, protegendo os filtros primários do motor. A prática tem demonstrado que com uma máquina devidamente protegida os tratoristas chegam a produzir 20 a 30% a mais, uma vez que se sentem mais seguros.

Neste tipo de trabalho é muito comum a ocorrência de incêndios, que podem ser evitados, colocando-se na cabina do operador um tanque com água e uma bomba hidráulica manual, para distribuir a água. Como vemos, são várias as técnicas

de desmatamento. O agropecuarista deverá conhecê-las, bem como os equipamentos, empregando o que melhor se adapte às suas condições.

TABELA 1: Especificação do correntão

Tipos	Peso por metro
Leve	50 a 80 kg
Médio	80 a 100 kg
Pesado	100 a 120 kg

TABELA 2: Tipo de correntão

Tipo	Comprimento total (m)
Normal	90 a 120
Longo	120 a 150

TABELA 3: Potência do trator e os tipos de correntão

Potência do trator de esteiras no motor	TIPOS	
120 — 150 HP	Normal	Leve
	90 a 120 m	50 a 80 kg
150 — 180 HP	Normal	Médio
	90 a 120 m	80 a 100 kg
150 — 180 HP	Longo	Leve
	120 — 150	50 a 80 kg
200 — 270 HP	Normal	Pesado
	90 — 120	100 a 120 kg
> 300 HP	Longo	Pesado
	90 — 120	100 a 120 kg



Carregadeira 966 com ancinho enleirador



D4E com grade pesada



EDIFÍCIO



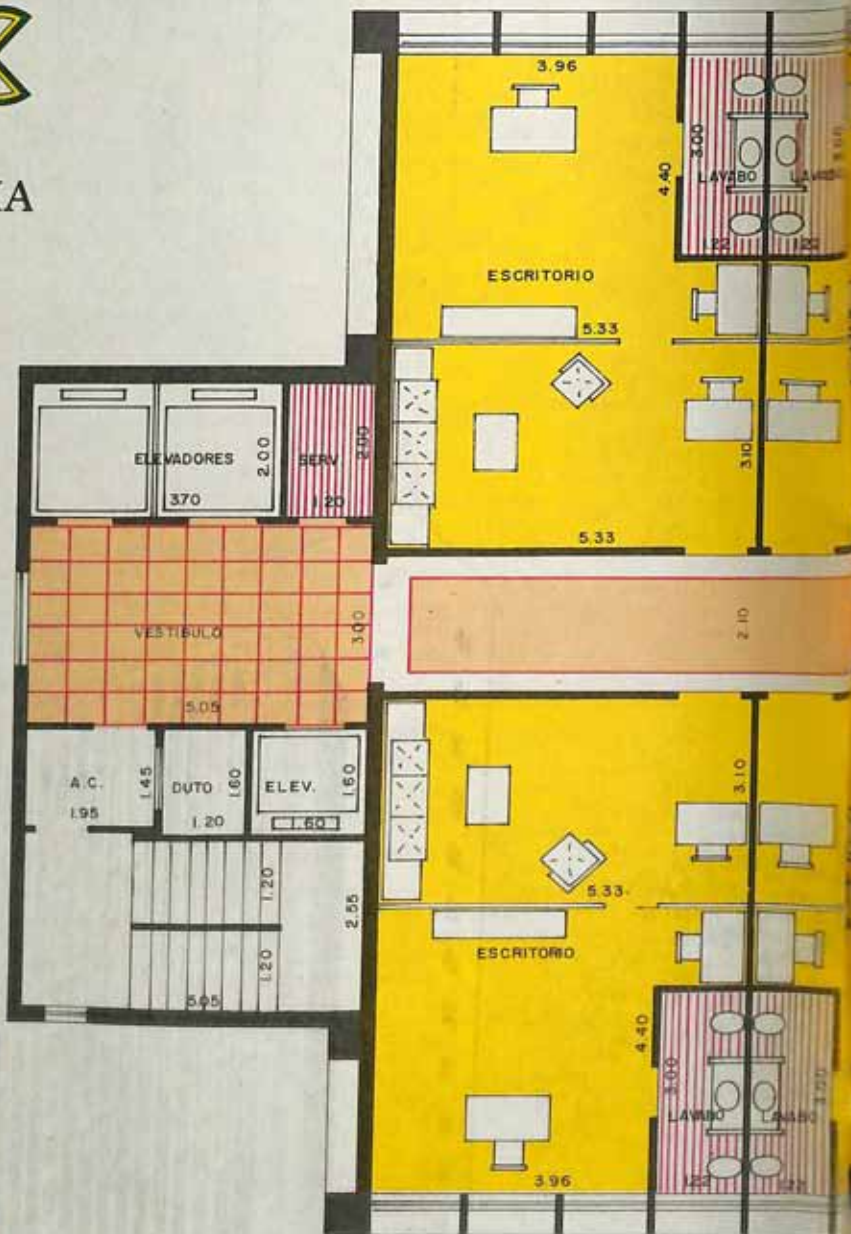
O CENTRO
DA AGROPECUÁRIA
NACIONAL

EDIFÍCIO

ABC

O CENTRO DA AGROPECUÁRIA NACIONAL

Com respeito a construção do EDIFÍCIO ABC, que vimos noticiando nesta Revista, no terreno de 7.147 m² que possuímos na Av. José Cesar de Oliveira, podemos adiantar aos nossos leitores que o projeto já está elaborado e aprovado pela Prefeitura Municipal. As vendas de suas áreas serão iniciadas tão logo a incorporação esteja registrada no Registro de Imóveis da 10.ª Circunscrição Imobiliária. A documentação para tal fim, como plantas aprovadas, certidões de propriedade, minutas de contratos já foram encaminhadas aquele cartório

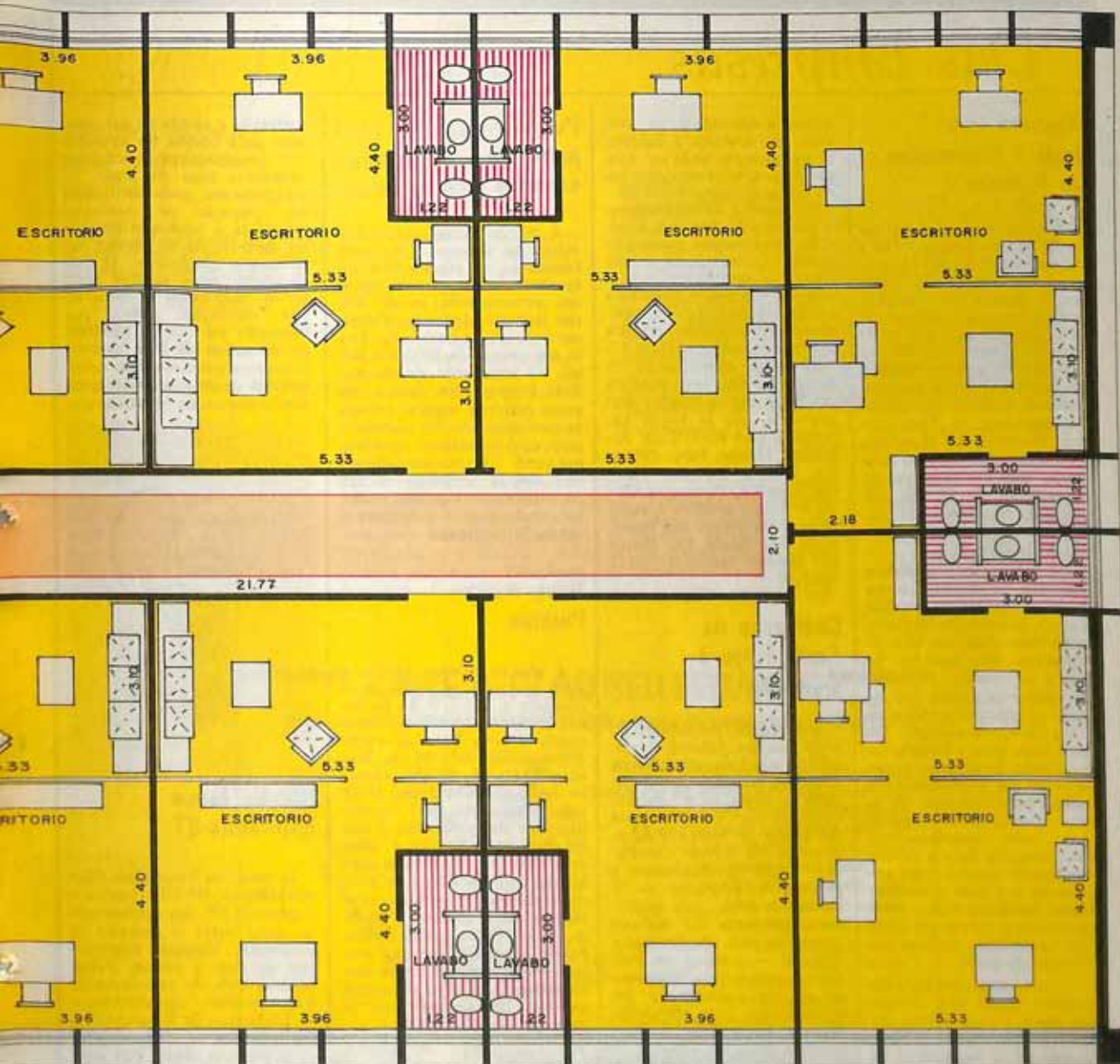


Conforme já noticiamos o edifício terá 11 pavimentos e dois sub-solos para garagens de uso exclusivo dos condôminos. Está previsto no pavimento térreo, loja e mezzanino.

Os onze pavimentos comportam 108 salas para escritórios e cada um deles com seu respectivo sanitário, conforme se pode ver na plan-

ta acima. Os dois sub-solos têm capacidade para 240 veículos, havendo mais 39 vagas de estacionamento distribuídos no térreo e destinados aos serviços das duas lojas e auditório. Os escritórios são modulados e em condições para se conjugar duas ou mais unidades.

O edifício terá na cobertura uma área de lazer e laje dimensionada



ANDAR TIPO 1º AO 10º

para pouso de helicóptero, um centro de radiotransmissão e circuito interno de TV.

Ao lado do EDIFÍCIO ABC será construído o auditório com capacidade para 196 pessoas com instalações para audifonia, constituindo-se em um centro para reuniões da ABC e das organizações que ali se instalarem.

O exposto acima dá bem uma idéia do que será o EDIFÍCIO ABC e lembramos que atualmente a Associação Brasileira de Criadores com suas lojas na rua Jaguaribe e no Jaguaré formam um centro regulador de preços de insumos agropecuários. Com a construção da nova sede no Jaguaré ao lado da Ceagesp, será formado num futuro próximo o

maior e o mais poderoso centro de negócios agropecuários da América Latina. Este será pois o lugar ideal para a instalação de um escritório para todos aqueles que direta ou indiretamente tenham suas atividades ligadas a produção agropecuária e seus derivados. Para maiores informações dirija-se a Diretoria da ABC pelo telefone 826-3033.

Das Empresas

Aparelho leva lazer e informações às fazendas

Fundada há sete anos em Santa Rita do Sapucaí, MG, a Linear Equipamentos Eletrônicos vem produzindo receptor de satélites (11 estrangeiros e 1 brasileiro), que permite captar, em qualquer ponto do país, imagens nítidas das emissoras de tevê brasileiras e de vários países. E como se estivesse próximo à estação retransmissora, da Tevê Globo, Bandeirantes, Manchete, SBA e um canal de Tevê Educativa, além das emissoras do México (2), dos Estados Unidos (2), da Rússia (1), da Bulgária (2), da Venezuela (2) e do Peru (2).

De acordo com o diretor comercial da empresa, o engenheiro Robinson Gaudino Caputo, isso permite ao fazendeiro estar atualizado com informações que ocorrem no país e no Exterior. "É muito importante na medida que ele pode acompanhar a Bolsa de Nova York, por exemplo. Ele pode viajar para a fazenda em localidades longínquas e não se privar das informações oferecidas pelas emissoras de tevê. Porém, serve também para lazer, proporcionando entretenimento para a família nos fins de semana e aos empregados e manter o administrador atualizado com o mundo externo e com o que acontece nos maiores centros econômicos do país".

"É custa muito barato", diz Caputo. "Pouco mais do que um fusca e bem abaixo do que qualquer carro médio", acrescenta. O equipamento é composto de uma parábola, uma antena parabólica, um amplificador LNA, ligado por um cabo, ao receptor, que permite acoplar 20 aparelhos de tevê. Este equipamento custa Cr\$ 25 milhões: 30% no pedido, 40% na instalação e 30% 30 dias depois. À vista custa Cr\$ 22 milhões. Há financiamento bancário também. Se a Fazenda possui uma colônia de família grande pode acoplar um retransmissor, que custa aproximadamente Cr\$ 25 milhões. Com o retrans-

missor a capacidade de utilização do aparelho é infinito. O equipamento pode ser acionado por energia elétrica e baterias de 25 volts.

Geralmente, o equipamento é instalado 30 dias após o pedido, sem nenhum custo adicional. O transporte é por conta do comprador, mas a empresa garante assistência técnica permanente. Atualmente, existe grande procura por esses aparelhos. Só a Linear instala mensalmente 50 aparelhos. Nos sete anos de existência ela já vendeu 450 aparelhos, que já foram exportados para Porto Rico, Argentina, México, Peru, Colômbia, Bolívia, Espanha, Panamá, Equador, Paraguai e Chile. A Linear mantém o escritório de vendas em São Paulo, à rua Sald Alach, 132, Bairro do Paraíso, telefone: (011) 884-3122.

Campanha da Smith Kline é premiada

A campanha publicitária do Mata Bicheira Siliskid, desenvolvida pelo Laboratório Smith Kline, foi premiada com a medalha de prata, no 4.º Prêmio Colunista — Rio, categoria Campanha de Mercado Agropecuário. O Prêmio Colunista — maior reconhecimento à propaganda brasileira — é outorgado pelos mais importantes colunistas dos maiores jornais do país. A campanha "Siliskid — o Herói das Pradarias" passou pelo julgamento de sete colunistas e foi desenvolvida pela Armando Amorim Publicidade.

Foi encontrado o mais procurado
MATA BICHEIRA



Purina patrocina esportes

A Purina Alimentos, subsidiária da Rahston Company, fabricante de rações animais, resolveu ingressar nos esportes, patrocinando os cavaleiros Roberto Azevedo (Juca), campeão 84, e Carlos de Santi, em provas de Hipismo Rural. O presidente da Purina, Rolo Bryson, disse que a empresa pretende marcar presença no mercado de alimentos para equinos através do hipismo rural. "É uma modalidade que vem-se firmando dentro do cenário do equestre nacional, deslocando a elite para o campo", justificou.

Novo motor Perkins

A Massey Perkins lançou a nova versão de motores de 6 cilindros e 135 CV de potência, o Q20B, que vem equipando a nova linha de caminhões diesel da GM do Brasil, o D-60, 70, 80, 90. O novo caminhão Chevrolet, D-40, com capacidade de 6 toneladas, será equipado com o motor Perkins Q-20B, de 4 cilindros e 90 CV. Equipados com bomba injetora de baixa inércia e pistões de expansão controlada com apenas 3 anéis cromados, o que assegura combustão eficiente e redução sensível de atritos, os novos motores permitem uma economia de 8% de combustíveis e 20% de óleo lubrificante.

Guarany fabrica pulverizadores

A Indústria e Comércio Guarany, fabricante de produtos químicos para artesanato e implementos agrícolas, está colocando no mercado o pulverizador pressurizado, com capacidade para 10 e 15 litros. Como funcionam pelo sistema de pressurização prévia, permite ao operador trabalhar com uma mão livre. A pres-

surização é obtida de dois modos: pela bomba do aparelho ou compressores mecânicos, usando-se bico de pneu. O equipamento pode ser usado na aplicação de inseticida, fungicida e adubação foliar e na desinfecção de granjas, estábulos e chiqueiros. O pulverizador pode receber acessórios, ampliando o leque de sua utilização, como, por exemplo, na caiação profilática de usinas de leite, destruição de cupinzeiros pelo calor, queima de lixo, resíduos e tocos, caiação de árvores, etc.



Rhodia lança Espiramix-ST

O Instituto Veterinário Rhodia-Mérieux (IVMR) lançou o Espiramix-ST, um medicamento para curar e prevenir as principais doenças respiratórias de aves e suínos. Fabricado através de associação de três agentes antibacterianos — Embonato de Espiramicina, Sulfadiazina e Trimetoprim — o produto obteve boa aceitação nos testes, mostrando boa eficácia. Pré-mistura para ser incorporada à ração, o Espiramix-ST possui amplo espectro de ação, elevada absorção por via oral e alta concentração nos tecidos. Recomenda-se para cura ou prevenção de doenças respiratórias crônicas na avicultura, responsável por grande parte das condenações das carcaças nos abatedouros e à pneumonia enzootica/Rinite Atrofica, doença que provoca grande perda na suinocultura.

Das Empresas

Asgrow inaugura nova unidade de pesquisa

Há 10 anos atuando no país, a Asgrow do Brasil, empresa especializada em produção de sementes, inaugurou, em abril, a Estação Experimental de Pesquisa de Hortaliças, em Paulínia, SP. Na nova unidade, a empresa irá pesquisar e desenvolver sementes de hortaliças adequadas ao clima brasileiro. Localizada no km 143 da rodovia Campinas-Paulínia, ocupa uma área de 18 hectares. Na Estação Experimental, foram instalados laboratórios, armazém, câmara frigorífica, câmara seca e fria para a conservação de sementes e oficina de manutenção dos equipamentos.

Ford divulga tratores e implementos

A Ford Tratores iniciou em abril a divulgação dos tratores e implementos por várias regiões do país, através de uma unidade volante de demonstração, integrada por um coordenador, um instrutor técnico e um motorista, equipada com três tratores Ford — modelos 4.610, 5.610 e 6.610. Em abril e maio, sob um caminhão, a unidade volante percorreu as regiões de Araraquara, Catanduva, São José do Rio Preto, Barretos, Bebedouro, Ribeirão Preto, Franca, Orlândia e Ituverava e o Triângulo Mineiro (Uberaba, Uberlândia e Ituiutaba). Em junho, percorrerá Presidente Prudente, Cornélio Procopio,



Os equipamentos e tratores da Ford que estão percorrendo mais de 7 mil km do Norte a Sul.

Maringá, Apucarana, Paranaíba, Umuarama, Goi-Ere, Ponta Grossa, Guarapuava e Patto Branco. Em julho e agosto a caravana percorrerá Santa Catarina e Rio Grande do Sul, fazendo demonstrações

em Chapecó, Joaçaba, Passo Fundo, Palmeira das Missões, Três Passos, Três de Maio, Cerro Largo, Santo Angelo, Braço Norte, de onde retorna a São Paulo, onde passará por Tatuí e Sorocaba.

JUNTE A TV AO SEU REBANHO

EM QUALQUER PONTO DO PAÍS VOCÊ PODERÁ TOCAR SEU CENTRO PARTICULAR DE TV



Traga o mundo inteiro até sua fazenda, recebendo via satélite, sem chuviscos nem chiados, os programas de todas as emissoras de TV brasileiras, além de muitos programas de diversos satélites internacionais.

A LINEAR oferece diversas opções de sistemas para recepção de sinais de TV via Satélite, desde o receptor de uso doméstico, que é ligado diretamente ao televisor, até o receptor profissional, que ligado a um retransmissor (também produzido pela LINEAR), pode levar os programas dos satélites, com imagem e som perfeitos, às comunidades de qualquer tamanho. Da qualidade destes equipamentos dão testemunho as mais de 300 estações em operação.

A LINEAR terá o maior prazer em atender sua consulta, e estudará sempre a alternativa mais adequada a cada caso em particular.



LINEAR
EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS LTDA

FÁBRICA: Av. Sinhô Moreira, 1/6 - Fone (036) 631 1311 - Telex 312222 LEEL - Cx.P. 78 - CEP 37640 - Santa Rita do Sapucaí - MG
ESCritório: R. São Alacho, 132 - Fone (011) 884 3122 - Telex 1137345 LEEL - CEP 04003 - São Paulo - SP

Quando inseminar as novilhas?

HUIBERT PIETER JANSSEN*

Este assunto se discute muito entre os pecuaristas e técnicos, sobre qual o momento mais adequado para se começar a inseminar ou cobrir as novilhas. Observamos que muitos pecuaristas preferem iniciar com a inseminação somente com 1 ano e 8 meses em diante. Nós achamos que novilhas em boas condições de crescimento pode-se iniciar mais cedo com a inseminação ou cobertura.

Mostramos algumas vantagens da cobertura em novilhas entre os 24 meses e 28 meses de idade em relação aos de 30 a 39 meses:

1. Início antecipado da novilha na produção de leite.
2. Menor custo com criação (por ser mais curto).
3. Maior número de vacas em relação a animais jovens e não produtivos.
4. Menor descarte devido a menos problemas reprodutivos e de mastite.
5. Menos problemas no parto.

Demonstramos, ainda, resultados obtidos em outros países com novilhas que pariram em diferentes idades.

Pelos dados verificamos que a maior diferença na produção de leite está na 1.ª lactação para a 2.ª lactação em animais que criaram ao redor de 24 meses.

Outro ponto a observar além da idade é o peso. Mostramos dados obtidos na Alemanha em vacas com média de 2 anos.

Através desses dados, na Alemanha conclui-se que, com vacas com 420 kg até 520 kg de peso após o parto, chega-se num acréscimo em média de que cada 1 kg de peso vivo resulta num aumento de 8,5 kg de leite na produção.

Vemos que em outros países não se perde em produção. Se uma novilha cria ao redor dos 2 anos de idade, também o peso é fundamental, pois existe relação entre a produção de leite e o peso das novilhas após o parto.

Algumas vezes, na prática, ocorre de novilhas serem cobertas (novas) acidentalmente pelo touro próprio ou do vizinho que "pulou a cerca". Quantas vezes já falharam essas coberturas? Possivelmente nenhuma, isso demonstra claramente que as novilhas cobertas (no cedo) têm menores problemas com reprodução.

Para que as coberturas não ocorram acidentalmente mas sim propositalmente e com isso evitando maiores riscos, é necessário observar fatores que estão ligados com o crescimento dos bezerros até chegarem ao momento ideal para a inseminação, também tirar da cabeça de algumas pessoas que: "Em animais que

não produzem não se deve gastar dinheiro".

Que vacas serão estas no futuro?

Para se iniciar o mais rápido possível com a inseminação das novilhas é indispensável uma boa alimentação e bom manejo, desde o nascimento do bezerro.

Recomendamos alguns itens básicos para a criação de bezerros:

- Desinfetar o umbigo logo após o nascimento.
- Dar colostro dentro de 3 horas após o nascimento.
- Colocar o bezerro em box individual, limpo, desinfetado e arejado.
- A partir do décimo dia não deixar faltar, água fresca, ração e feno.
- Vacinar e desverminar no tempo certo.
- Quando o bezerro consumir 800 gramas de ração por dia, cortar o leite.
- Oferecer sempre pastagens de boa qualidade.
- Não abandonar os bezerros após o desmame em pastos de baixo valor nutritivo, campos nativos ou grama, sem suplementação.

Cada produtor procura a sua maneira, melhor sistema e momento para inseminação, porém é necessário observar e refletir como as outras propriedades produzem e obtêm bons resultados.

Também lembramos que a criação dos bezerros é um investimento a longo prazo.

O método pelo qual criamos as bezerras influirá no desempenho dela como vaca.

* Médico-veterinário do Setor Zootécnico da Cooperativa Controlando, Castro, PR.

Inglaterra		Israel	
Idade em meses	1.ª lactação	1.ª lactação	2.ª lactação
22 meses	4.570	5.700	6.600
24 meses	5.000	5.850	7.100
26 meses	5.050	5.450	6.350
28 meses	5.100	6.050	6.500
30 meses	5.100	—	—

É importante dar nome aos bois.

Identificação Correta Significa:

Matéria prima de resistência comprovada; visualização perfeita; aplicação rápida e eficaz. Sob esse critério a BOVITEC vem manufacturando seus brincos há mais de dez anos e contribuindo assim para o desenvolvimento da pecuária. Um produto verdadeiro não tem substituto.



Bovitag

Bovitag II

Bovitag III



Bovitag III
mínimo

Bovitag III
pequeno

BRASIL EXPORT

Identifique com a
qualidade BOVITEC



BOVITEC

PRODUTOS AGRO-PECUARIOS LTDA.
Rua Duarte de Azevedo, 449 - São Paulo - Brasil
CEP: 02036 - Fone: PABX 267-6477
TELEX: (011) 33069 BOVI BR.

Métodos para evitar perdas na colheita de soja

O Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSoja), da EMBRAPA, sediado em Londrina desenvolveu e aperfeiçoou uma tecnologia simples que pode, a curto prazo, reduzir o índice de perdas na colheita da soja, ainda considerado alto. Para se ter uma idéia, apenas nesta safra o Brasil pode deixar de colher em torno de 2,8 sacas, em média, por hectare, nos 9,4 milhões de hectares cultivados com soja no país.

A estimativa foi feita esta semana, pelo Chefe do CNPSoja Emídio Bonato, tomando como base a produtividade média das lavouras brasileiras estimada para esta safra, em torno de 1.700 quilos por hectare. Segundo ele, os produtores poderão deixar de colher 1 milhão e 598 mil toneladas, significando que Cr\$ 1,12 bilhão deixaria de ser faturado pelos produtores da oleaginosa — considerando os preços médios hoje praticados no mercado da soja, Cr\$ 42.000 a saca de 60 quilos.

Esta perda, no entanto, pode ser reduzida já nesta safra para 1,5 sacas por hectare. Isto significaria um ganho em toda a área cultivada com soja no país, de 752 mil toneladas.

E, para isto, basta que os plantadores da oleaginosa utilizem agora, na colheita, uma técnica muito simples, mas eficiente para quantificar os grãos que deixaram de ser colhidos e, a partir daí passem a adotar práticas para reduzir o índice de perdas — enfatiza Bonato.

UM SIMPLES COPINHO

Um simples copinho, desenvolvido por pesquisadores do CNPSoja pode mostrar, com eficiência, o quanto se está perdendo nas lavouras. Para utilizá-lo, basta que se faça amostragens logo após a passagem das máquinas, estendendo-se no chão

uma armação de madeira e barbante, da mesma largura da plataforma da colheitadeira e recolha-se os grãos no copo medidor.

Celso Gaudêncio, pesquisador do CNPSoja — um dos inventores desta simples tecnologia — explica que depois de muitos testes, a pesquisa chegou a conclusão de que recomendar fórmulas matemáticas aos produtores cu fazê-los contar os grãos espalhados pela lavoura não era a técnica mais indicada, já que os produtores além de ter trabalho com a contagem de grãos, perderiam tempo em operações complicadas.

Assim, o mais rápido e eficiente seria recomendar a utilização de uma prática simples, que ao bater os olhos o produtor já teria noção de suas perdas na colheita. Daí a idéia de um copo cilíndrico com 4,5 centímetros de diâmetro e 14 centímetros de altura que permite através da leitura visual, determinar os níveis de perdas, tanto na soja como no trigo.

Esta tecnologia permite, inclusive, a redução de perdas imediatas, através de uma simples regulação de colheitadeiras. Aliás, a regulação não adequada das máquinas é responsável por mais de 95 por cento das perdas, sendo que 84,8 por cento são causadas pelos mecanismos de plataforma de corte — barra de corte, moinho e caracol — e 12 por cento pelos mecanismos internos da colheitadeira — triha, separação e limpeza.

UM CONJUNTO DE PRÁTICAS

Mas, perdas na colheita podem ser ocasionadas, também, por um manejo inadequado das lavouras, a começar pelo preparo do solo. Não é sem razão que os pesquisadores do CNPSoja têm alertado aos produtores que o preparo do solo

deve ser bem feito, evitando-se deixar desníveis no terreno que possam causar oscilação das lâminas de corte da colheitadeira, aumentando as perdas na hora da colheita.

A diversificação de cultivares, através de plantios de variedades de diferentes ciclos e a semeadura em épocas diferentes permitem a ampliação do período de colheita e possibilitam a utilização mais racional das máquinas e equipamentos empregados nessa operação. Estes fatores — enfatizam os pesquisadores — são também importantes para diminuição das perdas, visto que a semeadura de duas ou mais cultivares, de diferentes ciclos, em épocas defasadas de plantio possibilita a ampliação dos períodos críticos da cultura (formação, floração e enchimento de vagens), diminuindo o risco de a lavoura ser totalmente afetada por uma adversidade climática.

O espaçamento e a população de plantas são outras práticas que não devem ser esquecidas. É preciso ter uma lavoura com espaçamento e população de plantas que permitam melhor adaptação da colheita mecânica. O espaçamento adequado também diminui a incidência de ervas daninhas, que dificultam a colheita, causando o entupimento das máquinas, retardando e onerando a operação, em virtude do tempo que o produtor gasta para colocar a máquina em condições de recomençar a operação.

A adubação correta é outro fator importante para evitar perdas na colheita. A baixa fertilidade do solo, além de reduzir a produtividade da lavoura, pode diminuir a altura das plantas e da inserção das primeiras vagens. Maiores informações com a Assessoria de Imprensa do CNPSoja — Fone: (0432) 23-9850 — ramal 311 — telex (0432) 208 — 86.100 — LONDRINA, PR.



Sertãozinho — ABCB-SRG 486
Nasc.: 23/01/79
Pai: Meia Noite
Mãe: Aliança

**Grande Campeão da
raça Murrah**

**II Exposição Nacional
EXPANDE - SP 1982**

**Lote de tourinhos
Murrah** ▶



**Lote de Búfalas
Leiteiras**
▼



**Alta seleção da raça Murrah
visando leite e porte.**



**Venda permanente
de reprodutores**

FAZENDA PAINEIRAS

Estrada Sarapuí - Pilar do Sul, nº 3500 - Sarapuí - SP

INGAI PECUÁRIA MERCANTIL LTDA.

Rua Dom José de Barros, 264 — 7.º andar — fone: 223-7677 — São Paulo — Capital

FAZENDA SÃO JOÃOZINHO

APRESENTA ALGUNS DE SEUS CAMPEÕES

MURRAH



Da esquerda para a direita:

SACAROIDE VR, nasc. 20/03/79 (3 vezes campeão nacional em 80, 82 e 84 e outros campeonatos).

PALATINA DA SANTA MARTA, nasc. 20/05/78 (2 vezes campeã nacional em 82 e 83 e outros campeonatos).

SABISTA DA PONTAL VR, nasc. 02/01/79) (reserva-

da campeã vaca jovem nacional em 82 e outros campeonatos).

CCDORNA DE AQUIDABAN, nasc. 28/05/82.

CHAKIRA DE AQUIDABAN, nasc. 12/04/82 (reservada campeã nacional em Paranaíba, 85).

JAFARABAD



Da esquerda para a direita:

MELINDROSO II DA MARCONDINHA, nasc. 31/03/79

BETICA DE SANTA LUZIA, nasc. 30/01/80 (2 vezes

campeã nacional em 83 e 84, outros campeonatos).

BALADA DE SANTA LUZIA, nasc. 14/02/80.

VENDA PERMANENTE, PO E POI DAS RAÇAS MURRAH E JAFARABAD.

ADMINISTRADOR: CRISTIANO - FONE: (0145) 22-1603 - LINS - SP

FAZENDA FAVACHO

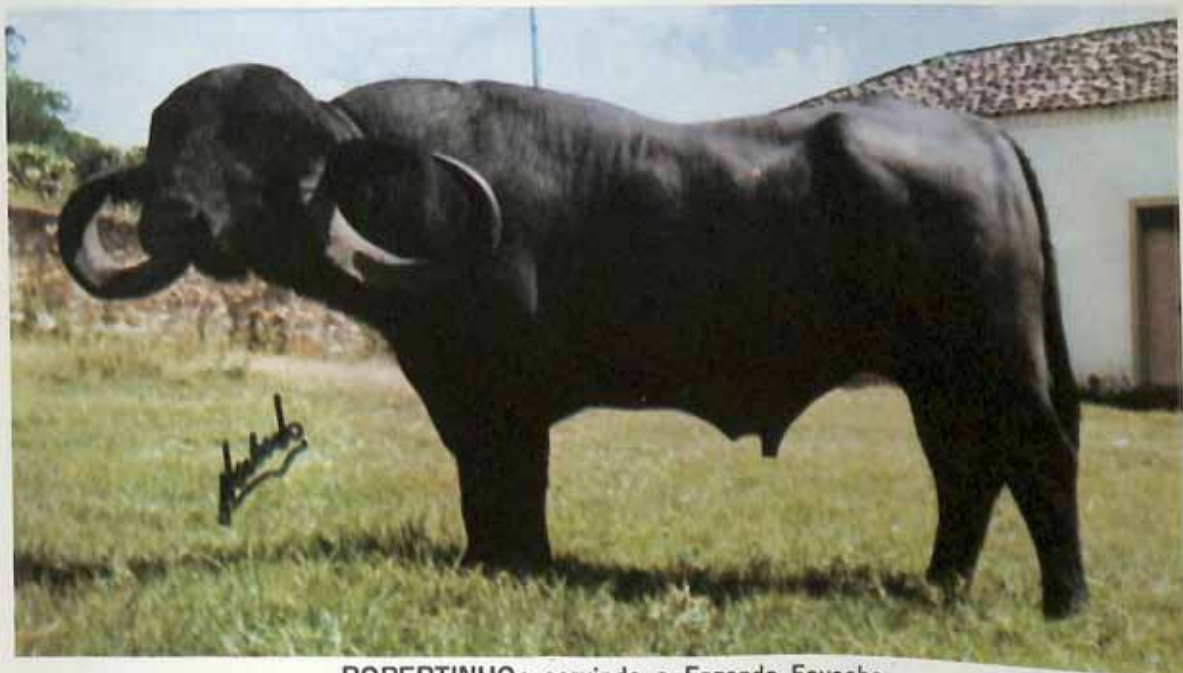
PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031

REUNIÃO DA FAMÍLIA JUNQUEIRA

Os membros da família Junqueira, contraparentes e amigos vão reunir-se na Fazenda Traituba, município de Cruzília, Estado de Minas Gerais, dia 8 de setembro para comemorar o sesquicentenário da construção da sede da fazenda.



ROBERTINHO: servindo a Fazenda Favacho



LOTE DE JAFARABAD

A FAZENDA FAVACHO PIONEIRA DE BÚFALO DA REGIÃO

ESTÂNCIA BELO VALE MIRIM

Fone: (0138) 56-1355

Pariqueraaçu - SP

Prop.: Carlos Rocha Cavalcanti

**SELEÇÃO DE MURRAH POI
DESDE 1962**



Lote de bezerros mamando; crioulos da Estância
Belo Vale Mirim



Fêmeas crioulas do Belo Vale. Da esquerda p/ direita:
Patialas, 267, 239, 222 e 258. Melhor progênie de Pai
na Nacional Araçatuba 84 e também em Curitiba 84,
entre elas está a Grande Campeã, Curitiba 84,
Patiala 239.



Lote de fêmeas 3 anos. Crioulas da Estância
Belo Vale Mirim.



TACARÉ PATIALA 361 do BV. 1.º prêmio na NACIONAL
de ARAÇATUBA de 1984 e 1.º prêmio e Campeão Ju-
nior em CURITIBA 84.



INDIO PATIALA 190 do BV. Campeão Touro Jovem
II Expande SP, 1.º prêmio Nacional ARAÇATUBA 84,
1.º prêmio Campeão Junior Reservado Grande Cam-
peão — Curitiba 84.



FAZENDA NOVA ESPERANÇA

Prop.: Dr. Luiz Claudio Guimarães
Arapoti - PR



JATÃO DE ARAPOTI

Reg. 40 - 48 meses peso 920 kg
Pai - Lobo da Porangaba - reg. 81
Mãe - Fatmi J.M. reg. 1276

RAÇA MURRAH P.O.I.

Grande Campeão Expotiba - 84
e

Grande Campeão Expobúfalos Nacional
de 1985 em Paranavaí - PR

Venda de reprodutores - Murrah, Jafarabad e Mediterrâneo



KOLA DE ARAPOTI

Murrah P.O.I. reg. 188

Pai - Itar J.M. reg. 417 36 meses

Mãe - Dhulia J.M. reg. 909

Campeã Vaca Jovem Expotiba - 84

Res. de Grande Campeã - Expobúfalo

Nacional 85 - Paranavaí - PR



Lote de vacas P.O.I. Murrah

Endereço: Rodovia Arapoti - Ventania Km 7

Fone: (0439) 57-1148

Res.: Curitiba (041) 244-6581 e 242-2757

Fazenda São Francisco

Prop.: Eduardo Azik Haik
ANDRADINA - SP



Paravaí do Cafezinho
Touro VR - Edu
P.O.I.
1480 Kg
hoje com 60 fêmeas



Lote de matrizes Jafarabadi - P.O. VR EDU

Endereço: 13 de Maio, 1142
Tels.: (0187) 22-2865 e 22-3681
ANDRADINA - SP

Organização Mario de Almeida Franco
Fazenda Vargem Grande

MAIS DE 20 ANOS SELECIONANDO BÚFALO DE ALTA LINHAGEM DA
RAÇA JAFARABAD EM ITABORAÍ — R.J.



SEDUTOR — da raça Jafarabad servindo a Fazenda Vargem Grande com peso de 1.200 quilos.



Lote de matrizes da raça Jafarabad da Fazenda Vargem Grande pesando a média de 1.100 quilos.

Organização Mario de Almeida Franco
S/A Agropecuária

Fones: (021) 247-7580 e 227-6539 - R.J.
(034) 332-1833 e 332-1747 - UBERABA - M.G.



Vaidoso, Vaidade, Valentia e Pavão — conj. progênie de pai Bi-Campeão Nacional em Curitiba-83 e Araçatuba-84.
Maior número de pontos em quatro exposições consecutivas.



Pavão:
Campeão Sênior e Grande Campeão



Valentia
Campeã e Grande Campeã



Vaidoso
Res. Grande Campeão e Res. Sênior

Fazenda São Jorge

Prop.:

MANOEL EMILIO MALDONADO
Rua Bahia, 55
MARÍLIA — SP



Marca Jarra

FAZENDA SÃO PAULO



Marca Jarra

MUNICÍPIO DE ITURAMA — MG
Prop. Domingos Cardoso Oliveira
End.: Rua Argeu Fulliato, 40
Fone: (016) 634-3000
Ribeirão Preto — SP

CRIAÇÃO
E SELEÇÃO
DE 32 ANOS.
DE BÚFALOS
DA RAÇA
JAFFARABADI.



SAVANA



APIRANGA

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

FAZENDA AYMORÉ

Município de Guaiaraça - PR

Prop.: Alcides Campano

Criador de Búfalos: Jafarabad e Murrah



Malícia II - campeã leiteira - Paranaí - 85

80 meses 12 dias - peso 1.023 kg

Campeã vaca adulta - Grande Campeã Paranaí - 85

CARNE

E

LEITE



GIGANTE — 22 meses e 27 dias — 609 kg
Campeão Júnior em Paranaí — PR



AY-12 — 60 meses e 27 dias — 983 kg
Campeão Sênior - Grande Campeão - Paranaí - 85

Rua Adib Aburad, 1015 — Fone: (0444) 22-2838
PARANAÍ — PR



Lote de Murrah e lote de vacas leiteiras em ampla produção da:
FAZENDA AYMORÉ

FAZENDA VALCHIANA - FAXINAL - PR

Prop.: Anselmo Maselli

Criação e seleção da raça Chianina



FAMINTO DA S.M.
48 meses

Geocêntrico reg. 0651

Nerilena reg. 1196

Reservado Campeão Sênior — Res. Grande Campeão
Londrina 84

Campeão Sênior — Grande Campeão Londrina — 85.



WADIR M.A.
33 meses

Gado 0668

Sinai 4m 2485

Campeão Touro Jovem Londrina 84
Campeão Touro Jovem Londrina 85

Endereço: Rua Prof. João Candido, 398 Fone: - (0432) 22-4628 - Londrina- PR

CHIANINA



BENETA TRÊS ESTRELAS Polio P.O.
Gran Duquesa de Santa Márcia
Peso: 986 kg - 61 meses

Grande Campeã Exp. Internacional Esteio - 84
Grande Campeã Exp. Paranaíba PR - 85
Grande Campeã Exp. Londrina PR - 85

FAZENDA ESTRELA

Prop.: Luciano José Alvares Rubião
UMUARAMA - PR

São Paulo — S.P.

End.: Rua Conde D'Eu, 1017 (101) 247-3077

QUASE 15 ANOS DE SELEÇÃO!
AO PENSAR EM CHIANINA PENSE EM

BOICORÁ

O Plantel Campeão em Londrina - 1985

Progenie de pai
Campeã em Londrina - 85
(4 filhos de Gozo)

- Fertilidade
 - Rusticidade
 - Desenvolvimento, são constantes do Chianina da Fazenda Boicorá.
- Pergunte a quem já conhece.



AURÉLIO DE BOICORÁ

15 meses — 646 kg

Pai: Gozo

Mãe: Medina de Boicorá

Venda permanente de reprodutores machos e fêmeas PO e mestiços das linhagens de DIALO, DISCO, FELENO, GEOCENTICO, GOZO, IFISINO, LETTO e MEDIANO.

VENHAM CONHECER NOSSO PLANTEL!
A UMA HORA DE CARRO DE S. PAULO.



Lote de bezerros com menos de seis meses.

FAZENDA BOICORÁ (PO E MESTIÇOS)

SP 63 (Estrada Itatiba-Bragança)

FAZENDA BOIPEVA (Mestiços)

Via Raposo Tavares, 224 (+ 6 km) (Aterrado)

CRIADORES: CARLOS E LYGIA VILLARES

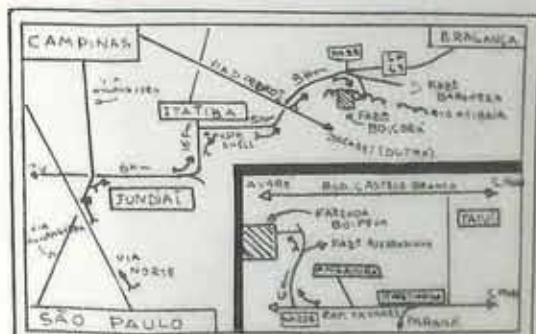
Corresp.: Av. Interlagos, 4455 — S. Paulo — 04661 — SP

Telefones: (011) 435-0313 (Itatiba)

570.2100 e 571-2329 (SP Res.)

522-7568 (SP Esc.)

Administrador: Lazaro Salmazo



2º Leilão União das Marcas



15 JUNHO - 13 h

Água Branca - SP

**80 MACHOS E FÊMEAS PO e POI
10 EQUINOS QUARTO DE MILHA E ÁRABE**

FAZENDA INDIANA LTDA.

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

NEWTON CAMARGO ARAÚJO

5 PAGAMENTOS SEM JUROS



REMATE
Tel. (011) 872-1722

O MAIS FORTE



LAGROVET
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade. AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos. A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.


SQUIBB
DIVISÃO AGROPECUÁRIA



SANTA GERTRUDIS



GAVIÃO — 1.230 kg — Grande Campeão nas Exposições: São Paulo 1983 — Barretos 1984 Ourinhos 1984 — Avaré 1984

CAMPEÃO DOS CRUZAMENTOS

Testes desenvolvidos demonstraram que as cruzas com Santa Gertrudis proporcionam:

- maior precocidade
- maior rusticidade
- maior uniformidade
- carne de melhor qualidade
- mais quilos de carne por hectare
- produtos de 18 arrobas em 24 meses

Poupe tempo, alimento e trabalho, adquirindo o seu reprodutor Santa Gertrudis.

A Associação Brasileira de Santa Gertrudis garante e orienta a iniciativa.

CAPACIDADE - GANHO DE PESO

O ganho de peso é a característica mais hereditária do gado. A alta capacidade de conversão da raça Santa Gertrudis foi mais uma vez confirmada na Prova de Ganho de Peso — Sertãozinho - 1984.

Peso médio ajustado 378 dias

Sta. Gertrudis	392 kg
Canchim	387 kg
Piemontês	352 kg
Caracu	338 kg
Guzerá	297 kg
Nelore	293 kg
Gir	243 kg

Ganho médio diário total/raça

Sta. Gertrudis	1,019 kg
Canchim	0,911 kg
Caracu	0,893 kg
Bubalinos	0,837 kg
Piemontês	0,819 kg
Guzerá	0,725 kg
Nelore	0,708 kg
Gir	0,502 kg

JULGAMENTO - CLASSIFICAÇÃO

ELITE PRATA — 847 — Ipê Agro-Avícola
ELITE BRONZE — 846 — Ipê Agro-Avícola
Superior Bronze — 170 — Theodorus J. Schreus
Superior Prata — 972 — King Ranch do Brasil



Bravo — Raça — Dinastia = Tradição



FAZENDA SÃO FRANCISCO
ITAÍ - S. PAULO
Fone: 58-6156

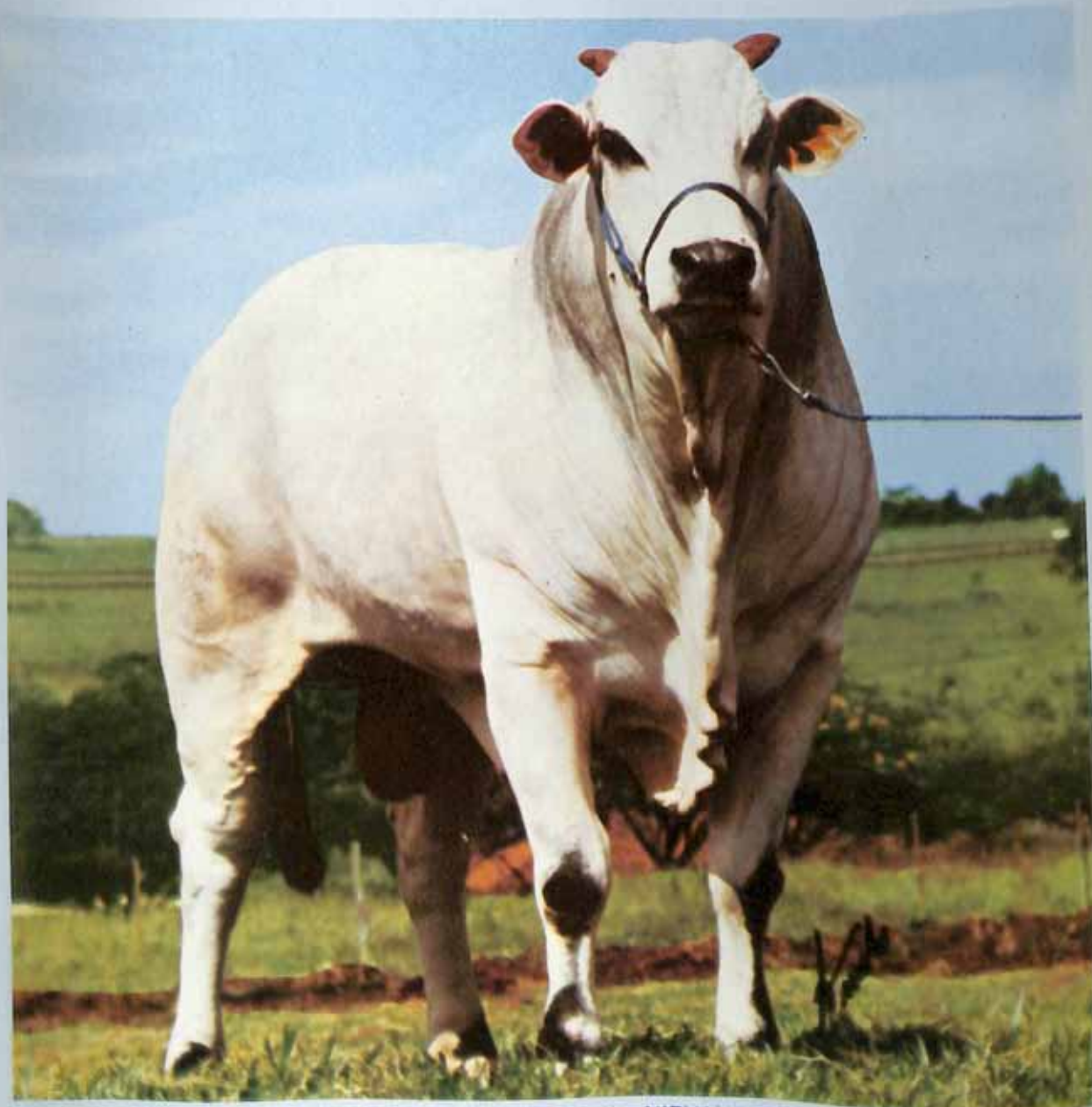
ipê

agro-avícola Ltda.

Rod. Rio Claro - Ajapi km 09
Tel.: 34-3299 - Cx. Postal 67
CEP 13.500 - RIO CLARO - SP

FAZENDA BRUMADO

Rua 18, nº 355 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel. (0173) 22-2366



NAGORY POI DO BRUMADO - Filho de KURUPATHY* e NIRVANA POI DO BRUMADO (irmã inteira de HIMALAIA POI DO BRUMADO). Pai de Campeões. Sêmem a venda na Fazenda Brumado Inseminação Artificial Ltda.

RUBICO CARVALHO

HÃ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

10º Leilão do Brumado - 6 Julho - Sábado 10 h - Barretos - SP



FAZENDA BRUMADO

Rua 18, nº 355 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel. (0173) 22-2366



DUGAL POI DO BRUMADO - Filho de NAGORY POI DO BRUMADO e RAVANA POI DO BRUMADO (irmã inteira de GANGAHYA POI DO BRUMADO). Grande Campeão em Barretos 85 e Reservado Grande Campeão em Uberaba 85.



Conjunto PROGENIE DE PAI, filhos de NAGORY POI DO BRUMADO, Campeão em Barretos 85 e Reservado Campeão em Uberaba 85.

Na recém finda Exposição Nacional de Uberaba, a Fazenda Brumado com apenas 6 animais conquistou o 1.º lugar na contagem geral de pontos da raça Nelore — 353 pontos.

RUBICO CARVALHO

HÁ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

10.º Leilão do Brumado - 6 Julho - Sábado 10 h - Barretos - SP



FAZENDA BRUMADO

Rua 18, nº 355 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel. (0173) 22-2366



MENAKSHI V POI DO BRUMADO no momento em que era sagrada Grande Campeã Nacional em Uberaba 85, ladeada pelos srs. Pilades Prata Tibery, Rubico Carvalho, Dr. Jorge Ever Sbusch (Presidente da Associação dos Criadores de Nelore do México) e Dr. Arnaldo Manoel Machado Borges (Juiz da Raça Nelore em Uberaba 85).



JARMAIL POI DO BRUMADO. Nasc. 13.04.84 por GUNUPUR* e JETAVANA POI DO BRUMADO vaca de 7 anos de idade que já produziu 5 crias. Este bezerro estará no 10º Leilão do Brumado.

RUBICO CARVALHO

HÁ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

10º Leilão do Brumado - 6 Julho - Sábado 10 h - Barretos - SP



FAZENDA BRUMADO

Rua 18, nº 355 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel. (0173) 22-2366



BHAJAM POI DO BRUMADO. Nasc. em 11.04.84, filho do Grande Campeão Nacional GANGAHYA POI DO BRUMADO e BADULA II POI DO BRUMADO, um dos 2 únicos filhos de GANGAHYA no 10º Leilão do Brumado dia 06 de julho em Barretos.



SIKANDRA POI DO BRUMADO. Nasc. 03.03.83 por GUNUPUR* e SAJAHAN IV POI DO BRUMADO vaca de 14 anos de idade, que já produziu 14 crias, sendo 3 através de transplantes de embriões. Esta fêmea faz parte do lote de 12 fêmeas POI que a fazenda Brumado levará a leilão dia 06 de julho em Barretos.

RUBICO CARVALHO

HÁ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

10º Leilão do Brumado - 6 Julho - Sábado 10 h - Barretos - SP



Barba

AGRÍCOLA E COMERCIAL S.A.

Fazenda São Sebastião do
Paraíso
Prop.: Dr. Roberto Calmon de
Barros Barreto
Resp. Técnico: Eng. Agr. José
Wilson Baião
Fone: 83-1431 e 83-1728
Cx. Postal 36 - CEP-13690
Descalvado - SP
Venda Permanente de
Produtos P.O. e P.O.I.



MANIGAL PO DA ZEBULÂNDIA — Matriz de excelente fertilidade produtora de embriões da linhagem VR de Torres Homem R. da Cunha, de propriedade da Barba Agrícola e Comercial S.A.



**ESTA EXCELENTE MATRIZ DA RAÇA NELORE
PRODUZIU NO ÚLTIMO DIA 11 DE ABRIL, 32 EMBRIÕES
FÉRTEIS, EM UMA SÓ LAVAGEM
INTRA-UTERINA. DESTES, 26 FORAM TRANSFERIDOS
PARA VACAS MISTIÇAS COM PLENO ÊXITO.**

ANUÁRIO DOS CRIADORES

a realidade da pecuária

Veja porque você deve reservar hoje mesmo seu exemplar do ANUÁRIO DOS CRIADORES:

PECUÁRIA DE CORTE

Produção intensiva de carne bovina.

Sistemas de produção de carne bovina em confinamento, semi-confinamento e suplementação a pasto. Fontes de produtos para alimentação de bovinos em engorda intensiva: feno, silagem e rolão. As capineiras e a cana-de-açúcar como volumosos. Restos culturais na alimentação de bovinos. Aproveitamento do macho leiteiro para a produção de carne. Instalações para confinamento.

Curral para 500 bovinos de corte

Materiais necessários. Principais componentes e suas especificações. Relação do material por categoria.

Curso intensivo de julgamento de zebuínos

I — Exterior. Regiões do corpo. Aprumos. Pelagens. II — Características do moderno novilho de corte. III — Preparo dos animais para exposições. IV — Métodos e critérios de julgamento.

PECUÁRIA LEITEIRA

Sistemas de Produção Implantado no CNP — Centro Nacional de Produção, tendo por METAS: produção/vaca/lactação; 2.700 kg de leite (305 dias); produção Ha/Ano: 1.000 kg de leite; taxa de natalidade: 75%; peso vivo das fêmeas aos 12 meses: 200 kg; aos 18 meses, 250 kg e aos 24 meses, 300 kg; idade do primeiro parto: 33 a 39 meses. Trabalho completo para a instalação e funcionamento de uma exploração leiteira; plantas de instalações, máquinas, equipamentos e animais. Reprodução, manejo das pastagens, manejo e alimentação do rebanho, vacas em lactação, vacas "secas" e novilhas em gestação; fêmeas de 1 ano até 300 kg de peso vivo, touros, rufião; mineralização do rebanho; sanidade, calendário de medidas de controle sanitário do rebanho. Completo mostruário de modelos de fichas para Registro e Controle Sanitário, Zootécnico e Econômico e para Análises de Dados do Sistema para se poder chegar a receita por litro de leite vendido, saldo por litro vendido, preço médio recebido.

EQUIDECULTURA

As grandes mães do cavalo Mangalarga

Falua — Congada — Completa — Girafa — Fantasia — Castanha — Porcelana — Bolacha — Rapadura III — Campinha — Garrincha — Casa Branca — Turca — República — Nova Odessa — Lanceira — Dr. Artur Pagliusi Gonzaga.

Algumas práticas no manejo do cavalo

Prof. Sergio Lima Beck
Corte de crinas da cauda, dos machinhos, dos pêlos internos do ovino, das vibrissas, dos pêlos que se sobrepõem a muralha do casco. Tosquia. Tosa da franja e das crinas do pescoço.

SUINOCULTURA

Custo de produção de suíno para abate

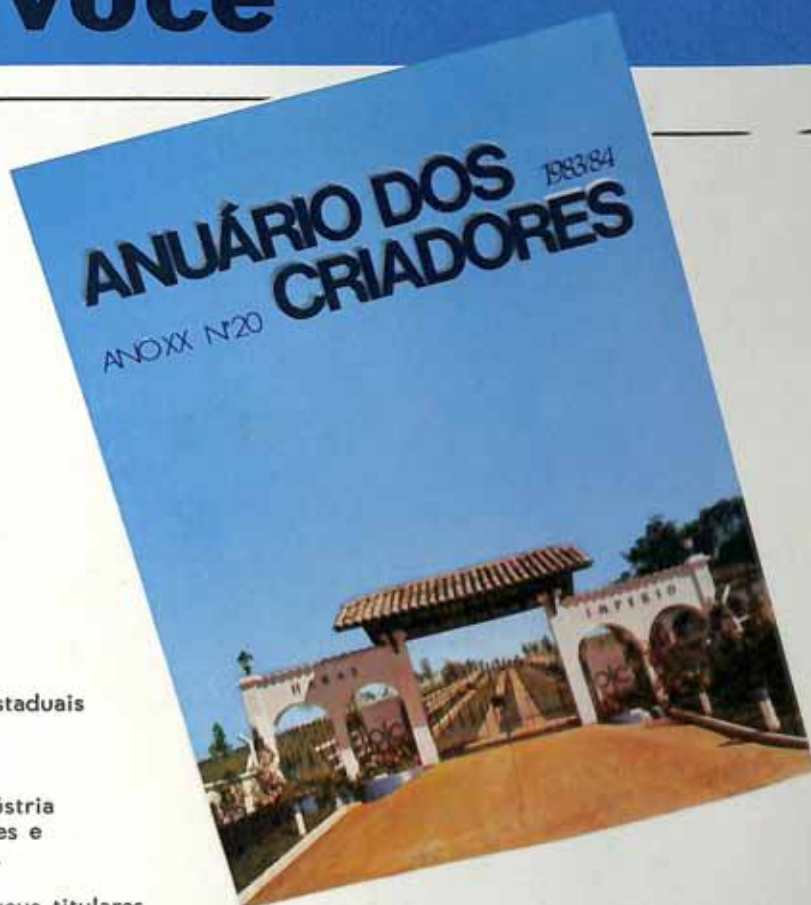
Custos fixos. Depreciação de equipamento. Impostos. Preços sobre instalações, equipamentos e cercas, reprodutores, animais em estoque. Mão de obra. Produtos veterinários. Transporte. Energia e combustíveis. Manutenção e conservação. Despesas financeiras. Funrural. Eventuais.

ADDORES

ria para você

- ☐ **350 PÁGINAS**
com informações essenciais
aos pecuaristas, tais como:
- ☐ **CATÁLOGO DOS CRIADORES** com
o nome e endereço dos grandes
selecionadores do Brasil.
- ☐ **120 fotolitos a cores dos GRANDES
CAMPEÕES da ÁGUA FUNDA (SP),
UBERABA (MG) e RECIFE (PE).**
- ☐ **Relação das Associações de Registro
Genealógico com as respectivas
diretorias e endereços.**
- ☐ **Confederação Nacional e Federações Estaduais
de Agricultura e Sindicatos Rurais.
Presidência. Diretoria. Endereços.**
- ☐ **Os Ministérios da Agricultura, da Indústria
e Comércio e da Fazenda, seus titulares e
diretores e sua distribuição pelo país.**
- ☐ **Secretarias Estaduais da Agricultura, seus titulares
e diretores e sua distribuição pelo interior dos estados.**

**ANUÁRIO DOS CRIADORES, pela qualidade dos artigos, das informa-
ções e pela quantidade de ilustrações em cores que publica não
pode faltar em nenhuma fazenda de criar!**



ANUÁRIO DOS CRIADORES

Cupom de Compra

Com a presente peça me remeterem exemplar(es) do
ANUÁRIO DOS CRIADORES ao preço de Cr\$ 100.000

Segue o meu pagamento em forma de cheque, em nome da Editora dos Criadores Ltda.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP.

Nome:

Endereço:

Código Postal Cidade Estado

Fazenda Pau do Monjolo

Proprietário: ANTONIO MICHELINI DA SILVA

Município: Itapeçerica-MG

Endereço: Rua Caetés, 628 - Fone: (031) 201-3433 comercial - 30.000 - Belo Horizonte - MG
Rua Giorgio Schreiber, 181 - "Mangabeiras" - Fone: (031) 223-7696 residência



Usilda Sugar

Stretch Usilda

Marreco Sugar Boy



Carolina Pluribus

Crescente Pluribus
Campeão Sênior 1976
Grande Campeão da
Raça 1976

Suzana Norvik
Campeã Vaca
Adulta 1978

Welcome in Montjolo
Pluma Donita Passagem

Norvik S.M.
Suzana S.B.



A.M.S. FIQUE DE
OLHO NESTA
MARCA



Judy Citation — novilha



A.M.S. FIQUE DE
OLHO NESTA
MARCA

Selecionando
Pardo Suíço
e Mangalarga
Marchador



Lote de novilhas



Lote de Matrizes Mangalarga Marchador



Fole do Encanto
Reprodutor — Linhagem Abaiba

A MARCA "2R" BRILHA DUPLAMENTE NA 51.^a EXPOSIÇÃO NACIONAL DE GADO ZEBU DE UBERABA - 85

NO GIR LEITEIRO:

BATIDO O RECORD MUNDIAL DAS RAÇAS ZEBUÍNAS EM CONCURSO LEITEIRO COM A PRODUÇÃO MÉDIA DE 25,947 KG DE LEITE.



S. C. GABARRA CACHIMBO — Recordista mundial de leite em 2 ordenhas com a produção de 7.052 kg com média diária de 19, 320 kg.



S. C. NAVIO ASTRONAUTA — filho de S. C. GABARRA CACHIMBO, sêmen deste e mais 5 touros de nossa criação à venda na FUNDAÇÃO BRADESCO-PECPLAN.

NO MANGALARGA MARCHADOR:

com apenas 2 animais conquistou 1 Campeã égua e 1 Reservada Campeã Junior, 2 primeiros prêmios e melhor conjunto progênie de mãe.



QUÊNIA SRR — filha de Herdade Turbante x Tromba SRR.



PRÚSSIA SRR — filha de Furacão Bela Cruz x Tromba SRR.

NOSSOS ATUAIS REPRODUTORES SÃO:

HERDADE TURBANTE — H. Cobalto (H. Cadillac x H. Prata) X H. Flauta (H. Cadillac x H. Música)

URI A.J. — Arubé Bela Cruz (Tab. Predileto x Farofa da Bela Cruz) X Seleção Bela Cruz (Beduíno Traiutuba x Copa Bela Cruz)

Fazenda da Derrubada - Fazenda Crisciuma

Props.: Dr. Manuel e Dr. José João Salgado R. dos Reis

Rio das Flores - RJ — Cx. Postal 87386
Tel.: (0244) 52-0803 — Valença - RJ

Carmo do Rio Claro - MG
Tel.: (035) 561-1399



2º LEILÃO

3-B



**7 SETEMBRO
SÁBADO-10 h
BARRETOS-SP**

**FAZENDA BOA VISTA
KM. 417 ROD.SP-BARRETOS**

5 PAGAMENTOS SEM JUROS

GERALDO BORDON

OVIDIO MIRANDA BRITO
AGROPASTORIL LTDA.

AGROPECUÁRIA BOA VISTA



REMATE
Rua Melo Palheta, 301
CEP 05002 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 872-1722
Telex: 1123218 RMTE BR

Mangalarga

Alô Amigos

Esta coluna, apolítica por excelência, não poderia calar-se ante o infausto acontecimento de 21 de abril. Morreu o Dr. Tancredo de Almeida Neves — Morreu o Presidente da República Federativa do Brasil — Morreu o mais alto mandatário do País.

130 milhões de brasileiros tornaram-se órfãos desde aquele dia triste, cinzento, inesquecível.

Mas, depois daquele pesadelo incrível, restaram as cinzas — e destas, peneiradas, coadas, surgiu a palavra — Esperança.

Uma enorme Esperança, que nos foi legada pela inteligência de Tancredo. Uma Esperança que Tancredo em sua dor de trinta e nove dias, uniu o nosso povo, mostrando-nos o caminho correto para sermos mais felizes trabalharmos mais, gastarmos menos possuírmos mais amor, mais humildade e transferir tudo isso depois para a nossa pátria, até então "não muito amada" e de poucos momentos de felicidades.

Dêmo-nos as mãos — Estabeleçamos uma corrente forte como Tancredo, que lá de cima, com aquele seu semblante de mineiro super simpático, mineiro de interior, estará olhando para nós com o dedo polegar para cima, como a gente faz, quando as coisas vão bem. E nós, tenha certeza Dr. Tancredo, vamos aproveitar, vamos sugar os seus ensinamentos. O seu sofrimento não ficará em vão jamais — Vamos preenchê-lo, à risca.

Abraços.

LEILÃO DA NATA

"O PARAÍSO DO MANGALARGA"

25
de agosto
Parque da
Água Branca
S. Paulo



ELMO J.O. - por Cocar J.O. e Touca J.O.



URÂNIO DA BOA VISTA -

o Cavallo mais premiado em 1985, 5 vezes Campeão.



QUENTÃO DA NATA -

por Adorno 1.º e Lavareda da Nata

BADIH AIDAR e seus convidados

Francisco de Lucia
Sérgio Camargo Pinto
Fábio e Paulo Zuchi Rodas
Dr. Hélio Moreira Salles
Dr. Luiz Carlos Foresti

Dr. William G. Mira
Dr. Rubens Corsi
Comandante Alberto de Oliveira
Ivan Antonio Aidar

FAZENDA DA NATA

Severina - SP

Tel.: 226

Mangalarga ...ndo brasa

• Como é, gostaram do primeiro número da nova fase do Mangalargando? Espero que sim, pois capricho não faltou e espero melhorá-lo a cada nova publicação.

• Continuo entretanto contando sempre com o prestígio de vocês enviando-me notícias, anúncios e sugestões.

• Estive viajando, perfazendo um pequeno roteiro que muito me agradou não só por rever bons amigos, como também, pela excelência das nossas tropas que progridem a olhos vistos.

• José Oswaldo Junqueira, o "Papa da raça" foi minha primeira parada. Passei o dia todo em companhia do meu querido amigo. Falamos, evidentemente do Mangalarga, em plano primeiro e José Oswaldo entre outras coisas me contou com a firmeza que lhe é peculiar, que este ano as coberturas de seu famoso garanhão, Turbante J.O. serão feitas em ORTN, em torno de 400 mais ou menos.



J.O. e Turbante

• Sinceramente, acho que José Oswaldo está certo, pois um cavalo como esse que fatalmente dará bons produtos tem e deve ser preservado.

• Vejam bem: qualquer produto filho ou filha, de Turbante J.O. são altamente valorizados, exatamente pelo sangue que carregam. Assim, acredito que em dinheiro ou em premiações, que são pontos básicos para aqueles que criam, também de acordo com o custo da vida na atualidade, terão seus retornos assegurados.

• Carlos Oswaldo Rosa Lima, o proprietário do afamado tordilho Campeão, Estevão



LEME R.S. por Reinado A.J. e Joseli do Jaci. Prop. Elio Sacco - Fazenda Fumaça Paranapanema - SP

da Manqueira, recebeu-me, ele e sua digníssima esposa D. Helena, na tradicional Santa Helena. Receberam-me, como sempre acontece, com a máxima distinção, que aliás, já mencionei em ocasião anterior, como um dos mais simpáticos casais de nosso meio.

• "Seu" Carlos animadíssimo, como sempre, e novamente à testa da parte de equinos da próxima FEAPAM, (Ribeirão Preto) considerado por muitos como um dos melhores certames do País pela sua organização e elegância. E, neste ano de 1985, assegurou-me o Sr. Carlos Oswaldo Rosa Lima "deveremos torná-la ainda mais atraente e renhida, pois a tropa que costumeiramente lá comparece é aquilo que podemos tranquilamente chamar de Fantástica", finalizou.

• Santa Irene, Bebedouro,

reduto daquela tropa Mangalarga Pampa sensacional, conhecida de Norte a Sul do País. Está ótima. O plantel da nossa querida amiga de 20 anos, D. Aracy Marques Araújo. Contou-me, entre outras coisas que adquiriu nova propriedade (Fazenda) no Município de Pirajui para onde pretende, também lá introduzir parte de seus famosos produtos pampas.

• "Uma Boa" para aquela tradicional região que terá em Dona Aracy uma fazendeira criadora de cavalos, super organizada e que reparte seu bondoso coração com toda e qualquer boa iniciativa onde sua inteligência por ventura se faça necessária.

• Celso Souza Barros, Dr. Fausto Simões, Geraldo Castro e Filhos, Bentoca, José Maurício Junqueira e o próprio Duca (que tenho certeza, um dia voltará às nossas hostes) e outros fazendeiros, foram "contemplados" com a nova vizinha D. Aracy Marques de Araújo, um exemplo de fé, bondade e amor a vida. Falei e carimbei.

• Crie fama e deite na cama — ditado que pode perfeitamente ser aplicado ao grande criador Badih Aider pelo sucesso de seu último Leilão no Palace (22 de abril) justamente um dia onde todos nós brasileiros estávamos passando pelo duro transe, com o passeamento do saudoso Presidente Tancredo de Almeida Neves.



Aracy Marques Araújo

**ALGUMAS TOMADAS DA LINDA
E FAMOSA TROPA MANGALARGA DA
FAZENDA STA. IRENE**



FAZENDA SANTA IRENE

**Seleção de Mangalarga Pampa, Alazão e Tordilho
Venha visitar-nos**

D. Aracy Marques Araújo

Caixa Postal 44 - CEP 14.700

Tel.: 42-1709 DDD (0173)

Mangalarga ...ndo brasa

• A média geral beirou em vinte milhões. Badi, embora triste com o dia trágico, preparou carinhosamente para que acontecesse o contrário, ou seja muita alegria e maior receptividade, aceitou mais aquele designio do Senhor e tudo saiu bem. Mais uma vitória de Badih Aidar, da famosa marca Nata e do cavalo Mangalarga em geral.

• Quando estive na tradicional Nata, infelizmente não encontrei lá a figura gigantesca de simpatia e bondade do meu querido e velho amigo Badih. Entretanto, pude privar por algumas horas do bom trato, da educação personificada e da simpatia de Luiz Alberto Zacarelli, genro do notável criador. (Badih estava em São José do Rio Preto) casado com D. Darcy Aidar Zacarelli. Feliz da mesma forma sai da Nata com satisfação renovada — Badih e Luiz Alberto, juntos só poderiam dar no que está dando. Maior progresso, mais simpatia ainda e sobretudo uma união de família que classifico perfeita.



Luiz Aparecido de Andrade

• Luiz Aparecido de Andrade, Haras Piratinina, Pitanguinhas, S.P. — Uma seleção de Mangalarga que merece e precisa ser vista. Há dois anos não via o extraordinário raçador Tucumã J.O. (Turbante J.O. x Cumparcita J.O.). Gente, o cavalo do Luizinho herado e muito bem tratado está um "negócio muito sério". Maravilhoso como maravilhosas são suas primeiras produções. Um cavalo que tranquilamente recomendo aos meus amigos (coberturas) pois trata-se, sem favor algum, de um dos melhores filhos de Turbante J.O., talvez o mais parecido com o célebre ganhão de José Oswaldo.



Cabeça de Tucumã J.O.

• Participei da intimidade do lar de Luizinho Andrade. Dona Mirna, Zé Luiz, Guto e Marcinha, uma Família Campeã. Campeã em bem receber e dar a quem lá estiver aquela hospedagem, aquele carinho que faz a gente pensar que estamos em nossa própria casa.

• Muito, muitíssimo obrigado, Família Andrade. Acho todavia que vocês ganharam um novo "freguês". Quero abraçá-los novamente e rever já mais adiantada as produções de Tucumã J.O., um reprodutor que muito me impressionou.

• Fim do roteiro — Haras Jaci, Jaci, S.P. do homem mais simples do mundo. Da pessoa mais sincera, pura e amiga que até hoje conheci: Olympio Milani. Aquele mesmo Olympio Milani que por várias vezes citei nesta coluna, mangalarguista como dono de uma tropa 90% crioula, composta de mais de uma centena de animais que considero um dos mais esmerados plantéis deste nosso Brasil querido imenso e hoje em dia repleto de criadores de Mangalarga, graças a Deus.

• Tudo belo, bonito mesmo! Vale a pena ir até Jaci para conferir. Luizinho Andrade foi comigo, ficou fascinado e prometeu voltar.

• O Dr. José Francisco Homem de Mello que estava girando pela Europa em companhia de sua esposa D. Lia já está novamente entre nós.

• Homem de Mello chegou e duas notícias auspiciosas aguardavam-no. Promissória J.O. (Cocar J.O. e Moratória J.O.) e Gavota (Carimbó J.O. e Batéia) foram Campeã e Reservada Campeã potra na re-

cente Exposição de Bragança Paulista.



José Francisco B. Homem de Mello, Dr.

• Ainda no mês passado o potro do meu amigo, Favorito H.M. (Turbante J.O. e Alegria) foi o Campeão Potro em Paranavai, Paraná. Fico contente, mas contente mesmo em ver amigos que quero bem como J.F.B. Homem de Mello, triunfando.

• Quem foi para a Europa passear e não assistiu a mais um sucesso de seu tio Badih, foi Ivan Aidar e Sra. Ivan e D. Lucia deverão permanecer ainda por mais algum tempo no Velho Mundo. Aproveitem bastante. É o que desejo.

• Uma charadazinha para vocês:

Famoso cavalo que tem o nome análogo à construção da moradia secular está sendo vendido pela sexta parte bruta que rende o Leilão de árabes de Orpheu José da Costa. O nome do comprador está bastante ligado à frutas, em especial à laranjas e é bastante conhecido no meio. Todo mundo gosta dele. Quem é? Mataram?

• Estive dias destes no Tatinho, Dr. Clodoaldo Antonangelo, futuro (quase certo) Presidente da ABCCRM. Vi toda a tropa com muita atenção. Uma maravilha por sinal! Tatinho possui vinte e três matrizes de alto escol e todas com prenhez positiva de Balé J.O. (Turbante J.O. e Ciranda J.O.) arrendado de José Oswaldo na última temporada — os filhos e filhas de Cocar J.O. e Turbante J.O. de criação (soberba) da Fazenda Sobrado de Clodoaldo Antonangelo são verdadeiramente espetaculares. Uma criação-seleção que merece muitas visitas. Você que gosta do assunto vá lá e depois me conte.

O Rei da Raça, **"TURBANTE J.O."**, em dois
Sensacionais flagrantes:



J.O.

Já estamos anotando pedidos de coberturas que nesta temporada serão reduzidas.



No último Anuário dos Criadores, aparecem 46 filhos de **TURBANTE J.O.** todos premiados, além de muitos outros produtos da marca mais famosa do país.

JOSÉ OSWALDO JUNQUEIRA
FAZENDA SANTA AMÉLIA

São José do Rio Pardo
Tel.: 61-1103 — DDD (0196)

Mangalarga ...ndo brasa



**José Oswaldo Galvão
Junqueira (Maninho)**

• Prometi e vou contar. O potro que um criador de Orlandia apresentou ao centro avanço do São Paulo e da Seleção Brasileira, Careca, é lindo e foi doado pelo meu amigo querido. José Oswaldo Galvão Junqueira (Maninho). Agora, depois da classificação da nossa seleção (será?) o Careca vai lá, segundo me disse, buscar e agradecer pessoalmente o presente antecipado do Maninho pela conquista da Taça do Mundo (agora me animei um pouco mais!)

• Orpheu José da Costa recebeu carta de criadores do Maranhão, na qual os mesmos agradecem a acolhida que lhes foi dada pelo famoso dono do Haras Império, Itu, S.P., quando de suas visitas àquela criatório. Orpheu além das atenções, cedeu alguns produtos aos novos criadores da terra do Presidente Sarney.

• No Leilão de Badih (Palace) tive a enorme satisfação de rever, abraçar e bater um papão com um amigo que adoro: Eurides Martins Mendonça. Mais satisfeito fiquei ainda quando o grande criador afirmou-me ter voltado a criar e estava no local para comprar. E comprou! Você não imagina, caro Eurides, como todos nós do Mangalarga estamos jubilosos com o seu retorno que será tão brilhante quanto o foi outrora. Bravos!

• Armandinho M. Borges Filho, moço ativo que sabe o que quer, está "montando", com poucas, mas ótimas matrizes, uma seleção que vai dar o que falar num futuro breve. O raçador preferido do Armandinho é Luxo do JEK, do conhecido criador (3 Lagos) Nelson Spielmann. Os primeiros filhos de Luxo, aliás, são espetaculares. O filho de El-



Bergantin J.O. por Atleta J.O. e Falua da Nata

mo J.O. e Foguinha é uma parada nacional. Está incluído segundo grande maioria de observadores do País, como um de nossos mais completos reprodutores.

• Falei em completo lembrei-me do Completo da Helvetia do criador amigo de Bebedouro, Sergio Camargo Pinto. Não me canso nunca de dizer, Completo é um cavalo que gosto muito, mas muito mesmo. Vamos aproveitá-lo gente!



Fausto Simões, Dr.

• É com muito gosto que assiná-lo nessa seção o aniversário natalício do Dr. Fausto Simões, ocorrido dia 1.º de maio, dia do Trabalho, dia

que justifica plenamente o nascimento de um homem que sempre trabalhou muito — trabalhou pela sua existência e conseqüente felicidade de seus entes queridos, assim como pela Raça Mangalarga, da qual foi presidente. Um dos melhores, diga-se.

• Ao Dr. Fausto Simões (O Mangalarga e o Cavalo de Selva Brasileiro — 3.ª edição) de quem tenho orgulho de ser amigo, o meu abraço, não só pelo seu aniversário, mas também, de agradecimento pelo muito que fez, tem feito e ainda fará, certamente pela Raça Mangalarga.

• "O Tatinho" tem tudo para suceder no ano que vem, o magnífico Presidente Dr. Felipe Lacerda — Bom criador, bom empresário, ótima pessoa. Mesclando-se isto, eis o "tempo" certo que necessitamos. Acho que vamos acertar novamente na escolha de um bom Presidente para a nossa Associação". Palavras de José Oswaldo Junqueira — Fazenda Santa Amélia — São José do Rio Pardo, S.P.

• Embora ainda não tenha nenhuma produção Griso O.J.C., pelo seu magnífico pedigree e beleza incomparável,

UM DOS MAIS PERFEITOS GARANHÕES DA RAÇA MANGALARGA



ESTEVÃO DA MANGUEIRA

Campeão da raça Mangalarga - Parque da Água Branca - SP - 1976

Fazenda Santa Helena - Jardinópolis - SP - C. Postal 25 - Tel.: 1246

CARLOS OSVALDO ROSA LIMA

Mangalarga ...ndo brasa

talvez seja o potro cavalo, mais falado em todo o País. Pois, bem. Agora, informado que fui pelo seu proprietário o famoso selecionador Orpheu José da Costa, Haras Império, Itu, S.P. — Grino O.J.C. que é filho de Cocar J.O. e de Visagem J.O. será pai pela primeira vez. A égua com ele acasalada (Grino) é nada mais nada menos que a afa-

mada e decantada Dança J.O. mãe entre outros de Caribó J.O., Dárdano O.J.C., Charmoso J.O., Pavana J.O. Vamos aguardar. Estou ancioso, como ancioso (em dobro) está o Orpheu, e todo o nosso meio para ver o que Grino O.J.C. poderá produzir.

• Última hora! — Acabo de ser informado que o conhecido criador Roberto Prado

Kujawski adquiriu do Haras Copi, Piracicaba, S.P., do Dr. Celso Silveira Mello, o já afamado raçador Bergantim J.O. (por Atleta J.O. e Falua da Nata). Trata-se de uma excelente aquisição, pois, com as ótimas matrizes que possui, Kujawski deverá reforçar ainda mais seu plantel, com o sangue do bom reprodutor, já provado, que é Bergantim J.O.



• O Anúncio nesta seção (Mangalargando) é ainda baratíssimo. Aproveitem! O preço vai mudar.

• American Lloyd do Brasil do amigo Nelson Spielmann em primeiríssimo lugar no País em vendagens de passagens.

• O Nelson está com tudo. Que "LUXO" heim?

• "Espelho... Espelho meu". Diga-me: quais os cinco melhores cavalos do Brasil.

• Cobertura de Elmo J.O. leilado rendeu quase "20 paus", exatamente a metade que o Duca pagou a Zé Eduardo Kuntgem em 6 de março de 1983... pelo Cavalo.

• Obrigado Dr. Celio Aschar. Obrigado Ignácio Peres Lopes. Não faço mais que minha obrigação, quando a meu modo procuro difundir o cavalo Mangalarga.

MARCHA TROTADA



Celio Aschar, Dr.

• Vou dar novo giro. Quando você menos esperar estarei aí na sua casa. Para ver a tropa e filar o "ragu".

• Já estamos pertinho da Exposição de junho, segunda quinzena, Parque da Água Branca.

• Juiz argentino vem aí. Para uns flores (mesmo no



inverno). Para outros espinhos.

• Leme R.S. Haras Fumaça. Paranapanema, S.P., do meu amigo Elio Sacco muito elogiado, por muita gente.

• "Eis aí (conta-me o Dr. Marchi, referindo-se a Leme R.S.) um magnífico filho de Reinado A.J.".



Ignácio Peres Lopes

A fala do Criador

Elío Sacco.
Fazenda Fumaça — Paranapanema, S.P.

Matrizes: 16.

Alguns pais das matrizes: Flamboyant da Porangaba, Enigma, Gigante J.O. e Prelúdio Flori.

Machos: Desejo RS (Turbante J.O. - Serpentina F.S.); Leme R.S. (Reinado A.J. - Joseli de Jaci); Brillo da Fumaça (Comanche R.N. - Garrafa P.L. da Macauba).

Fêmeas: Liberdade R.S. (Elmo J.O. - Opala); Condessa da Fumaça (Kibon J.O. - Catira da Ligramar); Brejeira da Fumaça (Dolar D.F. - Catuxa JPL); Alteza da Fumaça

(Trovador J.O. - Sonata Ri-ma); Baroneza da Fumaça (Durango R.S. - Uva da Ben-toca); Beldade da Fumaça (Pai-Cuê da Boa Vista - Gazela).



Elío Sacco, Dr.

Opinião sobre o presidente: "A gestão do Dr. Felipe é ótima pela sua atividade e participação direta em todos os eventos do Mangalarga".

—x—
Seu veterinário: Dr. Odair Rosa.

Gerente da Fazenda: José Carlos Griffo.

Responsável pela tropa: Pedro Mota.

—x—
Um conselho para quem inicia:

Adquirir de comprovadas linhagens, escolher o reprodutor certo e acima de tudo procurar orientação no Stud Book da ABCCRM, onde a figura do Dr. Eduardo B. Marchi pontifica como um verdadeiro "selo de garantia".

4º Leilão JB

José Maurício Junqueira de Andrade
Continuando 150 anos de tradição.
Fazenda São Mariano – Lins – SP

NÃO ESQUEÇA!

40 eqüinos Mangalarga
200 bovinos HVB e HPB
PC e cruzadas
40 machos cruzados
prontos para abate.

Quinta-feira, 11 de julho de 1985

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:
12 parcelas mensais, iguais,
sem juros e correção monetária,
sendo a 1.ª parcela no ato ou
financiamento bancário.
(estabelecimentos de crédito
no local). Condições especiais.
Taxa sobre a compra: 4%.



PROGRAMAÇÃO:
10 h – Apresentação de animais
11 h – Coquetel e Churrasco
13 h – Início do Leilão

PROGRAMA
COMERCIALIZAÇÃO DE ANIMAIS LTDA
Rua Dona Germaine Burchard, 251
Cep 05002 - Tel. 262-8377 - São Paulo - SP



VENDEM-SE MUDAS DE SERINGUEIRA – FONE: (0145) 22-3953

REDATOR: L. PACHECO JORDÃO
— CRMV-4 — 0322

N.º 113 — MAIO DE 1985 — ANO X

SUÍNOS

SUMARIO

- A importância das linhagens na criação de suínos.
- Inseminação Artificial em Suínos.
- Franqueza das pernas em suínos.
- Combate a peste suína africana no Haiti.
- Brasil: livre da peste suína africana.

Muitos suínos destinados ao abate são produzidos por cruzamentos simples mas, no futuro, as linhagens, mais do que as raças, serão as bases dos programas de criação.

Além disso, a responsabilidade comum dos criadores para com seus produtos poderá tornar-se um item importante.

Até o início dos anos 60, a maioria dos suínos abatidos pertencia a raças puras. Estimulados por experimentos realizados em institutos de pesquisa, especialmente em Minnesota (E.U.A.) e Edinburgo (R.U.), e empresas comerciais de cruzamentos, que tiveram início nos E.U.A. e R.U. e depois em outros países, a situação mudou. A Dinamarca, até aquele momento, um dos países líderes em produção porcina, não iniciou cruzamentos antes dos anos 70.

O objetivo da exploração da heterose — fenômeno em que o cruzamento de raças produz mais economicamente que a média das raças parentais — foi o principal estímulo para o aumento dos cruzamentos. Presentemente, 80-90% da produção de porcos industrializada consiste de produtos cruzados ou híbridos.

Muitos suínos abatidos, no entanto, ainda são produzidos por um só cruzamento; mas, no futuro, as linhagens, mais do que as raças, serão as bases do programa de criação. Portanto, a responsabilidade conjunta dos criadores para com seus produtos será um item importante.

Importância da heterose

A heterose total de diferentes sistemas de cruzamentos é calculada como a diferença em resultados entre os produtos

cruzados e as raças parentais ou cruzantes, levando-se em conta a contribuição de cada raça. Conforme este método de cálculo, a heterose pode ser considerada como o resultado de vários efeitos, a saber:

- a heterose verdadeira: melhores resultados com genótipos heterozigotos;
- a heterose da característica componente: os componentes de uma característica (por ex., peso vivo) podem ser herdados aditivamente, mas o produto resultante mostra um desvio do valor da mãe.

O nível de produção esperado de alguns sistemas de cruzamento, acima daquele da criação de animais puros, é mostrado no Quadro 1.

Neste quadro, a produção média das raças parentais é estimada em 100. O desvio de 100 dá a vantagem obtida com os sistemas de cruzamento subsequentes. As porcentagens de heterose não são valores constantes, mas dependem, entre outros fatores, de diferenças em consanguinidade das raças cruzantes, da consanguinidade das raças parentais, do ambiente em que os suínos são produzidos (geralmente há mais heterose sob circunstâncias desfavoráveis de produção). Há pouca evidência acerca da contribuição da heterose paterna (uso de caçaços F₁ ou híbridos) para a heterose total.

Libido e constituição são características influenciadas positivamente. O Quadro 1 mostra que a maior parte da heterose é encontrada em características reprodutivas e nenhuma em características de carcaça. Há heterose moderada em ganho de peso e em conversão de alimentos. Tecnicamente, a diferença entre um cruzamento entre 3 raças e a criação de puros significa 1,5 a 2,0 leitões/porca/ano (10% de 15 a 20 leitões).

Ademais, um ganho extra de 30-40 g (6% de 650 g) e de 0,1 de melhor conversão alimentar 3% de 30,3,2) podem ser alcançados. Se esses melhoramentos técnicos são considerados como valores médios é difícil compreender porque levou tanto tempo para o cruzamento ser geralmente aceito. Um cruzamento entre 3 raças dá um rendimento extra de cerca de 90 dólares (E.U.A.) por ano, acima da raça pura ou de 27 dólares acima de um cruzamento simples.

Pontos que requerem atenção especial em cruzamentos

Ao estabelecer um sistema de cruzamento, um fator importante é o nível de produção das raças parentais ou cruzantes. Deve-se dispor de duas a quatro raças com qualidade suficiente. Por outro lado, a perda de um nível aditivo do va-

Quadro 1. Heterose em cruzamentos

Item considerado	h *	h **	Raças puras	Cruzam. simples	Cruzam. alternado (2 raças)	Cruzam. 3 raças	Cruzam. de retorno
Total de leitões nascidos	2	3	100	102	103,3	105	104
Leitões desmamados	7	3	100	107	106,7	110	106,5
Intervalo desmame-prenhez	15	0	100	100	110	113	115
Ganho diário na engorda	6	0	100	106	104	106	103
Conversão de alimentos	3	0	100	103	102	103	101,5
Carne em cortes principais	0	0	100	100	100	100	100

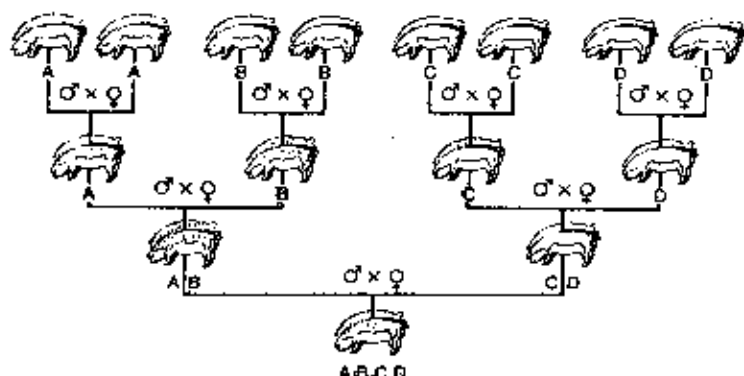
* h = heterose individual: desempenho extra, percentual, porque o suíno é um animal totalmente cruzado.

** h = heterose materna: desempenho extra, percentual, de uma prole transferida através de sua mãe, porque ela é uma cruzada total.

QUATRO RAÇAS DE ALTA QUALIDADE

As linhagens, mais do que as raças, deverão ser as bases do programa de criação e sistemas de cruzamentos poderão mesmo ser substituídos pelos

esquemas de hibridação. Entretanto, para tirar vantagens da heterose deve-se contar com duas ou três raças dotadas de qualidade suficiente.



lor do meio-pai (1/2 pai ou 1/2 mãe) pode ser maior que a vantagem de uma heterose extra. Por exemplo, esta perda pode ser demonstrada pela comparação do desempenho do melhor sistema de cruzamento usando 2 raças e um cruzamento com 3 raças. Esta comparação pode ser concernente a DY x (DY x DL) e PL x (DY x DL). O cruzamento de retorno tem (excluindo a heterose) um ganho diário esperado de $1/2 \times 700 + 1/4 \times 700 + 1/4 \times 660 \text{ g} = 690 \text{ g}$ e o cruzamento de 3 raças: $1/2 \times 600 + 1/4 \times 700 + 1/4 \times 660 = 640 \text{ g}$. Alterando o sistema de produção de cruzamento de retorno para o de cruzamento de 3 raças, usando uma terceira raça com ganho inferior, tem-se uma heterose extra de 3% = 20 g, mas há perda de valor de meio-pai, de 50 g.

Pelos dados encontrados na literatura e a experiência prática sabe-se que o cruzamento único ou simples leva a um produto com mais uniformidade e que o escalonamento entre si de cruzas simples conduzem a uma divisão e, assim, a uma variação maior. Exemplo de divisão ou fracionamento é dado pelo cruzamento

Quadro 2. Resultados das fazendas comerciais Hypor em comparação com a média total holandesa

Caract. consideradas	Hypor	Média holandesa
Leitões/porca/ano	19,8	17,8
Leitgadas/porca/ano	2,15	2,05
Ganho diário (22-105 kg) g	681	668
Conversão alimentar (% EAA + 1 A)	3,00	3,11
	68	74

entre Landrace Belga e Duroc. Na primeira geração pode ser produzida uma prole forte, bem musculada e uniforme dessas duas raças. O escalonamento das progênes F₁ entre si produz uma geração F₂ que varia grosseiramente do Landrace Belga ou Duroc.

Uma situação comparável surge se cachos F₁, originados de 2 raças extremas, são usados na produção de suínos para abate.

A hibridação oferece mais.

Um bom plano de hibridação é formulado de acordo com as necessidades do mercado. Também leva em conta certo

número de pontos mais fracos dos sistemas de cruzamento. O Quadro 2 mostra os bons resultados que podem ser alcançados com a hibridação.

Os resultados foram realizados com um programa bem definido e cuidado, adaptado à moderna suinocultura. O programa usou linhagens especializadas, nas quais cada uma foi selecionada para uma combinação de características diferentes, dependendo da posição no programa de produção. Portanto, um programa de hibridação somente pode ter sucesso se for manejado por uma organização que opere forte e centralizadamente. De outra forma é impossível que se torne um plano de produção que não use linhagens de produção completas e operem com elementos participantes dotados de interesses diferentes (produtores, multiplicadores e comerciais).

As linhagens em um plano de hibridação podem ter origem em uma raça ou em certo número de raças. Não é a raça da qual se origina que conta e sim o nível das características importantes. Usando linhagens especializadas ou linhagens sintéticas também significa que os pontos

mais fracos de uma linhagem podem ser equilibrados com os pontos mais fortes de outra.

Combinando uma linhagem altamente prolífera com qualidade de carcaça menos boa e uma linhagem menos prolífera mas com boas carcaças, uma porca comercial pode produzir aquilo que preenche as necessidades do mercado perfeitamente.

O tamanho das linhagens em planos de hibridação ascende a 150 a 600 porcas a nível de núcleo. Mantendo essas linhagens fechadas, a progênie pode ser facilmente consanguínea após algumas gerações. Tanto a consanguinidade leve como a produção de todos os animais do núcleo sob o mesmo manejo intensivo po-

dem melhorar a uniformidade das linhagens e, assim, a dos produtos finais.

Como o produto final é a meta do programa de hibridação, os resultados externos e de produção das linhagens separadas são menos importantes. Por exemplo, a qualidade da carcaça de uma linhagem básica nunca é uma meta primária e portanto não deve ser causa de apreciação negativa. Uma compensação e uma correção resultam da combinação com outras linhagens.

Nestes aspectos, os criadores de animais puros têm vantagens. Eles almejam criar suínos completos. Portanto, há o perigo real de que as linhagens especializadas em um programa estabelecido pelo pig-book resulte mais em populações separadas do que em características, até no que concerne à descendência.

Espera-se que a hibridação venha a ser mais orientada pelo mercado futuro. Portanto, o hiato entre o núcleo de criação e a produção comercial pode tornar-se ainda maior. Na implementação de linhagens super prolíficas, os genes de raças porcinas chinesas e a boa tecnologia dificilmente poderão ser alcançadas

fora de uma estrutura de companhia ou empresa de criação.

Outra tarefa para os criadores

A tarefa de um criador não termina com a venda de porcas e cachos de linhagem ou comerciais. A organização da criação (tanto nas companhias de criação de pig-book como as privadas) devem mostrar responsabilidade pelos resultados de seus produtos.

A responsabilidade pode se manifestar pelo menos em quatro pontos. Os suínos destinados à criação devem preencher níveis de qualidade básica, tanto geneticamente como do ponto de vista sanitário.

Juntamente com os suínos devem ser fornecidas informações sobre os resultados esperados da produção e informações gerais sobre o manejo, tais como sobre alojamentos, alimentação e saúde.

Deve haver um sistema que capacite os compradores a julgar se os resultados obtidos com a produção estão de acordo com os prometidos. Finalmente, a organização da criação deve proporcionar assistência real, quando apareçam distúrbios na produção.

Conclusão

A produção de suínos teve início em todos os países com a criação de animais puros. Nos últimos dois ou três decênios houve uma mudança na direção dos sistemas de cruzamentos. Espera-se, mesmo, que esses sistemas venham a ser substituídos por planos de hibridação.

A orientação do mercado será a base para a formulação de novas linhagens nesses programas de criação. A divergência entre os núcleos de criação e a produção comercial poderá aumentar cada vez mais no futuro. Uma campanha somente terá êxito com a hibridação e venda de animais, se tiver também a responsabilidade dos resultados dos híbridos. A tendência, no futuro, será a distribuição de suínos com as instruções para reproduzi-los.

— Cop, W. A. G. — A pig breeding programme is more than just cross-breeding. *Pigs-international magazine on pig-keeping*. Holanda. (oct.): 4-5, 1984.

Nota da R.: O Autor pertence à organização Euribrid BV, Boxmeer, Holanda.

Inseminação artificial em suínos

— Este artigo examina as vantagens da inseminação artificial para os criadores de suínos. As vantagens são provenientes de modernas

técnicas que melhoram diariamente a população porcina. Como isso é possível? —

Os resultados da fertilização com as modernas técnicas de inseminação artificial (i.a.) são tão bons como os das montas naturais.

A i.a. não é somente útil para as grandes fazendas de criação de suínos, como para o pequeno suinocultor que se utiliza de uma estação ou centro de i.a. para servir suas poucas porcas. Consequentemente, a i.a. nesta espécie promoveu consideráveis avanços nos recentes anos e pode continuar a fazê-los.

Progresso genético rápido.

A fertilização mediante i.a. necessita consideravelmente de menor número de cachos reprodutores do que por acasalamento natural. Somente os melhores varões são postos em serviço e cada qual pode propiciar um grande número de descendentes por ano (cerca de 12000).

É preferível usar um cacho por i.a. por um ano e depois substituí-lo por outro macho da geração seguinte. Teoricamente, pode-se admitir que as qualidades genéticas desses animais podem ser melhores que as das gerações anteriores e dessa forma o progresso genético da população porcina será acelerado.

A i.a. não oferece vantagens para a criação somente. As infecções transmi-

tidas normalmente durante o acasalamento podem ser prevenidas. Além disso, a quantidade e a qualidade do sêmen de cada serviço podem ser controladas e as falhas devidas ao sêmen mau podem ser evitadas. Caso o sêmen esteja temporariamente parcial ou completamente infértil, devido a doenças ou inoculação, ele não será usado e a porca não correrá nenhum risco. Em casos graves leva seis meses para que se descubra o nascimento de pequenas leitegadas após a cobertura natural. Se o sêmen é infértil demora menos do que um mês com a i.a. para que isso seja revelado, através do número de reinseminações.

Ocorrem grandes perdas econômicas nos casos em que o serviço natural é utilizado.

As fazendas que usam baias-maternidade em seu sistema de criação têm mais interesse pela i.a. Ao desmamar as porcas em grupos, cerca de 70% delas mostrarão cio após três a cinco dias. Com a cobertura natural é preciso manter muitos cachos para os grupos de porcas que desmamam seus leitões; mas a i.a. minimiza este problema.

Diferentes sistemas.

As grandes explorações, com mais de

500 porcas, podem ter muito interesse em manter uma estação própria de i.a. Esta estação ou centro provê a propriedade de sêmen necessário. Sob orientação veterinária, o sêmen é coletado e processado adequadamente e as porcas são logo inseminadas. Além da fazenda não dependem de uma estação local de i.a. torna-se possível fornecer às explorações vizinhas o sêmen que elas necessitam.

As explorações de tamanho médio e pequeno podem se valer de um centro de i.a. Os cachos são mantidos nessas estações ou centros e ali o esperma é colhido, examinado e processado. Para usar o sêmen pode-se escolher os serviços de um inseminador profissional ou optar pela realização direta da i.a. A estação emprega inseminadores que vão às fazendas. Este sistema é particularmente bom em áreas que contam com muitos suínos e onde as propriedades são próximas umas das outras.

A i.a. feita pelo próprio criador.

Nas áreas onde são mantidos poucos suínos a i.a. torna-se muito dispendiosa em relação à monta natural, devido às distâncias envolvidas. A aplicação pelo criador pode ser a solução certa. Neste caso,

o centro não a executa e por isso, naturalmente, o criador precisa ser adestrado nas técnicas necessárias.

Numa fazenda que executa a i.a. há necessidade de um refrigerador no qual é armazenado o sêmen a uma temperatura constante de -16°C . Também necessita de um suprimento de pipetas próprias para inseminar as porcas e um esterilizador para essas pipetas após seu uso. A estação de i.a. envia o sêmen dia sim, dia não, a essas fazendas.

Há, nas fazendas em questão, outras vantagens além daquelas propiciadas pelo inseminador profissional. Primeiramente, o criador pode utilizar o momento ideal ou mais oportuno e não depende da hora de visita do inseminador. O risco de infecção se reduz porque o inseminador não ingressa na exploração. Mesmo nas áreas com elevada população porcina alguns criadores preferem fazer eles mesmos a i.a. pelos motivos citados.

Dois dias de idade no máximo.

O sêmen para inseminar não deve ter mais do que dois dias de idade. Após esse prazo, sua qualidade rapidamente se deteriora, resultando em menor número de fertilizações e leitagens menores. Com sêmen de não mais do que dois dias de idade, os mesmos resultados podem ser obtidos, em comparação à monta natural. Naturalmente, é necessário determinar acuradamente o estado do cio (estro) e somente então ocorre o momento correto para inseminar. Em grandes explorações de suínos um cachaco — rufião é útil para incitar o cio e revelar as porcas que demonstram estro menos claramente.

Ao contrário da i.a. em bovinos, o sêmen congelado é usado em escala apenas limitada em suínos. A razão mais importante disto é que os resultados da fertilização e o tamanho das leitagens resultantes do sêmen congelado são apreciavelmente inferiores. O uso de sêmen congelado somente é indicado para as criações de elite.

Usando sêmen de varrões de alta qualidade, em qualquer lugar que seja, o potencial genético pode ser, conseqüentemente, rapidamente melhorado e por um preço bem baixo.

Uso de melhores cachacos.

Um número relativamente pequeno de reprodutores é usado em i.a. para produzir a geração seguinte de suínos. Somente os melhores genitores são enviados às estações de i.a. Eles devem ser testados para ver se produzem sêmen de boa qualidade. Também devem ser ensinados a montar em um manequim (porca artificial) e ejacular. Somente neste caso o cachaco é aprovado para i.a.. Após o varrão ter sido usado, as leitagens resultantes são examinadas mediante registros de reprodução para observar e evitar a transmissão de defeitos genéticos. Os cachacos portadores desses defeitos devem ser imediatamente descartados.

Os varrões sobreviventes ao processo de seleção são colocados em serviço intensivo. Pesquisas sobre crescimento, conversão de alimentos e qualidade de carcaça determinam a escolha dos reprodutores que possuem as melhores características transmissíveis. Esses animais são próprios para a reprodução.

A cada cinco dias.

Os cachacos usados em i.a. devem produzir sêmen, preferivelmente e tanto quanto possível, de excelente qualidade. Além da saúde geral e genital, outros fatores devem ser considerados a este respeito. O mais importante é a frequência com que o sêmen é coletado. A pesquisa tem mostrado que a coleta realizada uma vez em cada 5 dias produz sêmen de quantidade e qualidade ótimas, mesmo até 20-40 doses por ejaculação.

A alimentação também exerce um papel importante. A boa produção de espermatozoides pode ser obtida se o reprodutor é alimentado com a quantidade e a composição corretas de alimentos.

Um terceiro ponto concerne ao abrigo propiciado ao cachaco. O animal deve ser protegido com sombra contra o sol e outros fatores adversos, adequadamente.

A fim de evitar riscos de surtos de doenças é aconselhável não ter mais do que 150 cachacos em uma estação ou centro de i.a. Se necessários mais reprodutores é melhor manter duas pequenas estações, do que uma de grande porte.

A temperatura é importante.

O sêmen de porco é extremamente sensível a alterações de temperatura. As células espermáticas morrem imediatamente se a temperatura é subitamente alterada. O sêmen deve ser coletado em frascos térmicos e tratado com todo cuidado. Durante o processamento, o sêmen será resfriado bem gradativamente, até menos 16°C .

Especialmente nos países tropicais e sub-tropicais deve-se tomar extremos cuidados com a higiene na coleta e no processamento do sêmen. O sêmen não pode sofrer qualquer contaminação no preparo e na diluição. A quantidade de água mineralizada a ser usada no preparo do diluente deve ser mínima; sendo preferível a água destilada.

O sêmen de cada coleta deve ser examinado com microscópio de fase-contraste, dotado de platina aquecedora, a fim de determinar a qualidade dos espermatozoides. A concentração de espermatozoides pode ser determinada mediante um colorímetro. Estes dois fatores decidem sobre quantas doses devem ser preparadas. Por último, mas não por ser menos importante, está o aspecto administrativo executado pelo centro de i.a. A fim de obter os melhores resultados possíveis é aconselhável uma administração esmerada. Para cada cachaco devem ser organizados registros de seus serviços, o quanto de sêmen foi coletado, a sua concentração e qualidade e quantas doses de material foram preparadas com o ejaculado. Os resultados da fertilização por cachaco e por inseminador devem ser anotados. Outros dados para cada reprodutor também podem ser obtidos através dos registros de dados das porcas, tais como o tamanho das leitagens e os defeitos genéticos.

Em anos recentes tornou-se patente que se todas as precauções forem tomadas, a i.a. de suínos proporcionará enormes possibilidades em escala mundial. É possível alcançar um rápido progresso genético por este meio. Pode-se dizer que, sem exagero, a i.a. não pode ser deixada de lado na suinocultura moderna.

— Bos, Frieda — Artificial insemination cannot be eliminated. *Pigs — international magazine on pig-keeping*. Holanda, (oct.): 6-7, 1984.

NUTRIMEL - S

Suplemento líquido para ruminantes.

CHEGOU A HORA — PASTO SECO, ÁGUA, SAL E NUTRIMEL-S

Garantia de: ganho de peso, aumento da produção de leite, desmama de bezerro e aumento de fertilidade.

JONIL - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE RAÇÕES LTDA.

Esc. e Fab. Distrito Industrial — Quadra 12, s/n.º — Tel. (0186) 52-2157
Cx. Postal 405 — PENAPOLIS — CEP. 16.300 — SP

Peçam-nos grátis prospecto com fórmula e planta de piquete para confinamento de 100 animais com cocho para volumoso e bebedouro.

Quando deve ser feita a inseminação em suínos?

— O tamanho da leitegada é economicamente importante para o criador de suínos. É possível esco-

lher o momento oportuno para inseminar a fim de assegurar a obtenção de leitegadas maiores?

A fim de ser capaz de reconhecer o momento mais apropriado para realizar a inseminação durante o ciclo estral, é necessário conhecer algo sobre a estrutura e a função dos órgãos reprodutivos da porca. Distinguímos as seguintes partes do sistema reprodutivo da fêmea (Fig. 1):

- ovários, direito e esquerdo;
- ovidutos, direito e esquerdo;
- útero, com os cornos direito e esquerdo;
- vagina e
- vulva

Ovários.

São órgãos pares, de forma oval, com cerca de 1 a 2 cm de diâmetro na porca adulta. Têm aparência lobada, semelhante a de uma framboesa. Ao nascimento, existem os chamados óvulos primários ou primordiais. Durante o curso da vida da porca o único desenvolvimento que ocorre é o do óvulo primário para o óvulo.

Quando o animal está sexualmente maduro, a cada três semanas, é liberado um número de óvulos. Isto tem lugar sob a influência de certos hormônios.

Ovidutos.

Os óvulos liberados passam para a parte mais larga dos ovidutos.

Esta dilatação é chamada ampola. Os ovidutos propriamente são um par de tubos delgados, de alguns milímetros de espessura, longos e espiralados.

Os ovidutos são o órgão mais importante na fertilização, porquanto o óvulo é fertilizado e permanece no oviduto por alguns dias. Durante esse tempo o ovo (óvulo fertilizado) divide-se várias vezes.

Útero.

Após três ou quatro dias, o ovo, que já se dividiu várias vezes, desce para o corno do útero. A princípio, os pequenos embriões vagueiam livremente pelo útero. Os cornos direito e esquerdo se reúnem no corpo do útero.

No início da gestação, antes que os embriões tenham se fixado à parede do útero, eles se movimentam entre os cornos direito e esquerdo. Esta dispersão entre ambos os cornos é importante em conexão com a posição que os fetos podem ocupar eventualmente dentro do útero. Se os embriões ficam bem espaçados entre si, no útero, eles podem resultar em leitões que nascem bem; têm uma área razoavelmente grande para obter alimento

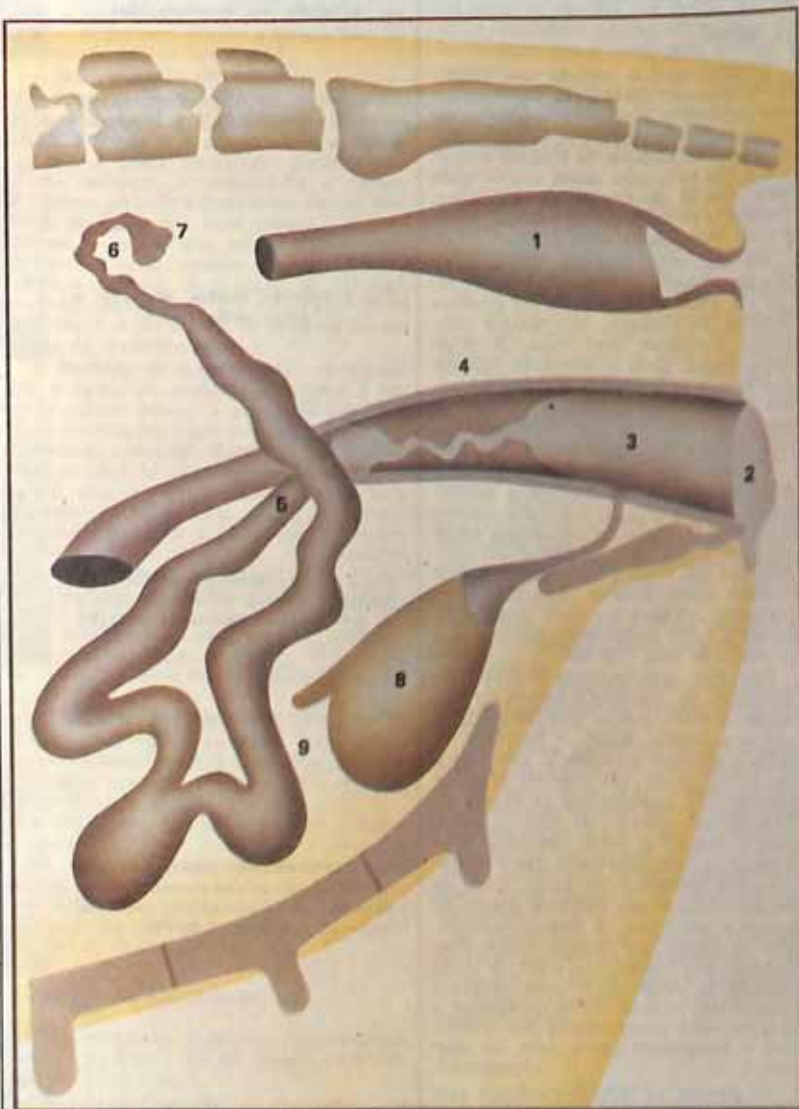


Fig. 1 As vértebras da porca são vistas no alto da ilustração; em baixo está a pele do ventre com algumas tetas. Em cima vê-se o canal intestinal (1). Para melhorar a imagem a continuação do intestino foi omitida. A vulva (2) é vista em baixo do canal intestinal, com a vagina (3), a cerviz ou colo uterino (4), o corpo do útero com os dois cornos (5), um dos quais foi omitido para melhorar a visão; o outro corno continua para os ovidutos (6) e os ovários (7). A bexiga (8) se abre na vagina, o ducto urinário (9) pelo qual a urina passa dos rins para a bexiga é visto, encurtado.

e espaço no qual crescem. Uma leitegada bem desenvolvida pode resultar desse fato. Se um leitão, no útero, fica sob pressão durante seu desenvolvimento, ele permanecerá pequeno.

O corpo uterino, em si, é relativamente pequeno e se prolonga através do colo do útero ou cerviz. Isto forma o fecho do útero para o mundo exterior. Há, na cerviz, como que "montes e vales" que se penetram como rodas dentadas e assim formam um bom fecho.

A vagina.

O ciclo estral é iniciado com auxílio de hormônios. Hormônios são substâncias produzidas por células existentes em certas partes do corpo que, ao serem elaboradas, são lançadas na corrente sanguínea e vão influenciar outras células, onde quer que se encontrem, no organismo. Quando a porca atinge determinada idade e certo peso, ela se torna estral.

Em um certo momento, influenciado por um número de fatores, o cérebro envia um sinal ou impulso para a glândula hipófise ou pituitária, que produz diferentes hormônios importantes. A pituitária produz então o hormônio folículo-estimulante (FSH) (Fig. 2). Este hormônio tem um efeito sobre os ovários da porca, fazendo com que vários lobos se desenvolvam em vesículas ou folículos.

Por outro lado, as paredes dos folículos produzem um outro hormônio, a folículo ou estrona (Fig. 3) e a porca começa a mostrar alterações características: torna-se mais ativa, mais curiosa e inquieta. Mas isso não é tudo: seu aspecto exterior também muda, a vulva incha e se torna vermelha; a vagina e o útero ficam tumefactos e todos esses sinais indicam que o animal se acha "em cio".

Quando a estrona atinge o cérebro ela determina na pituitária a parada da produção de FSH, porque os folículos já se acham presentes. Então, a pituitária começa a elaborar o hormônio luteinizante ou LH (Fig. 4) que também afeta os ovários. Ele assegura que os óvulos encerrados nas paredes do folículo saiam para o exterior e, assim, um óvulo é libertado de cada folículo, o que é conhecido por ovulação. Na porca, todos os óvulos maduros são liberados dentro de quatro a seis horas. É diverso da ovulação na cadela que demora vários dias. Quando a ovulação tem lugar, a parte restante da parede do folículo começa a expandir-se, as suas células proliferam e formam uma protuberância nos ovários que é denominada corpo lúteo, ou amarelo.

As paredes do folículo produzem agora um novo hormônio, a progesterona (Fig. 5) que afeta o útero estimulando suas glândulas a produzirem nutrientes. A progesterona assegura que a pituitária não mais produza os hormônios LH e FSH e, se o animal concebe, o útero assume a produção da progesterona (Fig. 6).

Se o animal não concebe, o útero produz, então, outro hormônio, denominado

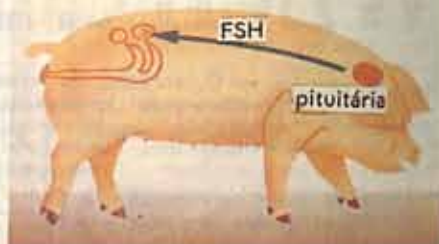


Fig. 2 Folículos desenvolvidos sob a influência do hormônio FSH.



Fig. 3 Folículo produz estrona: a porca exibe cio.

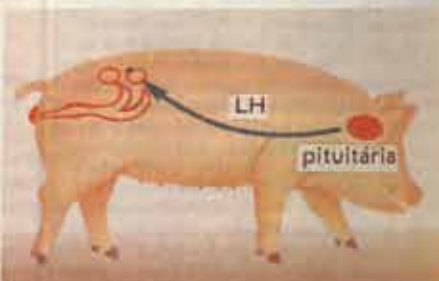


Fig. 4 Cessa a produção de FSH pela pituitária e ela é transferida para a de LH; em consequência há ovulação.

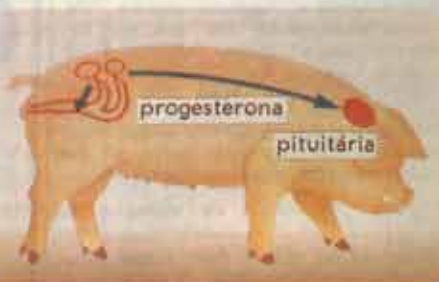


Fig. 5 O corpo lúteo produz a progesterona — estimula-se a produção das glândulas da parede uterina — opõe-se à formação de FSH.



Fig. 6 Sob a gestação o útero depende da ação do corpo lúteo sobre a pituitária.

Prostaglandina, que causa a desintegração do corpo lúteo, de sorte que não há mais produção de progesterona. A trava exercida sobre a pituitária é liberada, produz-se de novo o FSH e todo o ciclo descrito recomeça a partir desse momento (Fig. 2).

No caso da porca conceber, a amamentação estimula a formação de mais um hormônio fabricado pela pituitária, a prolactina. Quando os leitões são desmamados, a produção de FSH recomeça e o ciclo estral volta a funcionar, assim que o animal entra em cio ou calores dentro de quatro ou cinco dias. É importante remover todos os leitões da porca, ao mesmo tempo, a fim de obter o maior grau possível de modificação.

Maturidade.

Quando devemos fazer cobrir uma marrã? É melhor esperar até que o animal esteja plenamente desenvolvido e com idade suficiente.

Deve-se ter o cuidado de que, mesmo que a fêmea entre em cio, ela ainda pode ser muito jovem para ser coberta. A fim de gerar uma boa leitegada o útero deve propiciar espaço suficiente. Acima de tudo, os órgãos reprodutivos devem funcionar apropriadamente. É comum uma marrã ser inseminada com 8-9 meses de idade.

Para obter bons resultados, a marrã deve ter exibido cio antes, duas vezes. É importante, para fins de reprodução que os leitões sejam produzidos por porcas que entrem em cio precocemente. Constitui uma boa prática registrar o momento em que a fêmea entra em cio, mesmo quando este não seja aproveitado para acasalamento.

QUANDO INSEMINAR?

O cio, isto é, o momento em que o animal em estro está sob a influência de hormônios próprios, pode ser fracionado em três períodos:

- pré-estral;
- verdadeiramente estral e
- pós estral

• A fase pré-estral

- a porca torna-se inquieta e tenta montar outras porcas;
- a vulva adquire cor avermelhada e há mostra tumefacta e
- há pouco muco.

A fase pré-estral somente é importante pelo fato de indicar a aproximação da verdadeira fase estral, significando que a fêmea deve ser testada cuidadosamente. A fase pré-estral pode demorar entre 2 e 3 dias e não se pode ser mais preciso, pois a duração depende do tipo ou espécie de suíno. Também há consideráveis diferenças entre porcas da mesma raça.

Ao estudar as porcas cuidadosamente e analisando as anotações, pode-se verificar o que realmente acontece na criação.

A fase pré-estral segue-se o estágio de estro verdadeiro.

Fase estral. Podemos subdividir esta fase em três períodos:

- primeiro período, fértil;
- período de inseminação e
- segundo período fértil

Reconhecimento:

- durante a fase estral a porca torna-se inquieta;
- outras porcas a montam;
- a inchação e enrubescimento da genitália se tornam pouco a pouco mas seguramente menos notáveis e
- há produção de muco.

• **Primeiro período fértil.** A vulva ainda está inchada e avermelhada. O muco ainda é claro e o ponto decisivo reside em que a porca permanece parada diante do cachão, permitindo-lhe a monta. A fêmea, quando premiada no flanco, chega a permitir que uma pessoa a monte. Porém, a pessoa não tem a possibilidade de fazê-la parar, mesmo que faça pressão sobre a garupa. A duração do primeiro período fértil pode ser considerável, ou seja de 8 a 10 horas. É seguido do período de inseminação.

• **Período de inseminação.** A tumefação e rubor da genitália diminuem e torna-se difícil mover a porca de sua posição. O tratador pode cavalgá-la, escarranchando-se sobre seu dorso. A porca puxa suas orelhas se alguém tenta testá-la. O muco que escoia da vulva torna-se mais espesso e forma fios. O período pode demorar entre 32 e 40 horas. É importante saber se as porcas têm períodos longos ou breves de inseminação. O termo "período de inseminação" não parece muito adequado porque o momento correto para inseminação são os primeiros três quartos desse período. O período de inseminação é seguido do segundo período fértil.

• **Segundo período fértil.** Neste período, a porca não se conserva parada diante do tratador, mas estaca ante o cachão. Este período também pode demorar entre 8 e 10 horas.

• **Pós-estro.** Podemos chamar assim o momento no qual se vê que a porca esteve em cio. Ela não mais fica parada, mesmo ante o cachão. A inchação vulvar desaparece praticamente e o comportamento do animal é normal. A duração da fase é de cerca de um dia.

Momento de inseminação.

O importante momento da ovulação ocorre no início do 4.º quarto do período de inseminação.

Os espermatozoides são depositados na cerviz uterina. Se a inseminação é realizada em boas circunstâncias as células espermáticas se movimentam em espaço de tempo muito curto, da cerviz até o oviduto.

Após um quarto de hora uma quantidade suficiente de espermatozoides se encontra no lugar exato. As células espermáticas começam a amadurecer no oviduto

to e são capazes de penetrar e fertilizar o óvulo.

Os espermatozoides podem permanecer aptos para a fertilização de óvulos nos ovidutos por um longo tempo, provavelmente até 24 horas, embora provenham de cachões diferentes.

Os óvulos têm vida muito mais breve, usualmente considerada de 6 a 8 horas. Portanto deve-se ter o cuidado de que os espermatozoides estejam presentes no local antes da chegada dos óvulos. Portanto, o derradeiro quarto do período de inseminação não é usado para realizar a operação.

O melhor momento para a inseminação são os primeiros três quartos do citado período. É melhor realizá-la na seção anterior do que na seção final do período.

Testagem do cio. A fim de estabelecer o estado de cio é aconselhável examinar a porca duas vezes ao dia pelo menos. Vê-se, então, se ela se acha em pré-estro e quanto demora esta fase.

A checagem do estro será realizada quando a pocilga ou mangueirão estiver sossegado. Nessa condição é mais fácil observar se as porcas se acham inquietas. Também é mais fácil se as fêmeas estiverem mantidas em pequenos grupos, preferivelmente perto de um cachão.

Os animais encontrados em cio à tarde e já na primeira fase de estro deverão ser inseminados no dia seguinte.

Pode ser mais difícil determinar quando as porcas que se acham em início de cio verdadeiro pela manhã devam ser inseminadas. Este é um teste real para tratadores peritos e profissionais. Eles deverão estimar numerosos fatores:

— Quanto tempo a porca permanece em cio? Há consideráveis diferenças entre as porcas.

— Qual o intervalo entre a notificação de cio fornecida ao centro de i.a. e o momento da inseminação?

Se a pessoa pensa que a porca pode permanecer em cio por certo tempo e que o veterinário pode estar na pocilga logo no começo da manhã, será melhor esperar. Entretanto se pensa que a porca não permanecerá em cio por muito tempo e que o inseminador somente poderá vir à tarde, então ele deve ser chamado no mesmo dia.

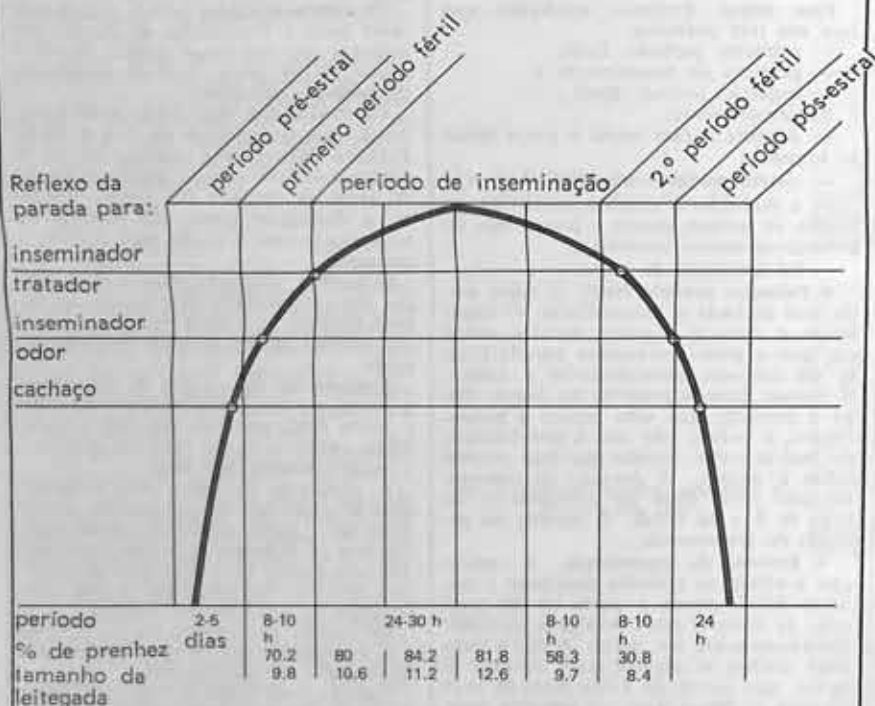
É melhor ficar um tanto do lado do início do período de cio do que um tanto do fim. O espermatozoide pode esperar pelo óvulo melhor do que este pelo espermatozoide.

Inseminação.

A inseminação deve ter lugar sob condições ótimas. É aconselhável apartar a porca de seu grupo, inseminá-la em um local da pocilga perto de um cachão. É absolutamente necessário manusear a porca com delicadeza e evitar violências.

Após a limpeza da vulva, a pipeta é lubrificada e cuidadosamente introduzida no canal genital. Mediante rotação da ponta espiralada e com cuidado, através

MOMENTO PARA INSEMINAR



A curva indica o estado do cio. Ela se inicia na fase pré-estral. No primeiro período fértil a porca poderá ficar parada diante de uma pessoa que utilize o dor do cachaço. A inseminação não é recomendada neste momento, em face da baixa porcentagem de fertilização e as pequenas leitegadas. O período de inseminação tem início logo que a porca permanece parada diante de um ser humano. Então ela deve ser inseminada dentro de 24 horas para se obter o maior índice de sucesso.

das pregas existentes na cerviz uterina, a pipeta será mantida firmemente.

É aconselhável executar esta operação enquanto se faz pressão com a mão sobre a garupa da fêmea. Se a porca acha isso agradável, sua pituitária começa a produzir o hormônio monooxitocina que faz com que o útero se contraia e os espermatozoides são sugados para dentro, através de movimentos das paredes desse órgão e ovidutos.

Caso a porca não ache agradável a referida pressão, como, por exemplo, pelo fato de ser manuseada com pouca delicadeza ou por ter medo das pessoas ao seu redor, ela poderá elaborar outro hormônio, desta vez pela suprarrenal ou adrenal, a adrenalina.

O processo é então o inverso; os espermatozoides precisam ser impelidos para dentro, através do inseminador. O útero torna-se rígido e os espermatozoides permanecem parados no corpo do útero e nos cornos, onde rapidamente se deterioram.

Conseqüentemente, é muito importante que a inseminação seja efetuada em boas condições. Então, os espermatozoides podem deixar logo o útero e alcançar os pontos seguros nos ovidutos, onde cal-

mamente esperarão pela chegada dos óvulos.

Inseminar uma ou duas vezes?

Lê-se freqüentemente que a inseminação feita duas vezes dá melhores resultados que a executada uma só vez. Caso se faça a inseminação no momento exato com espermatozoides adequadamente tratados, a inseminação feita uma só vez é suficiente. Uma dose de sêmen contém o número de zoospermas suficientes para fertilizar todos os óvulos com os quais eles venham a ter contacto.

Durante o tempo em que nadam da cerviz para o oviduto, muitos espermatozoides se perdem. Além da quantidade, a qualidade das células espermáticas é extremamente importante. A este propósito há consideráveis divergências na capacidade de fertilização dos espermatozoides. Para assegurar uma fertilização adequada, são necessários três bilhões de espermatozoides por inseminação. Deve-se estar certo de que as organizações de i.a. fazem os controles necessários, de sorte que em cada dose de sêmen haja bastantes espermatozoides de alta qualidade.

Inseminando-se no momento correto,

haverá bastantes espermatozoides quando ocorrer a ovulação. Inseminando-se de novo, 24 horas depois, a ovulação é realizada e o sêmen proveniente da primeira inseminação já terá cumprido seu trabalho.

Na verdade, uma segunda inseminação poderá ser prejudicial porque os ovos fertilizados, que se acham no oviduto, necessitam de condições calmas e, mesmo, já se acham a caminho do útero. Por esta razão, a porca inseminada deve ser mantida quieta, após a referida operação. Se for levada a enfrentar uma segunda inseminação pode haver um bombeamento que trabalha contra o ambiente calmo no oviduto. Por que as pessoas chegaram, então, à conclusão de que duas inseminações são melhores?

Principalmente pelo fato de compararem gratuitamente os resultados das inseminações simples e duplas. Os resultados de todas as porcas que foram inseminadas só uma vez são adicionados, mesmo quando a operação não foi efetuada no momento exato. Assim, os resultados da inseminação com sucesso e sem sucesso são juntados. Quando se realizam duas inseminações, uma foi feita quase sempre muito cedo e outra usualmente muito tarde. A pesquisa tem mostrado que, pra-



Na fotografia de cima pode-se ver o útero e os ovidutos de uma marrã de cerca de dez meses de idade, que ainda não exibiu cio. As marrãs sacrificadas com cerca de dez meses de idade, que não demonstraram cio, propiciam resultados semelhantes aos mostrados. A bolsa à esquerda é a bexiga.

A fotografia de baixo mostra um útero e ovidutos normalmente desenvolvidos de uma marrã que teve cio duas vezes.

A comparação das duas fotografias mostra, claramente, as diferenças. Na fotografia inferior a bexiga está à direita da cerviz uterina.

ticamente, todos os leitões resultantes provêm da primeira inseminação. Isto foi verificado efetuando a primeira e a segunda inseminações de porcas de diferentes raças. Outra investigação foi feita mediante testes de grupos sanguíneos.

A diferença em tamanho da leitegada entre inseminações únicas e duplas é devida ao fato do grupo de porcas inseminadas uma vez ter muitas fêmeas que haviam sido inseminadas demasiadamente tarde, por exemplo, no último quarto do período de inseminação.

Os testes nesta área são extremamente difíceis de efetuar porque a prova em si mesma causa uma alteração das circunstâncias a serem testadas. Embora não se queira esconder este incidente, houve uma fazenda na qual o criador re-

clamou que a i.a. não estava dando bons resultados e pediu que se efetuasse a i.a. dupla. Isso foi realizado em condições em que as leitegadas foram registradas adequadamente.

Portanto, a pessoa é inclinada a tirar a conclusão de que a dupla inseminação é melhor. Mas após o teste ela volta à prática da operação simples. O fato mais importante não é a inseminação feita duas vezes e sim a atenção dada a determinadas porcas em cio e ao melhoramento durante a investigação.

Outro criador tentou esse processo inseminando primeiramente só uma vez, depois duas vezes e assim por diante e os resultados foram os seguintes:

— Mediante inseminação simples, o tamanho da leitegada foi em média de 11,45.

— Com a dupla inseminação o tamanho médio foi de 10,95.

Isto foi baseado em mais de uma centena de inseminações.

É muito possível que em certas explorações obtêm-se melhores resultados com inseminações duplas do que com as simples. Todavia há duas possibilidades:

— ou a dose de sêmen é inadequada
— ou a inseminação não foi efetuada no tempo indicado e correto.

A fim de obter resultados economicamente bons as recomendações são:

— testar as porcas sempre duas vezes ao dia

— inseminar somente uma vez
— realizá-la no momento correto,
— van Gemert, W. — When do we inseminate? *Idem, idem*: 8-11, 1984.

Verificação do cio da porca

A verificação ou checagem do cio é uma parte importante e periódica das condições de trabalho em fazendas de criação e centros de reprodução de suínos. Um profundo conhecimento dos sintomas que indicam ou que se acham associados ao cio torna possível sua ótima detecção.

A pesquisa tem mostrado que a monta natural ou a inseminação dentro de 24

horas após o tratador observar o cio ou a ocorrência do reflexo da parada da fêmea, dá a melhor chance de prenhez e de uma grande leitegada.

Nas marrãs. A vulva da porca jovem pode propiciar a primeira indicação de estro iminente. É uma indicação fidedigna, especialmente em marrãs.

A vulva das que não se acham em cio

é pequena, enrugada e pálida; a mucosa é pálida e seca.

Pouco antes ou nas primeiras fases do cio, a vulva fica um tanto ingurgitada ou inchada e de cor avermelhada; a mucosa fica mais úmida e bem irrigada de sangue.

Nas porcas. A vulva não fornece uma indicação tão boa do cio em porcas adultas.

Prepare você mesmo a ração adequada para sua criação e obtenha maiores lucros.

A BENEDETTI LHE OFERECE AS MELHORES MÁQUINAS.

Quando você mesmo produz a ração que alimentará sua criação, não está simplesmente economizando.

ESTÁ LUCRANDO MAIS! ESTÁ GARANTINDO O SUCESSO DO SEU INVESTIMENTO!

Por isso, Máquinas BENEDETTI lhe oferece a maior e mais completa linha de máquinas e equipamentos para fabricação de rações do Brasil.

Comida feita em casa é outra coisa!

**MÁQUINAS
BENEDETTI**
ESPIRITO SANTO DO PINHAL - SP

REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

Po. Vicente F. Guimarães, 36 - Cx.P. 35

Tels. (DDD 0196) 51-1677

Esprito Santo do Pinhal - SP (cep 13990)



Trituradora
Para forragem



Trituradora
Para forragem



Trituradora
Para forragem e milho



Trituradora
Para forragem



Trituradora
(Exclusivamente para milho)



Moinho desintegrador
de milho



Trituradora
(Moinho)



Misturador
de Ração, Adulter
e Água Mineral



Composto de
Milho e Moinho



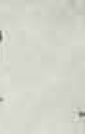
Corteira, Exalante
Barragem



Composto para
Produção de Ração



Composto para
Produção de Ração



Moinho Fábrika de Ração



Moinho Fábrika de Ração



Moinho Fábrika de Ração



Moinho Fábrika de Ração



Moinho Fábrika de Ração

Nas fêmeas que não se acham em cio a mucosa da vulva é pálida. Contrariamente, nas em cio a vulva é realmente mais avermelhada, mas o grau de intumescimento é muito menos notável do que nas marrãs.

A mucosa é evidentemente inchada, mais úmida e enrubescida em consequência do afluxo de sangue.

Comportamento da fêmea ante o cachaço. A determinação ótima do cio não é possível com boa certeza sem o auxílio de um cachaço-rufião.

A paz e quietude reinantes dentro da pocilga sofrem uma acentuada alteração quando o cachaço entra no recinto. As porcas que não se acham em cio não reagem absolutamente à sua presença, ao passo que as em estro ou pré-estro ficam paradas, estacadas, observando o macho.

As porcas mostram um movimento típico das orelhas que é particularmente claro nas de raça Yorkshire; então pode-se dizer, com quase certeza, que a porca está em cio.

O reflexo da imobilização. Não sendo possível concluir, com certeza, que a porca se acha em cio, pelo seu comportamento diante do cachaço, ela será levada a ter contato direto com o macho.

Antes de tudo o cachaço farejará a vulva (Fig. 1) e depois tentará colocar seu focinho no costado ou na barriga da fêmea, como parte de seus preliminares (Figs. 2 e 3). Se a porca não o rejeita nessa fase ele a monta (Fig. 4). Uma porca bem em cio demonstrará o reflexo da parada, ficará imóvel: seus membros posteriores ficam abertos, as orelhas se voltam para trás e para dentro; arqueia o dorso e fica rigidamente imóvel (Fig. 5).

Certificação do cio. Para o tratador é freqüentemente possível estimular o citado reflexo da imobilização, bastando-lhe imitar as ações do cachaço, sem que haja um macho nas vizinhanças. O punho da mão será colocado no costado ou barriga da porca, empurrando o local (Fig. 6); depois ele colocará as duas mãos sobre o dorso (Fig. 7). Se a porca tolerar essas manobras e, mesmo, se reagir com leve arqueamento do dorso (Fig. 7). Todo o reflexo da imobilização atingirá seu estado ótimo quando o tratador cavalgar ou se escarranchar sobre o dorso da fêmea (Fig. 8). Se a porca permanecer estacada e resistir à movimentação de sua posição, o cio está confirmado.

— Willemse, A. H. — Checking oestrus. Idem, idem: 12-3, 1984.

Nota da R.: O Autor deste capítulo pertence à Clínica de Ginecologia Veterinária da Universidade de Utrecht, Holanda.

Reflexo da imobilização



Confirmação do cio



Fraqueza das pernas em suínos

— Um suíno não precisa ficar doente para mostrar uma má postura. Entretanto, um número crescente de animais desta espécie sofre

de alguma forma de fraqueza dos membros. Qual a causa disso? Alojamento, alimentação ou herança? E que se pode fazer para evitá-la. —

A fraqueza dos membros em suínos é um complexo de sintomas clínicos que resulta em prejuízo da locomoção do animal ou manqueira. Ela pode ser encontrada, mais ou menos, em todos os suínos, mas é mais evidente em porcos mantidos nos modernos sistemas de alojamento da criação intensiva. Nos suínos portadores de fraqueza das pernas sempre há certo grau de osteocondrose.

A osteocondrose é uma combinação de lesões patológicas, sediadas nas cartilagens articulares, placas de crescimento e as juntas entre as vértebras da região tóraco-lombar, não tendo origem infecciosa. A afecção pode causar graves perdas econômicas e constitui uma das razões mais importantes da refugagem de suínos.

Etiologia e patogênese. A etiologia da osteocondrose ainda é desconhecida. Muitos fatores etiológicos têm sido sugeridos na literatura concernente. Elas podem ser divididas em fatores genéticos, ambientais e nutricionais.

• **Fatores genéticos:** para a osteocondrose, assim como para a fraqueza das pernas, têm sido encontradas diferenças entre várias raças porcinas. Nas próprias investigações do autor, juntamente com o Dr. P.G. van du Wal, do Instituto de Zootecnia "Shoonoord" em Zeist, seis raças foram examinadas — Hampshire, Duroc, Yorkshire Grande (Large White), Pietrain, Landrace Belga e Landrace Holandesa.

As raças Landrace, Belga e Holandesa foram afetadas mais severamente nos membros posteriores e as Hampshire e Duroc, as menos atingidas.

Em geral, os sintomas clínicos corresponderam bem às verificações patológicas, mas com uma nítida exceção: os membros anteriores da raça Duroc foram afetados, clinicamente, apenas levemente.

Em todas as raças, a relação clínica entre os achados patológicos dos suínos não foram freqüentemente bastante evidentes para garantir uma seleção adequada, caso algum deles fosse utilizado como critério seletivo.

No que concerne às diferenças de sexo, embora não houvesse diferenças clínicas entre machos e fêmeas, as lesões patológicas foram freqüentemente menos graves nas fêmeas.



Fig. 1 (Em cima): Este suíno tem um andamento normal.

Fig. 2 (Em baixo), à esquerda: Os casos da articulação deste animal são fracos e engrossados. à direita: Espessamento do joelho, leve abatimento do joelho.

O melhoramento em ganho diário, do comprimento da carcaça e da própria qualidade da carcaça parecem aumentar o grau de fraqueza dos membros e da osteocondrose. Porém, o aumento do distúrbio varia de uma raça para outra.

• **Fatores do ambiente:** os aspectos importantes do alojamento são o tipo de piso e a separação individual ou em grupo.

Em comparação, aos pisos de terra e de camas altas de palha, os pisos modernos de concreto ou ripado parecem aumentar a incidência e gravidade da fraqueza das pernas e da osteocondrose. Contudo, é difícil dizer se isto é devido ao tipo de piso ou à diminuição do espaço e limitação do exercício inerente aos modernos sistemas de alojamentos.

A quantidade de movimento livre dos porcos influencia a difusão de nutrientes sinoviais líquidos entre as cartilagens articulares. Todavia, até agora, nenhuma deficiência foi encontrada como causa primária do aparecimento da osteocondrose.

Uma possível disseminação do distúrbio pode ser devida ao espessamento da cartilagem articular, causada ora pelo peso do corpo do animal, que aumenta rapidamente, ora, possivelmente pelos níveis de hormônio de crescimento e somatostatina no soro sanguíneo, encontrados em suínos selecionados para crescimento rápido e pequena espessura do tocinho dorsal, em comparação com suínos de crescimento mais lento e maior espessura da camada de gordura dorsal.

Os pisos modernos também dão aos porcos um andamento inseguro e causam o desgaste anormal das unhas, juntamente com rachaduras e outras lesões. Isto pode acarretar estresses, através dos quais chega-se aos aumentos de incidência da osteocondrose.

Nos experimentos feitos pelo autor isso foi verificado para a fraqueza das pernas, mas sem uma influência clara sobre a severidade da osteocondrose.

Nos dados da literatura há dados mostrando que nos alojamentos individuais de suínos há mais lesões de osteocondrose grave do que nos alojamentos de grupo de animais. Isto foi observado para o grau de fraqueza dos membros mas não para a osteocondrose.

• **Fatores nutricionais:** a literatura sugere muitas relações possíveis das anomalias em apreço com a nutrição. Diferentes níveis de Ca, P, Mn, Mg, Cu, Zn, proteína, vit. A, vit. C, vit. D, vit. E e o Se têm sido examinados em relação à incidência de osteocondrose. Entretanto, nenhum desses componentes mostrou ter influência na frequência e gravidade da osteocondrose, quando ministrado dentro da faixa geralmente aceita dos requisitos de nutrientes.

As pesquisas do autor têm revelado ser possível diminuir a gravidade da fraqueza dos membros em suínos de engorda, mediante substituição de 0,30% de NaCl na

ração por 0,43% de NaHCO_3 . O alimento com o bicarbonato de sódio foi capaz de reduzir o grau de acidose do sangue.

Antigos experimentos indicaram uma relação entre o grau de osteocondrose e o nível de acidose no sangue, sendo isto sabido em relação a aves, ovinos, bovinos e ratos.

Quando o NaHCO_3 é misturado a suínos de experiência com 7 semanas de idade, até o fim do período de ceva, o aumento e a gravidade final da fraqueza de pernas foi significativamente menor do que em animais testemunhas.

A incidência e severidade da osteocondrose não diferem, contudo entre os dois

grupos de animais, indicando que a osteocondrose só não é responsável pelos sintomas de debilidade dos membros.

Até o presente não há uma explicação plausível para as diferenças entre grupos de suínos com bicarbonato de sódio e testemunhas; são necessárias mais experiências.

Levando em consideração todos os fatores etiológicos é evidente que a incidência e gravidade da fraqueza das pernas e osteocondrose estão aumentando com os sistemas intensivos modernos de alojamentos, o tipo de piso da pocilga, a falta de exercício, o crescimento rápido do corpo e a alta qualidade da carcaça.



Fig. 3 (Em cima): Esta posição assumida pelos membros posteriores é denominada "jarrete de vaca". O animal frequentemente faz movimentos de "patinação" ao caminhar.

Fig. 4 (Em baixo), à esquerda: Esta conformação dos membros anteriores é denominada "joelho-de-cervo" o que prejudica seu andamento — à direita: vistas por detrás as pernas do suíno ficam praticamente equidistantes e neste caso muito juntas.



Fig. 5 Bom exemplo de fraqueza dos membros. Os sintomas são bem evidentes nos membros posteriores.

Fig. 6 à esquerda: a posição dos membros posteriores deste animal está correta, mas os ossos da articulação são realmente muito espessos e portanto fracos. — à direita: vista lateralmente a posição do membro posterior deveria ser praticamente vertical ao solo. Esta porca demonstra estar na posição adequada.

Os requisitos nutricionais são tais que parece inexistir uma relação nítida entre alimentos e incidência de fraqueza das pernas e osteocondrose.

A significância do grau de acidose no sangue, em relação à osteocondrose necessita de investigações ulteriores.

Sintomas clínicos e achados patológicos. Muitos ensaios citados na literatura mostram uma relação fraca entre os achados clínicos e a patologia.

Uma explicação possível para isso e que torna relativamente difícil a seleção contra a osteocondrose, é o uso de somente um "check-up" clínico, pouco antes do sacrifício e exame clínico.

As observações do autor mostram que, na dependência do momento usado, a gravidade dos sintomas pode variar durante um exame. Em virtude disto, é difícil repetir os resultados dos exames necessários. Para evitá-lo são usados mais exames por suíno, um a cada 4 semanas, durante o período de engorda, a fim de determinar a gravidade da fraqueza das pernas. O grau dessa fraqueza vai de 1 (normal) a 5 (muito mal, com manqueira).

Cada classe corresponde a certos sintomas.

Nos membros anteriores, a classe "1" mostra membros retos, com passadas lon-

gas; a classe "2" seja o joelho caído ligeiramente ou joelho de cervo ou uma passada curta; a classe "3": passadas curtas com apoio no casco ou joelho ligeiramente caído ou joelho de cervo com passos curtos; a classe "4": joelho levemente caído ou joelho de cervo com passadas curtas e apoio no casco ou manqueira.

Nos membros posteriores, a classe "1": mostra as pernas retas, passadas largas; a classe "2": pernas retas com passos curtos ou passo de ganso, ou pernas retas com passo curto e muita oscilação dos quartos traseiros, ou pernas que se colocam muito distantes por baixo do corpo ou mostrado o "jarrete de vaca"; a classe "3": tem as pernas colocadas bem distantes sob o corpo e são muito retas ou com "jarretes de vaca" quando vistas por detrás e com movimentos de "patinação", apoiando sobre o casco; a classe "4": mostra pernas muito distantes sob o corpo, "jarretes de vaca" e muita oscilação dos quartos traseiros, com passos curtos ou de ganso; a classe "5": em que as pernas são bem distantes sob o corpo, "jarretes de vaca" e muito balanço dos quartos posteriores com passadas curtas, movimentos de "patinação" e apoio sobre o casco ou mancando.

A tabela de pontos elaborada para lesões osteocondrais varia de 1 a 5 ou de 1 a 5, dependendo do lugar examinado e é aplicada mediante exame macroscópico, microscópico e radiográfico do úmero, rádio-cúbico e fêmur.

O uso de sistemas de contagem de pontos clínicos mostra uma sequência lógica dos achados em muitos suínos e resultados comparáveis quando feito por diferentes pessoas.

Existe uma relação de cerca de 60% em membros anteriores entre o número de pontos para fraqueza das pernas e número de pontos para lesões osteocondrais. Para os membros posteriores esse valor é de cerca de 70%.

As aludidas porcentagens foram encontradas em todos os experimentos do autor, exceto naqueles em que foi ministrado o NaHCO₃ (lei carbonato de sódio).

Em um experimento foi verificada uma porcentagem mais elevada para membros posteriores, enquanto em outros houve porcentagens mais baixas.

É possível aumentar a porcentagem da correlação entre fraqueza das pernas e osteocondrose mediante exames de animais mais idosos. Quando os suínos têm mais de 400 dias de idade, encontra-se uma correlação de cerca de 90% entre a fraqueza dos membros (em pontos) e as lesões osteocondrais (em pontos). Contudo isso se refere a uma idade considerada demasiada para ter interesse para fins de seleção.

Outras possibilidades além dos sintomas clínicos têm sido examinadas para serem utilizadas na estimativa da severidade da osteocondrose.

Os raios-X não mostram detalhes suficientes em suínos vivos para a estima-

ção adequada da gravidade da osteocondrose.

De todos os parâmetros sanguíneos, apenas os que indicam o grau de acidose têm uma boa correlação com o nível de osteocondrose. Seu uso sob condições práticas é grandemente prejudicado pelo estresse causado pela contenção ou imobilização do suíno para retirada da amostra de sangue. Ela provoca uma acidose temporária, com forte aumento do teor de lactato no sangue; e fica difícil repetir a estimativa da acidose sanguínea. Entretanto, sob condições experimentais a correlação entre acidose do sangue e grau

de osteocondrose é boa senão melhor que aquela entre os sintomas clínicos e a osteocondrose.

Conclusões: Há muitos fatos desconhecidos acerca da etiologia e patogênese da fraqueza das pernas e osteocondrose dos suínos. A incidência e gravidade são aumentadas pela seleção feita pelo homem para obter mais carne magra e com os modernos sistemas de alojamento da suinocultura intensiva.

A correlação entre sintomas clínicos e achados patológicos é muito baixa para ser utilizada em uma seleção adequada se for usado somente um exame clínico. Ela

pode ser melhorada se forem feitos pelo menos dois "check-ups" clínicos, com intervalo de quatro semanas. sangue é uma indicação tão boa do grau

Sob condições controladas, a acidose do osteocondrose no suíno como o grau de fraqueza dos membros. Não obstante, seu mecanismo requer mais investigações.

— van der Valk, P.C. — *Leg weakkous in swine*. Idem idem, 30-3, 1984.

Nota de R.: P.C. van der Valk pertence ao corpo docente da Faculdade de Veterinária da Universidade de Utrecht, Holanda.

Combate à peste suína africana no Haiti

— Nos últimos anos da década 70, a Febra ou Peste Suína Africana atingiu o Haiti. O governo desse país tomou medidas drásticas para

controlar o surto. O sucesso dessa operação constitui o objeto deste artigo, elaborado por um especialista da F.A.O. —

Haiti, a pérola das Antilhas, é uma república independente, desde 1803. Compartilha a ilha de Hispaniola com a República Dominicana, que ocupa a sua parte ocidental (a maior). Para os estimados 4 milhões de habitantes de um território bem montanhoso, os suínos constituem pequenos recursos econômicos. A criação desses animais não é dispendiosa e eles podem ser vendidos ao surgir uma aguda necessidade de numerário para pagamento de taxas escolares, funerais, casamentos e outras despesas.

Haiti tem estado relativamente livre de doenças dos animais. Não há febre aftosa, nem peste bovina, nem as principais moléstias transmitidas pelos carapatos (habesioses), tão pouco as tripanossomíases.

O processo infeccioso. A ocorrência de Peste Suína Africana (PSA) em 1978 foi, entretanto, um grande desastre. Como o Haiti tornou-se infectado, não se sabe.

Anos antes, Cuba e depois o Brasil e a República Dominicana, tornaram-se infectados (ver o Apêndice). A PSA pode agir por meios diversos. A transmissão a longa distância é usualmente por via aérea: restos de comida contendo vírus da PSA, provenientes de produtos suínos usados nas refeições de passageiros, dados sem cocção aos porcos existentes nas proximidades dos aeroportos, são um meio clássico de introdução da doença. Porém, o mesmo se aplica a outros pontos de entrada: por mar ou por terra. O transporte ilegal de suínos ou de seus produtos por navios ou veículos terrestres de um país infectado para outro livre de PSA, introduz a doença. O vírus da PSA pode permanecer infectante em produtos suínos

por um longo lapso de tempo, a não ser que estejam enlatados.

Um severo meio de controle para suínos vivos e produtos suínos é portanto uma medida essencial. O surto de PSA em Haiti foi suscitado pelo Serviço Veterinário. Ele investigou a doença e as causas da mortalidade entre a população porcina que havia sido recentemente vacinada contra a Peste Suína Clássica ou "hog-cholera", uma doença semelhante.

Enviaram-se amostras para laboratórios mundialmente credenciados para PSA, situados em Plum Island, E.U.A., onde o diagnóstico foi confirmado. A moléstia disseminou-se rapidamente, devido à difícil situação geográfica e má infra-estrutura do país.

Com a cooperação técnica do Programa da F.A.O. foi estabelecido um laboratório de triagem diagnóstica em 1981 e feito um levantamento com amostras de soro sanguíneo que revelou estar todo o país infectado de PSA.

Medidas de controle. A PSA é uma moléstia bem singular sob várias modalidades, sendo que a mais inoportuna é o fato de não haver nenhuma vacina efetiva contra ela. Em geral, o tratamento das viroses não é possível, mas podem ser usadas vacinas preventivas contra essas doenças. Todavia, os cientistas ainda não foram capazes de elaborar uma vacina que dê proteção contra a PSA. Portanto, uma vez infectado, o país somente pode deter o avanço da doença mediante completa erradicação do vírus.

Como o vírus somente é encontrado em suínos e seus produtos (e em alguns

países em certos tipos de carapatos, conforme Apêndice) pode-se livrar da doença unicamente através da erradicação de todos os porcos e destruição de seus produtos. Isto constitui, sem dúvida, uma difícil decisão para o governo: ele aceitará a situação de ter uma população suína infectada, que se torna reduzida e com a perda de toda a produtividade devida a essa terrível moléstia? Aceitará, ao mesmo tempo, o risco que a presença dessa doença significa para os países limítrofes ou vizinhos que se acham livres dela?

Ou tomará a medida drástica de erradicar completamente toda a população suína?

Afortunadamente, a erradicação total foi decidida: o Haiti solicitou e obteve a assistência internacional para executar a eliminação da moléstia e um programa de erradicação nacional, com o sacrifício e compensação foi encetado. De maio de 1982 a junho de 1983, quase 400 000 porcos foram sistematicamente sacrificados com uma indenização que atingiu quase dez milhões de dólares dos E.U.A.

Antes da introdução de PSA, o Haiti tinha maior número de suínos: cerca de 1,2 a 1,9 milhão. Mas a doença fez suas vítimas. Vítimas do próprio vírus assim como do pânico estabelecido entre os criadores que começaram a abater indiscriminadamente seus porcos.

Ao mesmo tempo descrevia-se (incorretamente) que a carne de porco infectado era imprópria para consumo humano e assim o consumo desse alimento di-

minuiu consideravelmente. O sacrifício dos animais restantes foi, contudo, essencial porque a moléstia assumiu sua forma crônica, que não matou todos os portadores imediatamente, mas reduziu a reprodução e as taxas de crescimento, o que implicou em enorme risco de infecção para os países vizinhos livres da doença. Não somente o sacrifício foi efetuado: a desinfecção dos lugares infectados, inclusive os de sacrifício, os currais, matadouros, mercados e alojamentos onde foram detectados casos positivos, assim como a inspeção veterinária nos aeroportos, portos marítimos e principais estradas foram intensificadas. As fronteiras com a República Dominicana foram colocadas sob severa vigilância.

Reconstituição do rebanho porco. Cerca de três meses após a erradicação de todos os suínos em determinada área, introduziram-se porcos "sentinelas" localizados nas fazendas onde haviam sido encontrados casos positivos. No total, cerca de 2.000 suínos com essa função estão agora presentes no país. Frequentemente eles são sangrados e determinada em laboratório a ausência de PSA. Quando as provas são negativas para PSA isso indica que o tempo decorrido entre o sacrifício dos animais infectados e a introdução dos "sentinelas" fez com que o vírus que podia estar presente fosse morto. Havia sido eliminado pelos meios de desinfecção ou pela ação dos raios solares.

Entretanto, perdura um problema: alguns indivíduos escaparam de suas fazendas durante os anos passados e passaram a viver em estado selvagem nas montanhas. Alguns escaparam das operações de sacrifício porque não tinham donos e viviam isoladamente. As operações de varredura destinadas a matar todos os porcos que haviam permanecido após a campanha de sacrifício original não tiveram sucesso de encontrar todos esses animais selváticos. Alguns deles ainda podem albergar o vírus da PSA e serem fator perturbador do repovoamento com novos animais, até que sejam totalmente eliminados. Campanhas de verdadeiras caçadas devem pois ser prosseguidas porquanto não se pode correr o risco de fazer tudo de novo, outra vez.

APÊNDICE

A PSA: impeça-se que ela apareça

Uma das principais doenças que ameaçam toda a população suína é a Peste Suína Africana (PSA). Este nome sugere imediatamente sua origem africana; pois no Continente Negro ela foi descoberta no início deste século.

Sob certos aspectos, os sinais da doença assemelham-se aos de outra importante doença porcina: a febre ou peste suína clássica (PSC), conhecida como "hog-cholera" pelos povos de língua inglesa. Contudo, o vírus causador da PSA difere completamente daquele responsável pela PSC.

Até os anos 50 a PSA permaneceu confinada à África, mas em 1957 ela invadiu Portugal e consequentemente disseminou-se pela Espanha, França, Itália e algumas ilhas do Mediterrâneo. Em 1971, o vírus da PSA cruzou o Oceano Atlântico e atacou a população porcina cubana; em 1978, a doença espalhou-se pelo Brasil, República Dominicana e Haiti.

O vírus da PSA "vive" somente no suíno (silvestre ou domesticado). Não ataca outros animais ou o homem. Na Natureza também pode ser encontrado em certas espécies de carrapatos moles da família dos *Ornithodoros* (carrapatos de orelha) que vivem em estreito contato com os porcos silvestres, nos quais eles se alimentam. O vírus pode permanecer ativo nesses carrapatos durante anos, sem a necessidade de ter contato com suínos o que torna uma área total e permanentemente infectada (vale dizer, por anos). Esses carrapatos são denominados "vetores da doença". O vírus da PSA é muito resistente e pode permanecer ativo até vários meses no solo, carne suína, sangue e ossos. O período de incubação varia de 3 a 15 dias após o contato.

Os sintomas da doença podem variar: nos porcos silvestres a PSA é usualmente inaparente, não indicando quaisquer sinais clínicos. Nas populações suínas, nas quais a moléstia é completamente nova, ocorre sob a forma superaguda ou aguda. Podem ser encontrados suínos mortos, outros com febre e depressão. Todavia, os animais doentes frequentemente continuam a comer e beber, o que dá ao criador a falsa impressão de ser uma doença menos grave. Amígdala e pele mostram manchas vermelhas. As porcas prenhes abortam com frequência, após alguns dias de doença. A morte ocorre após 1 a 8 dias.

Nesta forma aguda, em populações recentemente infectadas, a PSA mata de 90 a 100% dos porcos. Quando a doença já existe por um longo período em uma população, desenvolve-se a forma subaguda ou crônica: os casos crônicos (sobreviventes de surtos de moléstia aguda) nos quais se notam articulações inchadas, mancha e necrose da pele, podendo haver lesões cardíacas ou pulmonares, após o que observa-se a "batedeira". A doença pode levar de 2 a 12 meses, antes que ocorra a morte.

As populações cronicamente infectadas perdem a produtividade. Caem as taxas de crescimento e os leitões recém-nascidos sucumbem com frequência. Alguns indivíduos se tornam portadores inaparentes ou indiferentes do vírus. Juntamente com a infecção dos produtos cárneos, isso acarreta uma ameaça muito séria para os países vizinhos, ainda indenes.

— Eicher, Ernest — *Combating African Swine Fever. Pigs — international magazine on pig-keeping* Holanda: (out): 18-9, 1984.

Nota da R.: Ernest Eicher é técnico a serviço da F.A.O. em Port Prince, Haiti.

O berço da marca "F"

125 ANOS
DE CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DAS RAÇAS
MANGALARGA MARCHADOR,
CAMPOLINA,
PONEY PIQUIRA E
JUMENTO PEGA

A marca "F" significa
agilidade, comodidade
beleza e resistência



LOTE DE JUMENTOS PEGA



MANGALARGA MARCHADOR

DENTRO DO MESMO PADRÃO E TRADIÇÃO
DA MARCA "F" CRIAMOS E VENDAMOS
REPRODUTORES BUBALINOS JAFFARABADI E
MURRAH, CAPRINOS TOGGENBURG, OVINOS
DESLAMADOS SANTA INEZ, SUÍNOS PIAU E
PASSA TEMPO E CANINOS FILA BRASILEIRO
TELS.: (037) 335-1130 - (031) 224-6493

Fazenda Campo Grande Ltda.

Dir.: Dr. Marcio Andrade

Tels.: (037) 335-1130 e

(031) 224-6493 -

Passa Tempo - MG



BRASIL, LIVRE DA PESTE SUÍNA AFRICANA

"Em abril de 1978, fomos surpreendidos com a introdução da peste suína africana no País e então adotadas ações emergenciais visando à sua rápida eliminação do rebanho suíno brasileiro.

A única maneira de assegurar-se da real eliminação do agente era realizar um rastreamento epidemiológico, principalmente nas áreas de concentração do criatório. Trabalho este realizado através de Programa de Combate à Peste Suína.

Com base nos resultados negativos dos exames realizados em cerca de 300 000 suínos e 8 000 exames virológicos, aliados à vacinação de 25 milhões de suínos contra a peste suína clássica, além de outras medidas profiláticas, a autoridade de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura declarou em 05.12.1984 o Brasil Livre da Peste Suína Africana.

Os trabalhos de erradicação da virose custaram ao País cerca de 20 milhões de dólares; aos quais devem ser somados as perdas em carne devidas ao sacrifício de 66 000 suínos, que custaram 2 milhões de dólares.

Hoje, com o País livre da peste conquistamos uma vitória reconhecida internacionalmente.

Esta vitória é de toda a classe médico-veterinária, dos criadores e dos industriais de produtos derivados de suínos, congregados, todos, através de seus órgãos de classe — Conselho Federal de Medicina Veterinária; Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária; Associação Brasileira dos Criadores de Suínos e Associação Brasileira de Indústrias de Derivados Suínos.

Assim, com o envolvimento dos vários setores relacionados e participação de especialistas de diferentes instituições nacionais e internacionais, desde médicos veterinários autônomos, até profissionais de universidades e institutos de pesquisa, o Programa de Combate à Peste Suína conseguiu unificar uma consciência sanitária voltada para a resolução de um problema de grande importância social e econômica.

Grande parte do sucesso obtido está relacionado com a participação dos médicos veterinários, notificando a doença e

atuando prontamente nos focos, apesar do impacto inicial das ações dessa natureza na comunidade. Estes médicos veterinários, em particular os de campo, foram os sentinelas avançados das linhas de frente do combate à doença.

Agora nosso desafio é manter a situação conquistada.

Para tanto é necessário que cada médico veterinário seja um vigilante ativo, no sentido de **notificar**, rapidamente, qualquer quadro clínico que possa assemelhar-se à peste suína clássica ou africana, enviando o material colhido, para o diagnóstico laboratorial conclusivo.

O risco de reintrodução da virose debelada continua presente, uma vez que se trata de um problema enzootico em alguns países da África, em Portugal, na Espanha e na Ilha da Sardenha.

A única maneira de nos prevenirmos da sua reintrodução é através de um trabalho contínuo de vigilância sanitária a nível dos portos e aeroportos e das propriedades suínícolas.

E, neste aspecto, todos devem participar: em qualquer caso de suspeita notifique-se ao órgão de defesa Sanitária Animal mais próximo, seja do Ministério da Agricultura ou da Secretaria de Agricultura de seu Estado. Pode-se notificar ainda, diretamente, à Secretaria de Defesa Sanitária Animal — Programa de Combate à Peste Suína — Brasília, pelo telefone (061) 226-7962.

O laboratório de diagnóstico referencial para Peste Suína é o LANARA; Caixa Postal 50 — Telefone (031) 661-1000, 33.600 — Pedro Leopoldo, MG".

(Losélio de Andrade Moura, Secretário Nacional de Defesa Agropecuária, Ministério da Agricultura, Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária, Secretaria de Defesa Sanitária Animal, Divisão de Combate e Profilaxia às Doenças, Brasília, dezembro de 1984. — Carta enviada à Redação de RRZ, acompanhada do texto do Ato Administrativo de 05 de dezembro de 1984, assinado pelo Exmo Senhor Guilherme de Carvalho Celebrine, Secretário e referendado pelo acima indicado e Senhor Nestor Jost, Ministro da Agricultura).

Nota da R.: Segundo o supra citado Ato Administrativo, o reservatório invertebrado do vírus da peste suína africana, o carrapato do gênero *Ornithodoros*, não foi constatado no País, bem como suínos selvagens não existem nas zonas de suinocultura e/ou onde ocorreram focos.

Saúde tem nome

AV. BRIG FARIA LIMA, 1857 - 5ª and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

CRED MED

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE



(II)

Em tempos de mudanças

J. F. GODINHO *

A maioria dos insucessos na criação de suínos em confinamento pode ser atribuída à baixa rusticidade dos animais e à falta de assistência veterinária.

As raças utilizadas por este modelo tecnológico são originárias do clima frio e encontram uma grande barreira nos trópicos, particularmente em São Paulo, com excesso de calor, moléstias etc., do que resulta em grandes problemas para os criadores e que interferem na economia da criação. São problemas fisiológicos e sanitários visíveis como claudicação, canibalismo e infertilidade ou invisíveis como anemia e estresse.

Em vista da grande carência de médicos veterinários trabalhando junto com os suinocultores, achamos prudente sugerir mudanças no método de melhoramento animal, procurando somar produtividade com rusticidade.

Ao contrário dos estados do Sul em que há regiões de alta concentração de suinocultores e com boa assistência técnica, no Estado de São Paulo e nos Estados centrais, as criações são espalhadas, o que dificulta a assistência. Por isso, entendendo que criações em confinamento podem ser recomendadas para grandes empresas que contem com toda assistência possível e nunca para pequenos e médios criadores. Em Sorocaba, por exemplo, entre 1960 e 1985 foram instaladas mais de vinte criações e hoje só resta uma. Porque? Baixa conversão dos animais? Rações deficientes? Baixa de preços? Mau manejo? Falta de recursos? É para mim, a coisa mais

desagradável ver fechar uma criação de suínos.

Por isso, saudei com muito entusiasmo a criação da ABRAVES (Associação Brasileira de Veterinários Especializados em Suinocultura), acreditando que esses especialistas irão para junto dos criadores, comendo o pó e a lama do interior, fazendo pesquisas e extensão rural.

O outro lado da questão é que mesmo criando-se numerosas empresas de criação elas não conseguirão abastecer o mercado paulista e daí temos que pensar na contribuição dos pequenos e médios criadores. E a situação muda de criação empresarial para criação doméstica, que vende as sobras.

Neste caso, a mudança adquire aspectos sócio-econômicos, porque vai interferir na vida dos agricultores. Deve-se lembrar que antigamente os rurícolas possuíam uma boa infra-estrutura de abastecimento: animais e plantas para o gasto doméstico produzidos no próprio local e nas horas vagas. Pois bem, esses agricultores foram absorvidos pela monocultura de exportação e hoje compram tudo que consomem, pois sem serem empresários perderam suas condições de produzir para o gasto o porco, a galinha, a vaca de leite, cereais, frutas e hortaliças. Os poucos remanescentes na zona rural estão afogados em "mares" de cana, soja, café, laranja e algodão.

Para esta situação, os suínos de raças nacionais são mais importantes porque são mais rústicos e mais frugais que os suínos de raças exóticas. Vivem de sobras da agricul-

tura. São bons pastadores e há linhagens muito prolíficas.

Sob este aspecto, temos uma longa experiência, quando comparávamos, em regime de pasto e com rações de baixo teor protéico, suínos das raças Sorocaba e Caruncho Vermelho com as raças Duroc e Landrace.

O porco nacional funciona neste clima quente dos trópicos como o Zebu: aguenta o calor, come de tudo, pode ser criado puro, porém, dão um bom suporte para raças estrangeiras coloridas, com um baixo custo de produção em cruzamentos.

Infelizmente, nossos zootecnistas não deram a devida atenção a estas raças, razão porque não há programas de melhoramento para porcos nacionais. Temos que recuperar o tempo perdido criando as tais infra-estruturas de abastecimento e fazer o melhoramento das raças nacionais.

Com esse objetivo solicitei ao Exmo. Sr. Dr. Nelson Mancini Nicolau, Secretário da Agricultura, a utilização das estações experimentais e escolas agrícolas para o melhoramento de raças nacionais, particularizando a raça Nilo, Piauí e Caruncho. Um trabalho semelhante vem sendo feito pelo Prof. Dr. Antonio Stockler Barbosa na Universidade de Veterinária de Minas Gerais.

O Estado de São Paulo conta com excelentes técnicos e malgrado o abandono, há ainda bom material genético nas mãos de pequenos criadores. Basta querer resolver o problema.

* Eng. Agr. e criador em Sorocaba, SP.

Imposto de Renda das empresas rurais

Embora seja pouco conhecido, o Imposto de Renda para empresas rurais permite muitos benefícios concedidos pelo fisco. Além da alíquota reduzida, a empresa rural pode, por exemplo, deduzir as despesas de investimentos e operacionais dos lucros. Além disso, se num ano a empresa rural registrou prejuízos motivados por alguns acidentes, climáticos ou de mercado, eles podem ser deduzidos nos anos subsequentes. Da mesma forma, as despesas de investimentos, caso supere o lucro líquido, podem ser transplantadas para anos subsequentes, até zerar a conta. Assim, o agricultor deve estar atento e usufruir todos os benefícios concedidos pela Receita na declaração do Imposto de Renda. A Revista dos Criadores publica nesta edição, um resumo dos benefícios e análise dos especialistas em tributação da IOB.

SUMÁRIO

1. Conceito de atividades rurais
2. Alíquota reduzida
3. Empresa que explora outra atividade além da rural
 - 3.1 A posição do Fisco
 - 3.2 Uma solução alternativa
4. Receitas diversas provenientes do giro normal dos negócios
 - 4.1 Tributação
5. Venda de reprodutores e matrizes
 - 5.1 Classificação contábil do rebanho
 - 5.2 Crias e precimentos
 - 5.3 Contabilidade da pecuária
6. Receita da venda de imóveis
7. Contrato de parceria rural
 - 7.1 Exploração de florestas
8. Empresas excluídas do benefício tributário
9. Reavaliação de bens do Ativo Permanente
10. Incentivo às atividades rurais
 - 10.1 Custos ou despesas considerados como investimentos incentivados
 - 10.2 Coeficientes multiplicadores dos investimentos realizados
 - 10.3 Lucro que serve de parâmetro ao cálculo do incentivo
 - 10.4 Exemplo prático
 - 10.5 Parcela excedente ao limite de 86% do lucro operacional ajustado
 - 10.6 Limitação também em função do lucro real
11. Investimentos que podem ser tratados como custo ou despesa operacional
 - 11.1 Esclarecimento necessário
12. Lucro inflacionário
 - 12.1 Ajustes na Parte A da LALUR
 - 12.2 Preenchimento dos Quadros 05, 06 e 07 do Anexo 2 da Declaração de Rendimentos
13. Participações em outras sociedades

14. Compensação de prejuízos
15. Vedação da opção por incentivos fiscais com base no imposto devido
16. Rendimentos distribuídos pelas empresas rurais

Nesta oportunidade trataremos do regime tributário especial concedido pela legislação do Imposto de Renda às pessoas jurídicas que tenham por objetivo a exploração de atividades agrícolas e pastoris.

1. CONCEITO DE ATIVIDADES RURAIS

Para fins do Imposto de Renda, considera-se como atividade rural a exploração das atividades agrícolas ou pastoris, inclusive da apicultura, avicultura, sericicultura, piscicultura e outras, de pequenos animais, e das indústrias extrativas vegetal e animal, excetuadas as de transformação de seus produtos e subprodutos (RIR/80 — art. 278).

2. ALÍQUOTA REDUZIDA

As empresas que tenham por objeto a exploração de atividades rurais pagarão o Imposto de Renda à alíquota de 6% sobre o lucro real das atividades próprias, com possibilidade, também, de redução do lucro em função dos investimentos realizados no ano-base, conforme exposto no item 10 deste trabalho (RIR/80 — art. 406).

3. EMPRESA QUE EXPLORA OUTRA ATIVIDADE ALÉM DA RURAL

A lei estabelece que a tributação pela alíquota de 6% se aplica exclusivamente nos lucros decorrentes da exploração das atividades rurais remotamente mencionadas (RIR/80 — art. 278, § 1º).

Visto o favor fiscal como sendo uma isenção concedida objetivamente ao resultado da exploração de atividades rurais, pode-se concluir que não haveria óbice a que uma empresa que concomitantemente desenvolvesse outras atividades não rurais viesse a se beneficiar da tributação reduzida sobre a parcela do lucro oriunda de atividade rural, desde que a sua escrituração permitisse apurar em separado o resultado da atividade beneficiária do favor fiscal.

Entretanto, esse não é o entendimento do Fisco, conforme veremos a seguir.

3.1 A posição do Fisco

A Coordenação do Sistema de Tributação da SRF entende que o benefício de alíquota especial de 6% contempla somente pessoas jurídicas que tenham por objetivo exclusivo a exploração das atividades rurais mencionadas no item 1, retro (Pareceres Normativos CST n.ºs 145/75 e 7/82). Esse entendimento fiscal exclui do benefício as pessoas jurídicas cujo objeto social inclua, além das atividades rurais, outras não rurais.

Inobstante tal posicionamento da CST, registre-se a existência de diversos Acórdãos do 1.º Conselho de Contribuintes, reconhecendo a pessoas jurídicas não exclusivamente rurais o direito à tributação mais benigna sobre o resultado de atividades rurais apurados contabilmente em separado do resultado das demais atividades.

Todavia, é bom lembrar que as decisões do Conselho de Contribuintes somente aproveitem à parte interessada e que os entendimentos expedidos via Pareceres Normativos vinculem a atuação dos agentes fiscais. Desta forma, enquanto não for expressamente reformulado o quesito-

nado entendimento fiscal, se a pessoa jurídica que não tenha por objeto exclusivo a exploração de atividades rurais pretender usufruir do favor fiscal sobre o resultado obtido em tais atividades, certamente terá dificuldades pela frente.

Assim sendo, daqui para a frente desenvolveremos a nossa exposição sempre tendo presente esse posicionamento fiscal.

3.2 Uma solução alternativa

Para contornar o obstáculo do entendimento fiscal comentado no subitem anterior, quando uma pessoa jurídica pretender explorar atividades rurais sem que isso deva ser o seu objeto exclusivo, poderá estudar a conveniência de constituir uma outra sociedade exclusivamente para exploração rural.

Nesta hipótese, a empresa subsidiária, constituída para exploração da atividade rural, poderá deduzir, como despesa operacional, valores razoáveis pagos à controladora, a título de aluguel ou arrendamento, pela utilização de local e instalações de sua propriedade, se for o caso (PN CST n.º 145/75).

Entretanto, essa alternativa somente será válida sob o aspecto econômico se os resultados esperados da atividade rural a ser explorada sejam de tal monta que o benefício da tributação reduzida possa justificar os gastos adicionais com a constituição e manutenção de outra pessoa jurídica (elaboração e arquivamento do contrato social, manutenção de mais uma estrutura contábil e burocrática para atendimento de obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias etc.).

4. RECEITAS DIVERSAS PROVENIENTES DO GIRO NORMAL DOS NEGÓCIOS

O PN CST n.º 7/82 esclareceu que a empresa constituída exclusivamente para a exploração de atividades rurais não perderá o direito à tributação pela alíquota reduzida caso venha, eventualmente, auferir receitas outras, provenientes do giro normal do negócio, qualquer que seja o seu montante, a não ser que essas operações deixem de ser eventuais, passando a configurar habitualidade.

E o mesmo PN aduziu que não configura habitualidade, para o fim de excluir a empresa rural do benefício tributário, o auferimento, ainda que reiterado, de receitas diversas provenientes do giro normal do negócio, desde que estas sejam inerentes ou consequentes da atividade rural desenvolvida, tais como:

a) receitas decorrentes de descontos obtidos em pagamentos a fornecedores de insumos ou de equipamentos aplicados diretamente na atividade agrícola ou pastagem;

b) receitas financeiras de aplicação de recursos no período compreendido entre dois ciclos de produção;

c) receitas provenientes de aluguel ou arrendamento de pastos, depósitos, máquinas e instalações, quando comprovadamente ociosos.

4.1 Tributação

As receitas provenientes do giro normal, quando não ultrapassarem a 5% do montante das receitas geradas pela atividade rural própria, serão nestas incluídas e, portanto, os seus resultados serão também tributados pela alíquota reduzida (RIR/80 — art. 278, § 2.º).

Entretanto, se as receitas provenientes do giro normal ultrapassarem o referido limite, o respectivo resultado deverá ser apurado em separado do resultado da atividade rural própria e oferecido à tributação, integralmente, pela alíquota normal de 35%, acrescida inclusive de adicional, quando for o caso (PN CST n.º 7/82).

Nota:

É devido o imposto adicional, à alíquota de 10%, sobre a parcela do lucro real ou arbitrado tributável à alíquota normal de 35%, que exceder ao limite de 40.000 ORTN, estando a incidência desse adicional prevista para até o exercício financeiro de 1986 (Dec-lei n.º 1.704/79, art. 1.º, § 2.º; Dec-lei n.º 1.967/82, art. 24, § 2.º; Dec-lei n.º 2.065/83, arts. 15 e 16; e Dec-lei n.º 2.134/84, art. 5.º).

5. VENDA DE REPRODUTORES E MATRIZES

A receita proveniente da venda de reprodutores e matrizes, bem como do rebanho de renda, será admitida como da atividade própria da empresa dedicada à criação de animais.

Portanto, o resultado de tais operações gozará da tributação favorecida, qualquer que seja o seu montante, embora permaneça válida a classificação desses animais no Ativo Imobilizado da empresa rural (PN CST n.º 07/82).

5.1 Classificação contábil do rebanho

Na contabilidade da empresa rural o rebanho deverá ser classificado (PN CST n.º 57/76):

I — No Ativo Imobilizado (em contas próprias):

a) Rebanho Reprodutor — compreendendo o rebanho (reprodutores e matrizes) bovino, suíno, eqüino, ovino etc., destinados à reprodução, inclusive por inseminação artificial;

b) Rebanho de Renda — compreendendo os animais que a empresa explora para produção de bens que constituam objeto de suas atividades, tais como: rebanho leiteiro — produção de leite; rebanho lanífero — produção de lã; ovíparo — produção de ovos etc.; e

c) Animais de Trabalho — compreendendo eqüinos, bovinos, muares, asininos etc., destinados a trabalho agrícola, sela e transporte.

II — No Ativo Circulante ou Realizável a Longo Prazo (em contas apropriadas): aves, gado bovino, suínos, ovinos, eqüinos, caprinos, coelhos, peixes e pequenos animais, destinados à venda ou a serem consumidos na produção de bens para venda.

5.2 Crias e perecimentos

O rebanho existente na data do balanço poderá ser inventariado ao preço corrente no mercado ou pelo preço de custo real, quando a escrituração contábil da empresa tiver condições de evidenciá-lo (RIR/80, art. 188 e PN CST n.º 511/70). Assim, conforme orientou o PN CST n.º 57/76:

a) as crias nascidas durante o período-base poderão ser contabilizadas pelo custo real, quando evidenciado na escrituração, ou pelo corrente no mercado, a débito da conta em que estiver registrado o respectivo rebanho e a crédito de conta de resultados, que poderá intitular-se **Superveniências Ativas**, ou outro título equivalente;

b) o rebanho perecido durante o período-base será baixado a débito de conta de resultado (que poderá ser intitulada, de **Insustentáveis Ativas**, ou outra denominação equivalente), pelo valor contábil (preço real de custo, quando a contabilidade assim o venha registrando) ou pelo preço corrente no mercado, atribuído na última avaliação. Em se tratando de baixa de cria nascida durante o período-base, obviamente a baixa deve ser precedida do lançamento que registre o nascimento.

5.3 Contabilidade da pecuária

Nos Boletins IOB n.ºs 31 a 33/85, no Caderno Temática Contábil e Balanços, foi publicado trabalho sobre essa matéria, onde se tratou da classificação do gado para corte e para reprodução e da avaliação do rebanho (valores de custo e de mercado), tendo-se ainda sugerido um plano de contas básico e desenvolvido exemplos práticos.

6. RECEITA DA VENDA DE IMÓVEIS

As receitas provenientes da venda eventual de imóveis, qualquer que seja o seu montante, também não descaracterizam a atividade rural para efeito do benefício fiscal, mas os resultados apurados em tais operações sujeitar-se-ão sempre à tributação normal (alíquota de 35%, acrescida do adicional de 10%, quando for o caso), de conformidade com o disposto no art. 278, § 2.º, do RIR/80.

7. CONTRATO DE PARCERIA RURAL

A participação de empresa agrícola em contrato de parceria rural, como parceiro outorgada, não interrompe, para esta, o gozo de favor fiscal de que seja detentora pela exploração de atividade incentivada, desde que tal contrato vise dar continuidade à exploração de atividade rural também beneficiada por incentivo fiscal (PN CST n.º 30/80).

7.1 Exploração de florestas

No caso de parceria rural, para exploração de florestas, somente são beneficiados pela tributação reduzida (6%) os lucros resultantes da venda de toras de ar-

vores plantadas pelas empresas outorgadas ou de árvores recebidas dos parceiros outorgantes em fase de formação.

O benefício fiscal em questão não favorece as empresas agrícolas que fizerem objeto de parcerias rurais florestais já formadas e em ponto de corte definitivo, por representarem participações contratuais dessa natureza mera intermediação mercantil de produto já pronto para consumo ou utilização industrial.

Entretanto, tendo em vista que algumas espécies de árvores rebroam após cortadas, proporcionando ao todo até três cortes, como é o caso do eucalipto, poderá o contrato de parceria rural ser celebrado mesmo às vésperas de um dos abates sem que a empresa outorgada perca o benefício da tributação à alíquota reduzida, desde que tenha por objeto a exploração agrícola do empreendimento até, pelo menos, a ocasião do corte seguinte.

Nota:

O incentivo fiscal da redução da alíquota do imposto de Renda não alcança os lucros das empresas dedicadas a florestamento e reflorestamento que prestem serviços a terceiros, inclusive os de manutenção e administração de empreendimentos florestais, ou que exerçam quaisquer outras atividades não incentivadas.

8. EMPRESAS EXCLUÍDAS DO BENEFÍCIO TRIBUTÁRIO

Não gozarão dos favores fiscais examinados neste trabalho as empresas que (PN CST n.º 07/82):

I — desenvolverem atividades mercantis (compra e venda), ainda que com produtos agropastoris como, por exemplo: revenda de sementes, de pintos de um dia e de animais destinados ao corte;

Notas:

1.ª) Tratando-se de exploração da venda de animais para o corte, a vedação do gozo do benefício somente se aplica caso não tenha havido o tratamento necessário por parte da empresa, e quando não tenham permanecido em seu poder por um período de tempo suficiente para descaracterizar a simples intermediação (PN CST n.º 145/75);

2.ª) De acordo com orientação do Fisco, inserida no Livro "Plano Fical — Perguntas e Respostas IRPJ 1985" (resposta à pergunta n.º 40), para descaracterizar a simples intermediação de rebanho bovino, o mesmo deve permanecer em poder da empresa rural por um período mínimo de:

a) 52 dias, quando em regime de confinamento;

b) 138 dias, nos demais casos.

II — se dedicarem a outras atividades, além das relacionadas no item I deste trabalho;

Nota:

A imputação, à atividade rural, de receitas provenientes de outras atividades, com o objetivo de destruir indevidamente de tributação mais favorecida, configura, para efeito de aplicação de penalidade, evidente intuito de fraude (RIR/80, art. 278, § 3.º).

III — transformarem seus produtos e subprodutos;

IV — sofrerem, com habitualidade,

receitas outras não decorrentes das atividades agropastoris, como por exemplo:

a) receitas provenientes de aluguel ou arrendamento quando transformados em atividades fins (isto é, quando o aluguel ou arrendamento de bens não se restringir a períodos de ociosidade);

b) receitas de aplicações financeiras durante todo o período-base ou em períodos em que haja necessidade de recursos na empresa rural.

Nota:

No tocante a essa quarta hipótese restritiva, é importante salientar que o auferimento das receitas referidas somente descaracterizará a empresa rural para o gozo do benefício tributário, se as mesmas não puderem ser enquadradas como provenientes do giro normal, conforme explanado no item 4, retro. E se tal não ocorrer (isto é, se as receitas em questão não puderem ser enquadradas como decorrentes do giro normal), todo o resultado da empresa (incluído, portanto, o decorrente da atividade rural), de acordo com a orientação do Fisco, ficará sujeito à alíquota normal.

9. REAVALIAÇÃO DE BENS DO ATIVO PERMANENTE

As empresas rurais que realizarem reavaliação de bens do seu Ativo Permanente, nos termos da legislação em vigor, não perderão a condição para tributação à alíquota favorecida.

Entretanto, o valor realizado da reserva de reavaliação, em cada período-base, não será considerado como do giro normal do negócio, por não ser decorrente de sua atividade típica, permanecendo sua realização implicitamente ligada ao bem que foi objeto da reavaliação. Nestas condições, a reserva de reavaliação, a ser computada na determinação do lucro real das empresas rurais, enquanto submetida a tributação à alíquota reduzida (6%), terá o seguinte tratamento (PN CST n.º 07/82):

a) se relativa a reprodutores e matrizes, bem como ao rebanho de renda (vide subitem 5.), número 1, letras a e b, retro), será tributada em sua totalidade à alíquota de 6%;

b) quando relativa aos demais bens do Ativo Permanente, será tributada em sua totalidade à alíquota normal (35% mais adicional de 10%, se for o caso), qualquer que seja a época de sua realização, ainda que seu montante se situe dentro do limite de 5% das receitas geradas pelas atividades próprias;

c) a realização da reserva de reavaliação, a que se refere a letra "b" retro, mediante quotas de depreciação, amortização e exaustão, que tenham sido deduzidas como custo ou despesa operacional, quando os bens estejam diretamente vinculados à atividade própria, poderá ser tributada à alíquota especial de 6%.

10. INCENTIVO ÀS ATIVIDADES RURAIS

Como incentivo fiscal, na determinação do lucro real (no LALUR), as empresas

dedicadas à exploração das atividades rurais elencadas no item I deste trabalho poderão reduzir o resultado apurado nessas atividades, em montante equivalente a até 80% de seu valor calculado em função dos investimentos realizados durante o período-base, conforme dispõe o § 4.º do art. 278 do RIR/80, que para tal fim manda aplicar o disposto nos arts. 56 a 58 do mesmo diploma.

Para esse fim, considera-se investimento a aplicação de recursos financeiros que visem ao desenvolvimento da atividade rural para a expansão da produção e melhoria da produtividade e sejam realizados com (RIR/80 — art. 57):

a) benfeitorias resultantes de construção, instalações, melhoramentos, culturas permanentes, essências florestais e pastagens artificiais;

b) aquisição de tratores, implementos e equipamentos, máquinas, motores, veículos de carga e utilitários, utensílios e bens de duração superior a um ano e animais de trabalho, de produção e de engorda;

c) serviços técnicos especializados, devidamente contratados, visando elevar a eficiência do uso dos recursos da propriedade ou exploração rural;

d) insumos que contribuam destacadamente para a elevação da produtividade, tais como reprodutores, sementes e mudas selecionadas, corretivos do solo, fertilizantes, vacinas e defensivos vegetais e animais;

e) atividades que visem especificamente à elevação sócio-econômica do trabalhador rural, tais como casas de trabalhadores, prédios e galpões para atividades recreativas, educacionais e de saúde;

f) estradas que facilitem o acesso ou circulação na propriedade;

g) instalação de aparelhagem de comunicação e de energia elétrica;

h) bolsas para formação de técnicos em atividades rurais, inclusive gerentes de estabelecimentos e contabilistas;

i) as importâncias empregadas na aquisição voluntária de:

I — quotas-partes de capital de cooperativas de produtores;

II — ações do Banco Nacional de Crédito Cooperativo;

III — ações ou quotas de capital de empresas ou organizações de produtores dedicadas à exportação de produtos agrícolas e pecuários.

Nota:

Se o contribuinte, antes de decorridos 5 anos da data de aquisição, alienar as ações ou quotas mencionadas na letra "i", deverá adicionar ao lucro real do exercício correspondente ao ano de alienação a importância anteriormente excluída (Port. GB n.º 01/71).

10.1 Custos ou despesas considerados como investimentos incentivados

Os investimentos que propiciam a redução do lucro das empresas que se dedicam às atividades rurais, quando consti-

naírem custo ou despesa operacional na forma da legislação do Imposto de Renda, poderão ser cumulativamente (RIR/80 — art. 57, § 2.º):

a) deduzidos contabilmente, como custo ou despesa operacional, no período-base de competência; e

b) considerados para efeito de cálculo do incentivo (no LALUR), no exercício financeiro correspondente ao período-base em que foram realizados.

Por exemplo, no caso de gado de engorda, o custo de aquisição será considerado, para efeito do incentivo, no próprio ano-base em que ocorrer o investimento, o que não impede que esse mesmo custo seja computado como "Custo de Vendas" no período-base competente. De forma similar, o fato de aplicações de recursos em bens do Ativo Permanente serem consideradas investimentos para efeito do incentivo fiscal, não impede a dedutibilidade das quotas de depreciação calculadas sobre o valor dos respectivos bens de acordo com as regras pertinentes.

10.2 Coeficientes multiplicadores dos investimentos realizados

Para determinação do valor do incentivo a ser deduzido do lucro, o valor dos investimentos realizados será multiplicado pelo coeficiente específico previsto na Tabela baixada pela Portaria do MF n.º 23/70, parcialmente alterada pela Portaria do MF n.º 471/76, (transcrita ao lado).

10.3 Lucro que serve de parâmetro ao cálculo do incentivo

De acordo com o PN CST n.º 17/83 (Del. IOB n.º 33/88, pág. 739, Cad. TL), a base de cálculo do limite do incentivo fiscal é o lucro operacional, ajustado pelo:

a) saldo da conta especial de correção monetária do Ativo Permanente e do Patrimônio Líquido;

b) resultado do ajuste de investimento avaliado pelo valor do Patrimônio Líquido de coligada ou controlada (vide item 13 mais adiante);

c) montante dos lucros ou dividendos recebidos de investimento avaliado pelo custo de aquisição (vide item 13 mais adiante);

d) resultado obtido na alienação ou venda de gado reprodutor, de renda ou de trabalho, classificado no Ativo Imobilizado (vide subitem 5.1, retro).

10.4 Exemplo prático

Vamos admitir que uma empresa agrícola tenha apresentado no encerramento do exercício social em 31.12.84 a seguinte situação: (veja página seguinte).

Considerando que a empresa não afeita no exercício em questão, nenhuma das empresas mencionadas nas letras b a e do subitem anterior, a base de cálculo do limite do incentivo aproveitável no

Grupos de Investimentos		Coeficientes
1. Benfeitorias		
01 - Construções:		
1.1 - casas de trabalhadores	5 (cinco)	
1.2 - sede indispensável	3 (três)	
1.3 - prédios e galpões para atividades recreativas, educacionais e de saúde	5 (cinco)	
02 - Instalações:		
2.1 - estábulos, mangueiras, currais, pocilgas, aviários e outras instalações para abrigo e/ou tratamento de animais	4 (quatro)	
2.2 - depósitos para produtos agrícolas e animais e forragens	4 (quatro)	
2.3 - recreativas para empregados	4 (quatro)	
2.4 - galpões para máquinas e veículos	4 (quatro)	
2.5 - terreiro e similares para secagem de produtos agrícolas	5 (cinco)	
2.6 - galpões para máquinas de benefícios do produto "in natura"	4 (quatro)	
03 - Melhoramentos:		
3.1 - eletricidade rural	6 (seis)	
3.2 - comunicações	5 (cinco)	
3.2.1 - telefone		
3.2.2 - rádio		
3.3 - estrada de acesso ou circulação	5 (cinco)	
3.4 - obras de proteção e utilização de solo	5 (cinco)	
3.5 - captação de águas subterrâneas	5 (cinco)	
3.6 - barragem, represa e tanque	5 (cinco)	
3.7 - cercas (construção e recuperação)	5 (cinco)	
3.8 - abastecimento e/ou distribuição de águas	5 (cinco)	
04 - Culturas Permanentes:		
4.1 - de duração superior a 4 anos	5 (cinco)	
4.2 - essências florestais	5 (cinco)	
4.3 - pastagens artificiais	5 (cinco)	
2. Equipamentos Motorizados		
01 - Tratores	5 (cinco)	
02 - Equipamentos e implementos	5 (cinco)	
03 - Veículos de carga e utilitários	5 (cinco)	
04 - Motores e geradores	5 (cinco)	
05 - Máquinas e aparelhos agrícolas	5 (cinco)	
06 - Aeronaves de fabricação nacional para uso agrícola	5 (cinco)	
3. Formação ou Melhoria de Plantel		
01 - Reprodutores	5 (cinco)	
02 - Matrizes P.O.	5 (cinco)	
03 - Matrizes P.C.	4 (quatro)	
04 - Animais de produção ou criação	2 (dois)	
05 - Aquisição de gado para recria e engorda		
5.1 - bezerras (até um ano)	1, 1/2 (um e meio)	
5.2 - garrotes e bois (até três anos)	1 (um)	
06 - Inseminação artificial	5 (cinco)	
4. Equipamentos para Tração Animal		
01 - Equipamentos	2 (dois)	
02 - Veículos de tração animal	2 (dois)	
03 - Animais de trabalho	2 (dois)	
04 - Utensílios de duração superior a um ano	2 (dois)	

Grupos de Investimentos	Coefficientes
5. Insumos de Alta Produtividade	
01 - Sementes e mudas selecionadas	3 (três)
02 - Fertilizantes e corretivos	6 (seis)
03 - Defensivos vegetais e animais	3 (três)
04 - Herbicidas e arborescentes	3 (três)
05 - Rações balanceadas para animais	1 (um)
6. Outros	
01 - Bolsas de estudo	2 (dois)
02 - Assistência médico-hospitalar e dentária a seus empregados	2 (dois)
03 - Serviços técnicos e especializados contratados	3 (três)
04 - Instrumental veterinário (inclusão feita pela Port. 471/76)	3 (três)

a) Demonstração do Resultado do Exercício

Receita Bruta	Cr\$ 800.000.000
Deduções da Receita Bruta (Vendas Canceladas, Impostos etc.)	(Cr\$ 80.000.000)
Receita Líquida	Cr\$ 720.000.000
Custo dos Produtos Vendidos	(Cr\$ 400.000.000)
Lucro Bruto	Cr\$ 320.000.000
Despesas Operacionais (com Vendas, Administrativas, Financeiras Líquidas etc.)	(Cr\$ 200.000.000)
Lucro Operacional	Cr\$ 120.000.000
Resultado da Correção Monetária	(Cr\$ 80.000.000)
Resultado Antes do Imposto de Renda	Cr\$ 40.000.000

b) Aplicações de recursos financeiros durante o período-base, consideradas investimentos para efeito do incentivo fiscal, multiplicadas pelos coeficientes específicos (vide subitem 10.2, retro):

Investimentos	Valor aplicado Cr\$	Coef.	Incentivo aproveitável
Aquisição de sementes selecionadas	1.600.000	x 3 =	Cr\$ 4.800.000
Aquisição de fertilizantes e corretivos	2.000.000	x 6 =	Cr\$ 12.000.000
Aquisição de 1 trator	16.000.000	x 5 =	Cr\$ 80.000.000
TOTAL			96.800.000

exemplo (pelos investimentos incentivados) foi o próprio resultado apurado antes do Imposto de Renda (que já está expurgado do saldo da conta de Correção Monetária), ou seja, Cr\$ 40.000.000. E o incentivo máximo aproveitável no exercício foi: 80% de Cr\$ 40.000.000 = Cr\$ 32.000.000.

Assim, para o aproveitamento do incentivo, impõe-se o seguinte lançamento de ajuste do lucro líquido do exercício, na parte A do Livro de Apuração do Lucro Real: (ver página seguinte).

10.5 Parcela excedente ao limite de 80% do lucro operacional ajustado

De acordo com o art. 164, item III do RIR/80 e PN CST n.º 17/83, quando o montante do valor obtido pela aplicação dos coeficientes específicos sobre os investimentos realizados no período-base superar o limite de 80% do lucro operacional ajustado, conforme ocorreu em nosso exemplo, o excesso poderá ser aproveitado nos três exercícios subsequentes, devendo,

para tal fim, ser registrado na parte "B" do LALUR. Esclareça-se que esse valor, por falta de previsão legal, não poderá ser corrigido monetariamente ("Plano Fiscal — Perguntas e Respostas IRPJ 1985", resposta à pergunta n.º 056).

Nestas condições, retomando ao exemplo desenvolvido no subitem anterior, temos:

Valor total do incentivo relativo aos investimentos realizados no período-base de 1984	Cr\$ 96.800.000
Parcela aproveitada no exercício financeiro de 1985 (80% de Cr\$ 40.000.000)	Cr\$ 32.000.000

Excedente aproveitável nos 3 exercícios subsequentes	Cr\$ 64.800.000
--	-----------------

Notas:

1.) Se da apuração de base de cálculo do limite de 80% (lucro operacional ajustado)

resultar um valor negativo, nenhuma dedução poderá ser pleiteada, mas o valor do incentivo calculado sobre os investimentos realizados poderá ser aproveitado nos três exercícios subsequentes, total ou parcialmente, sempre dentro do referido limite de 80% apurado em função dos valores pertinentes, verificados nos exercícios em que se pretender aproveitar o incentivo;

2.) Se forem verificados excedentes em mais de um exercício, em função dos investimentos realizados nos respectivos períodos-base, o controle na parte "B" do LALUR deverá ser feito em contas (folhas) distintas para cada período-base em que os investimentos tenham sido realizados.

10.6 Limitação também em função do lucro real

Quando o lucro real apurado no período-base (antes da dedução do incentivo) for inferior ao montante equivalente a 80% do lucro operacional ajustado, entende o Fisco que a dedução do incentivo ficará limitada também ao valor do lucro real, não podendo transformar esse último em prejuízo fiscal compensável (MAJUR/85, pág. 32, e "Plano Fiscal — Perguntas e Respostas IRPJ 1985" — resposta à pergunta n.º 55).

Para exemplificar, se a empresa, objeto do nosso exemplo anterior, tivesse efetuado outros ajustes no lucro líquido do exercício, que acabassem reduzindo o lucro real (antes da dedução do incentivo) a Cr\$ 20.000.000, o incentivo aproveitável no exercício financeiro de 1985 teria ficado limitado a esses Cr\$ 20.000.000 e não aos Cr\$ 32.000.000, que foram aproveitados.

11. INVESTIMENTOS QUE PODERÃO SER TRATADOS COMO CUSTO OU DESPESA OPERACIONAL

De acordo com o art. 7.º, parágrafo único, do Dec. lei n.º 902/69 (incorporado ao § 5.º do art. 278 do RIR/80) e a Portaria do MF n.º GB 1/71, além do incentivo examinado no tópico anterior, as empresas dedicadas às atividades rurais poderão considerar como custo ou despesa operacional os dispêndios a seguir relacionados:

- o custo de demarcação de terrenos, inclusive cercas, muros ou valas;
- o custo de construção e manutenção de escolas primárias e vocacionais, dependências recreativas, hospitais e ambulatórios para seus empregados;
- as despesas com obras de conservação e utilização do solo e das águas, estradas de acesso e circulação, de saneamento e de distribuição de água;
- as despesas de compra, transporte e aplicação de fertilizantes e corretivos do solo;
- o custo de construção de casa de trabalhadores;
- as despesas com eletrificação rural;
- o custo das novas instalações indispensáveis ao desenvolvimento de atividade rural e relacionadas com a expansão da produção e melhoria da produtividade.

PARTE A - REGISTRO DOS AJUSTES DO LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO

DATA	HISTÓRICO	ADIÇÕES	EXCLUSÕES
31.12.84	Valor dos investimentos incentivados realizados durante o período-base, nos termos do art. 79, § único, do Decreto-lei nº 902/69 e Portaria nº 68-23/70, a saber:		
	a) Aquisição de sementes selecionadas, conforme lançamento no Livro Diário nº 5, fls. 37: Cr\$		
	1.600.000 x coeficiente 3 =	4.800.000	
	b) Aquisição de fertilizantes e corretivos, conforme lançamento no Livro Diário nº 5, fls. 83: Cr\$..		
	2.000.000 x coeficiente 6 =	12.000.000	
	c) Aquisição de 1 trator, conforme lançamento no Livro Diário nº 5, fls. 151: Cr\$ 16.000.000 x coeficiente 5 =	80.000.000	
	TOTAL.....	96.800.000	
	Lucro Operacional	120.000.000	
	(-) Saldo da conta de correção monetária	(80.000.000)	
	(=) Base de cálculo do incentivo	40.000.000	
	Limite aproveitável no período-base:		
	80% de Cr\$ 40.000.000		32.000.000

11.1 Esclarecimento necessário

Vejamos que os dispêndios relacionados com as letras "a" e "g" retro, em sua maior parte, se identificam com valores que, segundo as regras contábeis pertinentes, são especiais aquelas emanadas da Lei nº 6.404/76 (Lei das S/A), devem ser classificadas no Ativo Permanente.

E então, como fica? Podem tais investimentos, sob a proteção da lei fiscal, ser deduzidos como despesa, ao arropio das normas contábeis e da própria lei societária?

Entendemos que não. Pois, afinal, o incentivo fiscal foi criado numa época em que predominavam critérios contábeis di-

tados ao sabor de interesses meramente tributários, principalmente porque não havia na legislação comercial e societária disposições precisas a respeito de procedimentos contábeis.

Mas hoje a situação é outra. E aquela disposição fiscal deve ser analisada à luz dos princípios contábeis que foram contemplados na já citada Lei das S/A e que, por força do Dec-lei nº 1.598/77 (§ 4.º do art. 7.º e item XI do art. 67, consolidados no art. 172 do RIR/80), foram estendidos a todas as pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real. Já enfatizamos, em várias oportunidades, que um dos objetivos colimados por esses diplomas foi estabelecer uma nítida distin-

ção entre a escrituração comercial e a fiscal, para que as demonstrações financeiras exigidas pela legislação comercial não venham a ser distorcidas em razão de conveniências da legislação fiscal.

E foi justamente para assegurar aquela separação, entre a apuração do resultado comercial e do fiscal, que o Dec-lei nº 1.598/77 criou o Livro de Apuração do Lucro Real, no qual devem ser feitos os ajustes ao lucro líquido do exercício, relativos a valores que interessam à determinação do lucro real, mas que pela sua natureza exclusivamente fiscal não devam afetar o lucro líquido do exercício (art. 8.º, § 2.º, do Dec-lei nº 1.598/77, incorporado ao art. 168 do RIR/80).

Desse modo, entendemos que atualmente as aplicações de recursos em bens do Ativo Permanente que, nos termos da legislação fiscal, podem ser consideradas como despesa da empresa rural, devem contabilmente ser registrados em contas próprias do Ativo Permanente e, no Livro de Apuração do Lucro Real, ser registradas como exclusão do lucro líquido do exercício.

Só que, neste caso, é bem sublinhar, tratando-se de bens depreciables, a sua depreciação, registrada na escrituração comercial, obviamente não será dedutível para fins fiscais, já que o valor estivo já terá sido integralmente deduzido do lucro real. Impõe-se, assim, a adição dos referidos encargos ao lucro líquido do exercício em que tenham sido apropriados.

12. LUCRO INFLACIONÁRIO

Conforme esclareceu o Parecer Normativo CST n.º 17/83, nas empresas rurais que se beneficiarem da exclusão do lucro líquido correspondente ao incentivo fiscal calculado com base nos investimentos realizados, é inabível o diferimento do lucro inflacionário na proporção da redução havida em função do referido benefício fiscal.

Deste modo, a empresa rural que se beneficiar desse incentivo, se tiver apurado lucro inflacionário e pretender diferir a tributação sobre o lucro inflacionário não realizado, deverá proceder da seguinte forma:

a) determinar a relação percentual entre o valor da exclusão do lucro líquido, correspondente ao incentivo fiscal calculado em função dos investimentos realizados, e o lucro operacional ajustado (lucro que serviu de parâmetro da dedução do incentivo);

b) aplicar o percentual apurado de acordo com o enunciado na letra "a" sobre o lucro inflacionário do exercício, obtendo-se, como resultado dessa operação, a parcela não diferível, por estar contida no valor da exclusão relativa ao incentivo fiscal;

c) determinar o valor da parcela diferível, pela diferença entre o lucro inflacionário do exercício e a parcela não diferível, obtida de acordo com o enunciado na letra "b".

Exemplo:

Partindo das seguintes informações:

1) Lucro operacional ajustado:		
Lucro operacional	Cr\$ 48.000.000	
Saldo credor da conta de correção monetária	Cr\$ 60.000.000	Cr\$ 128.000.000
2) Parcela excluível do lucro líquido do exercício, correspondente ao incentivo fiscal calculado em função dos investimentos realizados (determinada de acordo com as normas e procedimentos examinados no item 10, item 1)		Cr\$ 98.000.000
3) Lucro inflacionário do exercício:		
Saldo credor da conta de correção monetária	Cr\$ 80.000.000	
Variações monetárias passivas excedentes das ativas	(Cr\$ 20.000.000)	
Correções monetárias pré-luzadas passivas excedentes das ativas	(Cr\$ 15.000.000)	Cr\$ 45.000.000

Com base nesses dados, teríamos:

a) Relação percentual entre o valor da exclusão do incentivo fiscal e o lucro operacional ajustado:

$$\frac{98.000.000 \times 100}{128.000.000} = 75\%$$

b) Lucro inflacionário não diferível: 75% de Cr\$ 45.000.000 = Cr\$ 33.750.000

c) Parcela diferível: Cr\$ 45.000.000 - Cr\$ 33.750.000 = Cr\$ 11.250.000

Notas:

1.) Nesse exemplo foi considerado que o valor do incentivo a ser deduzido, com base nos investimentos realizados no período-base, ficou aquém do limite de 80% do lucro operacional ajustado. Caso houvesse sido atingido o referido limite, teria sido dispensado o cálculo demonstrado na letra "a", bastando decompor o lucro inflacionário do exercício nas duas parcelas: 80% não diferível e 20% diferível;

2.) Esclarecimentos gerais sobre o diferimento da tributação sobre o lucro inflacionário constam de trabalho publicado no Boletim anterior, neste Caderno.

12.1 Ajustes na Parte A do LALUR

O ajuste correspondente ao diferimento do lucro inflacionário do exercício, na Parte A do LALUR, seria procedido na forma adiante demonstrada, considerando-se o primeiro exercício em que a empresa rural vai diferir a tributação sobre o lucro inflacionário, e mais as seguintes informações:

a) o valor contábil do Ativo Permanente no início do exercício era de Cr\$ 300.000.000;

b) foram contabilizadas quotas de depreciação durante o exercício, no valor de Cr\$ 26.500.000;

c) não houve baixa de bens do Ativo Permanente durante o exercício e nem recebimento de dividendo de participações societárias permanentes.

13. PARTICIPAÇÕES EM OUTRAS SOCIEDADES

A participação no capital de outra sociedade de qualquer espécie não descaracteriza a empresa rural para o gozo dos benefícios fiscais examinados neste trabalho, sobre o resultado oriundo de suas atividades próprias (PN CST n.º 07/82). Mas os rendimentos recebidos em de-

corrência de tais participações não poderão ser tomados como base para a aplicação do incentivo examinado no item 10, e, quando distribuídos pela empresa rural, sujeitar-se-ão à tributação na fonte pelas regras comuns aplicáveis à distribuição de lucros ou dividendos pelas demais pessoas jurídicas (RIR/80 - art. 547, parágrafo único - vide item 16, mais adiante).

14. COMPENSAÇÃO DE PREJUÍZOS

O prejuízo fiscal apurado pela empresa rural em determinado exercício poderá ser compensado com o lucro real apurado nos quatro exercícios subsequentes, em conformidade com o regime de compensação de prejuízos a que estão sujeitas as demais pessoas jurídicas, estabelecido no art. 382 do RIR/80.

Quando a empresa rural for submetida a alíquotas diferenciadas, isto é, 6% sobre o resultado das atividades rurais, e à alíquota normal (35% - vide subitem 4.1 e itens 6 e 9 deste trabalho) sobre o resultado de outras receitas não incentivadas, na hipótese de apuração de prejuízos, deve manter controle desse prejuízo, na parte "B" do LALUR, em folhas separadas, por alíquotas e por ano de apuração, na forma da legislação vigente, procedendo-se às futuras compensações com os resultados submetidos a cada uma das alíquotas a que estiver sujeito o lucro real no período-base em que ocorrer a referida compensação ("Plano Fiscal Perguntas e Respostas IRP" 1985", resposta à pergunta n.º 058).

Nota:

Sobre a compensação de prejuízos fiscais das pessoas jurídicas, vide esclarecimentos no Bol. IOB n.º 9/84, pág. 135, deste Caderno.

15. VEDAÇÃO DA OPÇÃO POR INCENTIVOS FISCAIS COM BASE NO IMPOSTO DEVIDO

De acordo com o art. 511, I, do RIR/80, sobre o imposto devido pela empresa rural que tenha sido calculado pela aplicação da alíquota de 6%, não poderão ser efetuadas reduções por aplicações em florestamento/reflorestamento (Lei n.º 5.106/66) ou doações ao MOBRAL, e nem opções para aplicação em investimentos regionais ou setoriais (FINOR, FINAM, FISET etc.).

Amite-se, entretanto, que esse imposto sirva de base de cálculo às deduções por incentivos a Programas de Alimentação do Trabalhador e a Projetos de Formação Profissional executados em conformidade com as normas e condições pertinentes (Por. MF n.º 376-B/76).

Sobre a parcela do imposto devido à alíquota normal (35%), a empresa rural fará jus ao benefício da dedução dos incentivos fiscais ou aplicação em investimento regional e setorial, comum às demais pessoas jurídicas submetidas àquela alíquota (PN CST n.º 07/82).

(IOB - Boletim 10/85)

PARTE A - REGISTRO DOS AJUSTES DO LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO

DATA	HISTÓRICO	ADIÇÕES	EXCLUSÕES
31.12.84	Lucro inflacionário do exercício:		
	Saldo credor da conta de correção monetária	80.000.000	
	Variações monetárias passivas excedentes das ativas	(20.000.000)	
	Correções monetárias pré-fixadas passivas excedentes das ativas	(15.000.000)	
	Lucro inflacionário do exercício	<u>45.000.000</u>	
	Cálculo da parcela diferível:		
	Relação percentual entre o valor do incentivo às atividades rurais e o lucro operacional ajustado:		
	$\frac{96.000.000 \times 100}{128.000.000} = 75\%$		
	Lucro inflacionário do exercício	45.000.000	
	Parcela não diferível: 75%	(33.750.000)	
	Parcela diferível	<u>11.250.000</u>	11.250.000
31.12.84	Lucro inflacionário realizado:		
	Lucro inflacionário diferível do exercício	11.250.000	
	Lucro inflacionário diferido de exercícios anteriores	-0-	
	Lucro inflacionário acumulado (LTA)	11.250.000	
	Valor contábil do Ativo Permanente no início do exercício (AP)	<u>300.000.000</u>	
	Relação percentual LTA/AP:		
	$11.250.000 \times 100 \div 300.000.000 = 3,75\%$		
	Quotas de depreciações contabilizadas como custo e despesa do exercício	<u>26.500.000</u>	
	Ativo Permanente Realizado (APR)	<u>26.500.000</u>	
	3,75% sobre o APR (Cr\$ 26.500.000)	993.750	

12.2 Preenchimento dos Quadros 05, 06 e 07 do Anexo 2 da Declaração de Rendimentos

LUCRO INFLACIONÁRIO DO EXERCÍCIO		PERÍODO BASE DA DECLARAÇÃO C/I	
SALDO CREDOR DA CONTA DE CORREÇÃO MONETÁRIA	01	80.000.000	
VARIÁVEIS MONETÁRIAS PASSIVAS EXCEDENTES DAS ATIVAS	02	20.000.000	
CORREÇÕES MONETÁRIAS PREFIRIDAS PASSIVAS EXCEDENTES DAS ATIVAS - D/L 1.723/78	03	15.000.000	
LUCRO INFLACIONÁRIO DO EXERCÍCIO	01 - 02 - 03	04	45.000.000
DISTRIBUIÇÃO POR ATIVIDADES		PARCELA DIFERENCIAL C/I	
DISCRIMINAÇÃO	VALOR C/I		
PARCELA CORRESPONDENTE À ATIVIDADE ISENTA	05		
PARCELA CORRESPONDENTE À ATIVIDADE COM REDUÇÃO DE 70%	07	08	
PARCELA CORRESPONDENTE À ATIVIDADE COM REDUÇÃO DE 50%	09	10	
PARCELA CORRESPONDENTE À ATIVIDADE COM REDUÇÃO DE 33,33%	11	12	
PARCELA CORRESPONDENTE À ATIVIDADE DE TRANSP. RODOVIÁRIO DE PASSAGEIROS - D/L N° 1.562/79	13	14	
PARCELA CORRESPONDENTE À EXPORTAÇÃO INCENTIVADA E/OU À ELA EQUIPARADA	15		
PARCELA CONTRA OS INCENTIVOS ÀS ATIVIDADES RURAIS	17	33.750.000	18 11.250.000
PARCELA CORRESPONDENTE ÀS DEMAIS ATIVIDADES	19	20	
TOTAIS	21	22	11.250.000

APLICAÇÃO POR ATIVIDADE, NORMATIVA DO IRR 150/90

Nota:

As empresas rurais que não se beneficiarem do incentivo fiscal calculado em função dos investimentos realizados indicarão, nos itens 17 e 18 desse Quadro, o mesmo valor do lucro inflacionário do exercício.

PERCENTUAL DE REALIZAÇÃO DO ATIVO		PERÍODO BASE DA DECLARAÇÃO C/I	
ATIVO PERMANENTE NO INÍCIO DO EXERCÍCIO (proporção de item 19 do quadro 03 do Anexo A - 8 no C)	01	300.000.000	
ESTOQUE DE IMÓVEIS DESTINADOS À VENDA NO INÍCIO DO EXERCÍCIO	02		
ATIVO NO INÍCIO DO EXERCÍCIO SUJEITO À CORREÇÃO MONETÁRIA	01 + 02	03	300.000.000
BAIXAS NOS SALDOS INICIAIS DO ATIVO PERMANENTE	04		
BAIXAS NO SALDO INICIAL DE IMÓVEIS PARA VENDA	05		
CUSTAS DE DEPRECIAÇÃO, AMORTIZAÇÃO E EXAUSTÃO DO PERÍODO BASE	06	26.500.000	
LUCROS E DIVIDENDOS DE PARTICIPAÇÕES SOCIETÁRIAS PERMANENTES RECEBIDOS NO EXERCÍCIO	07		
ATIVO REALIZADO	04 + 05 + 06 + 07	08	26.500.000
RELAÇÃO PERCENTUAL: 08 ÷ 03 × 100 = 09	09	8,83333	

DEMONSTRAÇÃO DO LUCRO INFLACIONÁRIO REALIZADO		ATIVIDADE TRANSPORTE DE L. N° 1.562/79		DEMAIS ATIVIDADES	
LUCRO INFLACIONÁRIO DO EXERCÍCIO (PARCELA DIFERENCIAL)	01	02	11.250.000		
LUCRO INFLACIONÁRIO DIFERIDO DE EXERCÍCIOS ANTERIORES	03	04			
CORREÇÕES MONETÁRIAS DIFERIDAS INFLACIONÁRIAS DIFERIDAS DE EXERCÍCIOS ANTERIORES	05	06			
+ LUCRO INFLACIONÁRIO ACUMULADO	07	08	11.250.000		
LUCRO INFLACIONÁRIO REALIZADO	09	10	993.750		



LOLA DA CALCÍOLÂNDIA: Neta de BELA VISTA, produziu 2.843 kg na primeira lactação. Foi campeã no concurso leiteiro de zebu em Sete Lagoas-MG. É doadora de embriões.

GIR LEITEIRO DA CALCÍOLÂNDIA

LINHAGEM BOMBAIM

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

ASSISTA ORDENHA SEM MARCAR DATA

FAZENDAS SERRINHA E CALCÍOLÂNDIA

FONES: (037) 351-1267 ARCOS-MG
(031) 531-2737 BETIM-MG

Da secagem e da colheita de café

por **RUBENS MALTA CAMPOS**
Dirigente Sindical

As autoridades agrícolas têm se preocupado muito com a contínua queda da qualidade dos cafés colhidos nas últimas safras. Assim, estão trabalhando para que a colheita desta safra se processe melhorando a qualidade do café. De nossa parte, não podemos nos omitir e com base em trabalhos publicados no Suplemento Agrícola do O Estado de São Paulo, em recomendações do Instituto Brasileiro do Café, damos um resumo daquilo que deva ser feito para tal objetivo.

COLHEITA

A colheita deve ser iniciada quando 95% dos frutos de café estiverem maduros, ou, contrário sensu, quando somente 5% deles estiverem verdes e antes que ocorra forte queda de frutos secos no chão. Antes da colheita propriamente dita, deve-se efetuar uma varrição dos talhões que serão colhidos; depois desta varrição, inicia-se a colheita. Esta, tanto quanto possível, deverá ser feita no pano, pois apresenta essas vantagens: café sem terra, torções e pedras, dispensando a lavagem; facilidade na abanação e qualidade melhor.

A colheita por derricha no chão deve ser precedida por uma varrição, para separar o café do chão, que quase sempre é de qualidade inferior. Para se evitar a fermentação dos frutos, todo café colhido deve ser esparramado no terreiro no mesmo dia, inclusive nos dias chuvosos. Os cafés de varrição devem ser lavados e esparramados no ter-

reiro também no mesmo dia que vierem da roça. O café recém-colhido nunca deverá pernoitar amontoado ou ensacado na roça ou no terreiro. Deverá ser esparramado no terreiro.

SECAGEM NO TERREIRO

O café de varrição deve ser lavado; na lavagem é feita a separação do café mais pesado (cerejas e verdes) do café mais leve (bóias ou secos) facilitando-se assim, a secagem.

No início da seca, deve-se esparramar o café em camada fina, de 3 a 5 cm de espessura; à medida que vai secando, a camada vai sendo engrossada; revolver sempre o café (os antigos já diziam que café requer rôdo). O terreirista deve caminhar sempre em direção ao sol e voltar, dando-lhe as costas. À tarde, o café deve ser enleirado, no sentido da maior declividade do terreiro ou no das águas, em leiras de 20 a 30 cm de altura.

Depois do café ter perdido o mel e à medida que vai secando, pode ser esparramado em camadas mais espessas, sendo amontoado à tarde e coberto por encerado de lona, nunca de plástico. Após a meia seca, o café deve pernoitar amontoado; no dia seguinte, entre as 9:30 e 10 horas, deve ser esparramado. Sempre que o café é amontoado, deve ser coberto. A partir da meia seca, o café não pode se molhar, sob pena da qualidade ficar prejudicada. O final da seca é quando o café apre-

senta de 10 a 12% de umidade. Além do determinador de umidade, sabe-se que, em média, 1 litro de café em côco com 12% de umidade deve pesar 420 gramas; portanto, 5 litros de café em côco com 12% de umidade deve pesar 2 quilos e 100 gramas. Esses pesos são válidos somente para a secagem no terreiro, nunca no secador mecânico.

SECAGEM NO SECADOR

Colocar o café no secador, de preferência após uma pré-secagem (murchamento) no terreiro (3 a 4 dias), para retirar o excesso de umidade. Esta providência evitará problemas de embuchamento no secador, além de economia de combustível e energia. A pré-secagem é mais importante quando o café colhido tem muitos frutos verdes. A secagem lenta, com temperaturas mais baixas, evita que se forme o defeito preto-verde ou verde-geado;

Nunca submeter o café a temperaturas elevadas. A temperatura da massa de café deverá ficar em torno de 45%;

Trabalhar com o secador, sempre que possível, com a capacidade máxima. Tal providência resulta em economia de materiais combustíveis e no tempo de secagem, além de um melhor desempenho na operação do secador, não sendo necessárias recargas para complementar o volume total do secador;

Colocar no secador partidas homogêneas de café.

Leilões e Exposições

Quarto de Milha em Barra Bonita

Será realizado, no dia 22 de junho, às 18 horas, o 1.º Leilão de Quarto de Milha da Estância, no Hotel Estância Barra Bonita, em Barra Bonita, SP, com venda de 60 fêmeas e machos puros e cruzados.

Arabe na Agua Funda

No dia 6 de junho, às 14 horas, no Parque da Agua Funda, em São Paulo, será realizado o XXV Leilão do Cavalo Puro Sangue Arabe e no dia 9 o XXVI Leilão do Cavalo Mestiço de Sangue Arabe e Anglo Arabe. Serão vendidos 50 animais Puro Sangue Arabe, 50 animais mestiços e 10 da raça Puro Sangue Anglo Arabe.

União das Marcas na Agua Branca

No dia 15 de junho, reunindo plantéis da Fazenda Indiana, Cia. Agrícola Luiz Zillo, Fazenda Morro Vermelho e de Newton Camargo Araújo, o 2.º Leilão União das Marcas venderá, no Parque da Agua Branca, em São Paulo, 80 machos e fêmeas PO e POI Nelo e 10 equinos Quarto de Milha e Arabe, em cinco pagamentos sem juros.

5 Marcas vende Nelo em Goiânia

Reunindo animais dos criadores Júlio Roberto Bernardes, Vivaldo Ribeiro Guimarães, Salvador Sidney Parina, Constantino Cunha Guimarães e Antenor de Amorim Nogueira, todos de Goiás, o 1.º Leilão 5 Marcas venderá, no Parque de Exposição Agropecuária Pedro Ludovico, Nova Vila, em Goiânia, 100 lotes de machos e fêmeas Nelo PO e POI Mocho e Padrão, em cinco pagamentos.

Corona em Porto Feliz

No dia 22 de junho, a Fazenda São Judas Tadeu, promoverá, às 10 horas, o 2.º Leilão de Qualidade Corona, com vendas de animais leiteiros das raças Holandesas PB e VB e Schwyz. Todo o plantel é submetido ao Serviço de Controle Leiteiro da ABC.

Mangalargão no Anhembi

No dia 28 de junho, às 20 horas, no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, será realizado o 7.º Mangalargão — Leilão de Mangalarga de Seleção. São apenas 56 animais machos e fêmeas, selecionados por Eduardo Junqueira Motta Luiz, Espólio de Oswaldo R. Junqueira, Francisco Marcolino Diniz Junqueira, Francisco Orlando Diniz Junqueira, Geraldo Junqueira de Andrade, Geraldo Diniz Junqueira, Heráclito Motta Luiz, João Francisco Franco Junqueira, John Francis Walton, José Ribeiro Mendonça, Mário Alcino Parisi, Otávio Junqueira Motta Luiz, Renato Diniz Junqueira, Roberto Diniz Junqueira e Roberto Diniz Junqueira Filho.

Mangalarga 53 na Agua Branca

No dia 16 de junho, às 16 horas, será realizado o 2.º Leilão Mangalarga 53, no Parque da Agua Branca, reunindo animais dos criadores Gilda Junqueira Netto, Armando Expedito Netto, Haroldo Junqueira Netto, Fernando Junqueira Netto, Carlos Junqueira Netto e Renato Junqueira Netto Jr.

Nelore da Estância em Barra Bonita

No dia 19 de outubro, em Barra Bonita, no Hotel Estância, às 19 horas, o 1.º Leilão

da Estância vende 70 machos e fêmeas PO e POI dos criadores Achilles Scatena Simioni, Cia. Agropecuária Rio Pardo (Carpa), Roberto Calmon de Barros Barreto, Torres Homem Rodrigues da Cunha e Werner F. Jost.

Charolês é recorde nacional

Um reprodutor Charolês estabeleceu novo recorde em leilões de bovinos: no dia 28 de março, em Júlio de Castilhos, o touro Azzanm 485 Del Rey, dois anos e um dos melhores reprodutores da raça produzidos nos últimos anos, foi vendido pelos irmãos Mazza, da Cabanha Santa Maria do Pinhal, de Júlio de Castilhos, por Cr\$ 170 milhões, para Ernani Kurtz de Oliveira, de Santa Maria, e seu genro Augusto Marques Mascarenhas de Souza, de Júlio de Castilhos. O vendedor ficou, ainda, com 1.000 doses do sêmen, que só serão utilizadas a partir de 1988.

Leilão de PSI vende égua por Cr\$ 600 milhões

Na liquidação do plantel do Haras Ponta Porã, dos irmãos Jamil, uma égua foi vendida por Cr\$ 600 milhões. Esse preço foi conseguido pela égua uruguaia Monyaguá, de 16 anos, com prenhez de Gadheer. O seu filho, Molambo, produto de Telescópio, foi vendido por Cr\$ 560 milhões. Os dois animais, agora, estão no Haras Rosa do Sul, que também comprou outro animal excepcional: a égua chilena Oka II, filha do garanhão francês Aslam, cujo preço alcançou Cr\$ 432 milhões. Nesse leilão, que vendeu 54 animais, 11 deles ultrapassaram a casa dos Cr\$ 100 milhões, apenas seis saíram por menos de Cr\$ 30 milhões. A grande ganhadora

de clássicos, Immensity, não entrou no leilão pois já havia sido vendida, para reprodução, aos Estados Unidos, por US\$ 300 mil e com direito do vendedor de ficar com os dois primeiros produtos dessa égua. Antes de sofrer a contusão no moleto, que trancou sua carreira vitoriosa, ela tinha oferta de US\$ 1,5 milhão.

Leilões na Expoinel vendem 850 milhões

Durante a XIV Expoinel e o I Encontro Internacional de Equídeos, em Salvador, BA, foram realizados leilões de Nelo e cavalos de várias raças, registrando-se um movimento de Cr\$ 850 milhões. No leilão de gado Nelo, foram comercializados 95 animais por Cr\$ 667 milhões, com média de Cr\$ 7.021 mil cada. O animal mais caro do leilão foi uma fêmea POI, comprada por Jaime Fernandes de Lutz Viana Rodrigues por Cr\$ 31 milhões. O segundo em preço foi um reprodutor PO, adquirido de Rogério Afonso Pascoal por Roberto Santos Bastos por Cr\$ 25 milhões. Rogério foi, também, o vendedor do terceiro animal mais caro, um macho, de Alberto Azevedo Porpino, por Cr\$ 18 milhões. Os destaques do leilão foram os animais do criador Lutz Viana Rodrigues: de seu plantel saiu o animal mais caro, ele foi o criador que mais vendeu (Cr\$ 85 milhões) e obteve a maior média, com Cr\$ 17 milhões.

No leilão de equinos, foram vendidos 30 animais por Cr\$ 183 milhões, média de Cr\$ 6.116 milhões. O animal mais caro foi um macho Mangalarga Marchador, vendido pela Jota Machado Engenharia para Francisco Amaral Neto, por Cr\$ 28 milhões. O segundo animal mais caro também macho Mangalarga Marchador foi vendido por Salvador Anselmo Vieira Barreto a

Leilões e Exposições

Gileno Calheira por Cr\$ 20 milhões. Salvador foi o comprador da fêmea mais cara de João Silveira Martins, uma Mangalarga Marchador por Cr\$ 17 milhões.

Leilão Colonial vende 1.082 animais

O leilão da Fazenda Colonial, situada em Calciolândia, Norte de Minas, vendeu, no dia 27 de abril, 1.082 bovinos por Cr\$ 721 milhões. Estiveram presentes mais de 1.000 fazendeiros da região, que puderam vender, comprar e trocar informações. Nesse leilão, a média de preços dos touros Nelore controlados atingiu Cr\$ 2.474.943, os garrotes para corte Cr\$ 596.246, as novilhas Nelore e Neloradas Cr\$ 587.513, bois carreiros (Caracu) Cr\$ 620 mil e os machos de corte alcançaram Cr\$ 63 mil por arroba. O maior comprador foi o prefeito de Guanambi, BA, Nilo Moraes Coelho.

De acordo com os organizadores do evento, o leilão da Colonial constitui-se hoje no termômetro de preços no Norte de Minas. Esse leilão regula os preços de mercado para o rebanho de 2 milhões de bovinos que compõem o plano do Polígono da Seca, no Norte de Minas. "Não buscamos nesse leilão o máximo de preços por animais", dizem os organizadores. "O objetivo principal é a comercialização em larga escala", acrescentam. "Por esta razão, reunimos um maior número de fazendeiros permitindo informações, comprando, vendendo e aprendendo novas técnicas de manejo para melhorar o desempenho dos seus rebanhos", observam. "Procuramos, também, despertar os bancos no auxílio ao pequeno fazendeiro que às vezes precisa trocar os seus reprodutores e não dispõe de recursos".

Calendário de Exposições, Feiras e leilões no estado de São Paulo em 1985

OUTUBRO

São Paulo, SP
19 e 20
I Leilão Nacional do Cavalo Árabe

Presidente Prudente
26
X Leilão de Nelore dos Criadores Associados

São Paulo, SP
26 e 27
Leilão Oficial de Outubro — ABQM

NOVEMBRO

Bauri
9 a 17
XI Exposição Regional de Animais

São Paulo, SP
23 e 24
XXXI Leilão do Cavalo Puro Sangue Árabe

São Paulo, SP
23 a 1.º/12
V Exposição Estadual de Animais e V Leilão Medalha de Ouro

São Paulo, SP
23 a 1.º/12
IX Exposição Centro Brasileira do Cavalo Árabe

São Paulo, SP
23 a 1.º/12
Exposição e Leilão do Mangalarga Marchador

São Paulo, SP
23 a 1.º/12
Leilão Estadual de Gado Jersey

São Paulo, SP
29 a 1.º/12
Final do VIII Campeonato Nacional do Cavalo Quarto de Milha de Trabalho e Conformação

DEZEMBRO

São Paulo, SP
1.º
Leilão Nelore

São Paulo, SP
1.º e 2
I Leilão das Arábias

São Paulo, SP
7 e 8
XXI Leilão Oficial da Raça Mangalarga

Avaré
7 a 15
XXI Emapa — Exposição Agropecuária

PASTO SECO + **PREMIPHOS** = BOI GORDO
UREIA



PREMIPHOS Uréia é um produto que foi desenvolvido para o período da seca. Contém todos os elementos indispensáveis e coadjuvantes, para que nos períodos críticos do ano, quando as pastagens já estão secas e com menor valor nutritivo seu rebanho mantenha o equilíbrio nutricional obtendo sua manutenção e ganho de peso.

(Na entre-safra a grande opção para estocagem do boi em pé)

Patrocínio Paulista — SP
Praça Dr. Altino Arantes, 1431
CEP: 14.410 — Fone: (016) 745-1411

Presidente Prudente — SP
Av. Brasil, 1607 — CEP: 19.100
Fones: (0182) 33-4653 - 22-3077

São Paulo
Rua Hungria, 664 — cj. 51 — 5.º andar
CEP: 01455 — Fone: (011) 815-5311



Técnica em Nutrição Mineral

Instituto de Zootecnia vende animais

O Instituto de Zootecnia, órgão subordinado à Secretaria da Agricultura de São Paulo, já tem pronto o programa de vendas de reprodutores de suas diversas Estações Experimentais. As vendas iniciaram-se em 18 de abril, com a comercialização de bovinos das raças Mantiqueira e Holandês Preto e Branco, em Pindamonhangaba. Prosseguiu em maio; no dia 18, em Andradina, vendeu raças de corte, entre elas o Nelore, animais cruzados e búfalos; dia 30, em Ribeirão Preto, com vendas de Gir Leiteiro e Cruzadas e no dia 31, em Sertãozinho, comercializando Gir, Nelore, Guzará e cruzadas.

Estão previstas vendas ainda em junho, dia 21 em Nova Odessa (Suínos das raças Duroc, Large White e Landrace, dia 12 de julho, em Colina, (Tropical Leiteiro e cruzadas) e dia 13 (Manjalará Marchador, Cavalos de Hipismo, Anglo Árabe, Azininos e Bretão); dia 26 de setembro, em São José do Rio Preto (Santa Gertrudes e cruzadas e Gir), dia 11 de outubro, em Sertãozinho (Gir, Nelore, Guzará) e dia 22 de novembro em Itapetininga (Ovinos e caprinos de diversas raças). Os interessados podem entrar em contato com o IZ: r. Heitor Penteado, 56, CP 60, tel.: (0194) 66-1410, Nova Odessa, SP.

Carrapato em fita cassete

Patrocinado pelo laboratório MSD AGVET, o Programa Nacional de Controle de Parasitosos, desenvolvido pelo Ministério da Agricultura e Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, editou a nova fita cassete sobre o controle de carrapatos, contendo palestras dos médicos-veterinários Carlos A. P. Arceche, Ney Kramer do Amaral e Luis Gustavo Cramer. Segundo os técnicos, um animal muito infestado pode carregar até 20 mil carrapatos, que consomem

com este índice de infestação, 4 litros de sangue a cada três semanas, provocando, entre outros danos, depreciação no couro, perda de peso, quebra de produção de leite, diminuição de crescimento, aumento de custos operacionais e de manejo e até mortes. Pelo cálculo dos técnicos, o carrapato é responsável por prejuízos de US\$ 1 bilhão à pecuária nacional.

Revista do Cavalo Árabe

Com o objetivo de promover e divulgar as atividades do Cavalo Árabe no Brasil e no mundo, a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe acaba de lançar uma revista "Cavalo Árabe", que substitui o jornal informativo que era editado há 6 anos. A publicação mensal, impressa em quatro cores em papel couchê, está sendo distribuída aos criadores, proprietários rurais, pecuaristas e empresários.



Congresso de agrônomos discute alimentos

A Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo promove, de 24 a 28 de junho, no Palácio das Convenções do Anhembi, o V Congresso Paulista de Agronomia, cujo lema, este ano, será "Alimentos para o povo, divisões para a Nação". Constam dos temas do Congresso

os seguintes painéis: "Produção Agrícola para o Mercado Interno — Alimentos Básicos", "Produção Agrícola de Exportação", "Instrumento de Política Agrícola", "Estrutura de Apoio aos Agricultores", "Valorização do Profissional de Agronomia". O presidente da ABC, dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, participará do Congresso.

12 anos da Embrapa

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), órgão subordinado ao Ministério da Agricultura, completou, em 1985, 12 anos de fundação e atividade. O balanço "Embrapa — Ano 12", editado pela empresa e no qual estão resumidos todos os trabalhos feitos nesses 12 anos de existência, dá mostra do acerto da criação da Embrapa pelo Ministério da Agricultura: absorvendo inicialmente US\$ 10 milhões e hoje US\$ 150 milhões anuais, as pesquisas feitas pelo órgão trará um retorno, direto, de 43% até 1992.

Hoje, graças à Embrapa, o Brasil dispõe de uma série de tecnologias que vem beneficiando a agropecuária brasileira e já está sendo exportada, gerando divisas. O Brasil, com isso, é o único país no mundo a dispor de uma tecnologia apropriada para a agricultura de clima tropical, abrindo, assim, mais um campo de geração de divisas.

Além dos progressos tecnológicos que beneficiaram e continuam beneficiando os agricultores brasileiros, a criação, há 12 anos, da Embrapa trouxe uma contribuição pouco visível mais significativa ao país: a formação de técnicos de elevada capacidade. Quando a Embrapa foi criada em 1973, o Brasil dispunha de um quadro de especialistas bastante modesto. Da sua equipe inicial, o perfil indicava 83% de bacharéis, e 17% em nível de mestrado e doutorado. Em 1984, praticamente inverteu-se esse quadro:

20% de bacharéis e 80% com nível de mestre ou doutor. Essa alteração do perfil mostra com nitidez a evolução qualitativa da equipe técnica da Embrapa e o esforço da empresa em investir em capital humano. Durante 12 anos, a Embrapa investiu Cr\$ 38 bilhões (a preços de 1982) para aperfeiçoar a sua equipe técnica. Mas esse investimento, como revela o relatório "Embrapa — Ano 12", foi extremamente compensador: a taxa de retorno social situa-se em 22%.

Nos 12 anos, ainda de acordo com o relatório, a Embrapa procurou canalizar seus investimentos em produtos destinados ao mercado interno, beneficiando diretamente o pequeno produtor, responsável por 70% dos alimentos consumidos no país. Para as culturas de consumo interno a Embrapa direcionou 44% dos seus recursos e 27% para reduzir ou racionalizar custos de produção a esses mesmos produtores. Para as culturas de exportação foram investidos 11% apenas dos seus recursos — e 18% foram gastos com outras modalidades de pesquisas.

No relatório da Embrapa, a empresa faz um resumo do trabalho de produto por produto que mereceram investimentos nos 12 anos e os resultados alcançados na pesquisa que beneficiaram os agricultores. A publicação pode ser solicitada à Embrapa: SCS, Q 8, Bloco B, n.º 60, Supercentro 2.000, 4.º andar, s. 440, CP 04-0315, CEP 70-312, Brasília, DF.

Pastagem enriquecida na seca

O Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC) está desenvolvendo pesquisas para evitar que os bovinos percam peso no período seco e uma das mais promissoras pode ser a formação de bancos de proteínas para o enriquecimento da pastagem, já em

final de trabalho. Consistem basicamente em cultivar, ao lado das pastagens nativas ou das cultivadas, piquetes de leguminosas forrageiras, que servirão para enriquecer a dieta dos animais na seca. Nos experimentos, o Centro testou duas espécies de leguminosas para a utilização em bancos de proteínas: a estilosa Bandeirante e a Leucena Cunningham.

Animais alimentados em bancos de proteínas, na proporção de 3 mil m² por cabeça, mantiveram peso na seca e ganharam maior peso proporcionalmente na época chuvosa. Experiências realizadas com fêmeas zebuínas demonstraram que recriadas em pastagem nativa e com livre acesso ao banco de proteínas elas atingiram em 24 meses 300 kg de peso vivo. Já recriadas apenas em pastagem nativa não chegaram a 250 kg com a mesma idade.

Os pesquisadores fizeram estudo também do manejo da alimentação. Na pastagem de estilosa Bandeirante, o banco de proteína foi dividido em três piquetes, aos quais os animais tinham acesso por períodos de 28 dias em cada um. Na leucena, a divisão foi em seis piquetes, nos quais o gado pastejou duas semanas em cada um. Para formar os bancos, os custos podem ser reduzidos, com o cultivo, antes da introdução das leguminosas, de arroz, milho ou feijão. Além de aproveitar a tração, gradeação e a fertilização, a receita com a venda de grãos praticamente amortiza esse investimento.

Houve algum problema com os bancos de proteínas e os pesquisadores já estão estudando a sua remoção. Por exemplo, o estilosa Bandeirante foi atacado por uma larva de um inseto que consumia suas folhas. Outro problema que ainda não se manifestou, mas que pode ocorrer, é a presença do aminoácido mimosina contido na leucena. Esse aminoácido provoca perda de peso e de pelo. Mas essa toxidez não é transmissível ao homem.

Campeonato de Conformação do Cavalo Apaloosa em 1985

Começa no dia 1.º de junho, em Ourinhos, o 1.º Campeonato Nacional de Cavalos de Conformação, quando será realizada a 1.ª etapa da prova. A segunda, será em Ribeirão Preto, SP, no dia 10 de agosto; a terceira, em Uberlândia, MG, no dia 6 de setembro e a última, em Bauri, SP, no dia 16 de novembro. De acordo com o regulamento do campeonato, oficializado pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Apaloosa, o 1.º colocado de cada etapa será o cavalo que atingir 9 pontos, o segundo 6 e o terceiro 4. Será considerado o campeão nacional (machos e fêmeas) o animal que obtiver o maior número de pontos ao longo do campeonato e o reservado (machos e fêmeas), o segundo na soma de pontos. O grande campeão, reservado de grande campeão, os campeões e reservados campeões por categoria de cavalos receberão, além de troféus, prêmios em dinheiro. Só serão aceitas inscrições de cavalos de sócios

da Associação. Maiores informações: av. Francisco Matarazzo, 455, tel.: 262-9479, São Paulo.

Livro sobre direito trabalhista rural

O advogado trabalhista Antenor Pelegrino lançou, pela Editora LTr (r. Jaguaribe, 571, São Paulo), o livro "Trabalho Rural — Orientações Práticas ao Empregador", no qual esmiúça toda a rotina trabalhista rural, imposto de renda nas atividades rurais e os contratos de parceria, arrendamento e empreitada rural. É um guia prático para os agropecuaristas e foi baseada nos levantamentos de exemplos práticos junto aos sindicatos rurais e cooperativas agrícolas. Custa Cr\$ 35 mil. Pode ser pedido por telefone: (011) 67-1101.

Outro livro aborda as obrigações trabalhistas rurais

A mesma editora, lançou a 6.ª edição do livro "Obrigações Trabalhistas do Emprega-

dor Rural e Previdência Social Rural", escrito pela advogada Nilza Peres de Rezende. Escrito em 1971, o livro destina-se a orientar os empregadores rurais na organização do setor trabalhista e previdenciário do pessoal que presta serviços diversos — empregado, parceiros e arrendatários. Além da legislação em si, atualizada sucessivamente, o livro incorpora as jurisprudências dos tribunais trabalhistas. A obra é ilustrada por 45 modelos práticos de casos que ocorrem com frequência e que tornam rotina nas ações trabalhistas rurais, oferecendo, assim, subsídios valiosos aos empregadores rurais no cumprimento exato das obrigações trabalhistas.



Faelq edita calendário de eventos

A Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, ligada à tradicional Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz, editou o catálogo de eventos promovidos por ela, como seminários, simpósios, conferências, encontros e reuniões técnicas. Os programas são estabelecidos juntamente com os diversos departamentos da Esalq/USP para todo o ano de 1985. O catálogo pode ser obtido à av. Carlos Botelho, 1.025, CEP 13.400, Piracicaba, SP, tel.: (0194) 22-6600/22-3491.

EQUIPAMENTOS BRASTEC

CERCA ELETRÔNICA



- econômica e eficiente
- fácil instalação
- para gado, caprinos, suínos, equinos
- protege até 15km: bateria ou 110/220 v

APARELHO ULTRASSÔNICO PARA ELIMINAÇÃO DE RATOS



O aparelho ultrassônico Ex-Ratter fabricado pela BRASTEC é indicado para eliminar ratos e disponível em modelos com capacidade para proteção de áreas de 150. 700 e 1.400 m², operando em tensão de 110/220 v e potência de saída de 12 w, sendo o consumo de 15 w.

BRASTEC COMERCIAL CIENTIFICA LTDA
Rua Nestor Pestana, 30 CJ 43 CEP 01303
Tel.: (011) 231-2513 - São Paulo - Capital
Representantes: Brasília (061) 226-1345
Recife (081) 228-1401

Registro

Congresso de leite em Campinas

O secretário da Agricultura, Nelson Nicolau, fez o lançamento oficial do Congresso Brasileiro de Gado Leiteiro, no dia 26 de março, no Hotel Hilton em São Paulo. O Congresso, que será realizado em Campinas, de 7 a 11 de outubro, discutirá, a nível nacional, todos os aspectos que envolvem a produção de leite e do setor, tirando um documento, posteriormente, com uma pauta mínima, que poderá servir de subsídio ao Governo Federal formular diretrizes básicas de uma política para a pecuária leiteira.

Nicolau considerou oportuna a realização do Congresso. Segundo ele, a pecuária leiteira encontra-se num momento de inflexão e ameaçada de extermínio, em consequência de desestímulo. Segundo ele, a crise do setor tem atingido de forma indiscriminada os pequenos, médios e grandes produtores — projetando sobre a pecuária leiteira uma sombra de dúvidas e incertezas.

De acordo com ele, o pequeno e médio produtor, em razão do baixo preço do leite, não consegue renda sequer para sobrevivência. Responsáveis por parcela expressiva da produção, que alcança quase 80%, os pequenos e médios produtores, impossibilitados de obter rendas com o leite, vêm se obrigando a vender as matrizes para corte. O diâmetro na maioria das vezes tem servido para socorros financeiros imediatos e quem, por opção, está deixando de produzir leite, prefere colocá-lo na poupança, que lhe proporciona maior liquidez.

Os grandes produtores, por sua vez, estão numa situação incômoda: se não arrancam adequadamente as vacas, abatem a produção — reduzindo o potencial do plantel. Se reforçam a alimentação e com isso aumentam a produção de leite, não suportam os altos custos dos insumos. "É incrível que isso esteja acontecendo, lamenta Nicolau. Nicolau diz que os produtores são vítimas sobretudo do preço político do leite — ou seja o

Governo mantém o produto com preço baixo na suposição de que isso beneficia a população de baixa renda. Porém, como lembra o secretário, isso não acontece, já que, a preços atuais, o produto é inacessível a ela. Com isso, explica, a grande beneficiada é a indústria. "Ela tem disponível matéria prima de baixo custo para fabricar derivados do leite e se falta o Governo autoriza a importação do produto em pó", desabafa o secretário.

Nicolau sugeriu que o Governo conceda um subsídio discriminado ao produto, procurando, com isso, tornar o leite acessível à população de baixa renda. O secretário informou que a Secretaria lançou um programa piloto em seis bairros da Grande São Paulo para venda de leite mais barato, por enquanto sem subsídio direto.

Para o programa, a Cooperativa Colaso de Sorocaba está entregando, inicialmente, 12 mil litros de leite/dia para os seis bairros. O leite foi vendido a Cr\$ 600 intencionalmente e a Cr\$ 790 já no mês de abril. Esse preço foi possível ser praticado com a simples redução de dois itens: o transporte e o empacotamento, suprimido desse programa. De acordo com o secretário, a Secretaria investiu Cr\$ 80 milhões na compra de seis containers, instalados nos seis bairros da Grande São Paulo e o Banespa comprou os vasilhames distribuídos às famílias de baixa renda dessas regiões.

A Colaso traz o leite, pasteurizado em sua usina, nos caminhões isotérmicos até esses postos, despejando-o nos containers. O consumidor, pagando atualmente Cr\$ 790 o litro, pega o leite em vasilhame de vidro, a senha para obter o produto. Com isso, foi possível diminuir o preço em Cr\$ 260 — diferença que é gasta com despesas de distribuição no comércio varejista e no empacotamento. Foram beneficiados os moradores de Itapevi, Carapicuíba, Diadema, São Bernardo, Grajaú e Santo André. O projeto é estender o benefício a outros bairros e prevê a distribuição de 100 mil litros até o final do ano. "Se a receptividade

for boa, a intenção é exatamente buscar subsídio, reduzindo ainda mais o preço à população de baixa renda", explica. "Com isso, podemos beneficiar o produtor, estimulando a demanda e o consumo, reduzindo o custo", acrescenta.

O Congresso fará uma discussão ampla sobre esse assunto. Através de painéis e palestras, produtores, consumidores, pesquisadores, extensionistas e zootecnistas discutirão todos os aspectos da produção de leite — da fazenda ao consumo. O Congresso contará com a participação da Secretaria da Agricultura/Cati, Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite (Embrapa), Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz (USP), Faculdade de Engenharia de Alimentos e Agrícolas (Unicap), Prefeitura Municipal de Campinas e Sociedade Brasileira de Zootecnia.

O Congresso será realizado no Centro de Convivência Cultural de Campinas e terá apoio da Socil. Inscrições já estão abertas na Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), tel.: (0194) 22-3491, e na representação da Sociedade Brasileira de Zootecnia em Campinas, tel.: (0192) 41-3900, r. 211.

Painel sobre Marketing Rural

A Associação Brasileira de Marketing Rural promoveu, dia 20 de março, o painel "Mercado Rural 85 — Perspectivas". O evento, realizado no São Paulo Center Hotel, foi um sucesso, contando com maciça participação de líderes rurais, representantes de entidades estatais e da iniciativa privada do setor de insumos. Aberto pelo diretor da Sociedade Rural Brasileira, Fernando Vergueiro, o painel "Mercado Rural 85 — Perspectivas" contou com a presença de Nelson Antunes, presidente do Sindicato Nacional de Insumos Animais, Cláudio Ferreira Braga, da Associação Nacional dos Fabricantes de Rações, Ivan Wedekin, da Asso-

ciação Brasileira de Marketing Rural, Franco La Villa, da Associação dos Produtores de Sementes e Victor André Aggollo Ferrão Neto, da Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo.

Aumenta venda de adubos

Após três anos consecutivos em declínio, o consumo de fertilizantes apresentou, em 1984, aumento de 12% em relação ao ano anterior — número, no entanto, aquém do patamar alcançado em 1980, quando foram consumidas 3,4 milhões de toneladas apenas de nutrientes NPK. Essa recuperação foi provocada, na opinião do presidente do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas, Wilson Armelin, pela recomposição do poder de troca de produtos agrícolas em relação aos insumos, ocorrida a partir de meados de 1983.

Houve, com o aumento do consumo de fertilizantes, o crescimento da utilização desse insumo moderno pelos agricultores em 1984, que passou de 50 kg/ha em 1983 para 61 kg/ha no ano passado — número que deixa transparecer, segundo Armelin, que o agricultor, quando a situação local é favorável, procure melhorar o índice de produtividade por área mediante o emprego de tecnologias modernas. Esse fato fica evidente, explica ele, quando se compara o emprego de fertilizantes por cultura: as que mais empregam esse insumo moderno são exatamente as que apresentam garantia de comercialização e preços justos em contrapartida com se de maior risco quanto à comercialização e à remuneração justa, cujo consumo é inadequado. "Isso gera um círculo vicioso: a cultura mais rentável tem recebido maior fornecimento de insumos, melhorando, com isso, o índice de produtividade por área. Com o aumento da produtividade por área, os custos, embora maiores, acabam se diluindo pelo volume produzido. Na outra ponta, o agricultor que dedica-se à cultura pouco estimulada, como a voltada para o

Registro

mercado interno, fica impossibilitada de investir. Com isso, a produtividade por área cai. Soma-se assim a baixa remuneração à baixa produtividade, resultando no desestímulo do agricultor desse segmento", analisa Armelin.

Trabalho sobre ração

A Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (Anfar) apresentou, no dia 10 de abril último, às 11 horas, no Hilton Hotel, em São Paulo, o trabalho "Ração é a Solução". O presidente da Anfar, sr. Thor Haaland, deu uma entrevista coletiva após a apresentação do trabalho, falando sobre o setor de rações. Durante a entrevista, fez uma explanação sobre o desenvolvimento tecnológico alcançado pelas indústrias de rações — um feito, segundo ele, pouco conhecido do grande público.

Provas Funcionais para Cavalo Mangalarga Marchador em Varginha

Os irmãos Arnaldo Bothrel Reis e Daniel Bothrel Reis, montando os animais "Galã das Esmeraldas" e "Gabarito da P. Tábuas", venceram, no dia 10 de fevereiro, a 2.ª etapa do Campeonato Brasileiro de Provas Funcionais para Cavalos da raça Mangalarga Marchador, realizado em Varginha, MG, que reuniu 28 participantes.

A primeira etapa do campeonato foi realizada em Barra do Piraí, RJ, com participação de 29 conjuntos, no dia 25 de dezembro. Nessa competição, classificaram-se em primeiro lugar Pedro Werneck, montando o cavalo "Herói de Santa Cruz" e Marcos Barbieri, com "Caxambu Maringá", em segundo.

IA melhora a pecuária da Palotina

O programa de incentivo à melhoria da exploração da pe-

cuária, mediante uso de Inseminação Artificial, promovido pela Cooperativa Agrícola Vale do Piqueri (Coopervale), de Palotina, PR, está trazendo resultados surpreendentes: está havendo uma melhora sensível no índice de natalidade e na eficiência de ganho de peso. Os produtores estão sendo conscientizados a introduzirem material genético de alto valor zootécnico sobre o seu rebanho, constituído quase sempre de animais sem raças e de baixa velocidade de ganho de peso. Com a introdução da inseminação artificial, os produtores estão fazendo a cobertura das vacas comuns com sêmen de ótimos touros. Como a maioria é de pequenos produtores, a quem o acesso a material genético ótimo era praticamente impossível, tornando a sua exploração ineficiente, a novidade está sendo bem recebida e está tendo ótima receptividade. Um dos mais entusiasmados com a IA é o agricultor Nédio A. Dassi: a primeira vaca sem raça definida coberta com o sêmen do touro Cacique, da raça Santa Gertrudes e de excelente valor zootécnico, produziu um casal de gêmeos meio sangue, um fato raro. Além do nascimento das duas crias, ele está entusiasmado com a velocidade no ganho de peso do meio-sangue.

Incentivos às indústrias leiteiras de Minas

O Governo de Minas lançou um programa de modernização das indústrias de laticínios do Estado. De acordo com a justificativa do Governo, o perfil da indústria de laticínios de Minas apresenta nível insatisfatório do aproveitamento do leite, provocando perdas industriais elevadas em razão de procedimentos de fabricação inadequados, tornando os custos operacionais elevados e oferecendo produtos de baixa qualidade, perdendo, com isso, a competitividade no mercado.

O programa visa exatamente melhorar essa situação, mediante a ampliação e modernização industrial, aprimora-

mento tecnológico das indústrias, melhoramento do aproveitamento do subproduto de laticínios, como soro de queijo e leiteiro; dimensionamento mais adequado da produção do laticínio, racionalização da fabricação de queijos e derivados e reduzindo custos de produção, tornando os produtos mais competitivos no mercado.

O programa dará apoio financeiro a projetos de implantação, expansão, realocização e reforço de capital de giro das empresas beneficiárias. Nas operações de investimentos, serão cobrados juros de 5% na área da Sudene e 7% nas demais regiões do Estado, mais correção monetária. Nas operações de capital de giro, os juros serão de 6,5% na área da Sudene e 8,5% nas demais regiões.

Na área da Sudene, serão garantidos 80% dos recursos de investimentos e nas demais 70%. Os projetos financiados receberão assistência técnica durante o período de vigência do contrato. O programa foi lançado com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), repassados ao Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). A assistência técnica será fornecida pela Epamig e Instituto de Laticínios Cândido Tostes.

Leite a granel vendido mais barato

Desde o início de abril, a Secretaria da Agricultura está

distribuindo 12 mil litros de leite a granel à população de baixa renda dos municípios de São Bernardo do Campo, Granja, Carapicuíba e Itapevi. O leite pasteurizado pela Cooperativa de Laticínios de Sorocaba (Colaso) é trazido em caminhões-tanques e distribuído em pontos pré-fixados. Ali, o leite é despejado em container. E cada família, através de um tiquê, leva um litro de leite, cujo vasilhame foi fornecido pelo Banespa. O leite é vendido 30% mais barato do que o ensacado. Não há subsídio: a economia é conseguida com a eliminação dos custos de empacotamento e do transporte. A Secretaria pretende atingir, com esse programa, 80 mil litros de leite até o final do ano.

Programa sobre Agrotóxicos

A Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo lançou o "Programa de Racionalização do Uso de Agrotóxicos". Com esse programa, a Secretaria quer fazer um trabalho de reciclagem do seu pessoal e levar, até os agricultores, os esclarecimentos sobre as leis que regulam a fabricação, comercialização e uso de agrotóxicos. O objetivo é convencer os produtores a fazerem uso racional dos agrotóxicos e também dar alternativa de técnicas que permitam uso adequado de defensivos, sem causar danos ao meio ambiente e evitar acidentes.



O Governador Franco Montoro e o Secretário da Agricultura Nelson Nicolau no dia do lançamento do programa de distribuição de leite mais barato.



O GERTRUDISTA

Informe especial da Associação Brasileira de Santa Gertrudis

Av. Francisco Matarazzo, 455 — Água Branca — Fones: 263-1825, 263-0794 e 263-3876 - São Paulo - SP

XXV EXPOSIÇÃO DE LONDRINA

Em sua 25.ª edição, a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, realizada de 12 à 21 de abril, contou pela primeira vez com a participação do gado Santa Gertrudis. O interesse despertado entre os pecuaristas da região trouxe novos associados e incentivou a compra de exemplares da raça. Devido aos excelentes resultados, já está praticamente assegurada a participação em 1986.

O julgamento dos animais, realizado no dia 19 esteve a cargo do Dr. Clayton Emerim Marques. Neste mesmo dia a Associação Brasileira de Santa Gertrudis ofereceu um coquetel que contou com a participação de aproximadamente cem criadores dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Nesta confraternização, o diretor regional do Paraná, Antonio Gonçalves Fernandes Sobrinho, conduziu a cerimônia de entrega dos prêmios aos animais classificados no julgamento.

As 20:00h foi iniciado o leilão que além de ter proporcionado bons resultados comerciais teve como saldo positivo o fato de 8 pecuaristas terem adquirido pela primeira vez animais da raça Santa Gertrudis. A média dos animais comercializados ficou assim distribuída: M1 — Cr\$ 1.350.000, M2 — Cr\$ 1.600.000.

RESULTADOS

Campeã Bezerra:

485 Katia
Wladimir Alvares de Mello

Campeã Novilha Menor:

FS-303-866 Felicidade
Wladimir Alvares de Mello

Campeã Novilha Maior:

42/3 — King Ranch do Brasil S/A
Agro-Pastoril

Campeã Vaca Jovem:

FS-303-738 Barbariana
Wladimir Alvares de Mello

Campeã Vaca Adulta:

FS-218-232 Grandiosa
Wladimir Alvares de Mello

Grande Campeã:

FS-218-232 Grandiosa

Wladimir Alvares de Mello

Campeão Bezerro:

479-Homero
Wladimir Alvares de Mello

Campeão Junior:

TS-218-460-Nero
Wladimir Alvares de Mello

Campeão Sênior:

TS-200-243 Gavião
Ipê Agro-Avícola Ltda.

Grande Campeão:

TS-200-243 Gavião
Ipê Agro-Avícola Ltda.

1.º prêmio Progenie de Pai:

Produtos de TS-582-3587 Bravo
Wladimir Alvares de Mello

1.º prêmio Progenie de Mãe:

Produtos de FS-218-109
Wladimir Alvares de Mello

SANTA GERTRUDIS

A Raça Ideal para a América Latina

O cruzamento de um animal de sangue Shorthorn com um de origem Zebu trouxe uma progênie que somava a resistência e adaptabilidade ao meio hostil do gado indiano e a precocidade e boa qualidade de carne das raças européias. Estas são, em base, as principais características do gado Santa Gertrudis, que desde 1940, quando foi reconhecido pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, tem disseminado a capacidade de produção de carne de alta qualidade, de forma lucrativa.

Os Santa Gertrudis têm parições fáceis e as vacas são ótimas mães. A raça destaca-se por sua longa vida produtiva: uma vaca Santa Gertrudis produz normalmente 10 ou mais bezerros durante sua vida útil.

Os exemplares desta raça são encontrados hoje em quase todos os

continentes pois além da resistência ao meio hostil o Santa Gertrudis é capaz de produzir bem em climas quentes, úmidos ou áridos e onde os pastos são escassos.

A capacidade de conversão do gado Santa Gertrudis tem sido confirmada em inúmeras provas, e o ganho de peso é a característica mais hereditária. A carcaça do novilho Santa Gertrudis fornece carne vermelha e magra, com um mínimo de gordura inaproveitável e um mar-morizado excelente.

A classificação do gado puro sangue Santa Gertrudis foi iniciada desde as origens da raça, nenhuma outra raça tem mantido controles de qualidade tão rigorosos quanto os exigidos pela Associação de Santa Gertrudis em seus processos de classificação.

I CONCURSO LEILÃO NOVIHAS CATEGORIA ESPECIAL SANTA GERTRUDIS

O Rancho CLS — Manduri — SP, realizará no dia 29 de junho, a partir das 9:00 horas, o Primeiro Concurso Leilão Novilhas Categoria Especial Santa Gertrudis que reunirá fêmeas de todo país que serão julgadas com bezerro ao pé. A programação inclui além do julgamento, leilão das fêmeas concursadas e animais de renomados plantéis SG, e leilão de potros e potranças mestiços Quarto de Milha. O evento é patrocinado pela Bayer do Brasil e conta com o apoio da Associação Brasileira de Santa Gertrudis. Maiores informações pelos telefones: (011) 61-1912 e 263-1825 - ABSG.

Como participar do Serviço de Controle Leiteiro

Méd. Vet. FIDELIS ALVES NETTO
SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

O Serviço de Controle Leiteiro há muito vem enfrentando uma dificuldade representada pela falta de um regulamento impresso do qual todos tomem conhecimento e procurem cumprir. Isso ocorre por alterações propostas e que dependem de aprovação oficial, retardando indefinidamente a indispensável impressão.

Apesar disso o regulamento existe e é do conhecimento dos responsáveis por sua execução e para evitar mais dificuldades resolveu-se preparar as recomendações que seguem para que se definam certos mal entendidos e se utilize melhor o Controle Leiteiro.

O que segue não é o regulamento do Serviço de Controle Leiteiro, mas sim instruções e comentários para a sua boa execução e aproveitamento.

A — Generalidades

1 — Inscrito seu rebanho no Serviço de Controle Leiteiro você já sabe que deverá receber a visita mensal do controlador da A.B.C., o que será em dias fixos do mês, apenas com variações quanto a sábados, domingos ou feriados.

2 — Fundamental para o controle é providenciar elementos para identificação das vacas inscritas. O preferível é manter disponível para o controlador um xerox de cada certificado, evitando-se assim que o original seja prejudicado com o trabalho no estábulo e o manuseio indispensável.

3 — Outra providência que se impõe é manter os registros da vida do gado em dia, como parições,aios, coberturas, abortos, sexo do produto, etc.

O que vai possibilitar a realização do controle de reprodução que acompanha o Controle Leiteiro.

4 — O registro dos gastos e movimento financeiro da fazenda, na parte referente a produção de leite, permitirá que o custo do leite seja estimado junto com o Controle Leiteiro.

5 — Facilitando e fornecendo ao controlador com o máximo de rigor possível, o arrastamento adotado, indicando a qualidade e o volume de cada forrageira e alimento fornecido, possibilitará o controlador remeter com segurança os dados necessários ao computador para que ele forneça recomendações adequadas.

B — Ordenha

6 — O controlador é instruído para assumir a chefia da ordenha no dia de controle. Para isso solicita-se que os horários sejam bem marcados e respeitados, se evite a presença de pessoas estranhas nos locais de ordenha nas horas de trabalho e que não se permita tirar leite para beber, no estábulo, das vacas em controle antes de feita a pesagem do leite e colhida amostra.

7 — Os intervalos entre ordenhas para possibilidade de execução de controle leiteiro estão limitadas dentro do habitual a saber: 1) no caso de duas ordenhas não pode exceder de 16 horas entre uma e outra ordenha; 2) quando são realizadas três ordenhas o intervalo máximo é de 10 horas.

8 — A ordem em que as vacas são ordenhadas no esgotamento deve ser rigorosamente respeitada na última ordenha de controle e esta exigência é natural, pois o que se deseja é saber a quantidade de leite produzido em 24 horas.

9 — Quando adotada a ordenha mecânica com circuito fechado, o recipiente de medição do leite deve estar sempre bem instalado e em nível para evitar dúvidas.

C — Análise de Gordura

10 — O controle leiteiro é quantitativo e qualitativo. Assim, a prova de gordura é fundamental no dia do controle. Em breve também se dosará a proteína. É com a produção de gordura que se faz a classi-

ficação em Livro de Mérito, Livro de Escol e chegar-se-á a Reprodutora Emérita. Por isso pede-se que sejam facilitados os trabalhos de coleta de amostra para análise de gordura. O criador é solicitado a comunicar a chefia do Serviço de Controle Leiteiro qualquer irregularidade que observe nesse aspecto.

11 — Procura-se presentemente realizar as análises de gordura nos laboratórios dos estabelecimentos de laticínios mais próximos, onde as condições de trabalho seguramente são melhores do que os laboratórios improvisados no campo. Por essa razão pede-se aos Srs. criadores que interfiram quando necessário para que isso seja conseguido. O serviço de inspeção do Ministério da Agricultura foi solicitado a colaborar já que o controle leiteiro é uma das tarefas do Ministério da Agricultura e que o atribuiu às Associações de Criadores.

D — Condução das Lactações

12 — Os controles sendo mensais permitem uma boa avaliação da lactação. No caso de doença no dia do controle uma vaca pode deixar de ser controlada mas isso resultará numa falha em sua ficha de lactação e a prejudicará no caso de estabelecer alguma produção máxima. Isto pode acontecer até duas vezes durante a lactação mas não beneficiará a vaca.

13 — Não controlar uma vaca nos primeiros dias da lactação — só depois do sexto dia — porque ainda não atingiu sua máxima capacidade, pode prejudicá-la no cálculo final da lactação quando nos últimos controles a produção for menor, influenciando na média dos controles.

14 — Lactação com menos de três controles regulares, não é fechada, por isso deve ser evitado de toda maneira.

15 — Sabendo-se com segurança as datas e motivos de retirada da

ÁGUA

&

ENERGIA DE GRAÇA

SOLUÇÕES PARA O ABASTECIMENTO



RESERVATÓRIO DE ÁGUA

AGROMETAL

Indústria metalúrgica Ltda

Rua Daniel Antonio de Freitas, 3045

O Industrial - Fone (011) 23 8483

16100 - São José do Rio Preto - SP

vacas do controle, será possível manter melhores registros das lactações, em benefício do rendimento de cada vaca.

16 — Ao incluir uma novilha ou uma vaca no controle é difícil prever o futuro que a espera. A experiência de quem acompanha o Controle Leiteiro desde o início é a de que só as vacas definem como vão fechar suas lactações.

17 — Sempre que uma vaca registra uma nova lactação ela é somada com a ou as anteriores. Nunca se sabe onde isso vai parar pois a produção em vida é o fundamental para a vaca leiteira.

Assim, não se deve desprezar as lactações das novilhas por que nem sempre são brilhantes e às vezes uma lactação modesta no início da vida, não controlada, pode fazer falta num registro de produções somadas em vida.

E — Não realização de controle. Perda de amostra

18 — Nos casos de impedimento de realização do controle, por ocasião da visita do controlador, este é instruído para registrar no relatório os motivos que impedem a realização do controle e obtendo, se possível, a confirmação do criador e entregando no ato cópia do que ficou registrado.

19 — O aparecimento de surto de febre aftosa ou outra doença transmissível que atinge todo rebanho deve ser imediatamente comunicado ao controlador afim de evitar uma visita inútil.

20 — Quando for perdida por acidente ou outra causa a produção de uma ordenha, de uma vaca, o controle deve ser recomeçado. No caso de perda de amostra para análise de gordura é feita a compensação aproveitando-se o resultado de análise feita em data mais próxima, porém isto pode ocorrer só uma vez numa lactação e prejudicará todo controle de uma vaca se isso se repetir.

21 — Quando por ocasião do controle uma ou mais vacas estiverem em exposição ou outro evento, o criador poderá solicitar um controle extra para as mesmas, caso julgue necessário.

F — Teste de Progênie

22 — A maneira mais segura de se identificar a capacidade de transmissão de qualidades leiteiras de um reprodutor é conhecendo as produções de suas filhas. Como num teste de progênie só se tem informações após 5 anos, compreende-se que todas novilhas em sua primeira lactação precisam ser controladas para que se possa avaliar a capacidade de seus pais enquanto ainda vivos e com limitado tempo de armazenagem de seu sêmen. O Teste de Progênie é hoje complemento e uma das principais finalidades do Controle Leiteiro.

G — Despesas

23 — A direção do Serviço de Controle Leiteiro procura localizar controladores, tão próximo quanto possível dos rebanhos a controlar, afim de evitar maiores despesas de viagem. Por isso pede-se prestigiar seu trabalho para que o regulamento do Serviço de Controle Leiteiro seja rigorosamente cumprido.

24 — Correm por conta do criador interessado no Controle Leiteiro de seu rebanho as despesas de viagem (passagem ou quilometragem), estadia e alimentação. Quando a propriedade não tem condição para fornecer estadia e alimentação adequada, os controladores são instruídos a procurá-las em localidades próximas ou em sua residência e neste caso correndo as despesas por conta dos criadores. Tratando-se de auxiliares escolhidos e treinados para esta função, a direção do Serviço de Controle Leiteiro pede que sejam diminuídas e compensadas, dentro do possível, as naturais dificuldades desta tarefa.

25 — Para que o controlador possa bem executar seu serviço, sem precipitações, ele tem o limite de 100 vacas a controlar por dia, devendo fazer a ordenha de esgotamento do 2.º lote juntamente com a última do 1.º lote.

* No próximo número, a Revista dos Criadores publica o "Manual do Controlador", um roteiro de orientação aos controladores elaborado pelo chefe do Serviço de Controle Leiteiro da ABC, o médico-veterinário Dr. Fidélio Alves Netto.



O que vai pelo controle leiteiro

706 lactações encerradas em fevereiro

WALTER C. BATTISTON

Dentre as 706 lactações encerradas em Fevereiro, 567 (80,3%) pertencem a animais da Raça Holandesa, 31 (4,4%) à Raça Pardo Suíço, 40 (5,6%) à Raça Jersey, 45 (6,4%) à Raça Gir e as demais às raças Guernsey (8), Nelore (2) e aos "cruzados" (21). Alcançaram, porém, as "marcas" para publicação na Revista dos Criadores, somente 121 bovinos.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Somam a 457 as lactações dos animais dessa raça, o que corresponde a 64,7% do total controlado e a mais de 80% da raça Holandesa. Apresentaram-se em Livro de Escol (LE) 43 vacas (6,1% e outras 57 inscreveram-se em Livro de Mérito (8,1%).

Entre os animais que alcançaram a média da raça, vários tiveram ótimas produções, como as que se seguem:

A.F. FORTALEZA TAIFA, 4 anos e 5 meses, LE, com 8.308 kg de leite e 271,2 kg de gordura em 305 dias;

SOMMER HOF STARBURCK, 3 anos e 3 meses, LE, com 8.174 kg de leite e 237,0 kg de gordura em 305 dias;

A.F. FORTALEZA TURISTA, 4 anos e 4 meses, LM, com 10.499 kg de leite e 332,4 kg de gordura em 365 dias;

C.R. DEBIE MARION MARQUIS ACCNIS, 7 anos e 8 meses, LM, 11.407 kg de leite e 396,9 kg de gordura em 351 dias;

REGINA GAY NINHADA DO PAU D'ALHO, 5 anos e 11 meses, LM, 10.233 kg de leite e 263,5 kg de gordura em 312 dias;

C.R. GENY CINDERELA ADONIS, 4 anos e 8 meses, LM, 9.929 kg de leite e 320,0 kg de gordura em 322 dias;

HUMLERTA CONDE SORAIS, 7 anos, LM, 9.988 kg de leite e 323,6 kg de gordura em 355 dias;

FHFB DELSIVER ASTRO VIGO, 2 anos e 10 meses, LM, 7.200 kg de leite e 220,7 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Os 110 exemplares "vermelhos" representam 15,5% do total controlado e quase 20% da raça e foram bem representados pelos 6 que se inscreveram em Livro de Escol e os 12 em Livro de Mérito (LM) além

de outros que tiveram excelentes produções. Chamaram-nos a atenção os seguintes animais:

CORONA ACAUANA JASPER, 4 anos e 4 meses, LE, 7.307 kg de leite e 241,7 kg de gordura em 305 dias;

ALBERTINA'S DMR, 2 anos e 1 mês, 7.389 kg de leite e 236,0 kg de gordura em 365 dias;

C. MARONDAKE MARQ JILL, 6 anos e 5 meses, 9.301 kg de leite e 285,5 kg de gordura em 359 dias; e

SUNNY-SU MILLY MAPLELAWN, 5 anos e 4 meses, LM, 8.735 kg de leite e 267,5 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA GIR

No lote de 45 animais que alcançaram a média da raça, entre os 45 que encerraram a lactação em Fevereiro, 2 vacas obtiveram Livro de Mérito (LM), ambas de Kenia Agrícola e Pecuária, a melhor das quais foi REALEZA-C-1261, com 7 anos e 9 meses, 3.677 kg de leite e 188,4 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA PARDO SUÍÇA

Como dissemos, 31 "suíças" encerraram a lactação, sendo que 16

ultrapassaram a média da raça, sendo 3 em LE e 7 em LM; dentre essas, destacaram-se:

CORONA IZA MEDALIST, 6 anos e 1 mês, LE, 7.401 kg e 247,8 kg em 293 dias;

CORONA ROSIMIERE MEDALIST, 7 anos e 1 mês, LM, 8.847 kg e 318,2 kg em 365;

CORONA BERLINDA, 8 anos e 2 meses, LM, 8.087 kg e 276,0 kg em 313 dias.

RAÇA JERSEY

Foram 40 os representantes dessa raça inglesa, mas só 5 vacas mereceram a publicação, e entre elas, 1 obteve LE e 3 LM, todas de José R. Bertagnolli. Destacaram-se as seguintes produções:

HORKESLEY WILLIAM'S GOL-DEAP, 11 anos e meio, LM, 5.493 kg e 295,4 kg em 365 dias.

BELL CITY PURLIE ASM LANA, 5 anos, 5.279 kg e 225,6 kg, LM em 323 dias.

RAÇA GUERNSEY

Todos os 8 representantes dessa raça pertencem ao Dr. Custódio de Almeida, único criador no Estado do

Rio de Janeiro que submete os animais ao Serviço de Controle Leiteiro da ABC. Entretanto, nenhuma vaca ultrapassou a média da raça e por esse motivo não serão comentadas.

RAÇA NELORE

Havia 3 exemplares dessa raça zebrina que encerraram o controle em Fevereiro, mas não alcançando o índice necessário, não serão publicados neste comentário.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

O autor, que executou os trabalhos de campo com quase todos os "cruzados" registrados, chama a atenção dos Srs. criadores para que não confundam o chamado "girolando" com aqueles animais incluídos no Plano de Cruzamento Dirigido-PROCRUZA, que foi delegado à ABC pelo Ministério da Agricultura e responsável pela execução das provas zootécnicas e os registros genealógicos. Poucos são os criadores que colocaram os bovinos "registrados" em controle e muitos são aqueles que não têm controle oficial da produção de leite de seus "cruzados", sem que os incluam no PRO-

CRUZA. Seja como for, o maior mérito estará entre aqueles que têm cobertura oficial dos seus registros e controles, como é o caso do Dr. PAULO DE THARSO BITTENCOURT, com seu rebanho totalmente inscrito na ABC.

Esse criador vem de há vários anos registrando e submetendo ao controle leiteiro oficial seus produtos oriundos do acasalamento entre a Raça Holandesa e a Raça Gir, com ótimos resultados, como aqueles que aparecem no encerramento de Fevereiro.

Entre eles, destacaram-se: o "meio-sangue":

PTB ARAÇATUBA, 4 anos e 5 meses, 3.495 kg de leite e 142,6 kg de gordura em 320 dias; e

PTB ITATIBA, 7 anos e 9 meses, LM, 4.549 kg de leite e 169,5 kg de gordura em 328 dias.

Cutro criador que mantém exemplares em controle oficial é o Dr. Rubens Resende Peres, que apresentou entre outros dois animais com LM:

CERVEJA, 5.335 kg de leite e 224,9 kg de gordura, LM em 365 dias; e

BAETA DE BRASÍLIA, 6 anos e 2 meses, LM, 5.265 kg de leite e 237,3 kg de gordura em 365 dias.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



**ACLARAMENTO DE
TABAPUÃ**
842 kg aos 36 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ:

Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã,
Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Culabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

Serviço de Controle Leiteiro

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade preta e branca								
...rês Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos. Cama Delícia Pitua Júpiter-B/71074	PO	2-5	76729	305	5.368	179,5	3,32	Faz.S.Ma.Poço Ag.Past.Lda
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Fosse Quintina Opala M.Chief-B/67850	PO	3-3	76356	305	6.015	193,7	3,03	Faz.S.Ma.Poço Ag.Past.Lda
AP.Fortaleza Arena-B/68050	PO	3-0	74602	283	5.824	193,9	3,31	Fazenda Fortaleza Lda
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. SP.Fortaleza Taífa - B/60462	PO	4-5	69979	305	8.305	271,2-1E	3,25	Fazenda Fortaleza Lda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Fosse Clara Tolota Tipy - B/57670	PO	5-4	66916	299	7.741	234,0	3,02	Faz.S.Ma.Poço Ag.Past.Lda
AP.Fortaleza Opala - B/57416	PO	5-3	67473	305	7.559	245,7	3,19	Fazenda Fortaleza Lda
AP.Fortaleza Ordina - B/44066	PO	8-4	52032	305	7.595	262,6	3,45	Fazenda Fortaleza Lda
AP.Fortaleza Palatina - B/46292	PO	7-9	53728	289	7.430	286,1-1E	3,81	Fazenda Fortaleza Lda
Gr. Botolph - do Rancho Ita-SP/102181	OC3	6-10	60429	280	7.284	227,7	3,12	Lázaro de Mello Brandão
...rês Ordenhas (2x)								
CLASSE A2 - até 2 1/2 anos. Boca Orlândia - SP/163911	15/16	2-5	78274	305	5.279	194,9-1E	3,69	João Mário Marques Netto
CLASSE B2 - de 2 1/2 a 3 anos. Fazenda Astronaut Ilsemer-B/71274	PO	2-7	76726	296	6.709	196,6-1E	2,93	Donald Gruber
CLASSE C2 - de 3 a 3 1/2 anos. Boca - B/71274	PO	3-3	74130	305	8.174	237,0-1E	2,90	Donald Gruber
Donatário Júpiter Dourado-B/67401	PO	3-4	74408	305	6.772	218,9-1E	3,23	Donald Gruber
Do-Donatário John Surprise-B/66987	PO	3-1	74129	305	6.069	202,1-1E	3,11	Donald Gruber
B.V. Dolevel - Hlstone-B/47172	PO	3-5	78539	305	5.929	214,9-1E	3,60	Wílio Moreira Sales
CLASSE B3 - de 3 1/2 a 4 anos. Núcleo Servo - SP/151555	OC3	3-11	78671	305	6.490	230,4-1E	3,53	Maria Lucia Ferreira S.Olas
Valência AG - SP/150894	OC1	3-10	72802	276	6.314	245,7-1E	3,89	Simentes Agropec. S/A
Murphy - B/150894	OC1	3-9	78856	291	5.830	182,5	3,13	Fazenda Simentes Lda
CLASSE C3 - de 4 a 4 1/2 anos. Boca - B/150894	PO	4-0	72473	305	6.441	203,3	3,14	Pecúria Arduana Lda
Gr. Camarão - B/150894	OC2	4-5	78654	296	6.423	160,5	2,49	H.Rodrigo Chertansky
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Entrada da Truta - B/SP/16006	OC1	6-6	63632	297	7.835	220,5	2,81	H.Rodrigo Chertansky
Donatário Júpiter - B/56157	PO	5-10	78692	305	7.558	258,3-1E	3,43	Belandino da Anomalia
Capanga - B/177926	11/32	5-0	78799	284	6.512	194,7	2,99	João Vitor Pereira
Capanga - B/155449	15/16	6-8	79187	264	6.293	194,1	3,06	João Vitor Pereira
Capanga - B/134559	OC1	5-4	73013	305	6.213	243,0-1E	3,85	Fazenda Simentes Lda
Gr. Servo - B/134559	PO	8-5	52386	303	6.235	193,7	3,09	Pecúria Arduana Lda
Gr. Servo - B/44093	PO	8-5	52386	303	6.235	193,7	3,09	Pecúria Arduana Lda
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca								
...rês Ordenhas (2x)								
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Cama Amélia Jasper - B/6564	PO	4-4	69888	305	7.307	241,7-1E	3,29	Amilcar Faria Yasin
Cama Jasper - B/6572	PO	4-0	71569	305	6.369	204,1	3,19	Amilcar Faria Yasin
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos. Cama Amélia Jasper - B/6161	PO	4-9	69450	291	6.891	223,2-1E	3,22	Amilcar Faria Yasin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Albertina - B/12421	PO	6-6	68845	268	6.414	219,6	3,42	Agrie. e Past. Sta. Cruz S/A
Gr. Albertina - B/12421	GRB	5-7	64537	305	6.169	189,0	3,04	Pedro Conde
...rês Ordenhas (2x)								
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos. Cama Amélia Jasper - B/157312	OC1	3-2	78546	305	5.524	198,1-1E	3,58	João Vitor Pereira
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos. Cama Amélia Jasper - B/157314	OC1	3-7	73532	305	6.811	223,4-1E	3,29	João Vitor Pereira
CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos. Cama Amélia Jasper - B/147422	OC1	4-8	68567	305	6.060	207,4-1E	3,42	João Vitor Pereira
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Cama Amélia Jasper - B/147422	11/32	9-0	50871	305	6.331	194,7	3,06	Agrie. e Past. Sta. Cruz S/A
Gr. Amélia Jasper - B/147422	PO	6-8	60404	305	5.979	191,6	3,18	Valério S.Oliveira & Irmão
Gr. Amélia Jasper - B/147422	PO	9-3	54990	305	5.914	215,3-1E	3,62	João Vitor Pereira

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Jersey								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos. Luiza Tifle do Butil - 16617-C	PO	2-4	78494	305	3.367	155,7-LE	4,62	Jonê Ronald Bertagnolli
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Camilo Facasseter do Butil-14363-C	PO	6-3	73613	305	4.114	185,7	4,51	Jonê Ronald Bertagnolli
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. Corona Inglesa Harry - 7113	PO	4-6	69459	285	5.662	185,9	3,26	Amilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Corona Iza Medalist - 6441	PO	6-1	64522	293	7.401	247,8-LE	3,34	Amilcar Farid Yamin
Corona Flávia Harry - 6812	PO	5-6	70200	305	5.667	191,5	3,37	Amilcar Farid Yamin
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos. Santo Isidoro Delina - 207634	PO	3-8	78448	305	4.954	173,8-LE	3,49	Agro.Pec.e H.S.Isidoro Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Lira B911-84 Arth - 206821	PO	13-8	78450	305	5.185	174,6-LE	3,36	Agro.Pec.e H.S.Isidoro Ltda
Raça Gir								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. Estrela do Brasil - 7-8918	BE	3-10	80161	251	2.067	97,1	4,65	Rubens Rosende Feres
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Tucada - 5-2659	BE	8-7	64195	257	2.078	87,9	4,18	João Lucio R. e Outros.
Cruzamento Dirigido								
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos. P.T.R. Açai - 22957	HI	4-4	79289	284	3.337	132,9	3,98	Paulo de Thereso Bittencourt

II DIVISÃO — ATÉ 365 DIAS

Raça Holandesa — variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE AI - de 2 1/2 a 3 anos. S.O. Anita Milestone-38/3/52819	PO	2-8	79348	316	6.896	232,4-IM	3,37	Arnaldo Mendes de Oliveira
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. J.P.S. Olimpia - 3/64998	PO	3-8	74520	360	7.554	247,5-IM	3,27	João Peixoto Rocha
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos. AP. Fortaleza Varista - 3/62157	PO	4-3	70633	365	10.499	332,4-IM	3,15	Fazenda Fortaleza Ltda
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. C.F. Gery Clindere Adonia - 3/58473	PO	4-8	70138	322	9.929	320,0-IM	3,22	Cláudio Venâncio Roberti
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. C.S. Dennis Maria Marquis Adonia	PO	7-8	55597	351	11.407	396,9-IM	3,47	Cláudio Venâncio Roberti
Bolteria Santa Esperança - 3P/110210	POCO	7-5	65860	365	9.581	304,1-IM	3,16	Lázaro de Mello Brandão
W. Santa Esperança - 3P/94078	POCO	8-1	60782	320	8.763	264,8	3,01	Lázaro de Mello Brandão
AP. Fortaleza Maria - 3/10126	PO	10-9	42877	365	8.322	284,5-IM	3,41	Fazenda Fortaleza Ltda
J.P. Roberto Elevation Andra-3/43348	PO	9-7	49632	277	7.698	248,0	3,20	João Peixoto Rocha
Oak Ridge Rosalie - 3/38336	PO	9-9	46620	365	7.696	233,7	3,03	Luiz Augusto Sacchi
J.P.R. Madeline - 3/53164	PO	6-2	61393	270	7.561	247,9	3,27	João Peixoto Rocha
J.P.R. Lotema - 3/50375	PO	6-9	60236	246	7.516	228,6	3,02	João Peixoto Rocha
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE AI - até 2 1/2 anos. Baita V de Shoffer - 3P/311992	PO	2-3	78963	365	6.373	230,9-IM	3,44	João Peixoto Rocha
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. FERN. Balisever Astro Vigi - 3/71481	PO	2-10	79113	365	7.223	227,0-IM	3,13	Guilherme Walter S. Caldas
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos. GE. FINE. Robin Hise - 3/66989	PO	3-3	74929	321	6.928	218,0-IM	3,14	Donald Graber
Atacante Macaço - 3P/159474	QD1	3-0	78900	365	6.610	194,0-IM	2,93	João Antonio S. Neto e Filhos
Silviana Milestone Delina-3/7027990	QD1	3-4	79149	346	6.581	214,6-IM	3,24	Gabriel e Sérgio Simão
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos. Teresa Giltes Beposta P.O. Alho-3P/17357	QD1	3-8	75201	348	8.682	312,6-IM	3,60	Jacob Rosier Dutill
FR. Italia Chico - 3/63844	PO	3-9	73684	365	7.927	260,9-IM	3,29	Guilherme Walter S. Caldas
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos. Caldas Apollo Super Marquise-3P/60891	PO	4-3	74566	344	8.049	256,2-IM	3,18	Guilherme Walter S. Caldas
Lea First Milton ME - 3P/153528	QD1	4-5	74503	345	7.163	256,3-IM	3,56	Maria Lucia Ferreira S. Dias
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Beyna Gay Marilda P.O. Alho-3P/952	QD1	5-11	63059	312	10.233	263,5-IM	2,57	Jacob Rosier Dutill
Marilda Magnat ME - 3P/9432835	QD1	7-0	89349	355	9.988	323,6-IM	3,24	João Figueiredo Prota
Arqoti Ozde Boria - 3P/53273	PO	6-9	59670	365	9.935	303,3-IM	3,05	Leendert Noordgraaf (24) Arq.
Chiquita Ivoctok Star de Caldas-3P/1326	QD1	6-8	61674	365	9.234	280,5-IM	3,03	Guilherme Walter S. Caldas
Car. Ch. M. I. fibeas Ash - 3P/57773	PO	5-10	70757	324	9.007	297,4-IM	3,30	Gerrit Verburg - Arap.
Bolacha	PO	7-7	78894	365	8.631	311,9-IM	3,60	João Mário Junqueira Neto
Bejura Menati - 3P/54255	PO	6-11	61493	319	8.279	281,5-IM	3,40	Antônio La Motte
Arqoti de Jorge Ozde 3 Victor-42571	QD1	6-2	66556	365	8.176	276,2-IM	3,36	Corneio J. de Jorge (8) Arq.
BO. Acada Pacianer Tatarpeira - 3P/49387	PO	6-10	98990	365	8.176	229,7-IM	2,80	Pecúria Arhuna Ltda
Caldas Ivoctok Star H. Lumbert-3P/52409	PO	6-2	64832	365	7.991	261,1-IM	3,29	Guilherme Walter S. Caldas
Três Indios Royal Foundation-3P/60830	PO	6-6	64470	349	7.760	235,0	2,77	Hilbert Rok - Arqoti
Arqoti de Jorge Gerinda Chamar-32070	3P/32	9-6	47465	352	7.569	218,6	2,08	Corneio J. de Jorge (8) Arq.
Arqoti Ozde Two 2 - 3P/54459	PO	6-6	62718	312	7.453	279,8-IM	3,75	Leendert Noordgraaf (24) Arq.

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactaçãoProdução
Leite kg
Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

Selma AG. - GIB/1329	GIB	6-6	62888	365	7.401	287,8-1M	3,88	Sementes Agroceres S/A
Holandra IG Tina Willy Star-B/56595	PO	5-9	64314	306	7.399	236,6-1M	3,19	Willerbrodus Groot.Hol.
Hirapens Iapo - SP/119633	OC1	6-1	78868	358	7.361	261,1-1M	3,54	Antonio Salles Leite

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos.								
Albertina's (22) Uela-BH/8287	PO	2-1	79499	365	7.389	236,0-1M	3,18	Pedro Conde
Albertina's RM Uela TE - BH/8136	PO	2-1	79496	365	7.248	228,3-1M	3,15	Pedro Conde
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Corona Kelly Yurden - BH/7503	PO	2-10	78591	365	7.020	236,1-1M	3,35	Amilcar Farid Yamin
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Albertina's (22) Souvenir - BH/8211	PO	3-9	74042	365	7.442	249,2	3,34	Pedro Conde
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
C. Harndack Marq Jill - LBN/681	PO	6-5	60724	359	9.301	285,5-1M	3,05	Amilcar Farid Yamin
Sherry-Bu Milly Napelam-Rod-BH/6841	PO	5-4	69900	365	8.735	267,5-1M	3,06	Pedro Conde
Donaparth's Firestar Rona-Rod-BH/4800	PO	8-3	55966	332	7.969	251,3-1M	3,14	Amilcar Farid Yamin
Med-O-Blood C Verna - LBN/726	PO	5-4	68851	338	2.214	236,9-1M	3,27	Amilcar Farid Yamin
Rosa HQ Albertina's - BH/1505	GIB	5-0	67250	365	6.935	221,9	3,18	Pedro Conde
Albertina's (22) Quilina - BH/5642	PO	5-10	69672	365	6.676	236,4-1M	3,42	Ag. e Past. Sta. Cruz S/A

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Naturza Boliero M. - 171100	POOD	2-9	79361	308	5.970	194,5-1M	3,24	Maria Lucia Ferreira S.Dias
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Filvia Marquesa de Melroes - RAJ/1917	GIB	3-8	74988	325	6.286	205,5-1M	3,25	Elza Ribeiro M. e Filhos
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
Gigi Jasper da Holandra	OC3	4-7	75135	365	8.697	284,2-1M	3,25	Henricus A.Wopereis.Hol.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Cristina da Holandra - SP/89651	OC2	16-3	59504	317	7.982	308,2-1M	3,85	Johannes W.M.V.de Groen.Hol.

Raça Jersey

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Nickensley William's Goldtop - 9477-C	PO	11-5	74291	365	5.493	295,4-1M	5,36	Josef Ronald Bertagnoli
Beil City Purile Am Lena-15007-C	PO	5-0	74888	321	5.279	225,6-1M	4,27	Josef Ronald Bertagnoli
Valderez Coneta do Butis-14369-C	PO	5-0	73616	365	4.618	253,6-1M	5,47	Josef Ronald Bertagnoli

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Três Ordenhas (3x)

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
W. Jirpa Improver IV - 208111	PO	2-8	79135	365	5.144	203,1-1M	3,93	Fernando Prado Berni
CLASSE BS - de 3 a 3 1/2 anos.								
Corona Florista Improver - 7864	PO	3-3	75207	335	6.613	217,4-1M	3,28	Amilcar Farid Yamin
Corona Beth Harry - 7864	PO	3-3	63038	331	6.163	214,7-1M	3,48	Amilcar Farid Yamin
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Corona Fadia Twin - 6611	PO	3-11	75206	325	4.681	162,7	3,45	Amilcar Farid Yamin
CLASSE CS - de 4 a 4 1/2 anos.								
Corona Unila Twin - 7422	PO	4-3	69878	311	5.580	186,1	3,33	Amilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Corona Rosimetro Medalist - 6252	PO	7-1	58681	365	8.847	318,2-1M	3,59	Amilcar Farid Yamin
Corona Rosimetro Medalist - 5964	PO	8-2	57704	313	8.087	276,0-1M	3,40	Amilcar Farid Yamin
PG Curly - 6555	PO	6-3	63754	339	7.032	271,9-1M	3,85	Amilcar Farid Yamin
BC America Chip's Paul I - 205774	PO	9-1	50450	365	6.757	240,8-1M	3,56	Belmetal Ind. e Comércio Ltda
BS Joey Sally - 5644	PO	9-10	46205	329	5.964	209,8	3,51	Amilcar Farid Yamin
Altavira Lucky Music - 206548	PO	6-4	62208	336	5.960	211,4	3,59	Amilcar Farid Yamin

Raça Gir

Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Helindrina de Brasília - P-7998	RE	10-6	54021	350	3.847	176,1	4,57	Rubens Resende Peres
Seberca de Brasília - U-5287	RE	6-0	80215	306	3.581	162,0	4,52	Rubens Resende Peres

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
Natalia - C-1261	PC	7-9	60863	365	3.677	188,4-1M	5,12	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Aila - C-1331	PC	7-5	66144	345	3.532	171,0-1M	4,81	Kenia Agric. e Pec. Ltda

Raça Girolando

Três Ordenhas (3x)

CLASSE F - Adultas de mais de 6 anos.								
Corona - R99	1/2	-	58693	365	5.335	224,9-1M	4,21	Rubens Resende Peres
Santa de Brasília - Brinco 226	1/2	6-2	80197	365	5.265	237,3-1M	4,50	Rubens Resende Peres

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE F - Adultas de mais de 6 anos.								
662	BR	-	79422	313	3.617	139,6	3,83	João Alberto C. de Castro

Cruzamento Dirigido

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE G - de 4 a 4 1/2 anos.								
PR. Anapampa - 22862	MI	4-5	79290	320	3.495	142,6	4,05	Paulo de Thasso Bittencourt
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
P.T. 6. Hatina - 12892	MI	7-9	79286	328	4.549	169,5-1M	3,70	Paulo de Thasso Bittencourt

L M - LIVRO DE MÊS
L E - LIVRO DE SÉCULO

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
Raça Holandesa — variedade preta e branca													
A/A Fecunda Fecundo Auro Fecundo João de São Vista, Det. de São Paulo, Controle em 12/02/76, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ovelhas.						Cavaldo Soler, Jales, Rui, de São Paulo, Controle em 06/04/76, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ovelhas.							
Fecundo Delmira Ultramar Fm.	PO	7-6	60	157	23,0	1,3	Fecundo Delmira Ultramar Fm.	PO	7-6	60	157	23,0	1,3
Fecundo Antonio Fidalgo	PO	9-10	60	156	20,0	2,9	Fecundo Antonio Fidalgo	PO	9-10	60	156	20,0	2,9
Fecundo Antonio Fidalgo	PO	7-5	50	155	21,0	3,4	Fecundo Antonio Fidalgo	PO	7-5	50	155	21,0	3,4
Fecundo Antonio Fidalgo	PO	7-5	50	149	19,0	3,9	Fecundo Antonio Fidalgo	PO	7-5	50	149	19,0	3,9
Fecundo Thelma Kleopatra	PO	7-2	50	147	31,0	4,9	Fecundo Thelma Kleopatra	PO	7-2	50	147	31,0	4,9
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-11	50	146	24,0	1,8	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-11	50	146	24,0	1,8
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	50	146	18,0	1,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	50	146	18,0	1,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	50	143	20,0	3,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	50	143	20,0	3,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	6-6	50	141	17,0	2,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	6-6	50	141	17,0	2,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	10-4	50	138	20,0	2,8	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	10-4	50	138	20,0	2,8
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	6-10	50	138	19,0	3,5	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	6-10	50	138	19,0	3,5
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	125	25,0	3,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	125	25,0	3,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	123	25,0	3,0	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	123	25,0	3,0
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	40	123	20,0	3,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	40	123	20,0	3,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-1	40	122	20,0	2,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-1	40	122	20,0	2,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	11-2	40	120	19,0	3,5	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	11-2	40	120	19,0	3,5
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	40	119	20,0	3,5	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	40	119	20,0	3,5
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	119	19,0	3,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	119	19,0	3,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	40	118	20,0	3,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	40	118	20,0	3,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	116	24,0	3,5	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	116	24,0	3,5
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	40	116	20,0	3,6	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	40	116	20,0	3,6
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	115	19,0	3,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	115	19,0	3,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	40	110	21,0	3,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	40	110	21,0	3,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-7	40	109	18,0	3,9	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-7	40	109	18,0	3,9
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	40	105	19,0	3,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	40	105	19,0	3,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	40	105	21,0	3,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	40	105	21,0	3,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	103	20,0	3,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	40	103	20,0	3,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	79	19,0	4,0	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	79	19,0	4,0
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	72	20,0	3,8	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	72	20,0	3,8
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-5	40	72	22,0	2,9	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-5	40	72	22,0	2,9
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	40	72	20,0	3,5	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	40	72	20,0	3,5
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	40	70	20,0	3,0	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	40	70	20,0	3,0
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	30	69	13,0	2,8	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	30	69	13,0	2,8
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-10	30	68	19,0	1,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-10	30	68	19,0	1,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	62	21,0	2,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	62	21,0	2,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	62	19,0	1,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	30	62	19,0	1,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	30	53	20,0	1,6	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	30	53	20,0	1,6
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	10-10	30	50	23,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	10-10	30	50	23,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	30	50	18,0	1,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	30	50	18,0	1,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	20	43	21,0	2,9	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	20	43	21,0	2,9
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	20	43	20,0	2,2	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-5	20	43	20,0	2,2
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	20	41	22,0	2,5	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-1	20	41	22,0	2,5
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	20	40	23,0	2,1	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	20	40	23,0	2,1
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-9	20	39	20,0	1,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-9	20	39	20,0	1,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-10	20	37	24,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-10	20	37	24,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-9	20	37	23,0	2,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-9	20	37	23,0	2,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	10	28	23,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	10	28	23,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	22	20,0	1,1	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	22	20,0	1,1
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	20	11,0	1,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	20	11,0	1,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-9	10	19	23,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-9	10	19	23,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	10	18	21,0	1,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-6	10	18	21,0	1,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	10	17	18,0	1,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	10	17	18,0	1,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	10	16	18,0	1,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	7-2	10	16	18,0	1,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	10	14	24,0	1,0	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-2	10	14	24,0	1,0
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	10	104	19,0	1,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	10	104	19,0	1,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	88	20,0	1,8	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	88	20,0	1,8
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	88	20,0	1,8	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	88	20,0	1,8
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	87	20,0	1,0	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	87	20,0	1,0
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	87	18,0	1,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	87	18,0	1,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	76	23,0	2,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-9	10	76	23,0	2,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	10	75	20,0	1,4	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-6	10	75	20,0	1,4
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	18	27,0	3,6	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	18	27,0	3,6
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	5	24,0	3,3	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-10	10	5	24,0	3,3
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7	Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99	233	18,0	2,7
Fecundo Fecundo Fecundo	PO	8-7	99										



Estância Kankrej

José Resende Peres

GUZERÁ LEITEIRO,
Garantia de vacas
maiores, mais rústicas.
Quando o sangue for ficando
muito europeu, e a perda de
bezerras aumentando...
É melhor usar a raça mais
rústica do mundo.

Praça José Peres, 17-A
35360, São Pedro dos Ferros, MG
Tels.: (033) 352-1457, 352-1218
No Rio: (021) 265-2654

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Patricia Liza Macielton S. Miera	GBB	5-8	10	27	30,0	4,1
Campeste (Taka) Realizade Bouchard	PO	6-5	10	23	25,0	4,2
Armenia Antimant Facilio	PO	5-5	19	25	25,0	4,3
Belizim Kocman Vira	PO	6-2	10	18	24,0	3,9
Camilde Meroi Bala Pava	PO	5-2	29	52	25,0	2,9
Camilde Meroi Bala Rhythron	PO	5-0	20	57	27,0	2,7
Camilde Meroi Bala Rhythron	PO	5-2	29	55	22,0	3,3
Camilde Antimant Facilio	PO	5-1	46	34	24,0	3,4
Quero Ramsey R. Bouchard	PO	6-12	29	22	27,0	2,7
Alcane Bouda Jy Elvation	PO	5-7	30	89	26,0	4,0
Arleta Numa Elvation	PO	5-4	49	117	22,0	3,4
Arletina Numa Elvation	PO	7-1	29	271	24,0	3,4
Arletina Numa Elvation	PO	7-0	29	67	27,0	3,3
Arletina Numa Elvation	PO	12-7	40	125	21,0	3,4
Arletina Numa Elvation	PO	3-4	65	34	24,0	3,4
Arletina Numa Elvation	PO	7-0	29	43	27,0	3,4
Arletina Numa Elvation	PO	3-9	59	158	27,0	3,2
Arletina Numa Elvation	PO	4-7	20	29	23,0	3,0
Arletina Numa Elvation	PO	5-8	59	78	24,0	3,1
Arletina Numa Elvation	PO	4-0	59	191	23,0	3,3
Arletina Numa Elvation	PO	5-3	59	160	26,0	3,2
Arletina Numa Elvation	PO	6-4	89	272	21,0	4,8
Arletina Numa Elvation	PO	2-9	70	366	22,0	4,0
Arletina Numa Elvation	PO	6-11	29	49	26,0	3,0
Arletina Numa Elvation	PO	6-1	69	228	21,0	3,4

Unidade Grupos, Companhia Saneamento de São Paulo, Controlada em 12/02/85, Região de poços com
sistema de captação, 2 Ordens de.

Personnel	Chief, Porters	PO	2-2	58	137	29.8	2.8
Personnel	Supervisor, Killa	PO	3-7	40	200	25.0	2.0
Personnel	Chief, House	PO	4-9	50	129	24.0	3.6
Personnel	Elevation, Carla	PC	4-4	40	132	25.0	3.3
Personnel	Harvey, Bertha	PO	2-3	40	121	25.0	3.4
Personnel	1 Star Office	PO	4-4	74	74	25.0	2.8
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-5	39	84	19.0	2.7
Personnel	Chief, Sims	PO	4-7	39	78	24.0	2.7
Personnel	Elizabeth, Ellen	PO	4-8	70	84	24.0	3.0
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-5	37	86	21.0	2.9
Personnel	Barbara, Killa	PO	4-2	20	54	20.0	3.1
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-2	20	54	20.0	3.4
Personnel	George, George	PO	4-7	20	53	40.0	2.7
Personnel	Elizabeth, Rodriguez	PO	3-2	51	111	21.0	3.6
Personnel	James, James	PO	4-6	79	197	21.0	2.0
Personnel	Sam, Sam	PO	3-10	60	170	18.0	2.6
Personnel	Thomas, J. Martin	PO	3-10	69	161	31.0	2.7
Personnel	R.S. Dean	PO	3-6	69	165	21.0	3.6
Personnel	Chief, Elkins	PO	4-11	60	344	21.0	3.4
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-4	69	164	21.0	3.6
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-11	50	135	31.0	2.7
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-7	50	157	29.0	3.6
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-7	50	149	21.0	2.8
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-0	50	144	25.0	2.1
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-11	50	141	19.0	2.9
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-1	99	247	20.0	3.0
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-8	99	264	20.0	3.2
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-4	99	250	20.0	3.8
Personnel	Chief, Sam	PO	3-7	99	260	21.0	3.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	-	99	240	19.0	3.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-8	80	245	16.0	3.0
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-8	80	242	20.0	3.2
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-8	20	41	40.0	2.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-8	20	41	32.0	3.4
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-0	10	30	30.0	2.7
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-10	19	37	20.0	3.8
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-7	10	7	20.0	3.2
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-2	14	12	32.0	2.8
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-4	19	32	37.0	3.0
Personnel	Mr. Fidler	PO	10-4	27	27	31.0	3.4
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-3	10	32	25.0	2.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-2	10	25	34.0	2.7
Personnel	Mr. Fidler	PO	4-8	19	24	31.0	2.3
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-5	19	18	34.0	2.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-1	19	12	21.0	2.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-1	19	24	25.0	2.0
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-1	19	15	21.0	2.3
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-3	19	15	16.0	2.5
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-4	19	17	40.0	2.4
Personnel	Mr. Fidler	PO	2-2	120	330	20.0	1.6
Personnel	Mr. Fidler	PO	3-4	110	322	22.0	2.7

Expediente 9604-78 - Inquérito Policial nº 1.234 de São Paulo - Controlado em 14/02/85. Regime de Detenção: 1 ano e meio. Aplicação: 3 meses.

[illegible]

1. *Los apuntes de la lección, lección 1, del Sr. Pablo Cruzado en 25/02/93.*
2. *Se han de leer los libros de la biblioteca. 2. Ordenar.*

100	20	1-4	50	12%	12.5	1.0
-----	----	-----	----	-----	------	-----

NOME DO ANIMAL		Idade de sangue	Idade em meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %
Generosa do Francis	EC	2-6	39	75	16,0	2,5
Octagônia Flores Lady	PO	6-12	46	100	22,0	2,2
Jonet Silva Jojo	PO	11-12	48	75	23,0	2,3
Francis Gostinez Ilha Perfume	PO	3-7	50	83	27,0	2,9
Equipa Honey Nobre do Francis	OC1	4-8	57	28	21,0	3,5
Paula Performer de Francis	OC2	2-1	20	30	23,0	3,0
Grça Bate de Francis	PO	2-10	30	30	19,0	3,0
Sobras Vey de Francis	OC1	2-8	39	31	21,0	3,3
Francis Batiza Isufari	PO	7-0	19	1	22,0	2,9
Frequência Dado de Francis	OC1	3-4	10	12	19,0	2,9
Lytle Bonifácio Sam	PO	1-0	12	5	23,0	2,9
Galão Dado de Francis	PO	3-0	19	31	21,0	4,1
Genalva Nave de Francis	MOCC	5-10	19	8	17,0	3,2
Ruflam Brita Crista Senay	PO	3-1	69	166	18,2	3,6
Seidwar Performer Isufari	PO	3-1	69	112	18,2	3,2
Cláudia Priority de Francis	OC1	2-6	59	119	21,0	2,2
Francis Elze Dado Astronaut	PO	4-7	49	112	19,0	2,7
Filr Bland de Francis	OC1	1-2	60	175	15,7	3,8
Francis Dado de Francis	OC1	2-7	59	119	19,2	2,8
Gema Dado de Francis	OC1	2-6	89	212	15,0	4,6
Quadrado Vero de Francis	OC1	2-6	39	73	20,0	2,8
Francis Gloria Nari Fado	PO	3-2	39	128	19,0	3,0
Conceição Tippy Talent	PO	3-4	79	204	19,0	2,9
Gerty Bonco de Francis	OC1	2-7	39	79	22,0	2,8
Francis Gostinez Jonet M.Nobre	PO	3-6	40	111	14,2	3,5

Fernando Almeida Pinto: R.A. Pinheiro e Almeida, Est. do São Paulo, Curitiba em 04/02/85.
 Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 20510-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Nome do participante	País	Idade	Sexo	Altura (cm)	Peso (kg)
Jang, Kumsinla Maruaj Rejento	PO	3-9	20	47	21,8
Jang, Onbira Marla Antonson	PO	5-10	79	225	16,8
Jang, Glenda Capelo	PO	11-1	10	9	19,5
Jang, Shodaira Grenda Pilla	PO	3-0	30	104	16,2

Cláudio Vassunqui Ribeiro, Marquês Paulista, Ref. de São Paulo, Controlador de Tráfego Aéreo, Brasil, do curso com nível secundário. 3 Ocorrências.

Loxone 245 R, Polioy Tolstar	PO	5-10	20	86	28.5	1.8
Gl. Gra. Margolis Adonia	PO	7-2	30	66	23.5	1.2
Jurnal. Ciofotiner M. Bety. Das	PO	2-6	10	21	24.5	1.3
Jurnal. Ciofotiner Patrícia	PO	2-7	10	29	24.5	1.3

Yakult S/A Ind. e Com. - Rua Wenceslau Paulista, 127, 11. São Paulo - Grande SP em 11/11/91. Se
gundo de parte dos dados apresentados, 2 Ordens.

Yabouk du Houmaouale	NO	4-11	20	20	17,6	1,8
Yabouk du Cessante	NO	4-10	22	21	22,0	2,0
Yabouk du Dours	NO	4-7	49	50	17,0	2,8
Hignillif de Yabouk	OC2	8-0	69	112	19,0	3,0
Samia de Yabouk	OC2	4-0	30	72	13,0	1,8
Lourens de Yabouk	MOCC	8-0	40	18	18,0	1,8
Yabouk du Sambou	NO	7-1	40	61	18,0	3,0
Nagoukro Utilitane Sandy	NO	8-0	20	20	26,0	3,1
High Point Royal Navy	NO	4-0	30	102	15,0	2,1
West Oxford	OC2	2-10	20	11	15,0	2,1

Secretaria Agrária S/A, Santa Cruz das Palmeiras, Rio de São Paulo, Controla em 28/02/87. Retirada do posto com vacinção imune. 2 Oculitos.

Sacramento-Sutter Col. AG.	(200)	2-6	69	185	17.0	3.7
Sacramento-Sutter Col. AG.	(200)	2-6	80	188	18.4	3.8
Sacramento AG.	(200)	3-4	74	69	70.0	1.2
Sacramento AG.	(200)	3-4	70	70	21.0	3.0
Sacramento AG.	(201)	3-3	70	72	18.0	2.1
Sacramento AG.	(202)	3-2	68	68	21.0	3.6
Sacramento AG.	(203)	4-5	79	80	27.0	3.0
Sacramento AG.	(204)	4-10	19	13	20.0	3.4
Sacramento AG.	(205)	2-6	16	4	20.0	3.7
Sacramento AG.	(206)	3-4	80	73	23.0	3.1
Sacramento-Sutter Shasta AG.	(207)	3-4	89	299	14.0	8.0
Sacramento AG.	(208)	6-2	80	239	17.0	4.5
Sacramento AG.	(209)	1-1	80	202	15.0	4.0
Sacramento-Sutter Col. AG.	(210)	1-1	80	202	11.0	4.0
Sacramento AG.	(211)	7-11	88	122	26.0	3.9
Sacramento AG.	(212)	6-5	80	199	21.0	8.0
Sacramento AG.	(213)	2-7	80	79	22.0	3.9
Sacramento-Sutter Col. AG.	(214)	2-7	80	184	19.0	3.4

Afrosio Bezerra de Freitas Itapira. Estr. do São Paulo, Centro em 11,9275. Região do sudeste com raioo aproximado de 2 quilômetros.

Alves Astronaut Alamarj	1988	8-6	19	5	27.1	2.4
Alamarj Milestone Barcelona	90	2-13	19	7	25.9	1.9
Adelphia São Quirino	1988	-	18	27	27.9	3.7
Alamarj Milestone Pal	90	1-1	18	11	21.7	2.7
Alamarj Milestone Colombia	90	2-4	19	20	18.9	2.9
Colombia Milestone Alamarj	1983	3-9	15	18.4	2.9	
Almarj Atlas	11/32	5-0	30	136	18.8	3.8
MAP, Brasília, Fidalgo, Herculio	90	6-3	26	31	23.2	3.2
Alamarj, King Brasília	90	3-6	40	169	16.0	3.0
Alamarj Milestone Bratislava	90	-	30	28.6	3.0	
Barcelina S. Quirino	1982	5-4	40	55	27.0	3.1
ONG Admiral Nicos	3C	-	29	89	25.8	3.8
Crioulos Milestone Alamarj	1983	2-3	29	43	18.1	1.8
Quirino Alamarj	1983	1-2	18	7	22.4	1.4
Reposo Alamarj	1982	-	30	45	28.9	2.9
Rapieria Pal Alamarj	1983	5-7	36	44	18.2	1.2
Tava Atlas	1980	1-4	19	151	26.8	4.8
Russia Alamarj	1980	5-4	89	227	26.8	2.8



**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



Purina

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos	Controle	Dias de lactação
Gabriel e Sérgio São Paulo, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 21/12/83, Ageu e posto com raço suplementar. 2 Ordenhas.				
Farrar, Cafuena Daniela	PO	4-2	92	251
Stewartbridge Shadkut Lisa	PO	6-7	89	225
Kingdon Ell, Pithonova	PO	7-2	29	79
Runson Riv, Pacesador Marie	PO	6-6	59	141
P.D'Alho Primakara M. Zelina	PO	7-6	29	74
Beckham Tippy Kynja Karen	PO	6-9	89	289
Graviera 1000 Pinehill Glenora	PO	6-11	79	209
P. Palma Queta Tippy	PO	5-5	89	252
Elencosna Haraja 17 Cit. Del	PO	6-4	49	211
Camachowill 111 Buzena M.Ham	PO	6-8	49	169
Ajay Elevation Orlio	PO	6-5	99	288
Cucallin Esther C.43 P.Cit.	PO	7-0	69	219
Radi's Mountainview Lela	PO	7-0	59	157
McDonald Casseney Burre	PO	5-5	59	178
Harlo Casseney Nely	PO	6-2	29	53
Harlo Ideal Favor	PO	5-6	49	229
Tobiana Ada Pin Sirena	PO	5-1	49	228
Wocudu 341 Syndol Futura	PO	5-10	119	247
V.P. Quazera Bettina Rock, Lorber	PO	4-1	79	239
Rad's River Pear Ioni	PO	3-8	19	25
Belmer Lela 174 Sorpresa Nely	PO	3-11	29	55
Centar, Solita Inari Royal	PO	5-10	49	179
Rad's Milent-Harja	PO	4-3	79	241
Pocubu 377 Charuena Hena	PO	6-0	79	293
Cassuana Lela Rock, Ideal	PO	5-10	109	228
Rad's Valiant Iris	PO	3-1	29	143
Rad's Medallin Inglima	PO	3-1	29	64
Color Valiant Blada	PO	3-2	19	49
Mawera Pochatona Midjo	PO	5-2	99	279
Hil, Anna 187 Barbo Receptor	PO	3-0	29	59
Tobiana Raggy Ray, Elviroth	PO	4-3	59	213
Tobiana Star Chris Everything	PO	4-4	29	107
Tobiana Rochas Chris Elvira	PO	4-4	29	64
Tobiana Rafineja Toriba Huvon	PO	4-5	10	44
Cassalho Garota C.39 Fusal, Agila	PO	5-11	19	39
Tobiana Raggy Graziara 1053 Felicia	PO	3-10	109	167
Tobiana Emmelin Win Buzena	PO	3-7	79	226
Tobiana R. Optimo Win Frontica	PO	3-6	10	121
Tobiana Torilda Chris Filipo	PO	3-1	29	71
Tobiana Glenora Raggy Tildaba	PO	3-1	29	71
Tobiana Raggy Pinehill Genela	PO	2-5	29	62
Tobiana Anaura Dipion Casseney	PO	2-10	29	70
Tobiana McDonald Gony	PO	2-10	29	30
Tobiana Mary Buzena Goveira	PO	2-11	18	36
Tobiana Leader Laura Granda	PO	2-5	19	7
Tobiana Elly Glenora Gucho	PO	2-7	19	66
Tobiana Leader Rakana Garota	PO	2-7	19	7
Tobiana Tobiana	PO	11/12	29	226
Josamella Tobiana	11/12	3-0	18	44
Waila Tobiana	POC	5-1	79	226
Della Pioneer 10 Tobiana	OCJ	5-1	39	184
Dura Flower Tobiana	POC	4-10	89	249
Carione Tobiana	OCJ	4-8	109	303
Elizely Leader Tobiana	OCJ	5-5	19	89
Dela Rowland Tobiana	POC	4-8	79	256
Elina Stewart Tobiana	OCJ	3-7	89	143
Estadela Coda Min Tobiana	OCJ	3-7	89	143
Rachla Bina Bernadeta	OCJ	3-7	89	279
Arnaldi Cololo Tobiana	PO	8-10	89	307
Tafa Diador Tobiana	OCJ	3-1	29	124
Elizely Cololo King Tobiana	OCJ	2-11	79	212
Gerrardo King Buzena Tobiana	OCJ	2-7	49	135
Quira King Oca Tobiana	OCJ	2-0	29	31
Cassina Tippy do Caldas	OCJ	2-0	29	31
Quira Guy Tobiana	OCJ	7-10	19	81
Maria Louk Pabazana	OCJ	4-10	29	67
De Mécio Elino de Freitas, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/83, Ageu e posto com raço suplementar. 2 Ordenhas.				
C.A.M.S. Africana	PO	10-2	29	95
Nelido Gao	PO	4-6	89	129
Nalla Melody Mela	PO	6-1	18	21
Cassidella Melina	PO	5-7	49	117
Sheebona Blair Cit. Flo	PO	5-6	59	141
Melissa Gela	PO	5-4	59	134
Gao do Melisso	OCJ	4-9	59	127
Nalla Marymela do Melisso	OCJ	3-1	69	139
Silva do Melisso	OCJ	3-1	29	49
Rigolota do Melisso	OCJ	2-2	19	11
Elizely do Melisso	OCJ	2-2	19	11
Melissa do Melisso	OCJ	2-5	79	81
Melissa Guirlanda	PO	4-4	39	89
Nellyng Cit. Liantha	PO	4-11	89	129
Nellyng Melissa Liantha	PO	3-6	49	116
Melissa Glenda	PO	3-6	29	96
Melissa Melilla	PO	3-5	29	46
Melissa Blada	PO	3-4	19	4
Cassina Goveira do Melisso	OCJ	4-4	89	134
Cora Sirena do Melisso	OCJ	6-5	89	147
Estadela Zena Buzena Melisso	OCJ	6-4	39	71
De João Antonio Bagnato Neto e Filipe Frickerevandro Est. de São Paulo, Controle em 11/12/83, Ageu e posto com raço suplementar. 3 Ordenhas.				
Ayda Neucha	OCJ	4-5	18	8
Joey J. Buzena Trilinda Trilinda	PO	3-8	19	46
Carida Neucha	11/12	3-10	29	71
Joey J. Alinda Orinda Fido	PO	4-10	39	89
Joey Buzena Trilinda Neucha	PO	4-0	29	86
Trilinda Neucha	POC	4-2	39	77
Joey J. Buzena Trilinda Neucha	PO	4-1	39	86
Joey J. Buzena Trilinda Neucha	PO	3-5	39	104
Alinda Neucha	11/12	-	99	117
Carida Neucha	11/12	-	99	117
Joey J. Alinda Trilinda Neucha	PO	4-4	69	208
Neucha Neucha	OCJ	3-0	129	301
Alinda Neucha	PO	2-4	129	286
Neucha Neucha	PO	2-1	19	1

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
E.Norberto Chikashy, Itapetina, RJ, de São Paulo, Controle em 11/02/83, Região de pasto com raço suplementar, 2 Ovelhas.													
Fátima da Foz	OC1	4-1	89	254	18,0	3,2	Bracta	OC	4-1	10	38	22,0	2,9
Fátima da Foz	OC2	4-1	79	234	16,0	2,7	Bolma	OC	4-0	25	83	23,0	2,9
Fátima da Foz	OC3	5-1	79	218	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	22	26,0	2,7
Fátima da Foz	OC4	7-2	79	217	22,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	19,0	3,1
Fátima da Foz	OC5	4-4	79	204	21,0	3,0	Corônia	OC	4-0	19	53	20,0	3,2
Fátima da Foz	OC6	3-5	79	229	18,0	3,0	Corônia	OC	4-0	19	53	18,0	3,0
Fátima da Foz	OC7	10-8	69	247	16,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	19,0	3,1
Fátima da Foz	OC8	5-8	69	188	21,0	3,3	Corônia	OC	4-0	19	53	23,0	2,6
Fátima da Foz	OC9	3-9	69	199	16,0	3,2	Corônia	OC	4-0	19	53	17,0	3,1
Fátima da Foz	OC10	2-11	59	158	18,0	3,2	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC11	4-10	59	148	16,0	3,0	Corônia	OC	4-0	19	53	20,0	2,7
Fátima da Foz	OC12	6-8	19	10	25,0	3,4	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC13	7-11	19	10	23,0	3,5	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC14	10-8	19	10	21,0	3,0	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC15	5-8	19	10	25,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC16	7-7	19	18	18,0	3,0	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC17	4-9	19	12	29,0	3,2	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC18	5-6	19	10	30,0	3,2	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC19	3-8	19	25	14,0	3,2	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC20	8-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC21	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC22	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC23	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC24	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC25	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC26	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC27	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC28	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC29	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC30	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC31	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC32	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC33	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC34	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC35	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC36	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC37	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC38	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC39	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC40	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC41	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC42	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC43	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC44	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC45	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC46	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC47	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC48	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC49	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC50	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC51	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC52	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC53	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC54	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC55	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC56	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC57	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC58	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC59	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC60	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC61	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC62	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC63	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC64	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC65	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC66	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC67	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC68	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC69	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC70	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC71	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC72	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC73	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC74	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC75	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC76	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC77	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC78	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC79	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC80	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC81	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC82	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC83	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC84	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC85	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC86	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC87	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC88	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC89	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC90	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC91	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC92	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC93	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC94	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC95	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC96	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC97	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC98	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC99	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6
Fátima da Foz	OC100	3-8	19	10	19,0	3,1	Corônia	OC	4-0	19	53	21,0	2,6

FAZENDA CAMPO ALEGRE
B - Gir leiteiro = Gir leiteiro - B
 Meio século criando o melhor Gir Leiteiro
CONTROLE LEITEIRO OFICIAL PELA ABC

IRMÃOS NORONHA
 - Vendas de Tourinhos

Rodovia Casa Branca - S.C. Palmeiras,
 Km 64, Fone: Fazenda 101 — Marco do
 Cruzeiro 96-1110 — Cx. P. 21 —
 CEP 13.700 — CASA BRANCA - SP
 Residência: Rua Liberdade, 58
 Fones: 22-2427 — 22-2123
 CEP: 13.870 — SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP



C.A. DONZELA — n.º 525, Rg. 1-3216.
 Controle pela APCB-31.659. 2x — 4.617
 kg em 365 dias. Naidu Rg. 5131 (importado).
 C.A. Ava — Controle pela APCB
 — 20.410, n.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos meses	Con- trole de	Dias de Leite lactação	%	
P. Melitensis Perennia Jupiter	PO	3-5	29	86	32,6	2,7
Primo Pussueta Adriaella Fritz	PO	3-5	30	52	27,0	2,3
Primo Santa Lúcia, Roma	PO	3-7	59	133	24,0	2,0
Primo Summa Viana 2-4	PO	3-6	40	107	29,3	2,1
Polla Goretia 3-4 de Prato	GBR	3-9	20	43	34,9	2,9
Polla Goretia Marina Reputatio	PO	3-6	20	42	27,0	2,4
P.P. Soudier 1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12-13-14-15-16-17-18-19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100-101-102-103-104-105-106-107-108-109-110-111-112-113-114-115-116-117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000-1001-1002-1003-1004-1005-1006-1007-1008-1009-1010-1011-1012-1013-1014-1015-1016-1017-1018-1019-1020-1021-1022-1023-1024-1025-1026-1027-1028-1029-1030-1031-1032-1033-1034-1035-1036-1037-1038-1039-1040-1041-1042-1043-1044-1045-1046-1047-1048-1049-1050-1051-1052-1053-1054-1055-1056-1057-1058-1059-1060-1061-1062-1063-1064-1065-1066-1067-1068-1069-1070-1071-1072-1073-1074-1075-1076-1077-1078-1079-1080-1081-1082-1083-1084-1085-1086-1087-1088-1089-1090-1091-1092-1093-1094-1095-1096-1097-1098-1099-1100-1101-1102-1103-1104-1105-1106-1107-1108-1109-1110-1111-1112-1113-1114-1115-1116-1117-1118-1119-1120-1121-1122-1123-1124-1125-1126-1127-1128-1129-1130-1131-1132-1133-1134-1135-1136-1137-1138-1139-1140-1141-1142-1143-1144-1145-1146-1147-1148-1149-1150-1151-1152-1153-1154-1155-1156-1157-1158-1159-1160-1161-1162-1163-1164-1165-1166-1167-1168-1169-1170-1171-1172-1173-1174-1175-1176-1177-1178-1179-1180-1181-1182-1183-1184-1185-1186-1187-1188-1189-1190-1191-1192-1193-1194-1195-1196-1197-1198-1199-1200-1201-1202-1203-1204-1205-1206-1207-1208-1209-1210-1211-1212-1213-1214-1215-1216-1217-1218-1219-1220-1221-1222-1223-1224-1225-1226-1227-1228-1229-1230-1231-1232-1233-1234-1235-1236-1237-1238-1239-1240-1241-1242-1243-1244-1245-1246-1247-1248-1249-1250-1251-1252-1253-1254-1255-1256-1257-1258-1259-1260-1261-1262-1263-1264-1265-1266-1267-1268-1269-1270-1271-1272-1273-1274-1275-1276-1277-1278-1279-1280-1281-1282-1283-1284-1285-1286-1287-1288-1289-1290-1291-1292-1293-1294-1295-1296-1297-1298-1299-1300-1301-1302-1303-1304-1305-1306-1307-1308-1309-1310-1311-1312-1313-1314-1315-1316-1317-1318-1319-1320-1321-1322-1323-1324-1325-1326-1327-1328-1329-1330-1331-1332-1333-1334-1335-1336-1337-1338-1339-1340-1341-1342-1343-1344-1345-1346-1347-1348-1349-1350-1351-1352-1353-1354-1355-1356-1357-1358-1359-1360-1361-1362-1363-1364-1365-1366-1367-1368-1369-1370-1371-1372-1373-1374-1375-1376-1377-1378-1379-1380-1381-1382-1383-1384-1385-1386-1387-1388-1389-1390-1391-1392-1393-1394-1395-1396-1397-1398-1399-1400-1401-1402-1403-1404-1405-1406-1407-1408-1409-1410-1411-1412-1413-1414-1415-1416-1417-1418-1419-1420-1421-1422-1423-1424-1425-1426-1427-1428-1429-1430-1431-1432-1433-1434-1435-1436-1437-1438-1439-1440-1441-1442-1443-1444-1445-1446-1447-1448-1449-1450-1451-1452-1453-1454-1455-1456-1457-1458-1459-1460-1461-1462-1463-1464-1465-1466-1467-1468-1469-1470-1471-1472-1473-1474-1475-1476-1477-1478-1479-1480-1481-1482-1483-1484-1485-1486-1487-1488-1489-1490-1491-1492-1493-1494-1495-1496-1497-1498-1499-1500-1501-1502-1503-1504-1505-1506-1507-1508-1509-1510-1511-1512-1513-1514-1515-1516-1517-1518-1519-1520-1521-1522-1523-1524-1525-1526-1527-1528-1529-1530-1531-1532-1533-1534-1535-1536-1537-1538-1539-1540-1541-1542-1543-1544-1545-1546-1547-1548-1549-1550-1551-1552-1553-1554-1555-1556-1557-1558-1559-1560-1561-1562-1563-1564-1565-1566-1567-1568-1569-1570-1571-1572-1573-1574-1575-1576-1577-1578-1579-1580-1581-1582-1583-1584-1585-1586-1587-1588-1589-1590-1591-1592-1593-1594-1595-1596-1597-1598-1599-1600-1601-1602-1603-1604-1605-1606-1607-1608-1609-1610-1611-1612-1613-1614-1615-1616-1617-1618-1619-1620-1621-1622-1623-1624-1625-1626-1627-1628-1629-1630-1631-1632-1633-1634-1635-1636-1637-1638-1639-1640-1641-1642-1643-1644-1645-1646-1647-1648-1649-1650-1651-1652-1653-1654-1655-1656-1657-1658-1659-1660-1661-1662-1663-1664-1665-1666-1667-1668-1669-1670-1671-1672-1673-1674-1675-1676-1677-1678-1679-1680-1681-1682-1683-1684-1685-1686-1687-1688-1689-1690-1691-1692-1693-1694-1695-1696-1697-1698-1699-1700-1701-1702-1703-1704-1705-1706-1707-1708-1709-1710-1711-1712-1713-1714-1715-1716-1717-1718-1719-1720-1721-1722-1723-1724-1725-1726-1727-1728-1729-1730-1731-1732-1733-1734-1735-1736-1737-1738-1739-1740-1741-1742-1743-1744-1745-1746-1747-1748-1749-1750-1751-1752-1753-1754-1755-1756-1757-1758-1759-1760-1761-1762-1763-1764-1765-1766-1767-1768-1769-1770-1771-1772-1773-1774-1775-1776-1777-1778-1779-1780-1781-1782-1783-1784-1785-1786-1787-1788-1789-1790-1791-1792-1793-1794-1795-1796-1797-1798-1799-1800-1801-1802-1803-1804-1805-1806-1807-1808-1809-1810-1811-1812-1813-1814-1815-1816-1817-1818-1819-1820-1821-1822-1823-1824-1825-1826-1827-1828-1829-1830-1831-1832-1833-1834-1835-1836-1837-1838-1839-1840-1841-1842-1843-1844-1845-1846-1847-1848-1849-1850-1851-1852-1853-1854-1855-1856-1857-1858-1859-1860-1861-1862-1863-1864-1865-1866-1867-1868-1869-1870-1871-1872-1873-1874-1875-1876-1877-1878-1879-1880-1881-1882-1883-1884-1885-1886-1887-1888-1889-1890-1891-1892-1893-1894-1895-1896-1897-1898-1899-1900-1901-1902-1903-1904-1905-1906-1907-1908-1909-1910-1911-1912-1913-1914-1915-1916-1917-1918-1919-1920-1921-1922-1923-1924-1925-1926-1927-1928-1929-1930-1931-1932-1933-1934-1935-1936-1937-1938-1939-1940-1941-1942-1943-1944-1945-1946-1947-1948-1949-1950-1951-1952-1953-1954-1955-1956-1957-1958-1959-1960-1961-1962-1963-1964-1965-1966-1967-1968-1969-1970-1971-1972-1973-1974-1975-1976-1977-1978-1979-1980-1981-1982-1983-1984-1985-1986-1987-1988-1989-1990-1991-1992-1993-1994-1995-1996-1997-1998-1999-2000-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-2008-2009-2010-2011-2012-2013-2014-2015-2016-2017-2018-2019-2020-2021-2022-2023-2024-2025-2026-2027-2028-2029-2030-2031-2032-2033-2034-2035-2036-2037-2038-2039-2040-2041-2042-2043-2044-2045-2046-2047-2048-2049-2050-2051-2052-2053-2054-2055-2056-2057-2058-2059-2060-2061-2062-2063-2064-2065-2066-2067-2068-2069-2070-2071-2072-2073-2074-2075-2076-2077-2078-2079-2080-2081-2082-2083-2084-2085-2086-2087-2088-2089-2090-2091-2092-2093-2094-2095-2096-2097-2098-2099-2100-2101-2102-2103-2104-2105-2106-2107-2108-2109-2110-2111-2112-2113-2114-2115-2116-2117-2118-2119-2120-2121-2122-2123-2124-2125-2126-2127-2128-2129-2130-2131-2132-2133-2134-2135-2136-2137-2138-2139-2140-2141-2142-2143-2144-2145-2146-2147-2148-2149-2150-2151-2152-2153-2154-2155-2156-2157-2158-2159-2160-2161-2162-2163-2164-2165-2166-2167-2168-2169-2170-2171-2172-2173-2174-2175-2176-2177-2178-2179-2180-2181-2182-2183-2184-2185-2186-2187-2188-2189-2190-2191-2192-2193-2194-2195-2196-2197-2198-2199-2200-2201-2202-2203-2204-2205-2206-2207-2208-2209-2210-2211-2212-2213-2214-2215-2216-2217-2218-2219-2220-2221-2222-2223-2224-2225-2226-2227-2228-2229-2230-2231-2232-2233-2234-2235-2236-2237-2238-2239-2240-2241-2242-2243-2244-2245-2246-2247-2248-2249-2250-2251-2252-2253-2254-2255-2256-2257-2258-2259-2260-2261-2262-2263-2264-2265-2266-2267-2268-2269-2270-2271-2272-2273-2274-2275-2276-2277-2278-2279-2280-2281-2282-2283-2284-2285-2286-2287-2288-2289-2290-2291-2292-2293-2294-2295-2296-2297-2298-2299-2300-2301-2302-2303-2304-2305-2306-2307-2308-2309-2310-2311-2312-2313-2314-2315-2316-2317-2318-2319-2320-2321-2322-2323-2324-2325-2326-2327-2328-2329-2330-2331-2332-2333-2334-2335-2336-2337-2338-2339-2340-2341-2342-2343-2344-2345-2346-2347-2348-2349-2350-2351-2352-2353-2354-2355-2356-2357-2358-2359-2360-2361-2362-2363-2364-2365-2366-2367-2368-2369-2370-2371-2372-2373-2374-2375-2376-2377-2378-2379-2380-2381-2382-2383-2384-2385-2386-2387-2388-2389-2390-2391-2392-2393-2394-2395-2396-2397-2398-2399-2400-2401-2402-2403-2404-2405-2406-2407-2408-2409-2410-2411-2412-2413-2414-2415-2416-2417-2418-2419-2420-2421-2422-2423-2424-2425-2426-2427-2428-2429-2430-2431-2432-2433-2434-2435-2436-2437-2438-2439-2440-2441-2442-2443-2444-2445-2446-2447-2448-2449-2450-2451-2452-2453-2454-2455-2456-2457-2458-2459-2460-2461-2462-2463-2464-2465-2466-2467-2468-2469-2470-2471-2472-2473-2474-2475-2476-2477-2478-2479-2480-2481-2482-2483-2484-2485-2486-2487-2488-2489-2490-2491-2492-2493-2494-2495-2496-2497-2498-2499-2500-2501-2502-2503-2504-2505-2506-2507-2508-2509-2510-2511-2512-2513-2514-2515-2516-2517-2518-2519-2520-2521-2522-2523-2524-2525-2526-2527-2528-2529-2530-2531-2532-2533-2534-2535-2536-2537-2538-2539-2540-2541-2542-2543-2544-2545-2546-2547-2548-2549-2550-2551-2552-2553-2554-2555-2556-2557-2558-2559-2560-2561-2562-2563-2564-2565-2566-2567-2568-2569-2570-2571-2572-2573-2574-2575-2576-2577-2578-2579-2580-2581-2582-2583-2584-2585-2586-2587-2588-2589-2590-2591-2592-2593-2594-2595-2596-2597-2598-2599-2600-2601-2602-2603-2604-2						

Famenda Portizense Ltda., Nova Olinda, Rte. do São Paulo, Curitiba em 29/02/93. Registro de
cartão com nome: eulessamar. 3 Odeonim.

Country	Year	Age	Gender	Score	Rank	Score	Rank
U.S.	1992	10	M	2-2	20	52	31.0
U.S.	1992	10	F	2-2	20	47	26.0
U.S.	1992	10	M	4-4	29	35	20.0
U.S.	1992	10	F	8-8	33	13	20.0
U.S.	1992	10	M	1-1	19	31	27.0
U.S.	1992	10	F	4-4	19	22	18.0
U.S.	1992	10	M	5-5	19	31	43.0
U.S.	1992	10	F	9-9	19	19	31.0
U.S.	1992	10	M	1-1	17	17	17.0
U.S.	1992	10	F	7-7	19	16	39.0
U.S.	1992	10	M	6-6	19	7	29.0
U.S.	1992	10	F	8-8	19	112	34.0
U.S.	1992	10	M	4-4	19	14	30.0
U.S.	1992	10	F	6-6	19	147	30.0
U.S.	1992	10	M	9-9	19	168	29.0
U.S.	1992	10	F	2-2	180	26.0	1.0
U.S.	1992	10	M	5-5	10	232	27.0
U.S.	1992	10	F	1-1	90	231	30.0
U.S.	1992	10	M	7-7	70	220	27.0
U.S.	1992	10	F	9-9	19	34	32.0
U.S.	1992	10	M	6-6	19	4	27.0

[illegible][illegible]

Fonte: Departamento de Luta, Vigilância, Controle de São Paulo, Controle em 22/02/85, Região de São Paulo, com 30 milímetros, 2 Corpos.

John Doe	PO	4-4	10	33	22.0	1.4
John Thomas White	PO	3-4	10	3	16.0	4.0
John James Thompson King	PO	4-0	30	180	19.0	2.0
John Smith Brown	PO	3-5	10	12	24.0	0.8
John Smith Brown	PO	5-11	200	5	17.0	0.5
John Smith Brown	PO	5-4	40	18.3	16.0	3.0
John Smith Brown	PO	5-8	20	5.3	25.0	1.8
John Smith Brown	PO	5-3	20	720	20.0	4.2
John Smith Brown	PO	5-2	20	230	17.0	0.6
John Smith Brown	PO	5-3	30	39	20.0	0.5

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Isaia Betty Cassobra	PO	7-6	29	61	23,0	3,2
Tyler-Fama River Dorra	PO	6-9	69	202	16,0	3,4
Wood-Hill Registry Trapper	PO	6-2	74	251	16,0	3,2
Vibrel Anita Schmit	PO	5-5	18	76	14,2	3,2
Vibrel Alana	PO	4-10	30	71	26,6	3,6
Straposa de São Alôio	OC2	5-3	20	53	14,0	3,0
Vibrel Bings Gra American	PO	6-4	79	239	16,0	4,0
Vibrel Chandra	PO	-	29	53	22,0	5,0
Vibrel Bala Samsa Russian	PO	6-8	29	62	22,0	3,6
Vibrel Oryia	PO	4-4	14	37	23,0	3,0
Nadia Jane Fawcett	OC1	5-9	79	160	15,0	3,4
Mapleleaf Pigors Wald	PO	6-6	39	100	18,0	3,7
Isaia Espada Root-Escrita	PO	7-11	39	115	19,0	3,3
Maidland's Opzima Acres Aram	PO	7-11	39	71	16,0	3,3
Algebra Clara Elm Odra	PO	7-5	98	196	22,0	3,3
Triana Deer lucky Ochoa Iniciala	PO	7-11	39	6	26,0	3,3
Opzima Corilla Root-Coperta	PO	7-11	69	224	13,0	3,3
WV Iniciala	PO	8-10	39	2	24,0	4,2
Vibrel Lauretta	PO	8-10	39	55	23,0	2,8
Vibrel Nadia	PO	5-2	89	207	14,0	3,6
Vibrel Nora	PO	5-6	30	141	27,0	3,2
Woods creek Wymen Glana	PO	7-3	79	253	16,0	2,6
Elze Budno Standert	PO	3-7	119	260	14,0	3,4
Roe Supermax Haddock-Elze	OC4	2-1	49	102	23,0	3,9
Elze Constançinha Alturo	PO	2-4	39	1	19,0	2,4

Oswaldo Assis e Albert Assis, Esquadrão Tático do Fuzil. Set. do Rio Paulo, Controle em 25/02/81. Retirado de parte com dados complementares. 1. Arquivos.

Par. Pamela Gehard	PO	5-5	90	128	21.5	1.1
P-100 P.J. McNice	11/72	80		128	17.0	6.0
Piel, Elinorita May Cham	PO	6-1	70	121	17.0	6.1
P.J. Lady Weaver Dierck	PO	6-1	70	122	17.0	6.1
Par. Patricia Astor	PO	5-1	40	117	20.0	7.2
Oranston Ruyg Valmore	OC2	3-3	40	114	18.0	7.3
Regata San Quirico	OC2	3-3	40	114	20.0	7.3
TP-100	PO	5-3	40	113	18.0	7.4
Par. Patricia Minton	PO	5-4	40	113	14.0	7.5
Oranista Antenor Valmore	OC2	3-3	30	112	18.0	7.4
Calada Ruyg Valmore	OC2	3-3	40	110	15.0	7.1
Valmore Gendri Valmore	OC2	3-3	40	107	14.0	6.0
TP-100	PO	5-0	40	102	15.0	6.0
THC, Sociedade	OCB	4-0	40	88	22.0	1.5
Antorista Oran Valmore	OC2	3-3	40	183	18.0	1.6
Calada da Favelada	POC2	12-10	40	182	18.0	1.6
D.J. Munkin Carolina Broom	PO	7-0	40	182	18.0	1.6
Chalaga Antenor Valmore	OC2	3-3	40	182	18.0	1.6
Par. Flaminio Lemos	PO	5-1	60	154	13.0	1.8
Tranvia Felada L. Hara	PO	5-1	60	154	14.0	2.4
Reus Valmore	POC2	6-0	40	151	12.0	1.8
Benda Goro Valmore	OC2	4-0	40	152	18.0	1.2
Receber Hill Y T Pikes Ltd.	PO	4-5	40	152	18.0	1.6
Par. SBL Corporation H. Rod.	PO	5-10	40	144	18.0	2.0
Regata Maritima Valmore	OC2	4-0	40	142	18.0	2.0
Alaina Valmore	OC2	5-5	70	130	20.0	4.0
STP, Universal - 2 Clary 8th	PO	5-5	70	133	18.0	3.0
CR, Claudia Pearley Elliot	PO	5-5	70	132	18.0	3.0
Par. Florida Broom	PO	5-5	70	131	17.0	4.0
Conceito Antenor Valmore	OC2	5-10	70	131	17.0	4.0
Valmore Gendri Elv. Hara	PO	5-1	70	180	18.0	1.6
Carora Gendri Valmore	OC2	4-1	70	184	13.0	1.4
Nadia Sarden C. Noyes	PO	4-1	70	184	13.0	1.4
Caria Gendri Valmore	OC2	3-1	70	180	17.0	1.6
Yas 460 Valmore	POC2	3-0	70	186	15.0	1.6
Reus Goro Valmore	OC2	4-0	40	177	13.0	1.6
Prisoneira Valmore	POC2	4-0	40	178	13.0	1.6
S. Anuncia Betty Noyes	PO	2-0	60	173	13.0	1.6
Falca Valmore	POC2	3-0	80	246	14.0	1.6
Ch. Luperon D. Nelson Spencer	PO	4-0	80	219	13.0	1.7
Motiva 4th Valmore	OC2	4-1	70	236	16.0	1.6
Valmore Carolina Lindy	PO	2-0	70	236	16.0	1.6
Par. Francisco Astor	PO	4-1	80	231	18.0	1.1
Par. Flaminio Minton	PO	5-2	80	214	17.0	3.3
A. F. Burtalada Broom	PO	5-2	80	212	14.0	1.6
Kattila Par. Broom	PO	5-8	70	202	15.0	1.6
Colombina Root, Pederson	OC2	3-0	70	201	14.0	1.6
Aradia Ruy Valmore	POC2	5-4	40	84	22.0	1.3
Aradia Maria Pederson	POC2	5-4	40	85	25.0	1.3
Lepida da Queiroz	OC2	3-0	70	85	22.0	1.3
Zang, J. Anuncia Maria Broom	PO	4-4	70	88	22.0	1.3
G-N Clara Root Antenor	PO	4-4	70	87	21.0	1.1
Oranista Broom Valmore	OC2	3-0	70	86	19.0	1.3
Oranista Antenor Valmore	OC2	3-0	70	87	19.0	1.3
Carina Adorista Valmore	POC2	3-0	70	87	23.0	1.1
Gregoriana 183 H. Elvontine	POC2	4-0	10	28	18.0	1.3
Inara H.H.	POC2	4-0	10	28	18.0	1.3
Quirio Valmore Abby	PO	5-1	10	17	17.0	1.3
Valmore Carolina M. Broom	PO	3-0	110	121	14.0	1.1
Broom Conventione Broom	PO	3-0	110	122	13.0	1.1
Par. Flaminio Lindy	PO	1-2	100	188	14.0	1.1
Marguis 8th Antenor	PO	7-4	100	280	14.0	1.1
Par. Flaminio Minton	PO	3-0	100	280	14.0	1.1
P-11, Celeste	OC2	1-0	100	270	13.0	1.1
Ch. Luperon Gary H. Broom	PO	6-0		288	15.0	1.1
Dory Black Zuper	PO	4-4	40	288	15.0	1.1
Valmore Gendri M. Broom	PO	7-3	40	284	16.0	1.4
Bury Clara Elv. Antorista	PO	4-1	40	281	15.0	1.3
AT, Favelada Broom	PO	4-1	80	258	12.0	1.4
AT, Favelada Broom	PO	4-1	80	258	12.0	1.4
San Clara Dora Christine	PO	5-5	80	230	14.0	1.1

FAZENDA PINHAL ZINHO - Araras - SP

Tel. (0195) 41-5567

Venda permanente de matrizes holandesas PB
— registradas e cruzadas prenhas e tourinhos —
oriundos de inseminação de touros provados.

[illegible]

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de anos	Dias de lactação	Leite %
Oswaldo Natal Madeira, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 Ordenhas.					
1 Ordenha					
Milken Miss Fanny Red	PO	6-4	20	32	36,8 1,0
2 Ordenhas					
Fátima Jansen Mod. Gnt.	OC2	4-9	20	44	21,8 1,1
Gerarda Delim. Mad. Gnt.	OC2	3-3	20	44	17,2 1,1
Cecília Noble de Sant'ana	OC1	13-2	20	39	34,3 1,0
Bunny's Su. Suzanna J. Red	PO	8-5	80	246	38,3 1,0
Manutenção Mod Faith Red	PO	7-4	60	258	39,3 1,0
Marlene Jansen Thirsklin Red	PO	8-0	50	134	26,3 1,0
Carolina Island Gnt.	POC2	6-11	50	129	15,8 1,0
Morada Nova Agrícola e Pecuária, Lado, Bete Lagoas, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Atira 353 da Morada Nova	NO	4-3	119	237	14,3 1,0
Brindilla de M. Nova	NO	-	10	36	14,3 1,0
Marte 29. 353 de M. Nova	NO	9-10	40	124	13,8 1,0
Regate Orion de Morada Nova	NO	6-0	70	201	21,3 1,0
Cord. Gabriel Dias Pereira, Glênio Moreira, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2 ordenhas.					
1 Ordenha					
Leda Noble de Sant'ana	OC1	12-4	40	117	18,3 1,0
Paloma Jansen Pereira	GBB	4-13	70	186	26,3 1,0
Pereira Nancy Gesteira	PO	11-3	30	114	26,3 1,0
Pereira Malvina Jans	PO	3-1	30	294	11,3 1,0
Pereira Tamara Jansen	PO	10-8	30	89	15,3 1,0
Vitória Jansen Pereira	GBB	4-0	20	49	13,3 1,0
Silvana Jans de Sant'ana	OC2	7-4	40	152	16,3 1,0
Lucy Jansen de Sant'ana	OC2	3-9	40	99	21,3 1,0
Pife-O-Nile Jansen Bambi Red	PO	5-0	50	11	26,3 1,0
Belinda Noble de Sant'ana	GBB	12-11	20	25	34,3 1,0
2 Ordenhas					
Joelma Noble de Sant'ana	OC2	9-4	40	104	15,3 1,0
Lindalva Jans de Sant'ana	OC3	6-6	110	322	25,3 1,0
Levi Jans Pereira	GBB	5-2	40	99	14,3 1,0
Rebecca Noble de Sant'ana	OC3	9-5	40	160	14,3 1,0
Catarina Jansen de Sant'ana	POC2	4-10	50	129	13,3 1,0
Shap Noble de Sant'ana	OC1	7-0	40	293	24,3 1,0
Florinda	NO	-	20	234	14,3 1,0
Francine Jansen de Sant'ana	OC2	10-3	10	4	26,3 1,0
Jane	NO	-	10	10	26,3 1,0
Pereira Marysele Noble	PO	12-4	10	10	26,3 1,0
Rog. Wernoldo Barro, Crisotônio, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
2 Ordenhas					
Dr. Dendelby Royal S. Lins	GBB	9-10	90	238	20,3 1,0
Luiz Nogueira Red 290	GBB	7-9	50	187	22,3 1,0
Cetara de Bolandras	GBB	4-4	70	279	14,3 1,0
Cristiano Rosa Jansen Red	PO	2-8	30	55	11,3 1,0
Cleone de São Rômulo	GBB	5-1	30	75	21,3 1,0
Paula Princesa Jansen Jansen	PO	7-3	30	40	16,3 1,0
Carolina Red de Jansen	OC2	3-10	20	44	18,3 1,0
S. Rêno de Nelson	PO	6-2	30	56	16,3 1,0
Salvo Jansen Red de Crissian	POC2	3-4	30	130	20,3 1,0
Melinda Marcelino Lins	OC2	4-4	30	130	20,3 1,0
Antônia Gelp de Jansen	OC2	2-4	20	36	14,3 1,0
Janeirina Caspaz Amador	PO	2-7	40	190	14,3 1,0
João Vitoriano Patricia Red	PO	2-7	30	54	14,3 1,0
Carolina Crissian Jansen	PO	7-0	50	182	16,3 1,0
Isacristina Nogueira Red de Crissian	GBB	2-5	40	130	14,3 1,0
Walter Jaspurina de Andrade, Lins, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Flora III J.B.	21/32	2-8	19	11	16,3 1,0
Ferreira Lins	OC2	12-10	29	39	15,3 1,0
Cristiana Lins	OC2	5-4	29	48	15,3 1,0
Blanca Lins	OC1	6-11	29	43	17,3 1,0
Flora Lins	POC2	4-4	29	41	14,3 1,0
Edna Lins	2/8	5-8	29	36	16,3 1,0
Márcia Lins	POC2	5-10	49	108	17,3 1,0
Dr. Luiz Roberto Monteiro Porto, Campalândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marcelina Albany	POC2	3-7	20	90	15,3 1,0
Cameli Unicolor Albany	OC1	3-10	30	52	15,3 1,0
Burdin Albany	11/32	4-5	50	147	15,3 1,0
SW	-	-	-	94	11,3 1,0
Manique Odo de Pedra	OC1	4-11	40	118	15,3 1,0
Savona Unicolor Albany	OC1	3-3	10	37	15,3 1,0
Albert Shaw (ex. Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO	3-10	40	94	14,3 1,0
Bel. Sally Jansen	PO	5-3	10	36	15,3 1,0
Adriano W. N. Val. de Sousa, (Coop. Agro. Pecu. Holandesa) Japaratuba, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.					
Marília Roschilde de Sil.	OC1	2-5	109	223	11,3 1,0
João da Bolandras	POC2	5-6	99	239	18,3 1,0
Marlene Alins	11/32	5-5	40	112	16,3 1,0
Bel. Nancy Roschilde	PO				

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Sementes e Criação Unil. Lda. (Gartapelli & Filhos) - Rua: Paulo, 101 - do Rio Grande do Sul. Controle em 18/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
Gebracia Genta do Butil	PO	7-11	50	140	16,0	4,89
Veronica Larkwood do Butil	PO	3-6	60	124	19,0	4,50
Graciela Fanny do Butil	PO	3-6	40	115	18,0	4,79
Del Generador do Butil	PO	3-6	40	107	19,0	4,99
Magali Titile do Butil	PO	4-7	40	100	17,0	4,49
Gertrude (2)	PO	-	20	72	20,0	4,80
Silvia Titile do Butil	PO	2-7	20	38	18,0	4,49
Carlie Facendete do Butil	PO	2-4	10	8	18,0	4,50
Cláudia J.F. Silva (2)	PO	2-7	110	221	22,0	5,29
Antônio Suvilene Tunes	PO	2-6	40	167	19,0	3,68
Semente e Criação Unil. Lda. (Gartapelli & Filhos) - Rua: Paulo, 101 - do Rio Grande do Sul. Controle em 18/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
Sup. de Maria Inês Leão Chaves. Est. de São Paulo. Controle em 27/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
Gebracia Wilman de S.F.	PO	3-6	20	86	14,0	3,7
Idalina Ural S.F.	PO	2-7	20	6	14,0	3,0
José de Brito S.F.	PO	1-1	40	102	13,0	2,6
Justina Barros S.F.	PO	6-7	10	14	19,0	2,7
Registada Virginian de S.F.	PO	3-4	40	97	12,0	3,4
Emp. de Augusta Anílio da Mota Pacheco. Foz de São Paulo. Controle em 17/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
Capadara Lustron Ray	3/4	7-7	10	10	13,0	3,4
Raça Parda Suíça (Schwyz)						
Antônio Faria Viana. Porto Feliz. Est. de São Paulo. Controle em 25/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
El. Ray Millie	PO	10-3	20	71	25,0	2,8
El. Ray Fanny	PO	7-11	20	75	26,0	3,4
El. Rocky Loris	PO	10-0	10	27	34,0	3,5
Corona Las Pedalier	PO	5-1	10	89	29,0	3,1
Corona Ingles Harry	PO	5-6	10	39	31,0	3,9
Dr. Fernando Pyado Barro. Jacutinga. Est. de Minas Gerais. Controle em 15/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
BC. GilBERTA Agnewe I	PO	4-0	90	271	33,0	3,8
BC. Jorana Dultra	PO	3-7	40	162	25,0	4,7
BC. Passera BC. Leite III	PO	6-11	70	131	13,0	4,1
BC. Passera (2)	PO	5-1	40	80	20,0	3,3
Glaciera BC. G. Leo	POCC	6-1	40	104	10,0	3,8
BC. Glaciera Floquet II	PO	6-8	40	119	32,0	4,0
Glaciera BC. Brenner I	PO	4-4	30	63	19,0	3,4
BC. Luiza Agache	PO	2-4	20	62	13,0	3,3
Integrado S/A. Itabora. Est. de São Paulo. Controle em 12/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
Corona Kate M. Spetich	PO	3-9	20	44	17,0	3,2
Corona Roselyn Mary	PO	3-3	40	130	19,0	3,7
Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba. Est. de São Paulo. Controle em 05/02/75. Regime de parto com ração suplementar. 3 Ovelhas.						
Alga de Flávia	PO	5-7	110	112	15,0	3,24

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros

Alta seleção e criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO
Município de Matozinhos - MG - Tel.: (031) 661-1312
Belo Horizonte - Rua Santa Rita Durão, 1.160
Fone: (031) 212-5011

URUGUAIANA — Reg. M 6811
Lact. 305 dias 2 ord. 3.828 kg LE

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de Leite lactação	%
Seccionai: Rua Gas. Leão, Eng. Maria - Rod. Ruyroco, Tremembé, Km 130, Caixa do Alim. Bat. de São Paulo, Prop. Wellington G. Oliveira. Controle em 14/03/75. Análise de soro: com placa replicante - 2 Unidades.					
BC. <i>Salicaria</i> Torrey II	PO	9-1	100	126	16,0
BC. <i>Salicaria</i> Torrey II	PO	10-	99	124	17,0
BC. <i>Salicaria</i> Chén e Paul I	PO	9-1	100	105	14,0
BC. <i>Salicaria</i> Chén e Paul I	PO	9-1	100	105	14,0

Aprova e nomeia Bruno Tridido Lima, Juiz(a) Est. de São Paulo, Contrato em 23/02/2015, de acordo com o artigo 231, inciso II, do Estatuto da Magistratura.

A. Lincoln Collins	PO	6-9	19	6	17.0	3.2
James Jerome Medlin	PO	6-5	50	134	15.0	2.5
Blaine	PO	6-18	40	97	21.0	2.3
Robins - R32	PO	-	30	59	16.0	3.2
Ward-Vin Richardson J. Gary	PO	13-4	30	70	18.0	3.4
Ward-Vin	PO	4-3	10	10	16.0	3.4
E. Lincoln Martin	PO	5-3	18	4	15.0	1.0
Line R321-44 Art	PO	-	18	4	19.0	3.9
E. Lincoln Bernales	PO	5-5	18	10	13.0	2.5
Malvin Lee	PO	7-0	24	13	13.0	2.5
E. Lincoln Trev	PO	1-4	40	195	13.0	3.6
Ward-Vin & E. Lincoln	PO	5-8	40	186	14.0	3.0
E. Lincoln Catherine	PO	1-5	50	128	15.0	3.7
Blaine	PO	6-6	50	16.0	3.0	
E. Lincoln Cecilia	PO	5-8	40	97	16.0	3.0

Raca Guernsey

Escola Superior de Agricultura João de Oliveira, Foz de Iguaçu, Set. de São Paulo, Curitiba em 25.03.78, horário de campo com lâmp. solarizador, 2 Odeontas.

Basic Genetic Error	60	7-1	24	61	14.0	3.04
---------------------	----	-----	----	----	------	------

Dr. Castêlho Celso de Almeida, Itapuaçu, Est. do Rio de Janeiro, Grande em 27/12/85.
Requis de registro em nome unicamente. J. Oliveira.

Novo M-1 D'Almeida	1/2	-	199	293	14,0	5,92
Odorico M-2 D'Almeida	1/2	3-0	89		16,0	4,97
Isela M-1 D'Almeida	1/2	1-4	79	241	17,0	4,81
Remigio M-3 D'Almeida	1/2	8-8	70	239	15,0	4,79
Penelope M-1 D'Almeida	1/2	11-5	70	215	14,0	5,08
Serdiniana Riqua Nardio	1/2	-	8-13	24	19,0	5,58
Wences M-1 D'Almeida	1/2	11-13	61	199	15,0	5,17
Joao Joachim Ruy D'Almeida	1/2	5-6	70	182	15,0	5,24
Fall M-1 D'Almeida	1/2	-	78	180	18,0	4,58
Walter Chaves Geste	1/2	15-0	81	17,0	4,96	
Indiano M-2 D'Almeida	1/2	-	82	87	15,0	5-47
Paulo M-1	1/2	-	80	94	16,0	5,00
Genes Ruy Figue de Figueal	1/2	-	80	92	15,0	4,94
Narciso M-3 Jansen	1/2	3-11	36	81	20,0	4,85
Paulo Misa Neri D'Almeida	1/2	-	71	18	18,0	4,88
Paulo M-1 D'Almeida	1/2	1-4	30	74	16,0	5,12
Renzo William's Riqua Jo Thopai	1/2	2-3	30	64	17,0	4,84
Genes Antonio Geste de Figueal	1/2	-	39	62	24,0	4,71
Joao Paulo Chaves Jo Vitorino	1/2	-	28	26	16,0	4,84
Renzo M-1	1/2	-	20	43	18,0	4,64

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	g
Erone M-1 D'Abadia	-	-	20	34	26,8
Corre Ercole Borda de Itaquai	-	-	19	24	24,0
Barrosinha M-1 D'Abadia	-	-	17	34	27,8
Corre Ercole Borda de Itaquai	-	-	15	23	19,9
Rosa M-1 D'Abadia	-	-	16	23	17,3
Pau Fete Big D'Abadia	-	-	16	23	17,5
Elia M-1 D'Abadia	-	-	19	25	16,5
Pau Juju Big D'Abadia	-	-	19	19	11,9
Pau Jorna Foyver D'Abadia	-	-	19	15	13,8
Pau Goria Acido D'Abadia	PO	P-6	20	27	14,0
Corre Ercole Felício da Itaquai	-	-	19	14	22,3
Pau Jozé Foyver D'Abadia	-	-	19	13	13,5
Corre Ercole Ganchada de Itaquai	-	-	19	4	20,3

Race Gir

Revista Agrícola e Pecuária Ltda., Mococa, Est. de São Paulo, Controle em 17/12/71, 1.º ano de pasto com ração suplementar. 3 = 2 Ordenhas.

2. September					
Bozza	SR	11-10	29	68	11.9
Bozzano	SR	-	29	68	11.9
Bozzini	LA	5-1	29	49	11.9
Bozzini	SR	9-5	19	77	14.9
Bozzini	SR	11-2	21	77	14.9
Bozzini	SR	17-10	19	17	14.9
Bozzini	SR	8-1	19	19	14.9
3. September					
Bozzini	LA	4-1	19	17	14.9
Bozzini	LA	4-1	19	17	14.9
Bozzini	LA	4-1	19	17	14.9
Bozzini	SR	3-10	19	19	14.9
Bozzini	SR	3-10	19	19	14.9
Bozzini	SR	4-1	19	6	14.9
Bozzini	SR	4-5	19	6	14.9
Bozzini	SR	14-5	29	69	14.9
Bozzini	SR	3-0	29	97	14.9
Bozzini	SR	4-2	29	41	14.9
Bozzini	SR	10-7	49	127	14.9
Bozzini	SR	8-0	100	100	14.9
Bozzini	SR	10-9	49	109	14.9
Bozzini	SR	11-2	29	89	14.9
Bozzini	SR	6-8	79	217	14.9
Bozzini	SR	10-10	69	169	14.9
Bozzini	SR	6-11	69	189	14.9
Bozzini	SR	12-11	69	179	14.9
Bozzini	SR	6-8	69	179	14.9
Bozzini	SR	0-1	99	141	14.9
Bozzini	SR	4-4	19	7	14.9
Bozzini	LA	3-10	19	5	14.9
Bozzini	LA	4-2	19	1	14.9
Bozzini	SR	4-2	69	164	14.9
Bozzini	SR	3-0	109	112	14.9
Bozzini	SR	4-3	19	112	14.9

Dr. Arthur Danto Hays Filizola, Legation, Est. de Minas Gerais, Curitiba em 1934
 Brasília, 26 de maio de 1934, com anexo correspondente. 2. Confirmação.

Helix pomatia	100	6-7	20	224	17.6	6.5
Helix pomatia	100	9-8	20	26	17.6	6.5

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA
KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA SANTANA DA SERRA

Em meio século na seleção de Gir Leiteiro, desenvolvemos um controle leiteiro dirigido de todo o rebanho, e não apenas de vacas escolhidas.

Todo o plantel está sob controle oficial da A.B.C., e obtivemos no ano de 1983 em 114 lactações a produção de 301.078 kg de leite, resultando um peso médio de 2.641 kg por vaca e prazo médio de 325 dias de lactação.

Conheça o gado certo para o clima certo. Faça-nos uma visita.

**CONHEÇA O GADO CERTO
PARA O CLIMA CERTO.
faca-nos uma visita.**

**VENDA DE SÊMEN NA
FUNDAÇÃO BRADESCO - PECPLAN
LAGOA DA SERRA INS. ARTIFICIAL**

FAZENDA - KM 295 da Rod. Mococa-Cajuru (SP). Tels.: (0196) 55-0801 — (101) Canoas (SP) 98-1164
MOCOCA - R. Banho de Monte Santo, 1.230 - Tel.: (0196) 55-0083
S. PAULO - R. 15 de Novembro, 193, 3.º and - Tel.: (011) 36-166



LANCHEIRA — Reg. 5136 — SCL 52025
Produção: 6.351.000 kg de leite. Média: 17.400 kg.
Obs.: Alcançou Livro de Mérito (LM) nesta lactação

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Amoroso	III	4-10	60	211	11,0	4,91
Região de Brasília	III	-	49	96	11,0	4,58
Amor	III	4-5	50	118	12,0	4,73
Amor	III	4-5	50	217	10,0	4,70
Musa dos Rios	III	4-5	50	70	12,0	4,19
Amor dos Rios	III	3-18	50	87	13,0	3,93
Amor de Brasília	III	8-5	50	260	13,0	4,29
Amor de Brasília	III	-	50	84	14,0	3,96
Amor de Brasília	III	8-4	70	171	13,0	3,73
Amor de Brasília	III	6-4	50	75	14,0	4,11
Amor de Brasília	III	7-11	50	147	14,0	4,10
Amor de Brasília	III	5-0	50	129	11,0	3,68
Amor	III	9-0	50	80	11,0	3,78
Amor	III	-	40	110	12,0	4,00
Amor	III	8-2	50	144	10,0	4,49
Amor de Brasília	III	11-10	110	306	12,0	4,99
Amor	III	9-4	80	226	10,0	4,75
Amor	III	11-4	50	69	12,0	4,18
Amor	III	6-1	50	141	11,0	3,48
Amor dos Rios	III	5-0	80	238	10,0	3,90
Amor dos Rios	III	-	40	112	13,0	4,02
Amor	III	12-11	20	112	13,0	4,52
Amor	III	-	20	69	13,0	4,22

Tram: Rod. João de Oliveira Costa, Sta. Cruz das Palmeiras, Rot. de São Paulo, Cruz
rua nº 21, 02/81, segund. de jacto com vapor explosivo, 2 Unidades.

Country	Year	Value	Unit	Source
Algeria	1990	11.4	kg	139
Argentina	1990	4.11	kg	134
Australia	1990	14.3	kg	120
Brazil	1990	6.0	kg	103
Canada	1990	4.11	kg	110
Chile	1990	2.6	kg	100
Colombia	1990	1.00	kg	200
Costa Rica	1990	1.9	kg	216
Cuba	1990	1.8	kg	120

End: Rua: Rua Marizal, 600 - São João do Rio Verde, Est. de São Paulo, Controle em 20/02/99. Agente de ponto com função wagnerista. 2 Defesas.

12.10.2014	70	9-0	20	42	12,0	2,1
12.11.2014	72	9-4	10	10	11,0	4,5
12.12.14	70	-	10	14	12,0	9,4
12.01.2015	70	9-1	10	12	15,0	2,7
12.02.15	70	-	10	8	10,0	4,5

Paulo Manoel Soares e Otonio Patrício, Det. de Rios Gerais, Contorno em 09/02/03, bairro de Jacaré com raio máximo de 2 Quilômetros.

	SE		SE		SE
1950	117	10-5	36	117	14.8
1951	121	10-6	50	121	12.0
1952	20	10-7	20	69	10.0
1953	28	10-8	20	92	11.0
1954	28	10-9	20	101	12.1
1955	70	10-10	20	70	11.0
1956	10	10-11	10	26	10.0
1957	158	10-12	60	158	10.2
1958	34	10-13	34	11	10.0
1959	127	10-14	50	127	14.0
1960	102	10-15	40	102	12.0
1961	125	10-16	15	125	10.0
1962	16	10-17	16	16	12.0
1963	10	10-18	10	57	15.0
1964	20	10-19	20	67	14.0
1965	19	10-20	19	3	13.0
1966	36	10-21	20	36	12.0
1967	80	10-22	80	210	10.0
1968	40	10-23	20	40	10.0
1969	20	10-24	20	91	10.0
1970	18	10-25	18	18	10.0
1971	20	10-26	20	74	12.0

Assinada e rubricada pelo Sr. Celso Antônio dos Reis, Rm. do Fls. 120 do Rio de Janeiro em 24/11/85, no dia de hoje em ação representativa. 2 Obediente, com o apoio da ASSOCIAÇÃO MINISTRO DE CRISTO SANTO.

Alameda Valley	ME	8-4	89	195	11.0	6.24
Alameda Valley	ME	7-4	69	148	14.5	5.28
Alameda Valley	ME	6-7	69	133	13.0	5.59
Alameda Valley	ME	5-11	69	124	13.0	6.30
Alameda Valley	ME	6-5	49	109	11.0	5.63
Alameda Valley	ME	13-2	104	154	15.0	5.29
Alameda Valley	ME	9-9	49	95	15.5	5.18
Alameda Valley	ME	6-3	49	107	12.0	5.09
Alameda Valley	ME	4-9	39	86	12.0	5.70
Alameda Valley	ME	6-4	39	122	12.0	5.62
Alameda Valley	ME	8-0	39	72	10.0	5.75
Alameda Valley	ME	7-6	20	70	11.0	5.01
Alameda Valley	ME	10-2	20	54	10.0	5.14
Alameda Valley	ME	13-4	20	54	14.0	5.18
Alameda Valley	ME	4-7	20	50	18.0	4.83
Alameda Valley	ME	8-0	20	229	13.0	5.36
Alameda Valley	ME	4-11	20	218	8.0	6.11
Alameda Valley	ME	10-2	20	106	5.0	5.78
Alameda Valley	ME	14-1	89	220	10.0	5.69
Alameda Valley	ME	5-2	79	187	10.0	5.58
Alameda Valley	ME	10-5	79	177	10.0	5.48
Alameda Valley	ME	14-2	20	45	20.0	5.24
Alameda Valley	ME	8-1	20	42	16.0	4.88
Alameda Valley	ME	6-5	19	14	15.0	4.74
Alameda Valley	ME	8-5	19	14	21.0	4.98
Alameda Valley	ME	7-8	19	3	18.0	4.61

para Daniel de Costa Martins e Outros, Rua Branca, Est. de São Paulo, Curitiba em
1990, 11. Volume do livro 100-100000. 2. Inédito.

	CCC	CCC	CCC	CCC	CCC
CCC	5.0	30	80	12.0	4.5
CCC	5.0	30	91	10.2	6.2
CCC	13.0	20	79	10.0	5.4
CCC	5.0	20	83	15.0	4.1
CCC	5.0	20	59	1.0	4.2
CCC	5.0	20	50	13.0	5.3
CCC	5.11	20	47	10.0	3.6
CCC	5.10	20	47	12.0	4.1

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite
Ca. Marquês	NE	5-6	19	42	11,0
Ca. Anjozinho	BE	5-3	10	38	12,0
Ca. Bala	NE	4-4	10	27	12,0
Ca. Leme	PC	10-7	18	14	9,6
Ca. Barba	PCDD	11-6	10	17	15,0
Ca. Aurora	PCDD	5-10	19	4	12,0
Ca. Hicomanha	PC	5-10	19	4	10,5
Ca. Inêsense	PCDD	5-6	20	20	11,5
Ca. Graça	BE	3-7	49	110	20,0
Ca. Fantasia	NE	15-1	89	253	30,0

Rubens Rosendo Feres, Ldo Pedro das Ferras, Est. de Minas Gerais, Controla em: 17/01/03.
Segue de perto com razão suplementar, 1 Ordeiras.

Bachar de Brasília	DE	3-1	39	65	10,0	4,69
Bahama de Brasília	DE	2-2	29	58	10,0	4,69
Banqueira de Brasília	DE	2-1	29	68	11,0	3,13
Batista de Brasília	DE	2-3	28	44	11,0	1,29
Bebedouro de Brasília	DE	2-2	29	32	11,0	0,80
Bodomo de Brasília	DE	2-4	10	21	13,0	6,22
Topo de Brasília	DE	2-3	29	59	13,0	4,63
Churrasco de Brasília	DE	4-11	119	1	14,0	2,89
Princesa de Brasília	DE	2-8	100	237	15,0	4,47
Pará de Brasília	DE	2-1	30	90	11,0	4,45
Salomão de Brasília	DE	6-0	109	292	10,0	0,99
Oliver de Brasília	DE	6-10	70	193	10,0	0,66
Furquilha de Brasília	DE	2-3	66	137	10,0	0,98
Francisco de Brasília	DE	6-11	118	119	11,0	5,14
Polonês de Brasília	DE	2-0	20	41	12,0	0,82
Frangipani de Brasília	DE	2-2	29	50	11,0	0,63
Badami de Brasília	DE	6-3	60	120	10,0	0,81
João de Brasília	DE	13-0	70	196	10,0	0,71
Futuro de Brasília	DE	20-1	99	213	11,0	1,9
Benedito de Brasília	DE	4-11	99	178	10,0	4,62
Opelina de Brasília	DE	8-5	60	164	13,0	0,83
Rafaela de Brasília	DE	2-3	39	84	19,0	4,21
Salina de Brasília	DE	6-6	90	123	10,0	0,52
Costa de Brasília	DE	2-1	29	51	11,0	1,12
Ubirajara de Brasília	DE	11-4	29	53	10,0	0,27

Estação Remota Ferro São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Contendo um 15/22/45, Região de pasto com raças misturadas, 3 Ovinos.

Chaveira de Brasília	ME	4-11	20	30	13,0	4,79
Freixo de Brasília	ME	4-6	10	56	19,0	4,25
Folhaço	PC	3-0	10	6	11,0	4,27
Guapeira	ME	7-3	10	6	12,0	4,14
Vareja	ME	5-5	10	18	10,0	4,79
Wagner de Brasília	ME	3-8	99	298	10,0	4,87
Xeroneco de Brasília	ME	6-10	50	147	10,0	3,45
Yara de Brasília	ME	3-1	30	94	12,0	2,34
Zaira de Brasília	ME	7-1	49	114	11,0	4,59
Zorobabara de Brasília	ME	5-4	90	225	10,0	4,24
Saotônio de Brasília	ME	10-1	90	248	11,0	4,40
Olímpia de Brasília	ME	8-8	78	212	12,0	4,71
Opalino de Brasília	ME	3-5	78	192	12,0	3,63
Joatuba de Brasília	ME	13-0	80	225	10,0	2,23
Receita de Brasília	ME	4-11	90	257	11,0	4,69
Furquilha de Brasília	ME	6-0	90	186	10,0	2,34
Costa de Brasília	ME	3-0	60	156	10,0	3,59
Ribaldo de Brasília	ME	7-2	60	111	10,0	4,14
Serra de Brasília	PC	6-0	60	140	10,0	4,29
Rubiana de Brasília	ME	7-3	90	231	10,0	4,47
Galvão de Brasília	ME	6-6	60	162	10,0	3,13
Thaíza de Brasília	ME	7-2	30	72	14,0	4,14
Fátima de Brasília	ME	3-0	30	77	14,0	4,14
Arbúndara de Brasília	PC	3-0	30	61	10,0	3,30
Orléans de Brasília	ME	4-0	60	114	10,0	4,47
Uruguayano de Brasília	ME	4-2	30	78	11,0	4,99
Soldado de Brasília	PC	3-0	30	78	11,0	4,11
Vaca de Brasília	PC	7-0	30	78	12,0	4,11
Alga	ME	7-0	30	78	12,0	4,11
Olita de Brasília	ME	5-11	80	191	10,0	4,11

Raça Girolando

Fundo de Thurno-Bitternesset, Companhia Saneat. Mat. de
Requis. de posto com água suplementar. 2 unidades. São Paulo, Curitiba em 2a edição.

PTB, 60ps	1/4	3-6	20		
Forma II, Alcano	1/4	3-4	20	33	17.0
PTB, Eletro	1/2	3-1	10	38	11.5
				15	8.0

Edição Especial: Porto, São Pedro das Furnas, Est. de Minas Gerais, Graciosa, 05.09.2005. De acordo com o plano de trabalho, 1.º período.

[illegible]

5 8	Você sabe o que é MELHOR Girolando LEITEIRO RESERVA DE TOURINHOS	5 8
REG.		PEDIGREE

FAZENDA VARGEM DO MANEJO
 Prop. Miguel Pereira — RJ — C. Postal 88-307.
 fone: 0244/84-3717 — CEP: 28-900

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite	%
Rubens Resende Pires, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/02/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.					
Luzia de Brasília	1/2	3-11	70	223	12,0 3,65
Indira de Brasília	1/2	-	110	319	11,0 3,80
Brasília de Brasília	1/2	-	20	39	12,0 4,48
Antônia de Brasília	1/2	4-10	90	273	12,0 4,41
Flávia de Brasília	3/4	-	70	233	10,0 4,31
Martha de Brasília	1/2	6-2	130	361	11,0 4,57
Brigitte	1/2	-	60	166	11,0 4,14
Cruzamento Dirigido					
Paulo de Theodoro Rittencourt, Capetina Cesar, Est. de São Paulo, Controle em 28/02/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.					
PTB, Bocooca	HL	4-8	10	7	27,1 2,7
PTB, Bocooca	HL	6-2	70	211	14,0 3,8
PTB, Luzerna	HL	6-6	20	52	13,0 4,6
PTB, Luzerna	HL	8-6	20	32	12,0 2,9
PTB, Luzerna	HL	6-11	70	191	11,0 4,8
PTB, Bela Vista	HL	6-6	40	108	15,0 4,2
PTB, Bela Vista	HL	6-10	10	18	15,0 3,2
PTB, Portaleira	HL	6-1	20	39	16,0 4,0
PTB, Ilus Bela	HL	5-7	70	202	16,0 3,6
PTB, Jureia	HL	4-1	10	27	17,0 2,9
PTB, Jureia	HL	5-11	20	60	15,0 4,0
PTB, Serra Nô	HL	5-8	80	235	9,0 4,1
PTB, Serra Nô	HL	-	20	37	12,0 3,2
PTB, Agui	HL	5-3	10	8	20,6 3,5
PTB, Bocooca	HL	4-4	70	203	10,0 3,6
PTB, Bocooca	HL	4-2	90	272	10,0 3,9
PTB, Bocooca	HL	4-1	40	106	12,0 3,0
PTB, Colônia	HL	4-7	30	92	12,0 3,6
PTB, Colônia	HL	4-5	50	135	11,0 5,4
Desembora de Alameda	HL	3-4	10	21	10,0 3,4
PTB, Colônia	HL	2-7	60	167	13,0 3,5
PTB, Colônia	HL	6-8	40	108	8,0 4,8
PTB, Colônia	HL	3-4	20	50	18,0 3,1
PTB, Colônia	HL	4-4	30	81	11,0 3,7
PTB, Ruma	HL	4-1	20	65	11,0 3,7
PTB, Ruma	HL	4-3	30	70	8,0 3,1
PTB, Ruma	HL	4-3	20	55	14,0 3,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite	%
Rubens Resende Pires, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/02/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.					
PTB, Bocooca	HL	4-0	30	51	12,0 3,4
PTB, Brasília	HL	3-4	30	70	12,0 3,8
PTB, Brasília	HL	3-8	40	106	8,0 3,8
PTB, Brasília	HL	3-5	40	126	11,0 3,8
PTB, Brasília	HL	3-5	30	70	11,0 3,8
Raça Nelore					
Fazenda Varões do Sacojo Ltda, Varões, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 11/02/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.					
Garbosa do Sacojo	HL	3-9	90	255	11,0 4,30
Garbosa do Sacojo	HL	3-3	80	229	13,0 4,40
Garbosa do Sacojo	HL	3-0	60	221	13,0 4,70
Garbosa do Sacojo	HL	3-11	60	161	16,0 4,60
Itabora do Sacojo	HL	3-10	50	146	17,0 4,71
Itabora do Sacojo	HL	2-7	50	140	19,0 4,51
Itabora do Sacojo	HL	2-7	40	122	21,0 4,70
Itabora do Sacojo	HL	3-0	30	75	34,0 4,20
Itabora do Sacojo	HL	4-0	20	57	32,0 4,20
Oriental Agropec, S/A, (Gabriel Donato de Andrade), Jureia, Est. de Minas Gerais, Controle em 31/01/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.					
Serviço da Colônia	HL	4-9	50	119	8,0 5,00
Dala	HL	3-3	30	108	8,0 5,00
Elétrica	HL	-	10	61	8,0 5,00
Raven da Col.	HL	3-7	10	10	4,0 5,00
Região	HL	4-3	10	23	8,0 5,00
Calada	HL	-	10	35	8,0 5,00

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8400 — São Paulo — Brasil — CEP 05024
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

**REDUZA IMEDIATAMENTE O EDEMA
E A INFLAMAÇÃO DO ÚBERE.**

NAQUASONE É O ÚNICO PRODUTO QUE REDUZ O EDEMA E A INFLAMAÇÃO
EM 24 HORAS, GRAÇAS À SUA DUPLA AÇÃO: É AO MESMO TEMPO UM
DIURÉTICO E UM POTENTE ANTI-INFLAMATÓRIO.
NAQUASONE DISPENSA MASSAGENS, COMPRESSAS, DUCHAS, ETC. BASTA
MOSTRÁ-LO EM SUAS DUAS APRESENTAÇÕES, PÓ OU INJETÁVEL, O QUE ALIÁS
É UMA EXCLUSIVIDADE DESTES PRODUTOS.
PROLONGUE A VIDA ÚTIL E A PRODUÇÃO DE SUAS VACAS LEITEIRAS COM
NAQUASONE. NADA MELHOR
QUE QUEM MOSTRA TANTO
EM 24 HORAS PARA
O SEU LEITE.

NAQUASONE



PÓ E INJETÁVEL

Veterinários Ltda.
Industriais, 3091
FAX (021) 342-7000
1822 CHEBR

Com a garantia e controle de qualidade **Schering**
Produtos Veterinários Ltda.



Uso Veterinário

Nas cólicas dos animais

Buscopan® composto

Espasmolítico e analgésico de ação prolongada

Febre
Dores
Cólicas

